

PHILIP PULLMAN

UM MISTÉRIO DE SALLY LOCKHART



Pelo autor premiado de A Bússola de Ouro

SALLY E A SOMBRA DO NORTE





PHILIP PULLMAN

SALLY E A SOMBRA DO NORTE

Tradução
Flávia Neves



Copyright © 1986, 1988 by Philip Pullman

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

The Shadow in the North — Sally Lockhart Vol. 2

Capa

Adaptação de John Lee Murray sobre design original de Scholastic Ltd.

Imagem de capa

© Bill Sanderson, 2009

Capa reproduzida com permissão de Scholastic Ltd.

Revisão

Tamara Sender

Lilia Zanetti

Eduardo Carneiro

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P983s

Pullman, Philip

Sally e a sombra do norte [recurso eletrônico] / Philip Pullman; tradução Flávia Neves. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
recurso digital (Um mistério de Sally Lockhart; 2)

(Mistérios Sally Lockhart ; v. 2)

Tradução de: *The shadow in the North: Sally Lockhart vol. 2*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de: *Sally e a maldição do rubi*

Continua com: *Sally e o tigre no poço*

243p. ISBN 978-85-390-0335-8

I. Ficção inglesa. I. Neves, Flávia. II. Título. III. Série.

09-5362.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Curiosidades de INTERESSE HISTÓRICO

1878

Alexander Graham Bell faz uma demonstração de sua nova invenção, o telefone, para a rainha Vitória, em Osborne House, sua residência oficial de verão na ilha de Wight. Bell faz ligações para Londres, Cowes e Southampton, as primeiras ligações de longa distância publicamente testemunhadas na Grã-Bretanha.

O fotógrafo John Thompson e o jornalista Adolphe Smith concluem uma série de fascículos chamada *Street Life in London*, o primeiro estudo fotográfico sobre a realidade das pessoas mais pobres da cidade.

Nos Estados Unidos, o fotógrafo Edward Muybridge estuda o movimento dos animais por meio de fotografias sequenciais, utilizando uma série de câmeras e equipamentos que possibilitavam a captura do movimento. Mais tarde, seu trabalho irá contribuir para a invenção do cinema de animação.

Durante a guerra entre a Rússia e a Turquia (1877-78), a música criada pelo cantor GH Macdermott populariza-se no teatro de variedades London Pavilion:

*“Nós não queremos lutar, mas por jingo, se precisarmos,
Temos os homens, temos os navios, e o dinheiro também,
Os russos não terão Constantinopla...”*

A expressão “jingoísmo” será usada mais tarde para caracterizar a era do Imperialismo Britânico que chega ao seu apogeu no período vitoriano.

As experiências do fotógrafo inglês Charles Bennet com fotografias em placas de gelatina seca incrementam enormemente este processo de revelação, desobrigando os fotógrafos de levarem câmaras escuras portáteis. O processo é mais sensível à luz, possibilitando exposições mais breves e obtenção de melhores resultados. Inventam também os tubos de raios catódicos ou cinescópio.

M

Em uma ensolarada manhã de primavera, em 1878, o navio a vapor *Ingrid Linde*, o orgulho da empresa marítima Anglo-Baltic, desapareceu no mar Báltico. Estava transportando um carregamento de peças de maquinaria e um ou outro passageiro, de Hamburgo para Riga. A viagem corria sem problemas; o navio tinha pouco mais de dois anos, era próprio para navegar em alto-mar, bem erigido, e o tempo estava favorável.

Um dia após a partida de Hamburgo, o navio foi avistado por uma escuna que navegava na direção contrária. Trocaram sinais. Uma barca nas imediações também teria visto o *Ingrid Linde*, duas horas depois, caso a embarcação tivesse mantido seu curso original. No entanto, a barca nada viu.

Desapareceu tão súbita e completamente que os jornalistas da época acreditaram se tratar de algo tão intrigante quanto o continente perdido de Atlântida, a embarcação *Mary Celeste* ou *O Holandês Voador*. Eles descobriram que o dono da empresa Anglo-Baltic, sua esposa e a filha estavam a bordo do navio e infestaram as páginas dos jornais com todo tipo de relatos: sobre como era a primeira viagem da menina, que na verdade nada tinha de menina, era uma moça de 18 anos que sofria de uma doença misteriosa; que uma maldição tinha sido lançada sobre o navio por um ex-marinheiro; a respeito do carregamento que consistia em uma mistura letal de explosivos e álcool; que existia na cabine do capitão um talismã do Congo que fora roubado de uma tribo africana; e um redemoinho imprevisível e gigantesco que surgia de repente, naquele trecho do mar, e sugava os navios para dentro de uma monstruosa caverna no centro da terra... e assim por diante.

A história se tornou muito popular. Era ressuscitada de tempos em tempos por escritores especializados em livros como *Estranhos Horrores das Profundezas*.

Mas, sem provas, mesmo o mais criativo dos jornalistas acaba sem história, no fim das contas. Não havia qualquer evidência sobre este caso em especial —

somente um navio que desapareceu de uma hora para outra, o pôr do sol e o mar deserto.

Alguns meses depois, em uma fria manhã, uma senhora bateu na porta de um escritório no coração financeiro de Londres. Na porta, as palavras *S. Lockhart, Consultoria Financeira*. Momentos depois, uma voz — feminina — gritou:

— Entre. — E a mulher entrou no edifício.

S. Lockhart — S de Sally — estava de pé atrás de sua tumultuada mesa de escritório; era uma mulher muito bonita, de uns 22 anos, com cabelos louros e olhos castanho-escuros. A senhora deu um passo para dentro da sala e então hesitou, pois ao pé da lareira, de frente para o carvão em brasa, estava o maior cachorro que ela já tinha visto — preto como a noite e, aparentemente, uma mistura de bloodhound, dogue alemão e lobisomem.

— Senta, Chaka — ordenou Sally Lockhart, e o enorme animal sentou, calmo. Ainda assim, sua cabeça ficava na altura da cintura da mulher. — Srta. Walsh, certo? Como vai?

A senhora apertou a mão que Sally estendeu. — Não muito bem — resmungou.

— Ah, sinto muito — disse ela. — Por favor, sente-se.

Limpou uma cadeira abarrotada de papéis e as duas se sentaram em lados opostos da lareira. O cachorro se deitou, apoiando a cabeça nas patas.

— Se me lembro bem... já pego o relatório... eu a ajudei com alguns investimentos no ano passado — disse Sally. — A senhora tinha 3 mil libras, correto? E eu a aconselhei a investir no ramo marítimo.

— Preferia que não tivesse — afirmou a srta. Walsh. — Comprei ações de uma empresa chamada Anglo-Baltic, seguindo sua orientação. Talvez se lembre.

Sally arregalou os olhos. A srta. Walsh, que tinha ensinado geografia para centenas de meninas antes de se aposentar, e era uma observadora sagaz, conhecia bem aquela expressão; de alguém que cometera um erro grave e só agora se dava conta disso, mas que enfrentaria as consequências sem tirar o corpo fora.

— O *Ingrid Linde* — disse Sally. — Mas claro... e também não teve outro navio a vapor que afundou? Lembro de ter lido algo a respeito no *The Times*. Minha nossa.

Ela se levantou e apanhou um grosso bloco com recortes de jornais da prateleira atrás dela. Enquanto Sally folheava o bloco, a srta. Walsh cruzou as mãos sobre as pernas e olhou à sua volta. A sala estava limpa e arrumada, apesar dos móveis surrados e do carpete gasto. O fogo da lareira estava na altura certa e uma chaleira sibilava sobre a brasa; os livros e fichários sobre as estantes e o mapa da Europa pendurado na parede davam um ar profissional ao lugar.

Quanto à srta. Lockhart, esta foi ficando pouco a pouco mais séria e rígida. Ajeitou uma mecha de seus cabelos para trás da orelha e se sentou, com o bloco aberto sobre o colo.

— A Anglo-Baltic entrou em falência — exclamou ela. — Como não me dei conta disso... O que houve?

— A senhorita mencionou o *Ingrid Linde*. Teve outra embarcação, uma escuna, não um navio a vapor, que também desapareceu. E um terceiro navio foi apreendido pelas autoridades russas em São Petersburgo: não sei por quê, mas eles tiveram que pagar uma multa enorme para que o liberassem... Ah, há muito mais. Quando a senhorita me aconselhou a investir nas ações, a empresa ia de vento em popa. Fiquei muito satisfeita com sua dica. E um ano depois estava tudo acabado.

— Mudou de mãos, vejo agora. Estou lendo este artigo pela primeira vez. Recorto as matérias para ter como referência, mas não tenho tempo de ler todas. Eles não estavam assegurados para supostas perdas como essas?

— Houve algumas complicações. O Lloyds se recusou a pagar a indenização; não entendi os detalhes. Foi tanta má sorte que pela primeira vez comecei a acreditar em maldições, em destino malevolente.

A senhora olhava fixo para o fogo, ereta na poltrona surrada. Então voltou a olhar para Sally.

— Claro, sei que é besteira — disse ela mais animada. — Se alguém for atingido por um raio hoje não significa necessariamente que não será amanhã também. Conheço bastante a teoria de estatísticas. Mas é difícil manter a sensatez quando seu dinheiro está sumindo e não dá para entender por quê ou impedir que isso aconteça. Nada me resta além de uma pequena renda anual. As 3 mil libras eram a herança do meu irmão e economias de toda uma vida.

Sally abriu a boca para falar, mas a srta. Walsh levantou a mão e prosseguiu:

— Por favor, entenda, srta. Lockhart, eu não a culpo. Quando escolho especular com meu dinheiro, devo assumir o risco de perder. E na época a Anglo-Baltic era um excelente investimento. Estive aqui da primeira vez, sob a recomendação do sr. Temple, o advogado de Lincoln's Inn, e porque tenho interesse pessoal na emancipação das mulheres. Nada me dá mais satisfação do que ver uma jovem empreendedora, como a senhorita. Por isso venho até aqui de novo para pedir outro conselho: existe algo que eu possa fazer para ter meu dinheiro de volta? Sabe, tenho sérias suspeitas de que isso não seja má sorte, e sim fraude.

Sally pôs o livro de recortes de jornal no chão e apanhou uma caneta e um bloco de notas.

— Conte tudo o que sabe sobre a empresa — Sally pediu.

E foi o que a srta. Walsh fez. Tinha boa memória e narrou os eventos de forma bem-amarrada. Não tinha muito o que contar. Por morar em Croydon, sem contatos com o mundo dos negócios, não tinha outra alternativa senão confiar no que lia nos jornais.

A Anglo-Baltic fora criada havia 20 anos, ela lembrou a Sally, e obteve lucro com

transporte de madeira de lei. Cresceu modestamente porém de forma estável, e além da madeira de lei passou a transportar também peles e minério de ferro dos portos do mar Báltico, norte da Europa, além de maquinaria e outros produtos industriais da Grã-Bretanha.

Dois anos antes, a empresa fora assumida ou comprada — seria possível? Ela não tinha certeza — por um dos donos originais, depois de uma disputa. A companhia deu um salto de crescimento, como uma locomotiva sem freios; novos navios foram encomendados, novos contratos firmados, uma conexão com o Atlântico Norte foi construída. Os lucros aumentaram notavelmente no primeiro ano sob o comando da nova administração, o que convencera a srta. Walsh — e centenas de outras pessoas — a investir na empresa.

E então veio o primeiro dos aparentes golpes que acabaram por levar a empresa à ruína num curto espaço de tempo. A srta. Walsh possuía alguns detalhes a respeito e Sally ficou impressionada com o domínio que a senhora tinha dos fatos — e de si mesma, pois estava claro que ela se encontrava à beira da miséria, depois de haver acreditado que viveria o restante da aposentadoria com modesto conforto.

O relato da srta. Walsh estava próximo do fim, quando o nome Axel Bellmann entrou na história e Sally ergueu os olhos.

— Bellmann? — perguntou. — O fabricante de fósforos?

— Não sei bem quem é — informou a srta. Walsh. — A relação dele com a empresa não era das mais relevantes. Li o seu nome num artigo de jornal. Creio que o carregamento que estava no *Ingrid Linde*, quando o navio afundou, pertencia a ele. Por que pergunta? A senhorita conhece esse sr. Bellmann? Quem é?

— O homem mais rico da Europa — respondeu Sally.

A srta. Walsh ficou em silêncio um instante.

— Lucifers — disse ela. — Palitos de fósforo.

— Exatamente. Ele fez sua fortuna no ramo de palitos de fósforo, acho... Lembro que houve um escândalo; ouvi um boato há cerca de um ano, quando ele veio a Londres. O governo sueco havia fechado as fábricas dele por lá, devido às condições perigosas de trabalho.

— Moças com queixos necrosados — continuou a srta. Walsh. — Li a respeito, pobres meninas. Existem formas tão perversas de ganhar dinheiro. Acredita que meu dinheiro foi para esse tipo de atividade?

— Que eu saiba, o sr. Bellmann está há algum tempo afastado do ramo de fósforos. E não sabemos qual é a relação que ele tem com a Anglo-Baltic. Srta. Walsh, devo dizer que lhe sou grata e sinto muito pelo que aconteceu. Vou conseguir o seu dinheiro de volta.

— Não diga isso — respondeu a srta. Walsh, num tom que ela deve ter usado com as alunas que acreditavam que passariam em um teste sem estudar. — Não

quero promessas, quero fatos. Duvido muito que eu consiga reaver esse dinheiro, para ser sincera. Mas tenho curiosidade em saber onde ele foi parar e estou pedindo que me ajude a descobrir.

Ela falou de um modo tão severo que deixaria a maioria das meninas intimidada. Mas Sally, não — e era por isso que a srta. Walsh estava ali. E Sally respondeu ardentemente:

— Se alguém vem até mim em busca de conselhos financeiros, considero inaceitável que eu seja responsável pela perda de todas suas economias. E não quero que venham me dar sermões quando isso acontece. Isto é desastroso para mim, srta. Walsh, tanto quanto para a senhorita. É o seu dinheiro, mas é o meu nome, minha reputação, meu sustento... Pretendo investigar os negócios da Anglo-Baltic e descobrir o que aconteceu; e caso seja humanamente possível vou recuperar seu dinheiro e o devolver à senhorita. E duvido, sinceramente, que a senhorita vá recusar.

A senhora permaneceu em silêncio glacial e seu olhar parecia trovejar; ainda assim, Sally se manteve firme e a encarou. Instantes depois, um brilho cordial surgiu em seus olhos e a senhora dedilhou um dedo no outro.

— Muito bem — disse ela.

E ambas sorriram.

A tensão se foi e Sally se levantou para guardar suas anotações.

— Gostaria de uma xícara de café? — perguntou. — É um tanto primitivo preparar na lareira, mas é gostoso.

— Adoraria um café. Na minha época de estudante, sempre preparava café na lareira. Não faço isso há muitos e muitos anos. Posso ajudar?

E em menos de cinco minutos, elas já conversavam como velhas amigas. O cachorro foi acordado para sair do caminho, o café foi preparado e servido, e Sally e a srta. Walsh tiveram um tipo de conversa e troca que apenas mulheres que lutaram pelo direito à educação eram capazes de ter. A srta. Walsh havia estudado na faculdade North London Collegiate, mas não chegara a concluir o curso; muito menos Sally, apesar de ter estudado em Cambridge, se submetido ao exame final e sido aprovada. Naquela época, as universidades permitiam às mulheres esse privilégio, mas não concediam diploma.

Mas Sally e a srta. Walsh concordaram que este dia chegaria... Embora fosse difícil dizer quando.

Mais tarde, quando a srta. Walsh se levantou para ir embora, Sally notou as luvas cuidadosamente remendadas, a batinha puída do casaco e as velhas botas brilhantemente engraxadas, necessitando urgentemente de novas solas. Ela perdera mais do que apenas dinheiro — perdera a chance de uma vida confortável, embora simples, sem preocupações, após anos de completa dedicação a ajudar os outros.

Sally observou a mulher e viu que, apesar da idade e da amargura, a senhora mantinha uma postura firme, ereta e cheia de dignidade, e notou que ela própria endireitava a postura.

Elas se despediram e a srta. Walsh se voltou para o cachorro que logo se levantou ao ver Sally se levantar.

— Que animal extraordinário — comentou. — Você o chamou de Chaka?

— Chaka era um general zulu — explicou Sally. — Pareceu um nome apropriado. Foi um presente, não é, rapaz? Ele nasceu num circo, acho.

Esfregou as mãos nas orelhas do cachorro com carinho e o enorme animal a lambeu com sua língua gigante, os olhos negros brilhavam de adoração por sua dona.

A srta. Walsh sorriu. — Vou enviar os documentos que tenho — disse. — Muito obrigada, srta. Lockhart.

— Não fiz nada ainda, a não ser perder todo seu dinheiro — disse Sally. — É bem provável que haja algo além do que as aparências mostram; geralmente é assim. Mas verei o que posso fazer.

A história de Sally Lockhart era um tanto incomum, mesmo para alguém acostumado a ter uma vida incomum. Não conheceu a mãe, e seu pai (um militar) a ensinara muito sobre armas e finanças e muito pouco sobre o restante. Aos 16 anos, o pai foi assassinado e ela descobriu que estava presa em uma teia de mistérios e intrigas perigosas. Sua habilidade com armas já havia salvado sua vida — isso e a sorte de conhecer um jovem fotógrafo chamado Frederick Garland.

Junto com a irmã, Frederick administrara uma loja de fotografia do tio, mas o rapaz era um tanto desastrado para os assuntos financeiros da empresa. Estavam à beira da ruína, quando Sally apareceu, correndo perigo mortal. Em troca da ajuda, Sally assumiu o controle administrativo da loja, e seu talento para preparar balancetes e fazer contas os salvou da falência.

O negócio prosperou. Agora empregavam meia dúzia de assistentes e Frederick pôde também se dedicar ao ramo de investigação particular, o que realmente o interessava. Nessa atividade, ele recebeu o apoio de outro velho amigo de Sally — um rapaz chamado Jim Taylor, que fora assistente de escritório na empresa do pai dela, e que adorava folhetins sensacionalistas, mais popularmente conhecidos como *Penny Dreadfuls*, e tinha a boca mais suja da cidade. Era dois ou três anos mais jovem que Sally. Durante a primeira aventura deles, Frederick e Jim enfrentaram, e mataram, o assassino mais perigoso de Londres. Os dois quase morreram no incidente, porém ambos sabiam que um se arriscaria pela vida do outro com unhas e dentes.

Os três — Sally, Jim e Fred — dividiam muitas coisas. Fred estava disposto a dividir ainda mais. Era bastante franco; estava apaixonado por Sally, sempre fora, queria se casar com ela. Os sentimentos de Sally, por sua vez, eram mais

complexos. Havia momentos em que o adorava, acreditava não haver ninguém tão fascinante, brilhante, corajoso e divertido; havia momentos em que ele a deixava furiosa por desperdiçar seu talento mexendo com engenhocas, perambulando com Jim por Londres sob disfarces ou simplesmente por se comportar como um garoto imaturo que não sabia o que fazer para ocupar o tempo. Quanto a amar, se ela amava alguém era o tio do Fred, Webster Garland, seu sócio oficial no ramo de fotografia; um gênio desleixado e gentil capaz de escrever poemas extraordinários sobre a luz, a sombra e as expressões humanas. Webster Garland e Chaka; sim, ela os amava. E amava seu trabalho.

Não que desconfiasse de Frederick; ela dissera várias vezes que era uma questão de princípios. Porque hoje era independente, sócia de um empreendimento, com dinheiro e propriedades; e de uma hora para outra, logo após o padre a declarar uma mulher casada, tudo que pertencia a ela passaria para o nome do marido (perante a lei) — e aquilo era inaceitável. Frederick protestou em vão. Chegou a oferecer um acordo legal no qual ele juraria nunca tocar em qualquer bem de Sally. Ele argumentou, implorou e se zangou e atirou objetos pelo ar, então caiu na gargalhada, rindo de si mesmo e dela. Ela não cederia.

Na verdade, não era tão simples quanto parecia. Fora criada uma lei em 1870 sobre Propriedades de Mulheres Casadas que diminuiu algumas das injustiças, embora não fossem as piores. Mas Frederick não entendia de leis e não sabia que Sally permaneceria dona de seus bens sob certas condições. E por não estar segura sobre seus sentimentos, Sally preferiu se ater aos seus princípios — e temia que uma nova lei a obrigasse a tomar a decisão de uma vez por todas.

Recentemente, o impasse gerou uma discussão e um esfriamento na relação dos dois, que não se falavam nem se viam fazia semanas. Sally ficou surpresa ao perceber que sentia muito a falta dele. Ele seria a pessoa mais indicada para a ajudar sobre o assunto da Anglo-Baltic...

Limpou as xícaras de café, esfregando com mau humor, enquanto se lembrava da impertinência, do jeito irônico, do cabelo alourado e meio crespo de Frederick. Ele que me procure primeiro. Ela tinha muito trabalho pela frente.

Decidida, se sentou à mesa do escritório com o caderno de recortes de jornais e começou sua leitura a respeito de Axel Bellmann.

O M

Jim Taylor, amigo de Sally, passava boa parte de seu tempo (quando não estava aperfeiçoando seus conhecimentos sobre o crime, apostando em corridas de cavalo ou flertando com bailarinas e garçonetes) escrevendo melodramas. Era apaixonado por teatro. A irmã de Frederick, Rosa (casada com um respeitável pastor), era atriz, quando Jim a conheceu, e despertou o fascínio de Jim pelo assunto. Fascínio este havia muito alimentado por assíduas leituras de revistas de um centavo como *Contos Intrigantes para Machos da Grã-Bretanha* e *Aventuras de Jack Harkaway, o Terror de Londres*. Desde então, já escrevera várias peças sangrentas de horror e, para não desperdiçar seu talento com companhias de teatro de menor prestígio, havia enviado seus textos para o ilustre Teatro Lyceum, sob os cuidados do grande Henry Irving. No entanto, até então, ele tinha recebido apenas educadas confirmações de recebimento de seus textos.

Passava as tardes em teatros de variedades. Não na plateia, mas sim onde tudo era bem mais interessante: nos bastidores, entre os carpinteiros e os assistentes cênicos e maquinistas, sem falar nos artistas e nas bailarinas. Já tinha trabalhado em muitos teatros, aprendendo tudo o que podia, e na tarde em que a srta. Walsh procurou Sally, ele desempenhava várias funções na coxia do Teatro de Variedades Britannia, em Pentonville.

E lá ele se deparou com seu próprio grande mistério.

Um dos artistas a se apresentar era um mágico de nome Alistair Mackinnon — um jovem que ganhara fama extraordinária no curto tempo em que estreou nos palcos de Londres. Uma das obrigações de Jim era chamar os artistas em seus camarins pouco antes da hora de se apresentarem, e, quando bateu na porta do mágico e avisou “Faltam cinco minutos, senhor Mackinnon”, ficou surpreso ao não ouvir resposta.

Voltou a bater na porta, dessa vez mais forte. Ainda assim não houve resposta, e Jim, decidido a não deixar nenhum artista perder sua apresentação sem que antes ele

tentasse ajudar, abriu a porta para se certificar de que o sr. Mackinnon estava realmente lá.

Ele estava; com roupa de gala, maquiagem branca, os olhos como pedras negras. Agarrado ao braço de uma cadeira de madeira em frente ao espelho. Ao seu lado, dois homens, também vestidos em trajes a rigor. Um deles era pequeno, usava óculos e tinha uma expressão serena; o segundo, um sujeito musculoso e grande que tentava, quando Jim enfiou a cabeça para dentro do camarim, esconder alguma coisa atrás dele, que era um pequeno pedaço de pau com a ponta de chumbo. O homem se esquecera do espelho. Jim pôde ver perfeitamente o que era.

— Cinco minutos, sr. Mackinnon — disse Jim novamente, enquanto sua cabeça estava a mil. — Achei que o senhor num tivesse ouvido.

— Tudo bem, Jim — disse o mágico. — Por favor, nos deixe.

Com um olhar casual para os outros dois, Jim se retirou.

O que faço agora?, pensou.

Nos bastidores, os assistentes de cenografia esperavam em silêncio terminar o ato que se desenrolava no palco para trocar o cenário. Acima deles, no urdimento, os controladores das máquinas de fumaça para efeitos especiais esperavam a deixa; eram encarregados de mudar o celofane colorido à frente dos jatos de fumaça cintilante ou de abaixar e subir os holofotes dependendo da quantidade de luz necessária no palco. Alguns dos artistas em cartaz também estavam ali à espera, pois Mackinnon era um fenômeno e queriam vê-lo atuar. Jim caminhou pela penumbra, enquanto a soprano no palco chegava ao último trecho da música, e tomou seu lugar, próximo à enorme roldana de ferro ao lado da cortina.

Lá ficou, hesitante e tenso, os cabelos claros penteados para trás da testa e as sobrancelhas franzidas sobre os olhos verdes. Batucou os dedos na roldana; e então ouviu um sussurro ao seu lado.

— Jim — era Mackinnon, da escuridão. — Pode me ajudar?

Jim se virou e viu o mágico mais adiante, na sombra. Só se viam os olhos negros no rosto pálido.

— Aqueles homens... — continuou Mackinnon e apontou, através do proscênio, para um camarote, onde dois indivíduos se acomodavam, e Jim pôde ver o brilho dos óculos do homenzinho. — Estão tentando me matar. Pelo amor de Deus, me ajude a sair daqui assim que as cortinas se fecharem. Não sei o que fazer...

— Shhhh! — disse Jim. — Fique aí, eles tão olhando para cá.

A música chegou ao fim, a flauta da orquestra foi o último instrumento a tocar, em tom solene, o público bateu palmas e assoviou. As mãos de Jim estavam firmes na roldana.

— Tá bem — disse Jim. — Eu te tiro daqui. Tome cuidado.

Ele começou a girar a enorme roldana, e a cortina desceu aos poucos.

— Quando sair, saia por este lado — sua voz saiu abafada pelo som dos aplausos e o ruído surdo das roldanas. — Não pelo outro. Quer alguma coisa do camarim?

Mackinnon balançou a cabeça negativamente.

No instante em que a cortina tocou o chão, as luzes coloridas superiores se apagaram e o palco foi invadido por uma luz fria; um pano de fundo, com estampa de uma elegante sala de estar, foi retirado. E os homens nas coxias entraram em ação, desdobrando uma longa tela de veludo e a fixando na parede do fundo. Em seguida, levaram para o palco uma mesa elegante que parecia pesada demais para o seu tamanho e desenrolaram um tapete persa. Jim avançou, rápido, para, com uma das mãos, esticar a ponta do tapete e com a outra fixou a tela. Tudo durou pouco mais de 15 segundos.

O contrarregista fez um sinal para os controladores das máquinas de fumaça, que encaixaram novos celofanes nas molduras de metal, diminuindo dessa forma a pressão dos jatos de luz, para que a iluminação ficasse mais opaca, criando uma atmosfera misteriosa em cena. Jim correu de volta para sua posição ao lado da roldana. Mackinnon assumiu seu lugar no palco, enquanto o apresentador finalizava sua fala e o maestro levantava a batuta no fosso da orquestra.

Um acorde, uma salva de palmas do público, e Jim girou a roldana para suspender a cortina. Ao avançar em direção à plateia, Mackinnon estava transformado. Todos silenciaram quando iniciou o ato.

Jim observou por um momento, como sempre, impressionado pela forma como o sujeito, tão furtivo e pouco saudável na vida real, conseguia mostrar tanta imponência em cena. Os olhos, a voz, os movimentos expressavam superioridade e mistério; era fácil acreditar que ele comandava espíritos invisíveis, que os truques e transformações que executava eram obras de demônios... Jim já o vira várias vezes e sempre era tomado de surpresa e assombro. Com relutância, desviou a atenção da apresentação e desceu sorrateiramente por debaixo do palco. Era o caminho mais rápido para chegar ao outro lado do teatro.

Jim passou silenciosamente por entre vigas, cordas, ratoeiras e todo tipo de tubos até sair do outro lado, enquanto outra salva de palmas ecoou da plateia.

Ele limpou a poeira do corpo e foi até uma pequena porta que dava acesso ao auditório; em seguida, passou por outra porta, pelas escadas. Chegou ao topo... e se encolheu em um canto escuro, pois em frente à entrada do camarote onde se encontravam os perseguidores de Mackinnon estava um terceiro homem. Um brutamonte que obviamente tinha sido posto ali para vigiar a passagem.

Jim pensou por um instante e em seguida avançou pelo corredor metido a luxuoso com detalhes dourados, iluminado por uma lâmparina, e fez sinal para que o segurança se aproximasse. Franzindo a testa, o grandalhão obedeceu e pendeu a cabeça, enquanto Jim sussurrava ao ouvido:

— Tão falando por aí que tem uns comparsas de Mackinnon no teatro — disse Jim. — Eles vão tentar tirar ele do palco. A qualquer momento, ele vai sumir num truque de mágica por debaixo do palco e vai aparecer atrás da plateia; então seus parceiros vão enfiar ele numa carruagem. Vai lá embaixo, na entrada, enquanto eu vou, agora mesmo, avisar o chefe lá dentro.

Era maravilhoso o que se podia conseguir com um pouco de improviso, pensou Jim, ao ver o homenzarrão concordar com um aceno de cabeça, caminhar contra sua vontade rumo às escadas e desaparecer.

Era arriscado demais; alguém poderia aparecer de repente. Mas não restava outra alternativa. Tirou do bolso um embrulho com pequenos pedaços de arame, se curvou ao lado da fechadura da porta do camarote e girou um dos arames na lingueta até sentir algo se mover lá dentro; retirou o arame, dobrou com mais precisão, inseriu novamente no buraco e trancou o camarote, sob o som de aplausos que abafaram o ruído.

Ficou em pé bem a tempo, pouco antes de o administrador do teatro aparecer no corredor.

— O que faz aqui, Taylor?

— Uma mensagem para o cavalheiro do camarote — disse Jim. — Tá tudo bem. Já tô indo pra coxia.

— Não é seu trabalho levar mensagens.

— Se o sr. Mackinnon me pedir, é, num é?

E Jim se virou e saiu. Desceu as escadas e se dirigiu a uma porta acolchoada de baeta. Quanto tempo faltaria para o fim da apresentação de Mackinnon? Mais uns cinco minutos, calculou Jim.

Ignorando os desaforos e ordens para que ele prestasse atenção onde pisava, Jim atravessou com pressa o ambiente apinhado de assistentes de palco e artistas até chegar à porta de acesso ao tablado. A saída dava nos fundos do teatro. Em frente, os fundos de um depósito de móveis, com apenas uma saída para a rua.

Dois homens estavam apoiados na parede. Quando a porta se abriu, ambos olharam e deram um passo sobre a calçada.

— Opa — disse Jim afavelmente. — Tá quente pra caramba lá dentro. Esperando a srta. Hopkirk, cavalheiros? — A srta. Hopkirk era a soprano; seus admiradores costumavam esperar por ela nos fundos com flores, convites ou os dois.

— O que te interessa? — perguntou um dos sujeitos.

— Só queria ajudar — respondeu Jim com naturalidade.

— Quando termina o show? — perguntou o outro homem.

— A qualquer momento. É melhor eu voltar. Boa noite — ele disse e voltou para dentro.

Coçou o queixo; a porta dos fundos estava bloqueada, pela frente seria arriscado

demais. Restava apenas uma saída — que também era arriscada. Ainda assim, seria divertido tentar. Correu para os bastidores e encontrou quatro empregados do teatro sentados em um pequeno espaço iluminado, jogando cartas sobre um caixote.

— Ei, Harold — disse —, se importa de me emprestar sua escada?

— Pra quê? — resmungou o mais velho dos presentes, sem tirar os olhos das cartas que tinha nas mãos.

— Ninhos de pássaro.

— Hein? — O homem ergueu os olhos. — Num esqueça de devolver.

— Pois é, esse é o problema. Quanto ganhou com aquele palpite que te dei semana passada?

O homem balbuciou algo, deixou suas cartas sobre o caixote e se levantou. — Aonde pretende levar a escada? Vou precisar dela em dez minutos, assim que o show terminar.

— Pra parte superior do palco — respondeu Jim, enquanto afastava o homem e explicava o que planejava fazer. Olhou por cima dos ombros do trabalhador. A apresentação de Mackinnon chegava ao fim. Coçando a cabeça, o homem apoiou a escada sobre o ombro e subiu na escuridão. Enquanto isso, Jim voltou correndo para sua posição ao lado da roldana, chegando bem na hora.

Um acorde da orquestra, uma explosão de aplausos, uma reverência, e a cortina baixou. Deixando para trás o caos de objetos que ocupavam o cenário — uma esfinge, um aquário com um peixinho dourado, dezenas de buquês de flores —, Mackinnon correu para uma das alas da coxia e Jim o puxou pelo braço e o arrastou até a escada.

— Suba! Vai! — disse. — Tem uns caras nos fundos e na entrada, mas não vão achar a gente por aqui. Anda!

Mackinnon havia se transformado novamente: ficou furtivo, e com sua maquiagem branca, bizarro e abatido.

— Não consigo — sussurrou.

— Num consegue o quê?

— Não posso subir. Altura...

Ele olhou ao redor, trêmulo. Jim o empurrou escada acima impacientemente.

— Suba e deixe de ser fresco, pelo amor de Deus. Tem gente descendo e subindo isso aqui centenas de vezes por dia. Ou prefere correr o risco de encontrar um daqueles dois degoladores que vi lá fora?

Mackinnon balançou a cabeça debilmente e subiu os degraus. Jim fechou a cortina lateral para que ninguém visse o que estavam fazendo — não queria que descobrissem por onde Mackinnon havia fugido. Escalou os degraus logo atrás do mágico e os dois foram parar em uma plataforma estreita, com barras de apoio que contornavam o palco, onde os iluminadores e controladores de fumaça desligavam

os jatos e guardavam os celofanes. O cheiro de metal superaquecido era praticamente tão forte quanto o próprio calor, que, combinado ao suor dos homens trabalhando e ao cheiro da cola usada na moldura das bambolinas, causava ardência nas narinas e lágrimas nos olhos.

Mas eles não ficaram por lá. Outra escada, mais baixa, os levou até uma passarela oscilante de ferro, suspensa por cordas e polias. O piso gradeado permitia ver o palco abaixo, onde carpinteiros estavam ocupados, posicionando pedaços de madeira e tábuas para o melodrama que iria estreiar no dia seguinte. Em cima, tudo escuridão, todas as luzes estavam direcionadas para baixo, e fazia muito calor. Cordas — algumas esticadas, outras frouxas e penduradas —, enormes vigas de madeira que suportavam o peso do cenário, a imagem de vários níveis de plataformas, túneis, buracos em um infinito recuo em meio à penumbra, e o abismo profundo abaixo, onde vultos manipulavam fogo — tudo isso fez com que Jim visualizasse a imagem do inferno que uma vez havia visto na vitrine de uma loja.

Mackinnon cambaleava, com as duas mãos agarradas às barras.

— Não consigo! — gemia ele. — Oh, Deus, me deixe descer!

O sotaque escocês estava mais carregado, diferente da pronúncia arrastada, típica da nobreza, que ele costumava usar.

— Num seja frouxo — disse Jim. — Num vai cair. Só mais um pouco, vai...

De olhos fechados, Mackinnon seguiu adiante sem jeito, guiado por Jim. No fim da passarela, Harold, o operário, esperava com sua escada e estendeu o braço para Mackinnon, que o agarrou com as duas mãos, com força.

— Tá tudo bem — disse Harold. — Peguei o senhor. Segure aqui...

Ele levou as mãos de Mackinnon até a escada.

— Não! Chega de subidas! Não posso, não posso mais...

— Cala a boca — disse Jim, que acabara de ouvir um burburinho no andar de baixo. Espreitou através das barras, mas nada viu além de cortinas oscilantes e cabos. — Escute. — Vozes estavam alteradas, embora não desse para entender o que diziam.

— Temos cerca de dois minutos antes que descubram como chegar aqui. Segure firme, Harold.

Jim subiu às pressas a escada e destrancou uma pequena janela escondida na escuridão. Depois de escancará-la, desceu e empurrou Mackinnon pela escada. Sinceramente, aquele movimento era um tanto perigoso; abaixo da escada havia um vão entre o final da passarela e a parede, e para atravessar a janela era necessário se inclinar e agarrar a beirada da janela que estava na penumbra. Se caíssem... Ouviram um ruído de algum lugar abaixo deles. Alguém subia a primeira escada.

— Sobe — disse Jim. — Num fique aí suando feito um condenado e escala aquela janela. Anda!

Mackinnon ouviu o ruído e pôs o pé em um dos degraus.

— Obrigado, Harold — disse Jim. — Outro palpite? Belle Carnival para a corrida *handicap* Prince of Wales.

— Belle Carnival, hein? Espero que tenha mais sorte do que na última vez — resmungou Harold, segurando firme a escada. Jim se agarrou à escada, abaixo do cambaleante Mackinnon.

— Vai! Sobe logo, pelo amor de Deus!

Mackinnon subiu degrau por degrau. Jim ficou colado a ele, apressando-o. Ao chegarem ao topo da escada, o mágico se curvou e voltou, incapaz de seguir adiante. Jim então sussurrou:

— Eles tão vindo! Tão chegando! Cinco sujeitos enormes com facas e porretes! Agora, continue até encontrar a janela e atravesse. Tem um vão de mais ou menos um metro que separa a gente do outro lado, que dá no telhado vizinho. Use as duas mãos, vai, agora *puxe*...

Os pés de Mackinnon se soltaram da escada, chutando o ar e quase levando Jim ao encontro da morte; mas depois de alguns segundos de movimentos frenéticos, as pernas de Mackinnon desapareceram, e Jim soube que ele tinha alcançado o outro lado.

— Tudo bem, Harold? — ele chamou em voz baixa. — Vou subir agora.

— Rápido, então — veio a resposta rouca.

Apoiando-se na parede, Jim bateu à procura da janela até encontrar o peitoril e se debruçar sobre ele. Segundos depois, estava com metade do corpo para fora, e em seguida caiu sobre o frio e úmido pátio a céu aberto.

Ao lado, estava Mackinnon enjoado.

Jim se levantou com cuidado e deu alguns passos. Estavam em um pequeno declive entre a parede do teatro — que tinha mais de dois metros de diâmetro até o cume do telhado — e o telhado triangular e pontiagudo da fábrica de pickles ao lado. Era possível ver uma sequência de telhados pontiagudos, como ondas em um mar desenhado por uma criança, e cuja superfície de orvalho, uns 20 metros adiante, refletia a fraca luz que vinha do céu.

— Melhor agora? — perguntou Jim.

— Sim. É a altura, sabe como é...

— O que é isso? Quem são aqueles sujeitos?

— O mirradinho se chama Windlesham. É complicado... Tem um assassinato na história.

Ele estava muito esquisito; rosto pálido como fantasma, olhos e lábios pretos, capa preta, camisa branca, parecia uma aberração esbranquiçada. Jim o encarou bem de perto.

— Assassinato? — perguntou. — De quem?

— Tem como a gente descer daqui? — perguntou Mackinnon olhando em volta.

Jim coçou o queixo e disse: — Tem uma saída de emergência do outro lado do telhado. Num faça barulho. Tem um velho vigiando, tomando conta dos picles.

Ele caminhou pela parte íngreme do telhado e deslizou silenciosamente pelo outro lado, que possuía cerca de dois metros de altura e estava escorregadio devido à chuva recente. Mackinnon escorregou e caiu duas vezes antes de alcançar a saída de emergência. *Por que tô fazendo isso?*, pensou Jim, ajudando o mágico, impressionado com a fragilidade de Mackinnon. Era leve como uma criança.

Jim se lembrou do assassinato. O homem estava amedrontado, e não apenas por causa da altura.

A saída de emergência era uma escada estreita de ferro, colada à fábrica. A área ao redor estava completamente sem luz, por sorte, e silenciosa. Tremendo, transpirando e tomado pelo medo, Mackinnon se arrastou com cautela até a beirada da escada, encontrou o primeiro degrau e então começou a descer de costas para a rua, olhos bem fechados. Jim chegou ao chão primeiro e o pegou pelo braço.

— Conhaque — murmurou Mackinnon.

— Num seja bobo — disse Jim. — Não pode ir pra um *pub* vestido assim: não duraria cinco minutos. Onde você mora?

— Chelsea. Rua Oakley.

— Tem algum dinheiro?

— Nem um centavo. Oh, Deus...

— Tá bem, vem comigo. Vou te levar pra um lugar onde pode trocar de roupa e tomar alguma coisa, daí falamos sobre essa história de assassinato. Parece um mistério daqueles.

Mackinnon, sem energia, não demonstrou reação quando o jovem ajudante cênico, de olhos verdes e roupas grosseiras, o guiou rua afora, acenou para um cabriolé de aluguel e, com muita autoridade, deu um endereço em Bloomsbury.

O

Jim pagou ao motorista do cabriolé alugado assim que chegaram à rua Burton, uma pequena e tranquila travessa com casas e lojas de três andares, nas proximidades do Museu Britânico, e, enquanto Mackinnon olhava ao redor, tenso, destrancou a porta de uma bela loja em cuja vitrina se lia GARLAND & LOCKHART FOTÓGRAFOS. Guiou Mackinnon pela escuridão da loja até chegarem a um cômodo aquecido e bem-iluminado, nos fundos.

O local era uma mistura curiosa de laboratório, cozinha e uma confortável sala de estar, apesar da mobília desgastada. Em uma das paredes, uma bancada cheia de material químico, uma pia ocupando um dos cantos e, ao lado de um fogão preto de metal, uma poltrona e um sofá. Uma fumaça com cheiro forte impregnava o ar. Vinha de um cachimbo de barro que um dos dois homens ali presentes fumava. Ele tinha aproximadamente 60 anos, era alto e corpulento, cabelo espesso e grisalho, barba da mesma cor. Ergueu os olhos ao ver Jim entrar.

— Olá, sr. Webster — disse Jim. — E aí, Fred?

O outro homem era bem mais jovem, vinte e poucos anos, mais ou menos da idade de Mackinnon. Tinha um rosto fino e ar irônico. Sua expressão eloquente era um misto de humor afiado e ar reflexivo e ponderado. Assim como Mackinnon, esse rapaz também tinha uma aparência que chamava a atenção — talvez pelo cabelo muito claro dramaticamente desarrumado ou o nariz quebrado.

— Saudações, ser estranho — ele disse. — Ah, me perdoe, não o tinha visto...

Agora ele se dirigia a Mackinnon, que estava parado na porta como um fantasma. Jim se virou para o visitante.

— Sr. Webster Garland e o sr. Frederick Garland, artistas fotográficos — disse. — E esse é o sr. Mackinnon, o Mago do Norte.

Os dois se levantaram para cumprimentá-lo. Webster disse entusiasmado: — Vi sua apresentação na semana passada: maravilhosa! No Alhambra. Aceita uma dose

de uísque?

Mackinnon se sentou na poltrona, enquanto Jim preferiu um banquinho ao lado da bancada. Webster servia as bebidas quando Jim disse:

— A gente teve que sair pelo telhado. Acontece que o senhor Mackinnon precisou sair correndo e deixou suas roupas, dinheiro e outras coisas no camarim. Provavelmente, posso pegar amanhã de manhã, mas pelo andar da carruagem ele tá realmente encrocado. Por isso, achei que a gente podia ajudar.

Ao notar o olhar desconfiado do sr. Mackinnon, Frederick explicou:

— Esta é a Agência de Detetives Garland, sr. Mackinnon. Costumamos resolver quase tudo. Qual é o seu problema?

— Não estou certo de que... — começou Mackinnon. — Não sei se este é um caso para ser resolvido por uma agência de detetives. — É... muito vago, muito... obscuro. Não sei...

— Num faz mal ouvir — respondeu Jim. — Num vamos cobrar por isso, você num tem nada a perder.

Webster ergueu as sobrancelhas sutilmente ao notar a frieza na voz de Jim, que começava a se irritar com Mackinnon, devido ao seu comportamento furtivo e astuto, uma combinação desagradável de desamparo e manha.

Frederick disse:

— Jim está certo, sr. Mackinnon. Sem compromisso, sem honorários. E pode confiar em nossa discricção. O que quer que o senhor conte aqui ficará em segredo.

Mackinnon olhou para Frederick e em seguida para Webster e novamente para Frederick, e mudou de ideia.

— Sim — disse ele. — Pois bem. Contarei, mas não estou certo de que quero uma investigação sobre o caso. Talvez seja melhor deixar que o assunto se resolva por conta própria. Veremos.

Ele esvaziou seu copo e Webster voltou a encher.

— O senhor falou de assassinato — Jim se adiantou.

— Já chegarei lá. O que vocês sabem sobre espiritualismo, cavalheiros?

Frederick franziu a testa. — Espiritualismo? Curioso o senhor fazer esta pergunta. Hoje, um homem me pediu que investigasse um caso a respeito disso. Charlatanismo, suponho.

— Há muitos charlatões, sim — disse Mackinnon. — Porém alguns possuem um dom genuíno para a paranormalidade e eu sou uma dessas pessoas. E na minha profissão isso se torna uma desvantagem, embora possam imaginar o contrário. Tento não deixar que as duas coisas se misturem. O que faço no palco parece mágica, mas é apenas técnica. Qualquer um seria capaz de fazer o que faço se praticasse.

“Mas o outro lado, o lado paranormal... isso é um dom. O que eu faço é chamado

de psicometria, conhecem o termo?”

— Já ouvi falar, sim — disse Frederick. — Você toca num objeto e é capaz de dizer várias coisas a respeito dele, certo?

— Vocês verão — afirmou Mackinnon. — Tem algo que eu possa usar?

Frederick se debruçou sobre a bancada ao lado e apanhou um objeto circular de metal, parecia um pesado relógio de bolso sem mostrador. Mackinnon o pegou e se sentou, segurando o objeto com as duas mãos, fechou os olhos e franziu o rosto.

— Vejo... dragões. Dragões vermelhos, talhados. E uma mulher... Chinesa. Tem um ar de dignidade e está parada, imóvel, e observa, apenas observa... Há um homem numa cama ou numa espécie de sofá. Está adormecido. Não, ele se mexe, está sonhando. Está gritando... Alguém está vindo. Um criado. Um chinês, com... um cachimbo. Ele está se agachando... Tem uma vela acesa... Está acendendo o cachimbo. Há um cheiro doce no ar, inebriante... Ópio. Agora, já não vejo nada. — Ele abriu os olhos e ergueu o rosto. — Algo a ver com ópio, estou certo?

Frederick passou as mãos pelo cabelo, perplexo demais para responder. O tio se inclinou na cadeira e deu uma gargalhada, e mesmo Jim ficou impressionado com a atmosfera tensa e carregada que Mackinnon evocou, com sua concentração intensa e principalmente com o que ele dissera.

— O senhor acertou na mosca — disse Frederick, inclinou-se e pegando o objeto de metal da mão de Mackinnon. — Sabe o que é isto?

— Não faço ideia — respondeu Mackinnon.

Frederick girou uma pequena chave na lateral do objeto e apertou um botão. De dentro do aparato uma fita metálica fina e esbranquiçada se desenrolou como serpentina para se amontoar em cima da bancada em frente a ele.

— É um flash de magnésio — explicou. — Se acende a ponta da fita que ao queimar gera um clarão por toda a serpentina, para que tenha luz suficiente no momento da foto. E eu o utilizei pela última vez numa casa de ópio em Limehouse, para fotografar os pobres-diabos que fumam a droga... Então isso é psicometria, hein? Estou impressionado. Como acontece? Vem uma imagem na sua cabeça ou o quê?

— Algo do gênero — esclareceu Mackinnon. — É como sonhar acordado. Não consigo controlar... Aparecem nos momentos mais inusitados. E aí está o problema: vi um assassinato e o assassino sabe disso, mas não sei seu nome.

— Já é um bom começo — disse Frederick. — Promissor. É melhor nos contar tudo a respeito. Mais uísque?

Encheu o copo de Mackinnon e se sentou para ouvir a história.

— Foi há seis meses — começou Mackinnon. — Realizava uma apresentação privada na casa de um nobre. É algo que faço de vez em quando, mais como convidado do que como contratado.

— Não cobra pelo serviço? — questionou Jim. Achava difícil aturar o modo arrogante e a voz alta, irritante e distinta, de sotaque escocês, de Mackinnon.

— Naturalmente, há uma taxa profissional — disse Mackinnon friamente.

— Quem era o nobre? — perguntou Frederick.

— Prefiro não dizer. Um homem de grande proeminência na vida política. Não há necessidade de citar seu nome.

— Como quiser — assentiu Frederick cordialmente. — Por favor, continue.

— Fui convidado para um jantar na noite da apresentação. É de praxe. Sou um dos convidados; algo que fica claro para todos. Enquanto as mulheres se retiravam após o banquete e os homens permaneciam na sala de jantar, fui até o salão de música da residência para preparar o material de que precisava para a apresentação.

“Percebi que haviam deixado uma cigarreira na beirada do piano e a peguei para colocar em outro lugar, e então tive a mais forte das sensações psicométricas da minha vida.

“Era um rio na floresta, uma floresta no extremo norte do planeta, com pinheiros escuros, e um sombrio céu, cinzento e ameaçador. Dois homens caminhavam juntos à margem do rio e discutiam com raiva. Não conseguia escutar, mas podia ver tão nitidamente como vejo os senhores agora; de repente, um deles tirou sua espada e a enfiou no outro homem, várias vezes — sem hesitar um instante sequer —, bem no peito, três, quatro, cinco, seis vezes. Consegui ver o sangue escuro manchando a neve.

“E quando a vítima ficou imóvel, o assassino olhou ao redor em busca de uma moita, limpou a espada com folhas, se agachou e arrastou o corpo pelo pé até a água.”

Mackinnon fez uma pausa e deu um gole no uísque. *Ou isso é verdade*, pensou Jim, *ou ele é um ator ainda melhor do que eu pensava*. Isso porque Mackinnon suava frio, de nervoso, os olhos tomados de terror. No entanto, o homem vivia de atuar — era essa sua profissão.

Mackinnon continuou:

— Voltei a mim, após alguns segundos, e me dei conta de que a cigarreira ainda estava em minha mão. E, então, antes que tivesse tempo de pôr o objeto em outro lugar, a porta se abriu e surgiu o homem que eu acabara de ver em minhas imagens. Ele era um dos convidados: um homem vistoso e imponente, de cabelos claros. Ele viu o que eu tinha na mão e veio até mim para recuperar o objeto. Nossos olhares se cruzaram e ele soube, ali, o que eu tinha visto...

“Ele nada falou, pois um criado entrou no salão naquele mesmo instante. Ele se virou para o empregado e disse: ‘Obrigado. Já a encontrei.’ Me lançou um último olhar ao sair. Mas ele sabia...

“Fiz minha apresentação naquela noite e para todo lugar que eu olhava via

aquelas punhaladas furiosas e o sangue escuro se espalhando pela neve. E o homem de rosto sereno e poderoso não tirou os olhos de mim nem por um minuto. Bem, naturalmente, não desapontei meu anfitrião — a apresentação foi um sucesso — e fui generosamente aplaudido por todos; vários cavalheiros chegaram inclusive a dizer que nem mesmo o grande Maskelyne fizera algo tão bom. Ao terminar, arrumei meus pertences e me retirei em seguida, em vez de confraternizar com os convidados, como costumo fazer. Eu já começava a sentir um verdadeiro medo dele.

“Desde então, tenho vivido o temor de o reencontrar. Recentemente, o homenzinho de óculos — Windlesham — me procurou e disse que seu chefe desejava me conhecer. Embora não tivesse dito o nome dele, sabia de quem se tratava. E hoje à noite ele voltou a me procurar, mas desta vez com seu bando — o senhor Jim viu bem. O homenzinho informou que ele recebera ordens de me levar ao seu chefe para tratar de um assunto de interesse mútuo; foram essas as palavras que ele utilizou.

“Eles querem me matar. Eles vão me levar e me matar, estou certo disso. O que posso fazer, sr. Garland? O quê?”

Frederick coçou a cabeça.

— O senhor não sabe o nome do homem? — perguntou.

— Havia muitos convidados naquela noite. Em algum momento, devo ter ouvido seu nome, porém não me recordo. E o sr. Windlesham não quis me dizer.

— O que o faz pensar que querem te matar?

— Hoje, o homenzinho disse que se eu não concordasse em acompanhá-los após o espetáculo, as consequências seriam extremamente graves. Se eu fosse uma pessoa comum, me esconderia. Talvez até mudasse de nome. Mas sou um artista! Preciso ter visibilidade para ganhar meu sustento! Como posso me esconder? Metade de Londres conhece meu nome!

— Isso deve garantir sua segurança, então — disse Webster Garland. — Quem quer que ele seja, certamente não vai se atrever a te fazer mal em público, não acha?

— Este homem é uma exceção. Nunca vi tanta crueldade no rosto de um ser humano. Além disso, ele tem amigos poderosos; é abastado e bem-relacionado. Eu não passo de um mero mágico. Ah, o que posso fazer?

Guardando para si a resposta que veio à mente, Jim se levantou e saiu do recinto para tomar ar fresco. Encontrava mais e mais dificuldade para controlar a irritação que o mágico lhe causava. Não conseguia explicar por quê, mas poucas vezes encontrara alguém por quem sentisse tanta antipatia.

Sentou-se no quintal e começou a atirar pedacinhos de carvalho pela janela ainda sem vidro do novo estúdio que Webster estava construindo. Ouviu uma charrete parar à porta da frente da loja, e quando deduziu que Mackinnon já tinha partido voltou para dentro, e encontrou Webster acendendo seu cachimbo com um graveto da lareira e Frederick enrolando a fita de magnésio de volta ao seu recipiente.

Frederick ergueu os olhos e disse:

— Um mistério e tanto, Jim. Por que você se levantou e foi embora?

Jim se jogou na poltrona, caçoando do sotaque de Mackinnon. — Ele tava me dando nos nervos — respondeu. — Num sei por quê, então num me pergunte. Queria ter deixado ele lá, com seus problemas, em vez de arriscar meu pescoço, arrastando ele até o telhado. “Ai, não posso com alturas! Deixe-me descer, deixe-me descer!” E ainda por cima com aquele maldito esnobismo. “Obviamente, sou tratado como um dos convidados...” Um mágico de araque, grande covarde, isso sim! Você num aceitou, aceitou? Quero dizer, como cliente?

— Ele não quis nossos serviços; ele quer proteção, não investigação, e eu expliquei que não trabalhamos com segurança; mas ele deixou seu endereço e eu disse que ficaremos à disposição. Não sei o que mais podemos fazer a esta altura.

— Manda ele pastar, para início de conversa — disse Jim. — Fala pra ele cair em si.

— Se ele estiver falando a verdade, este é um caso muito interessante. E se estiver mentindo, é ainda mais interessante. Pelo visto, você acredita que ele está mentindo.

— Claro que tá — disse Jim. — Nunca ouvi tanta baboseira em toda minha vida.

— Fala da psicometria? — perguntou Webster, voltando a se acomodar no sofá. — Mas e a pequena demonstração que ele fez? Eu fiquei impressionado.

— Vocês são alvos fáceis, isso sim — disse Jim. — Me dá pena só de imaginar vocês vendo o truque das três cartas. Ele é um ilusionista, num é? Ele deve entender mais sobre engenhocas tecnológicas e pedacinhos de máquina do que você, Fred. Ele sabia o que essa coisa era desde o início e viu a fotografia de que você tem tanto orgulho pendurada ali. Juntou uma coisa com a outra e deixou os dois bobalhões boquiabertos.

Webster olhou para a parede acima da lareira, onde Frederick havia pendurado a impressão de uma das fotos que fizera na casa de ópio, e caiu na gargalhada, jogando uma almofada em Jim, que a agarrou e apalpou antes de ajeitá-la atrás da cabeça.

— Tudo bem — disse Frederick. — Isso é possível. Mas e a história da floresta e do assassinato na neve, qual a explicação que tem para isso?

— Seu pobre coitado — disse Jim. — Não acreditou nisso, acreditou? Sinceramente, Fred. Achei que tivesse miolos nesse coco. Já que você não consegue ver o óbvio, vou explicar. Ele sabe alguma coisa do sujeito, o tal convidado que estava no jantar. Chantagem, entende? Naturalmente, o homem quer ele fora de seu caminho, e não é de culpar. E se não gosta dessa resposta, que tal essa aqui: ele andou brincando de esconde-esconde com a mulher do sujeito e foi descoberto.

— É o que eu mais gosto do modo de pensar de Jim — disse Frederick para

Webster. — Vai direto ao ponto. Não perde tempo com detalhes, motivações mais complexas.

Jim zombou de Frederick:

— Você realmente acreditou nele! Está virando um sujeito simplório, meu amigo, cuidado. Sally nunca cairia num conto do vigário desses. Mas, também, ela tem a cabeça no lugar.

A expressão no rosto de Frederick fechou.

— Não me fale dessa fingida depreciadora — ele disse.

— Fingida depreciadora! Essa é boa. O que você disse da última vez, mesmo? Uma fanática e ignorante máquina de calcular. E ela te chamou de fantasista incompetente com cérebro de penas; e você chamou de...

— Basta, que saco! Não quero mais saber dessa garota! Quero saber é...

— Aposto que você vai atrás dela antes mesmo da semana terminar.

— Aposto meio guinéu que não.

E os dois deram um aperto de mão.

— Você acredita mesmo nele, Fred? — perguntou o tio.

— Não preciso acreditar para investigar esse caso. Como eu disse há pouco, embora Jim pareça ter esquecido, se ele estiver mentindo só torna o caso ainda mais interessante, não menos. De qualquer jeito, já estava com essa história de espiritualismo na cabeça. E quando coincidências dessa natureza ocorrem, sempre presumo que algum motivo existe e algo está acontecendo.

— Pobre Fred — disse Jim. — A decadência de uma mente sã...

— O que me diz sobre espiritualismo então? — perguntou Webster. — O que tem de interessante nisso?

— Muita coisa — respondeu Frederick, enchendo seu copo. — Há fraude, ingenuidade, medo, não tanto de morte, mas medo de que não haja nada depois dela... Há solidão, esperança, vaidade; e, quem sabe, no meio de tudo isso há algo de verdadeiro.

— Ah, sai dessa — disse Jim. — Isto é tudo conversa pra boi dormir.

— Pois bem, se quiser descobrir, haverá um encontro amanhã à noite, da Liga Espiritualista de Streatham & District...

— Quanta besteira!

— Quem sabe, não vai interessar a sua mente tão aberta, genial e compreensiva. Especialmente se houver algo de realmente estranho acontecendo. Gostaria de me acompanhar e dar uma olhada?

N

Frederick estava longe de ser o único interessado em espiritualismo. Era um dos assuntos em voga na época. Desde casas humildes, elegantes salas de estar a laboratórios de universidades: por todo lado ecoavam golpes e ruídos de espíritos que nada de melhor tinham para fazer senão tentarem contato com os vivos; e circulavam histórias de manifestações ainda mais estranhas — vozes do além, trombetas para evocar espíritos e médiuns que exalavam uma misteriosa substância chamada ectoplasma...

O tema era solene. Haveria vida após a morte? Fantasma e aparições realmente existiam? Estaria a humanidade próxima da maior descoberta da história? Muitas pessoas de respeito encaravam o assunto com extrema seriedade, e nada era mais respeitado do que a Liga Espiritualista Streatham & District, que realizava um encontro na residência da sra. Jamieson Wilcox, viúva de um respeitado comerciante.

Frederick foi convidado por um dos membros da Liga a participar; um escrevente que estava intrigado com certas coisas que ouvira durante uma sessão. O homem insistiu para que Frederick se disfarçasse; estava constrangido por espionar os amigos, porém dissera a Frederick que havia assuntos de enorme relevância em jogo, de enorme implicação financeira, que ele não ousava ignorar. Frederick logo concordou. Fingiu-se de cientista para a ocasião e Jim foi como seu assistente.

— A única coisa que você precisa fazer — Frederick disse a Jim — é ouvir. Lembrar cada palavra. Ignore os tamborins voadores e os toques fantasmagóricos, perto do que buscamos isto é pinto, apenas se concentre no que a médium disser. — O cabelo de Frederick estava lambido para baixo, e sobre seu nariz quebrado um par de óculos redondos. Jim, curioso, embora disfarçasse ao máximo, carregava uma pesada caixa de metal e um estojo com baterias e se queixou do peso durante todo o caminho até Streatham.

Pouco antes das sete a sala de jantar da sra. Jamieson Wilcox já estava repleta: 12 pessoas estavam amontoadas e mal conseguiam se mover no espaço. Os móveis menores haviam sido retirados para a ocasião, mas restavam uma mesa bem grande, um piano, três poltronas, uma prateleira lotada de objetos e um aparador sobre o qual jazia um porta-retratos do falecido sr. Jamieson Wilcox com moldura preta, acompanhado de um majestoso abacaxi, decorativo.

O local estava bem aquecido, para não dizer bem quente. As lamparinas sustentadas por suportes ornamentados estavam no máximo de sua capacidade, e o carvão em brasa queimava na lareira. Os próprios espiritualistas ali reunidos emanavam por si só uma boa quantidade de calor humano, enriquecido pelo reforçado lanche consumido mais cedo, e os odores de salmão enlatado, língua fria, camarão em conserva, beterraba e pudim permaneciam no ar. Muitos se abanavam e secavam as testas suadas, mas ninguém cogitava tirar o sobretudo ou afrouxar as gravatas.

A sessão estava prevista para começar às sete e meia, e faltando poucos minutos, um cavalheiro robusto e imponente abriu seu relógio de bolso e tossiu alto e bom som para chamar a atenção de todos. Era o sr. Freeman Humphries, um comerciante de tecidos aposentado e o presidente da Liga.

— Senhoras e senhores! — começou. — Amigos e camaradas em busca da verdade! Me permitam começar agradecendo à sra. Jamieson Wilcox, em nome de todos aqui presentes, pela deliciosa e nutritiva refeição que acabamos de desfrutar (murmúrios de consentimento). Em seguida, dou as boas-vindas à sra. Budd, a renomada médium e vidente, cujas mensagens tanto nos impressionaram e consolaram em sua última visita. — Ele se virou e fez uma leve reverência a uma mulher morena e rechonchuda, de olhos sagazes, que retribuiu o gesto com um sorriso sedutor. Ele voltou a tossir e folheou suas anotações. — E, finalmente, tenho certeza de que todos desejam conhecer o dr. Herbert Semple e seu assistente, da Royal Institution. Chamo então o dr. Semple para que explique o propósito de sua visita aqui, hoje à noite, e que fale sobre suas pesquisas.

Era a vez de Frederick falar. Ele se levantou e olhou ao redor do salão repleto: para os comerciantes, escreventes e suas esposas, para um jovem pálido e uma jovem pálida, com colar exuberante, para a sra. Budd, a médium (cujos olhos observavam, admirados, de cima a baixo a sobrecasaca masculina de Frederick), para a sra. Jamieson Wilcox e para o abacaxi.

— Obrigado, sr. Humphries — começou. — Ótima refeição, sra. Wilcox. Primeira classe. Bem, senhoras e senhores, sou muito grato por terem me convidado para esta reunião. Há tempos, eu e meu assistente temos grande interesse pelo que chamamos de estado de transe, sobretudo no que diz respeito à condutividade elétrica da pele. Esta caixa — Jim ergueu a caixa, colocando-a sobre a mesa, e

Frederick abriu, revelando uma bobina de cobre, um emaranhado de fios, terminais metálicos e uma grande esfera de vidro — é uma versão aperfeiçoada do Electrodemógrafo, uma invenção do professor Schneider de Boston.

Ele entregou um fio a Jim, que o conectou às baterias, e então desenrolou outros quatro fios, cujas pontas levavam pequenos discos de metal.

— Estes fios deverão ser fixados aos tornozelos e pulsos da médium — explicou Frederick —, e a resistência aparecerá na esfera. Sra. Budd, nos permite conectá-la aos fios?

— Pode me conectar ao seu aparelho quando quiser, querido — ela disse animada.

Frederick tossiu. — Aham... Bom. Será que uma das senhoras ajudaria a prender os fios aos tornozelos da senhora Budd? Sei que é algo delicado...

Porém a sra. Budd não estava nem um pouco preocupada com delicadeza.

— Oh, não, querido — disse —, prefiro que o senhor o faça, para garantir que não serei eletrocutada. Além disso, o senhor tem o dom, não tem? Soube assim que o vi, querido: o senhor exala espiritualidade.

— Oh — disse Frederick, ciente de que Jim sorria escancaradamente para ele. — Neste caso...

Arrastando os fios, Frederick se agachou por debaixo da toalha de mesa, enquanto as damas e os cavalheiros da Liga Espiritualista presenciavam a indecência de um jovem tocar um par de tornozelos femininos e a evidente espiritualidade dos dois. Frederick tossia, sem graça, falava qualquer coisa e educadamente desviava o olhar para o nada. Um minuto depois, Frederick reapareceu de debaixo da mesa e anunciou que os fios estavam atados.

— E o senhor o fez com muita delicadeza — disse a sra. Budd. — Nem notei que estava sendo tocada. Que dedos talentosos!

— Bem — disse Frederick, dando um forte chute na canela de Jim. — Vamos testar a máquina?

Ele girou uma chave, e o marcador se afastou do ponto zero e oscilou no centro da esfera de vidro.

— Que tal? — disse a sra. Budd. — Nem mesmo um formigamento.

— Ah, não há perigo, sra. Budd; a corrente é de baixa intensidade. Agora, senhoras e senhores, podemos tomar nossos lugares à mesa?

As cadeiras foram arrastadas e os espiritualistas e seus convidados se espremeram ao redor da mesa da maneira mais confortável possível. Frederick se sentou ao lado da sra. Budd, com o Electrodemógrafo a sua frente, e antes que tivesse tempo de escapar, Jim teve uma das mãos agarrada por outra, grossa e firme, e a outra, tomada pela mão da médium.

— As luzes, por favor, sra. Wilcox — disse o sr. Freeman Humphries, e a anfitriã

diminuiu a intensidade das luzes das lamparinas, uma a uma, antes de sentar. O lugar estava na mais completa escuridão. O silêncio reinou.

— Consegue ver sua máquina, dr. Semple? — inquiriu uma voz espectral.

— Perfeitamente, obrigado. O marcador está pintado com tinta luminosa. Podemos começar quando a senhora quiser, sra. Budd.

— Obrigada, querido — ela disse placidamente. — Deem as mãos, senhoras e senhores.

As mãos se encontraram ao redor da beirada da mesa. O círculo estava formado. Frederick olhou para a caixa, sua mão direita envolveu a mão molhada e quente da sra. Budd, a esquerda sentiu os dedos ossudos da garota pálida.

O silêncio voltou a reinar.

Um minuto depois, a sra. Budd deu um longo e trêmulo suspiro. Sua cabeça pendera para baixo e ela parecia estar sonhando. De repente, acordou e começou a falar — com voz masculina.

— Ella? — disse. — Ella, minha querida?

Era uma voz grossa, rouca, e a reação de mais de uma pessoa presente foi sentir um calafrio na nuca.

— Oh, Charles... Charles? É você?

— Sem dúvida sou eu, minha querida — respondeu a voz, a voz masculina, uma voz que nenhuma mulher conseguiria imitar, uma voz de 67 anos de muito vinho do porto, queijo e passas. — Ella, minha querida, embora separados fisicamente, não deixe que nosso amor esfrie...

— Ah, nunca, Charles! Nunca!

— Estou com você noite e dia, minha querida. Diga a Filkins da mercearia para prestar atenção com o queijo.

— Prestar atenção... sim...

— E fique atenta com nosso menino, Victor. Acredito que ele está envolvido com más companhias.

— Ah, minha nossa, Charles, o que posso...

— Não tenha medo, Ella. A luz divina brilha, a terra prometida me chama, e eu preciso partir... lembre-se do queijo, Ella. Filkins não é cuidadoso o suficiente com sua conservação. Preciso ir... Preciso partir...

— Ah, Charles! Oh, Charles! Adeus, meu amado!

Um suspiro e o espírito do comerciante foi embora. A sra. Budd sacudiu a cabeça como que tentando limpar a mente. A sra. Jamieson Wilcox enxugou as lágrimas discretamente com um lenço de bordas pretas e o círculo se desfez.

Frederick olhou ao redor. Na escuridão era impossível enxergar traços dos rostos, mas o clima mudou; as pessoas estavam exaltadas, agora, tensas e prontas para serem convencidas. A mulher era boa. Frederick não tinha dúvidas de que ela estava

fingindo, mas ele não estava ali para ouvir um dono de armazém falar de queijo.

E então aconteceu.

A sra. Budd teve um leve e convulsivo estremecimento e começou a falar em voz baixa, desta vez, porém, tomada de medo.

— Faíscas... — disse. — Há um fio, e o ponteiro gira: cento e um, cento e dois, cento e... não, não, não... Sino. Bells. Bell-man. Que belo navio, e a menininha morta... Não é Hopkinson, mas eles não devem saber. Não. Que permaneça na sombra. Espada na floresta... oh, sangue na neve, e gelo... ele ainda está lá, num caixão de vidro... O regulador. Trezentas libras... quatrocentas... Estrela do Norte! Há uma nuvem no norte... uma neblina repleta de fogo... fumaça, e está cheia de mortes, de canos... canos com vapor... sob a Estrela do Norte... ai, que horror...

Sua voz esmaeceu, carregada de tristeza infinita, até silenciar por completo.

Era esta a parte que interessava a Frederick, e, embora não entendesse nada, ficou arrepiado. A médium soava como se estivesse num pesadelo.

Os demais permaneciam sentados, reverentes e atentos. Ninguém se movia. Então, após um longo suspiro, a sra. Budd despertou e voltou à ação.

Um acorde ecoou do piano. Todos deram um pulo, e três porta-retratos prateados sobre o instrumento vibraram em solidariedade.

Algo golpeou furiosamente o centro da mesa. Cabeças deram solavancos de susto e em seguida se ergueram na direção de um brilho pálido e trépido que se materializava no teto. A sra. Budd, de olhos fechados, parecia estar no centro de um furacão invisível. Frederick sabia que ela controlava tudo, ainda assim era algo impressionante: as cortinas balançavam — as cordas do piano rugiam sem controle — e então a pesada mesa sob a toalha cor de damasco se levantou e balançou feito um barco em mar brabo. Um tamborim no consolo da lareira tilintou e logo caiu no fogo com um estrondo.

— Uma manifestação física! — clamou o sr. Humphries. — Ninguém se mova! Observem o fenômeno! Os espíritos não vão nos machucar...

Mas com certeza os espíritos tinham outros planos para o Electrodermógrafo, pois dele de repente saiu um clarão que cegou a todos, um estalo barulhento e um cheiro de queimado. A sra. Budd deu um berro, alarmada, e Frederick rapidamente pegou o aparato.

— Luzes! Luzes, por favor, sra. Wilcox!

Enquanto a anfitriã, em meio à confusão, aumentava a intensidade das lamparinas, Frederick se inclinou sobre a médium e soltou os fios presos aos pulsos da mulher.

— Que resultado maravilhoso! — dizia. — Sra. Budd, a senhora superou todas as minhas expectativas! Esta foi uma leitura sem igual... não está ferida? Não, claro que não. A máquina quebrou, mas não tem importância. Não suportou a leitura! O indicador explodiu! Maravilhoso!

Com um sorriso radiante de triunfo, ele balançava a cabeça para os assombrados espiritualistas, que piscavam com dificuldade por causa da luz. Jim desconectou os fios da bateria, enquanto a sra. Budd esfregava os pulsos.

— Me desculpe por qualquer coisa, sra. Wilcox — continuou Frederick. — Não tive a intenção de interromper sua sessão, mas, como veem, esta é uma prova científica! Quando publicar meu trabalho, esta reunião da Liga Espiritualista de Streatham & District será vista como um divisor de águas na história da pesquisa sobre o psiquismo. Não, não me surpreenderia se isso acontecesse. Um resultado maravilhoso.

Satisfeitos com tal afirmação, o círculo se desfez; e a sra. Jamieson Wilcox, que pensava em comida nos momentos de tensão, sugeriu que todos tomassem um pouco de chá, que foi logo trazido. A sra. Budd foi cercada por um pequeno grupo de admiradores, e Frederick e o sr. Humphries jogaram conversa fora em frente à lareira, enquanto Jim guardava o Electrodemógrafo, com a ajuda da moça mais bonita da reunião.

Pouco depois, alguns convidados se levantaram para ir embora, e Frederick aproveitou a oportunidade para fazer o mesmo. Despediu-se de todos com um aperto de mão, separou Jim da mais nova acompanhante e prestou um tributo especial à sra. Budd antes de sair.

Um homem magro e nervoso, de meia-idade, saiu na mesma hora, como que por coincidência, e caminhou com Frederick e Jim até a estação de trem. Ao virarem uma esquina, Frederick parou e retirou os óculos.

— Agora sim — comentou, esfregando os olhos. — Bem, sr. Price. Foi como esperava? Ela sempre faz isso?

O sr. Price confirmou com a cabeça. — Sinto muito por sua máquina — disse. Ele parecia alguém que se desculpa por quase tudo.

— Não há por que se preocupar. O que o senhor sabe sobre eletricidade?

— Nada. Lamento dizer.

— A maioria das pessoas também não. Eu poderia conectar os fios desta caixa a um pepino e dizer a alguém que ali estava a alma de seu tio Albert, e se um marcador saltasse ninguém saberia dizer a diferença. Não, isso é uma câmera fotográfica.

— Ah! Mas pensei que precisasse de químicas e coisas do gênero...

— Era, quando tinha as velhas placas de colódio que precisavam estar sempre umedecidas. Essa caixa está carregada de placas de gelatina: uma nova invenção. Bem mais prática.

— Ah...

— E o *flash* foi proposital. Não tem como tirar fotografias no escuro. Não vejo a hora de ver os truques da sra. Budd, quando as placas forem reveladas... Mas essa

história de faíscas, e sombras e Estrela do Norte. Isto é diferente.

— Sem dúvida, sr. Garland. Foi o que me deixou assustado desde o início. Esta é a quarta vez que assisto à sessão da sra. Budd e, em todas, ela entrou nesse tipo de transe, algo bem diferente do resto da performance, e revelou detalhes sobre assuntos dos quais tenho conhecimento: transações financeiras e afins, alguns extremamente confidenciais. É inexplicável.

— O senhor conseguiu identificar alguma coisa hoje? Quem é Hopkinson, por exemplo?

— Esse nome não me diz nada, sr. Garland. O discurso desta noite foi um tanto obscuro e confuso. Só entendi a parte sobre os sinos, e a Estrela do Norte...

— E?

— Ela disse “bell man”, se é que se lembra. Bem, esse é o nome do meu patrão: sr. Bellmann. Axel Bellmann, o empresário sueco. E a Estrela do Norte é o nome da nova companhia que ele acaba de abrir. Meu medo é que isso se espalhe, entende, sr. Garland, e que suspeitem de mim... Um escrevente só é recomendado se tiver seu nome honrado. Minha esposa não está bem de saúde e se algo acontecer comigo, não ousou nem pensar...

— Entendo.

— Tenho o pressentimento de que a pobre moça, a sra. Budd, quero dizer, está sendo manipulada por um grupo de pessoas que está tramando alguma coisa grande — disse o sr. Price, piscando várias vezes, debaixo de um poste de luz a gás, sob leve garoa.

— É bem provável — concordou Frederick. — Bom, o senhor de fato me revelou algo realmente interessante, sr. Price. Pode deixar conosco, e pare de se preocupar.

— Muito bem — disse Jim, no trem, dez minutos depois. — Mudei de ideia. Tem alguma coisa aí.

Com a câmera no colo, Frederick acabara de ler o que Nellie Budd dissera, durante seu estranho transe. Jim era bom com as palavras; lembrou-se de cada uma e foi capaz de pôr cada detalhe no papel com precisão. E percebeu algo muito esquisito.

— Isso tem a ver com Mackinnon! — afirmou, ao reler o texto.

— Não seja ridículo — disse Frederick.

— Diabos, tem, sim. Escute. “Espada na floresta — oh, sangue na neve e gelo — ele ainda está lá num caixão de vidro...”

Frederick parecia confuso.

— Pode ser. Mas não entendo o caixão de vidro. Achei que fosse a Bela Adormecida. Sangue na neve... qual é mesmo o nome dela, Branca de Neve ou Rosa Vermelha. Sei lá, contos de fadas. Mas achei que você não acreditasse nele?

— Num precisa acreditar para ver uma relação, num é? Faz *parte* do jogo do

Mackinnon. Aposto dez xelins.

— Ah, não. Não vou fazer apostas envolvendo o nome de Mackinnon. Ele parece estar em vários lugares ao mesmo tempo. Olha, quero revelar essas placas o mais rápido possível. Leve as baterias para a rua Burton e eu tomarei um cabriolé até Piccadilly para fazer uma visita a Charlie.

U

S. Lockhart, a consultora financeira, resolveu trabalhar até mais tarde. A cidade através da janela do escritório estava escura e silenciosa, e o carvão na lareira queimava em fogo baixo. Uma quantidade considerável de papéis estava espalhada pelo carpete, alguns amassados de qualquer jeito, ao redor da lixeira, o restante em pilhas, de acordo com uma lógica complexa. Sally estava sentada à mesa; de um lado, tesoura e cola, uma montanha de jornais, cartas e certificados; do outro, fichários; e no centro da mesa, um atlas aberto num mapa dos países bálticos.

Chaka descansava em seu lugar de sempre, em frente à lareira, a enorme cabeça pendida para o lado, patas da frente tremendo ocasionalmente, enquanto sonhava.

O cabelo de Sally a incomodava; insistia em cair sobre o rosto e frequentemente ela o afastava dos olhos sem paciência. A vista estava cansada. Pela vigésima vez, olhou para a lamparina, medindo a distância entre a luz e a mesa, e pensou se valeria a pena o esforço de empurrar a mesa para mais perto da luz, desarrumando assim os papéis espalhados no chão. Decidiu que não e voltou a atenção para o atlas, com uma lente de aumento.

De repente, o cachorro se sentou e começou a rosnar.

— O que foi, Chaka? — perguntou suavemente, atenta aos sons do ambiente. Momentos depois, ouviu um toque na distante porta da rua e se levantou, acendeu uma vela com a chama do gás e a colocou em um pequeno lampião a fim de proteger das correntes de ar.

— Vamos, garoto — chamou, pegando uma chave sobre a mesa. — Vamos ver quem é.

A enorme criatura ficou de pé, bocejou dramaticamente e se espreguiçou, antes de descer os dois lanços de escada atrás dela. Ao redor da fraca luz em movimento que vinha da vela, o edifício vazio era escuridão e silêncio. Mas ela conhecia bem o

caminho; não tinha medo.

Destrancou a porta e encarou com frieza a pessoa na escada da rua.

— Ora, ora — disse.

— Quer conversar aqui na calçada? — perguntou Frederick Garland. — Ou vai me convidar para entrar?

Sally o deixou entrar sem dizer uma palavra. Chaka rosnou e Sally o agarrou pela coleira, enquanto Frederick passava por ela rumo à escada. Nenhum dos dois falou.

Ao chegarem ao escritório, Frederick largou o chapéu e o casaco e pôs a câmera com cuidado no chão, antes de puxar uma cadeira para perto da lareira. O cachorro voltou a rosnar.

— Fala pra esse grandão que sou amigo.

Sally deu um tapinha na cabeça de Chaka, que se sentou, alerta, ao lado dela. Ela continuou de pé.

— Estou ocupada — disse ela. — O que quer?

— O que você sabe sobre espiritualismo?

— Ah, por favor, Fred — reclamou Sally. — Tá brincando, né? Preciso trabalhar.

— Ou um homem chamado Mackinnon? Um mágico?

— Nunca ouvi falar.

— Tudo bem, outro homem então. Seu nome é Bellmann. E algo chamado Estrela do Norte, já ouviu falar?

Ela arregalou os olhos. Apoiou-se em uma das cadeiras e se sentou lentamente.

— Sim, já ouvi falar — disse. — O que é tudo isso?

Ele contou resumidamente o que ocorrera na sessão de Streatham e entregou a ela o papel com as anotações feitas por Jim. Sally piscou repetidas vezes e apertou os olhos.

— Foi o Jim quem escreveu isto? — perguntou. — Geralmente, sou capaz de entender sua letra, mas...

— Ele fez as anotações no trem — disse Frederick. — Você precisa arranjar iluminação decente para esse lugar. Aqui, deixa que eu leio para você.

Quando ele terminou a leitura, olhou para ela e viu uma vaga expressão de entusiasmo em seu rosto.

— E então? — perguntou.

— O que você sabe sobre Axel Bellmann? — indagou Sally.

— Quase nada. Sei que é um empresário, meu cliente trabalha para ele. É tudo o que sei.

— E ainda diz ser detetive?

Embora o criticasse, não havia sinal de zombaria. Em seguida se agachou à procura de alguns papéis aos seus pés. Os cabelos caíram novamente sobre o rosto; ela os afastou com irritação e em seguida encarou Frederick; as bochechas dela

coraram e os olhos brilharam. No mesmo instante, um sentimento muito familiar abateu Frederick: de amor incorrigível, seguido de outro igualmente familiar: de frustrante resignação. Como era possível que essa economista bagunceira, meio ignorante e obsessiva conseguisse exercer tanto poder sobre ele?

Suspirou e viu que ela segurava uma folha de papel. Ele apanhou a folha e leu o conteúdo. A caligrafia era dela, clara e harmoniosa.

— Axel Bellmann — nascido na Suécia (?), 1835 (?) — ganhou notoriedade no ramo de madeira de lei, nos Bálticos — fábricas de fósforos em Goteborg, Estocolmo, fábrica em Vilno foi fechada por ordem do governo, após incêndio em que 35 operários morreram — atuação em transportes marítimos: Companhia de Navegação a Vapor Anglo-Baltic — minério, ferro — compra companhias à beira da falência por baixos preços, ele as fecha e vende seus bens e ativos — esteve na Inglaterra pela primeira vez em 1865 — obscuro escândalo envolvendo linhas férreas mexicanas — desaparece — parece que esteve encarcerado no México 1868-1869 — reaparece na Rússia, cria uma sociedade com Arne Nordenfels em outro esquema, novamente, relacionado a ferrovias (?) — nenhum sinal de Nordenfels antes ou depois — Bellmann chega a Londres em 1873, aparentemente com quantidade ilimitada de recursos — jornais o apelidam de Rei do Vapor — investiu em novas empresas, sobretudo de minério e químicas — atuação financeira em tecnologia a vapor, ferrovias etc. — Estrela do Norte? — solteiro — endereços: Hyde Park Gate, 47; Baltic House, rua Threadneedle.

Frederick devolveu o papel.

— O sujeito é no mínimo suspeito. Por que seu interesse nele?

— Tenho uma cliente que perdeu todas as suas economias com a Companhia Marítima Anglo-Baltic. A culpa foi minha, Fred; foi horrível. Eu a aconselhei a investir na empresa e alguns meses depois a companhia faliu. Não tinha qualquer indício de que isso poderia acontecer... Pesquisei e suspeito que Bellmann tenha feito isso de propósito. Ele simplesmente aniquilou a empresa. E, claro, milhares de pessoas perderam dinheiro com essa companhia. Foi algo muito bem pensado; ninguém nunca suspeitaria... Ainda assim, quanto mais investigo, mais sinto que há algo de muito errado nessa história. Tudo é ainda muito vago para se ter certeza, mas sei que é alguma coisa suja. Esse homem Nordenfels...

— O sócio da Rússia? O que desapareceu sem deixar pistas?

— É. Hoje descobri que ele era engenheiro naval e que trabalhava com motores a vapor. Foi quem elaborou o motor do *Ingrid Linde*, um navio a vapor da Anglo-Baltic que desapareceu do mapa a caminho de Viga. Não estava propriamente segurado e foi um dos incidentes que arruinaram a empresa. Mas Nordenfels simplesmente desapareceu; não há sinal dele depois da Rússia.

Frederick coçou a cabeça e se inclinou para trás, esticando as pernas, com

cuidado para evitar encostar em Chaka.

— E por que há um ponto de interrogação após “Estrela do Norte”?

— Simplesmente porque não sei o que é. Por isso a sessão de que falou é tão interessante. O que ela disse, mesmo?

Sally pegou a anotação da mão dele e a esmiuçou:

— “Não é Hopkinson, mas eles não devem saber”... e então a vidente diz: “o regulador”. Isto é impressionante, Fred. Essa empresa — Estrela do Norte — ninguém sabe o que é ou para que serve; com certeza a imprensa não sabe. Só consegui descobrir que, de alguma forma, está relacionada a uma máquina, um processador ou algo parecido, que se chama Autorregulador Hopkinson.

— Motores a vapor possuem reguladores — disse Frederick. — E ele é chamado de o Rei do Vapor, não é, esse tal Bellmann?

— Era. Acho que Bellmann tem alguém trabalhando para ele, um jornalista, talvez, que coloca notas sobre ele nos jornais; não são matérias propriamente ditas, mas pequenos artigos para o tornar atraente e importante; alguém em quem valha a pena investir. Quando estive por aqui, pela primeira vez, cinco ou seis anos atrás, e instalou suas primeiras empresas, era assim que o chamavam. Mas esse nome não tem sido mais usado. E as histórias que agora publicam sobre ele são matérias completas, embora não muitas. Ele já quase não aparece. Ainda assim, é o homem mais rico da Europa, e é perverso, Fred. Destrói tudo ao seu redor. Quantas pessoas, como minha cliente, devem ter investido seu dinheiro na empresa desse homem e foram por ele deliberadamente prejudicadas? Vou dar um jeito nele. Farei com que ele pague pelo que fez.

Os punhos dela estavam cerrados sobre os joelhos e os olhos faiscavam. O grande cachorro rosnou levemente ao seu lado.

— Mas e a história do espiritualismo? — disse Frederick, após um momento. — Esta médium, a sra. Budd, está de fato captando essas mensagens do espaço celeste ou está mentindo? Não sei o que pensar.

— Não a conheço — disse Sally. — Mas conheci pessoas em Cambridge, cientistas, que investigavam esse assunto. Tem alguma coisa de paranormal, sem dúvida. Ela pode, por exemplo, estar lendo a mente do seu cliente.

— Possivelmente... Embora ele não soubesse nada sobre as tais faíscas. Muito menos as 300 libras. Me parece uma quantia ridícula em se tratando do homem mais rico da Europa.

— Talvez não seja dinheiro — disse Sally.

— Peso? Ele é gordo?

— Motores a vapor — ela disse.

— Ah. Pressão. Trezentas libras por polegada ao quadrado... Impossível. Talvez seja isso que o Autorregulador faz. Impede que a pressão chegue a esse nível. Mas

existem válvulas para isso. Interessante, Lockhart. Ontem mesmo, outro cliente... bem, não um cliente exatamente, Jim o levou lá para casa do teatro de variedade... um mágico. Ele vem tendo visões, psicometria, segundo ele, e diz ter visto um assassinato. Não sei o que acha que posso fazer por ele...

— Hummm. — Sally parecia estar com a cabeça em outro lugar. — Você vai pegar o caso da sessão espírita? — perguntou.

— Já peguei. Procurarei Nellie Budd assim que as placas forem reveladas para saber o que ela tem a dizer. Por quê?

— Apenas não se meta no meu caminho.

Ele se ajeitou na cadeira, irritado.

— Ora, muito bem! Poderia dizer o mesmo a você, careta pretensiosa, se eu não fosse tão educado. Como sou, prefiro controlar minha língua. De fato, não se meta no meu caminho!

Ela sorriu.

— Tudo bem. Paz. — Então o sorriso se desfez, e ela voltou a demonstrar cansaço. — Mas, por favor, Fred, tenha cuidado. Eu preciso pegar esse dinheiro de volta. E se descobrir qualquer coisa relevante, ficarei grata em saber.

— Por que não trabalhamos juntos?

— Não. Avançaremos mais separadamente. Sério.

Ela não iria ceder, Fred sabia disso; alguns minutos depois ele se levantou para ir embora. Ela o acompanhou até o andar térreo, com o gigante cachorro preto à frente deles em meio à escuridão. Frederick se virou, já do lado de fora, estendeu a mão e, depois de hesitar por alguns segundos, ela apertou a mão dele.

— Trocaremos informação — ela disse. — Mas só isso. Ah, antes que eu esqueça...

— O quê?

— Estive com Jim hoje de manhã. Você deve a ele meio guinéu.

L

Frederick riu.

— O quê? O que é? — perguntou Webster da bancada. Era a manhã seguinte à sessão espírita e Frederick, após dar meio guinéu a um vitorioso Jim, revelava a foto de Nellie Budd.

— Ela tem quatro mãos! — exclamou Frederick. — A luz tá muito boa também.

— Não confie muito nisso — disse o tio. — Se atenha ao magnésio, é o meu conselho. — Ele se aproximou para ver melhor a impressão que Frederick tinha nas mãos. — Minha nossa, ela tem bem mais de um truque na manga, não?

A mulher foi pega em flagrante — uma das mãos erguia a beirada da mesa, enquanto a outra puxava um fio ou filete preso às cortinas. Jim, que aparecia em um dos extremos da foto, ao lado dela, segurava algo que parecia ser uma luva recheada.

— Olhando agora, pode parecer bobo — comentou Frederick. — Mas a mão que eu segurava parecia tão real. Olhe a cara do Jim...

Os traços alegres de Jim foram captados em uma expressão entre compaixão respeitosa e susto, de alguém prestes a perder as calças. Webster deu uma gargalhada.

— Isso vale seu meio guinéu — disse Jim. — O que vai fazer agora? Tirar a moça do mercado?

— Ah, não! — disse Frederick. — Gostei muito dela para fazer algo assim. Se os membros da Liga Espiritualista de Streatham & District são tolos o suficiente para caírem nisso, desejo boa sorte para Nellie Budd. Acho que vou imprimir algumas cópias e vender. Chamarei: “Apreensão ou Jim e os Espíritos”. Brincadeira, ela será o meu cartão de visita, quando eu for vê-la.

Frederick planejou a visita para aquele mesmo dia, mas no meio da manhã teve

que adiar seus planos; Mackinnon apareceu embrulhado em uma capa comprida, com um chapéu de abas largas para não ser reconhecido, mas acabou chamando mais atenção entrando às escondidas com aquele disfarce do que se tivesse aparecido com toda uma cavalaria.

Webster estava ocupado no estúdio, Jim saíra e Frederick estava só, nos fundos da loja.

— Preciso de sua ajuda — disse Mackinnon em tom de urgência, assim que os dois sentaram. — Tenho um compromisso particular esta noite e gostaria que o senhor estivesse lá. Caso conheça o homem...

— Compromisso particular?

— Uma apresentação beneficente na casa de Lady Harborough. Umas cem pessoas ou mais. Eles pagam cinco guinéus e o dinheiro vai para um fundo de ajuda a um hospital. Não cobrarei por meus serviços, claro. Apenas uma contribuição para cobrir gastos.

— Sim, e o que quer que eu faça? Já disse que não sou do ramo de segurança particular. Se quiser um guarda-costas...

— Não, não preciso de um guarda-costas. Me sentiria mais seguro com alguém que vigiasse ele, só isso. Caso ele tente entrar em contato comigo, o senhor poderia puxar uma conversa. Distraí-lo, entende?

— Nem sei qual a aparência do homem. O senhor está sendo muito vago e confuso sobre tudo isso, sr. Mackinnon. Acha que ele o persegue, por saber que o senhor teve uma visão em que ele matava alguém, mas o senhor não sabe quem, não sabe onde nem quando e não sabe seu nome, não sabe...

— Estou te contratando para descobrir tudo isso — disse Mackinnon. — Se o senhor não pode, peço que indique outro detetive que possa.

Ele se mostrou austero e autoritário, e um pouco ridículo com aquela capa e chapéu de estilo boêmio. Frederick riu.

— Tá bom, então — concordou. — Se é assim, eu aceito. Mas não vou ser seu segurança particular, espero que isso fique claro. Se esse sujeito resolver enfiar uma espada no senhor, olho para o teto e assovio. Já passei por uma boa cota de brigas.

Esfregou o nariz, que quebrou em uma luta, seis anos antes, em um ancoradouro deserto em Wapping — uma luta da qual ele sobreviveu por sorte.

Mackinnon disse:

— O senhor irá, então?

— Sim. Mas tem de me dizer o que fazer. Quer que eu finja ser seu assistente de palco ou o quê?

A expressão de Mackinnon mostrou o que ele achava da ideia. E então entregou a Frederick um convite.

— Mostre isto na entrada do evento, pague seus cinco guinéus e o deixarão entrar

— concluiu. — É preciso se vestir com roupa de gala, naturalmente. Apenas... observe tudo. Encontrarei um jeito de lhe mostrar quem ele é, se ele estiver lá. Não sei se irá. E se o senhor o vir, descubra quem ele é... bem, sabe o que fazer.

— Parece fácil o suficiente — disse Frederick. — Só tem um problema nesse plano. Os cinco guinéus serão seus, não meus.

— Claro — disse Mackinnon impacientemente. — Isto está claro. Estará lá, então. Confio no senhor.

Quem for à rua Burton para uma foto provavelmente terá seu retrato tirado por um jovem fotógrafo, moreno e forte, de nome Charles Bertram, por quem Webster Garland tem grande admiração; imaginativo e talentoso, suas fotos captam uma atmosfera viva e dinâmica. Charles simpatizou, assim como Sally, com a forma de vida democrática e boêmia da família Garland, uma vez que seu pai era barão e ele, conseqüentemente, um nobre; e estaria predestinado a permanecer um aristocrata amador se não tivesse conhecido Webster. Entre artistas e técnicos, apenas a habilidade tinha relevância, e Charles Bertram tinha habilidade de sobra. Acabou então entrando para o negócio, com Jim, o assistente de palco, Frederick, o detetive, Webster, o gênio, e eventualmente Sally, a consultora financeira.

Não estava apenas praticando para tirar retratos, é claro. Tirar retratos por dois xelins e seis centavos a hora não era seu objetivo de vida. Ele e Webster trabalhavam em algo bem mais ambicioso: nada menos do que captar o movimento em uma placa fotográfica. Havia investido no negócio com dinheiro do próprio bolso para a construção de um estúdio maior no jardim atrás da loja, para quando o experimento precisasse de mais espaço. Enquanto isso, ajudava na loja e tinha sua parcela de tarefas variadas, como a desta manhã; instalar a nova lente na câmera mestra do estúdio.

Frederick estava na cozinha anotando suposições a respeito de Mackinnon e Nellie Budd, buscando entender se teria uma conexão entre os dois, como suspeitava Jim, quando a cabeça de Charles apareceu na porta entreaberta e disse:

— Fred?

— Olá, Charlie — cumprimentou Frederick. — Sabe alguma coisa sobre espiritualismo?

— Nada, felizmente. Será que você pode me dar uma mão com a nova Voigtländer? Preciso de alguém para ficar de pé e...

— Será um prazer. E depois você pode me fazer um favor — pediu Frederick, caminhando com ele até a desordem que era o quarto revestido de pesadas cortinas que servia de estúdio.

Ao acabarem, Frederick explicou a Charles o que teria de fazer naquela noite para Mackinnon.

— Parece um tipo bastante esperto — disse Charles. — Eu o assisti há uma ou

duas semanas, no Teatro Britannia. Jim me disse para ir. Talento assombroso o dele... Quer dizer que ele tá sendo perseguido?

— É o que ele diz.

— Deve ser Mefistófeles. Mackinnon vendeu sua alma e agora o diabo o persegue para recuperá-la.

— Não ficaria nem um pouco surpreso. Mas, escuta, Charlie, você conhece essa gente toda, Lorde disse, Condessa daquilo, você não podia me acompanhar, podia, e me mostrar quem é quem? Me leve a uma corrida ou a uma casa de ópio e eu sei me virar, mas a aristocracia inglesa é um mistério pra mim. Tá ocupado hoje à noite?

— Não. Adoraria. Acha que teremos problemas? Devo levar uma pistola?

Frederick riu.

— Você conhece os hábitos dos seus companheiros — disse. — Se é comum esse tipo de coisa em eventos de caridade, é melhor ir preparado. Mas se começarem a jogar coisas, fujo pelos fundos, já avisei Mackinnon.

A residência de Lady Harborough estava cheia de gente quando eles chegaram. Apresentaram seus convites na porta, pagaram a entrada e em seguida foram levados até um salão superaquecido, onde lampiões e lustres iluminavam e faziam brilhar as joias das mulheres presentes e as abotoaduras dos homens. Duas portas separavam esse salão do de baile, onde uma pequena orquestra, tocando valsas discretas, atrás de uma fileira de vasos com palmeiras, era praticamente sufocada pelo zurro de vozes aristocratas.

— Qual delas é Lady Harborough? — perguntou Frederick. — Como convidado, suponho que eu deva saber quem é.

— É aquela velha de lornhão — disse Charles. — Ao lado da lareira, conversando com Lady Wytham. Será que a filha veio? Ela é um luxo.

— A filha de quem?

— De Wytham. É aquele que está conversando com Sir Ashley Hayward, o homem das corridas.

— Ah, esse eu conheço. De vista. Ganhei dez libras com seu cavalo Grandee, no ano passado. Então esse é o Lorde Wytham, o ministro?

Lorde Wytham era um homem alto, grisalho, e aparentava nervosismo; seus olhos se mexiam de um lado para o outro, ele mordia os lábios, e de tempo em tempo levava uma das mãos à boca e roía uma das unhas como um cachorro faminto.

Ao lado de Lady Harborough, quieta e silenciosa, estava sentada uma moça que Charles disse ser Lady Mary Wytham. Uns jovens falavam alto no grupo próximo a ela, que sorria educadamente uma vez ou outra, mas que na maior parte do tempo mantinha o olhar fixo no chão, mãos dobradas sobre o colo. Como Charles dissera, era linda — embora Frederick achasse, ao sentir falta de ar quando a viu pela primeira vez, que “linda” não era bem a palavra. A menina era surpreendentemente

encantadora, com uma graça, uma timidez e uma cor de pele corada que o fez querer pegar sua câmera para tirar uma foto, embora nada pudesse captar o tom róseo de sua face ou a tensão nervosa na linha dos ombros e do pescoço.

Bem, talvez Webster pudesse. Ou Charles.

Mas parecia ser uma família estranha, pensou, visto que pai e filha tinham em comum esse desespero controlado. Lady Wytham, também, tinha um ar angustiado; estava mais para charmosa do que linda, mas seus olhos eram sombrios e preocupados do mesmo jeito trágico.

— Me fala do Wytham — pediu a Charles.

— Bem: 7º Conde, ele tem uma cadeira no Conselho Escocês. É presidente do Conselho Comercial, pelo menos era. Pelo que entendi, Disraeli o afastou do Gabinete. Lady Mary é sua única filha; não sei muito sobre a família da esposa. Na verdade, isso é tudo o que sei. Ele não é o único político aqui. Veja, Hartington também está aqui...

Charles mencionou alguns outros nomes, e qualquer um deles Frederick achava que poderia ser o perseguidor de Mackinnon. Mas a todo instante ele sentia seu olhar atraído pela figura quieta e elegante de Lady Mary Wytham, sentada no sofá próximo à lareira em seu vestido branco de noite.

Houve tempo para outra taça de champanhe antes que a atração principal fosse anunciada. Por entre as duas portas que davam no salão de baile, era possível ver uma grande quantidade de cadeiras, posicionadas de frente para um pequeno palco. Uma cortina de veludo cruzava os fundos do palco e a parte da frente estava cercada por samambaias e pequenas palmeiras.

A orquestra se retirou, porém um pianista aguardava ao lado de seu instrumento, sob o palco. O público levou cerca de cinco minutos para se acomodar nas cadeiras; Frederick fez questão de se sentar com Charles ao lado do palco para que Mackinnon pudesse vê-lo bem e para garantir uma rápida saída para a rua caso precisassem fugir. Ele explicou isso a Charles, que deu uma risada.

— Parece uma das lorotas de Jim — disse. — Daqui a pouco teremos a presença do duende Jack dos Calcanhares de Mola, ou O Caveira nos agarrando pelo colarinho e exigindo nosso dinheiro. O que você está realmente esperando?

— Não faço a menor ideia — falou Frederick. — Nem mesmo Mackinnon, e isso é metade do problema. Olha, aí vem nossa anfitriã.

Lady Harborough, após se informar pelos empregados que todos os convidados estavam acomodados, fez um pequeno discurso do palco, descrevendo o valioso trabalho de seu fundo beneficente. Basicamente, parecia ser um trabalho destinado a retirar mães solteiras da pobreza para sujeitá-las à servidão, com a desvantagem adicional de que eram obrigadas a ouvir diariamente os sermões de um pastor evangélico.

O discurso não durou muito. Lady Harborough desceu do palco com a ajuda de empregados; o pianista assumiu seu lugar, ajeitou as partituras e tocou uma série de músicas sinistras de arpejo em volume baixo. A cortina foi aberta e Mackinnon apareceu.

Ele estava transformado. Jim já tinha narrado a mudança, mas Frederick não acreditou; e agora piscava os olhos, perplexo, ao ver aquela figura dissimulada e obscura como conhecia se mostrar tão imponente e dominador. Usava a maquiagem branca sobre o rosto — bizarra à primeira vista, mas que, na realidade, surtia um efeito brilhante, pois permitia que ele fosse ora sinistro, ora cômico ou mesmo atraente — uma caveira, um palhaço ou um pierrô.

Sua aparência era importante para a execução do show. Ele não fazia apenas truques; claro, transformava flores em aquários de peixinho dourado, colhia cartas de baralho do ar e fazia castiçais de prata sólida desaparecerem, como os demais mágicos; porém, os truques eram os meios, não os fins em sua performance, e esse fim era a criação de um mundo singular. Um mundo onde nada era fixo, tudo era mutável; no qual identidades se fundiam e se dissolviam; qualidades como *sólido*, *macio*, *alto e baixo*, *triste e alegre* se transformavam em seus opostos em um piscar de olhos e perdiam o sentido. O único guia confiável era a desconfiança; e o único tema constante, a suspeita.

Era um mundo, pensou Frederick, mais que diabólico, pois não havia encanto na apresentação de Mackinnon, nenhum sentido de jogo inocente. Ele desdenhou esse pensamento que se formava (estaria ficando supersticioso?), mas era exatamente isso: Mackinnon convocava sombras, mesmo que rissem delas na claridade.

Então chegou a hora do truque em que Mackinnon pedia a alguém da plateia um relógio emprestado. Ao anunciar o pedido, ele olhou bem nos olhos de Frederick e seus olhos escuros brilharam; Frederick entendeu a mensagem na hora e soltou seu relógio do colete e o levantou. Outras mãos estavam levantadas, mas Mackinnon desceu do palco elegantemente e em segundos estava ao lado de Frederick.

— Obrigado, senhor — disse ele em voz alta. — Eis um cavalheiro de boa-fé no mundo dos encantamentos! Ele saberia das terríveis transformações que cairão sobre seu relógio? Não! Será ele devolvido ao seu dono como um crisântemo? Ou como um arenque defumado? Ou como um punhado de molas e rodas dentadas? Coisas ainda mais estranhas já aconteceram. — Então, subitamente, Frederick ouviu um sussurro:

— Ao lado da porta. Acabou de entrar.

Um momento depois, Mackinnon estava de volta ao palco, embrulhando o relógio em um lenço de seda, com muitos floreios e declamações. Frederick se perguntou se era fruto de sua imaginação ou se a voz de Mackinnon agora tinha traços de histeria. Ele parecia estar falando mais rápido, seus gestos pareciam mais exagerados, menos

comedidos... assim que pôde, Frederick se virou discretamente para ver o homem indicado por Mackinnon.

Na cadeira mais próxima da saída, estava sentado um homem grande, forte, com cabelo louro e sedoso. Ele observava o palco com olhos impassíveis e atentos; um dos braços estava apoiado no encosto da cadeira vazia ao seu lado, e sua postura era de autoridade e de quem estava em estado de alerta. Apesar da roupa de gala impecável, havia algo de brutal nele. Ou melhor, pensou Frederick, não era brutal, pois essa era uma característica de um animal; e esse homem parecia uma máquina.

Mas por que Frederick achava isso?

Ao notar que estava encarando o cavalheiro, virou-se para o tablado. Mackinnon finalizava uma complexa atividade com o relógio, mas sua atenção não estava ali. Frederick percebeu que as mãos do mágico tremiam enquanto moviam o lenço de um lado a outro e viu que volta e meia ele olhava de relance para o homem próximo à porta.

Frederick se virou de lado, cruzando as pernas, como se procurasse uma posição mais cômoda. Conseguiu manter Mackinnon e o homem exatamente no seu ângulo de visão e foi possível ver que o louro, com um sutil movimento do dedo, chamou um criado. O empregado se curvou para ouvi-lo, e o visitante olhou para Mackinnon novamente e parecia falar sobre ele. Frederick sabia que Mackinnon também tinha visto e, ao observar o criado assentir com a cabeça e sair do recinto, viu Mackinnon vacilar. Agora, a sensação era de que havia apenas três pessoas no salão de baile: o louro, Mackinnon e Frederick, como observador do estranho duelo de vontade.

A essa altura, o público já havia percebido que algo estava errado. A fala desenvolta de Mackinnon se esgotou, o lenço estava frouxo em sua mão e o rosto tinha aparência macabra; foi então que soltou o lenço e cambaleou para trás.

A música parou. O pianista olhou para o palco, hesitante. Mackinnon se agarrou à cortina e conseguiu dizer:

— Perdoem-me... uma indisposição... preciso deixar o palco.

Em seguida fechou a cortina e desapareceu.

A plateia era educada demais para reagir com impulsividade, mas foi inevitável que houvesse um burburinho a respeito do incidente. O pianista, por iniciativa própria, começou a tocar uma valsa suave, e Lady Harborough se levantou na fileira da frente e cochichou algo com um senhor, provavelmente seu marido.

Frederick bateu os dedos nos braços da cadeira, mas logo mudou de ideia.

— Charlie — disse em voz baixa. — Aquele sujeito ao lado da porta, louro, forte. Descubra quem ele é, sim? Nome, status, número, tudo que puder.

Charles fez que sim com a cabeça. — Mas o que vai...

— Vou investigar — disse Frederick.

Saiu de seu lugar e caminhou na direção de Lady Harborough. Ela estava ao lado

do piano, acompanhada de um senhor, que parecia ser seu marido, e acenava para um dos criados. O resto dos espectadores — a maioria — desviava o olhar educadamente e conversava entre si como se nada tivesse acontecido.

— Minha senhora? — disse Frederick. — Perdoe-me por interromper, mas sou médico e caso o sr. Mackinnon esteja indisposto, talvez fosse melhor que eu o examinasse.

— Ah! Que alívio! — disse ela. — Estava prestes a pedir que chamassem um médico. O senhor pode acompanhar o criado, doutor...

— Garland — disse Frederick.

Um laçao frio e sério, cabelos cheios de talco branco, panturrilhas grossas, ressaltadas pela meia-calça branca, piscou impassível e fez uma leve reverência. Enquanto seguia o criado para fora do salão de baile, Frederick ouviu Lady Harborough dando ordens para que trouxessem a orquestra de volta e viu Charles Bertram de conversa com alguém na fileira de trás.

O criado o levou por um hall, passando por um corredor e finalmente até uma porta próxima à biblioteca.

— O sr. Mackinnon estava usando este aposento como camarim, senhor — disse.

Ele bateu na porta, mas não houve resposta. Frederick passou a sua frente e virou a maçaneta. O lugar estava vazio.

— Não havia um criado no hall? — perguntou Frederick.

— Sim, senhor.

— Poderia ir perguntar a ele se viu o sr. Mackinnon sair do salão?

— Certamente, senhor. Mas ele não teria vindo daquela direção, se me permite dizer, senhor. É mais provável que ele tenha passado pelo escritório, uma vez que saiu por detrás do palco, senhor.

— Entendo. Mas caso o sr. Mackinnon desejasse ir lá fora tomar ar fresco, ele teria passado pelo hall, não teria?

— Acredito que sim, senhor. Devo perguntar?

— Por favor, faça isso.

Enquanto o criado já não estava mais por perto, Frederick olhou à sua volta. Era uma pequena sala de estar, com uma única lamparina acesa, sobre a lareira. A capa e o chapéu de Mackinnon estavam pendurados no encosto de uma poltrona, próxima à lareira. Havia um estojo de vime aberto sobre uma mesa e um recipiente com maquiagem ao lado de um espelho de mão — mas não havia sinal de Mackinnon.

Cerca de um minuto depois, o criado bateu na porta.

— Parece que tinha razão, senhor — disse. — O sr. Mackinnon correu para a porta da frente da residência e se foi.

— Tenho certeza que ele voltará quando se sentir melhor — assegurou Frederick.

— Pois bem, não há nada que possa ser feito no momento. Poderia me mostrar o

caminho de volta ao salão?

No salão de baile, os criados estavam removendo as cadeiras, enquanto a orquestra se reposicionava no palco. Os lacaios passeavam pelos grupos com mais champanhe; era como se o tempo tivesse voltado uma hora e Mackinnon nunca tivesse começado sua apresentação.

Frederick olhou ao redor, à procura do louro, mas ele não estava à vista. Charles também não. Frederick pegou uma taça de champanhe com um criado que se aproximou e perambulou pelo salão, observando os rostos dos convidados. *Bando de gente sem graça, considerando apenas as aparências, pensou Frederick, polidos, insossos, ar de superioridade...* Ele se perguntou que horas seriam, e então lembrou que Mackinnon estava com seu relógio. Isto se ainda era um relógio e não um coelho ou um taco de críquete, concluiu aborrecido.

Então viu Lady Mary Wytham e parou para observá-la. Ela estava sentada não muito distante do piano, ao lado da mãe. Ambas sorriam educadamente para alguém que Frederick não conseguia ver; havia uma palmeira obstruindo sua visão. Caminhou um pouco e voltou a olhar naquela direção, casualmente, e foi quando viu o “louro”.

Ele estava sentado de frente para elas, de costas para Frederick, conversando descontraído. Frederick não conseguia ouvir o que diziam, porém temia se aproximar; sentia-se exposto o suficiente de onde estava. Com o pretexto de acompanhar o ritmo da música, inclinava a cabeça e observava Lady Mary atentamente. Havia uma sombra daquela mesma aflição que ele notara nos olhos dela mais cedo. Ela não falava nada; quando havia necessidade de alguma resposta, a mãe respondia por ela. Lady Mary escutava, obediente, e ocasionalmente ela olhava rapidamente a sua volta e para trás. Frederick não sabia dizer ao certo quantos anos ela tinha; às vezes parecia ter 15 anos.

Então o louro se levantou. Fez uma reverência para as damas e tomou a mão de Lady Mary, que ela cedeu com hesitação, e beijou. Corou, mas sorriu educadamente, enquanto ele se virou e partiu.

Quando o louro passou por ele, Frederick olhou como quem não quer nada. Parecia ter grande força física, poder, como um gigantesco volume de água jorrando de uma represa, de cabelo pálido e olhos azul-acinzentados. E então ele desapareceu. Frederick pensou em segui-lo, mas descartou a ideia na mesma hora; certamente o homem tinha uma carruagem, e até que Frederick conseguisse encontrar uma de aluguel já o teria perdido de vista. De qualquer forma, ali vinha Charles Bertram na sua direção.

— Encontrou Mackinnon? — perguntou Charles.

— Não. Ele é o genuíno fogo-fátuo — disse Frederick. — Mas vai aparecer de novo. É bom que ele volte, maldição; quero meu relógio de volta. E o sujeito de

cabelo claro? Ele estava agora há pouco flertando com Lady Mary Wytham.

— Estava? — perguntou Charles. — Que interessante. Acabei de ouvir rumores a respeito de Wytham; parece que o velho está à beira da falência. Mas não sei se é verdade. E o “louro” é um empresário, um figurão do setor de ferrovias, minério e fósforos também. Sueco. Seu nome é Bellmann.

U

Na manhã seguinte, antes que Frederick tivesse tempo de contar sobre a ligação de Mackinnon com o caso, Sally chegou ao escritório e encontrou um cliente a sua espera.

Pelo menos ela pensou que fosse um cliente. Seu nome, ele disse, era Windlesham; um homem de estatura baixa e gestos delicados, com óculos de aros redondos, folheados a ouro. Ele esperou educadamente Sally acalmar Chaka e retirar seu casaco e chapéu. E então revelou a surpreendente notícia.

— Venho em nome do sr. Axel Bellmann — disse. — Acredito que esse nome soe familiar.

Ela se sentou lentamente. O que ele queria dizer com aquela afirmação?

— Chegou ao conhecimento do sr. Bellmann — continuou — que a senhorita vem fazendo averiguações persistentes e hostis a respeito dos negócios dele. Ele é um homem ocupado, com inúmeras e importantes responsabilidades e atividades, e rumores tão infundados e mal-intencionados, como os que a senhorita está tentando espalhar, embora sejam extremamente triviais, apenas causam irritação e inconveniência. Com o intuito de poupá-la de uma advertência formal e da inconveniência de um processo legal, o sr. Bellmann me enviou até aqui para que a informasse de seu descontentamento, na esperança de que a senhorita compreendesse e não prosseguisse nesse caminho improdutivo que escolheu seguir.

Ele entrelaçou as mãos e sorriu gentilmente para ela.

O coração de Sally estava acelerado. Conseguiu pensar em uma só coisa para dizer.

— O senhor decorou tudo isso ou foi de improviso?

O sorriso desapareceu da face do homem.

— Parece que a senhorita não entendeu — disse. — O sr. Bellmann...

— Eu entendi perfeitamente. O sr. Bellmann está assustado e agora quer me

assustar. Pois eu não me intimidarei, sr. Windlesham. Tenho motivos pessoais para tais averiguações e vou continuar a investigação até que me dê por satisfeita. E qual seria, exatamente, esse processo legal que o senhor mencionou?

Ele sorriu novamente.

— A senhorita é inteligente demais para acreditar que eu direi isso a essa altura. O sr. Bellmann vai decidir se irá ou não utilizar essa arma depois que souber da sua resposta, senhorita.

— Me diga — perguntou ela. — Qual é exatamente sua função na empresa do sr. Bellmann?

Ele demonstrou curiosidade com a pergunta.

— Sou o secretário particular do sr. Bellmann — respondeu. — Por que pergunta?

— Curiosidade. Bem, o senhor já me foi muito útil, sr. Windlesham. Agora, sei que estou no caminho certo. Imagino o que está deixando o sr. Bellmann tão ansioso. Seria o *Ingrid Linde*?

Foi um tiro no escuro, mas acertou no alvo. O sr. Windlesham tomou fôlego e franziu as sobrancelhas.

— Sinceramente, eu a aconselho a tomar cuidado — disse. — É muito comum que uma pessoa inexperiente cometa sérios erros ao interpretar fatos inocentes. Se eu fosse a senhorita, me dedicaria exclusivamente aos assuntos de consultoria financeira, sem dúvida alguma. E se me permite — ele se levantou, apanhando sua bengala e o chapéu —, pessoalmente, admiro muito sua empresa. Sempre tive simpatia e sincero interesse pela causa feminista. Concentre-se no que sabe fazer, srta. Lockhart. Desejo todo o sucesso do mundo. Mas não deixe que a imaginação a faça perder a razão.

Ele ergueu a bengala como forma de cumprimento. Sem entender, Chaka se levantou e rosnou, mas o homenzinho nem ligou.

É, pensou Sally ao vê-lo ir embora, um sujeito cara de pau, esse. O que faço agora?

O que ela fez, assim que o homem partiu, foi vestir sua capa e chapéu e se dirigir ao escritório de seu amigo, o advogado sr. Temple.

O sr. Temple era um senhor irônico que tinha um cheiro permanente de tarlatana, bolo de erva-doce e rapé. Ele foi advogado do pai de Sally e a ajudou quando o capitão Lockhart fora morto seis anos antes; Sally o deixou tão impressionado com seu conhecimento sobre o mercado de ações e seu tino para as finanças que o advogado superou suas reservas ultrapassadas e, primeiro, a auxiliou na sociedade com Webster Garland e, depois, na criação do próprio negócio.

Ela relatou resumidamente o caso e descreveu a visita do sr. Windlesham naquela manhã.

— Sally — disse ele, quando ela terminou. — Vai tomar cuidado, não vai?

— Foi isso o que ele disse. Achei que você fosse dizer algo mais original.

Ele sorriu e deu uma pancadinha na caixinha de rapé.

— A grande força da lei — afirmou — reside no fato de que muito pouco dela é original; graças aos céus. Me diga, o que sabe sobre a Estrela do Norte?

Ela fez um resumo do que sabia, o que não era muito. Contudo, deixou Nellie Budd de fora. Considerou que o sr. Temple dificilmente ficaria impressionado com as revelações do mundo dos espíritos. Não sabia nem se ela mesma estava.

— Não estou certa se é uma empresa de manufatura ou mineração — completou.

— Sei que há uma relação com outra empresa de produtos químicos, mas isso é tudo o que sei. O que o senhor acha que eles estão querendo manter em segredo?

— Material químico — disse, pensativo —, coisas malcheirosas e desagradáveis sendo despejadas e contaminando a água e... Ele ainda fabrica fósforos?

— Não. Houve uma investigação por parte do governo sueco e a fábrica foi fechada, mas parece que ele a tinha vendido um ano antes, então não foi responsabilizado.

— Pois bem. Eu tive a oportunidade de ouvir o nome Estrela do Norte num contexto diferente poucos dias atrás. Um homem do meu clube falava sobre sociedades cooperativas, sindicatos e assim por diante, e então ele comentou sobre uma nova empresa em Lancashire que estava sendo organizada sob condições um tanto suspeitas; eu não entendi bem do que ele falava, não estava prestando atenção, na verdade... não vou ao clube para receber lições de sociologia... mas o foco do assunto era que a tal empresa começou a organizar a vida de seus trabalhadores nos mínimos detalhes. Como Robert Owen. Controle total, se é que me entende. Me soou espantoso. Mas o fato é que se chamava Estrela do Norte.

Sally se ajeitou na cadeira e sorriu.

— Enfim! — disse ela.

— Como?

— Uma pista. O que faz a firma?

— Ah, isso ele não sabia. Suspeitava de algo relacionado a ferrovias... Aceita uma taça de xerez?

Sally aceitou e ficou observando os pequeninos flocos de poeira jurídica pairando no ar, iluminados pelo raio de sol poente que atravessava a velha janela, enquanto ele servia o vinho. O sr. Temple era um velho amigo e ela já jantara em sua casa muitas vezes, mas se sentia pouco à vontade quando os dois paravam de conversar sobre negócios. Situações corriqueiras e naturais para a maioria das mulheres de sua idade — conversar sobre amenidades, dançar graciosamente, flertar com um estranho durante um jantar e ao mesmo tempo usar impecavelmente os talheres apropriados — ainda eram para Sally momentos constrangedores, quase um trauma, pelas

lembranças de fracassos humilhantes. Quando não estava com seus balancetes e arquivos, só conseguia ser ela mesma em casa, na alegre e caótica residência dos Garland. Sally tomou um gole de um néctar de cor marrom-clara, calada, enquanto ele folheava os papéis que ela trouxera.

— Nordenfels... — disse o sr. Temple. — Quem é ele? Seu nome aparece mais de uma vez.

— Ah. Bellmann tinha um sócio chamado Nordenfels, era engenheiro. Li apenas ontem um artigo que saiu no jornal da Real Academia de Engenheiros mencionando seu nome. Aparentemente, ele teria criado um novo tipo de válvula, que funciona sob altas temperaturas ou pressões. Preciso ler com mais calma. Mas ele desapareceu — Nordenfels — três ou quatro anos atrás. Talvez tenham dividido os ativos da empresa. Mas sinto que há algo mais a respeito dele...

— Humm — fez o sr. Temple. — Se eu fosse você, evitaria seguir instintos. Prefira os fatos e números. Você está no caminho certo na investigação dessa Anglo-Baltic, isto está evidente. Já checkou o seguro do *Ingrid Linde*?

— Está na folha amarela, ali: tudo em ordem. Não é uma fraude de seguro. — Um minuto depois, ela continuou: — O tal sr. Windlesham ameaçou me processar. Será que ele quis dizer um mandado judicial?

— Duvido muito. A Corte teria que ser convencida de que sua investigação é equivocada, o que você provaria não ser. Em segundo lugar, não há provas de que suas averiguações são prejudiciais ao sr. Bellmann.

— Quer dizer que essa história de me processar é um blefe?

— Suspeito que sim. Mas há outras formas de te prejudicar, minha querida; bem piores do que a levar aos tribunais. E é por isso que eu insisto: tome cuidado.

— Tomarei. Mas não deixarei de me meter nos assuntos dele. Ele está tramando algo perverso, sr. Temple. Sei que está.

— É bem capaz que esteja certa. Bem, não quero te prender por muito tempo, mas meu cliente, sr. O'Connor, está aqui com mil libras. Posso chamá-lo para que você o oriente a transformar esta quantia em algo mais?

Naquele mesmo instante, no coração financeiro de Londres, Lorde Wytham estava sentado no corredor ao lado de um imponente gabinete, batucando sem parar em seu chapéu de seda e se levantando sempre que um escrevente aparecia em uma esquina ou porta.

O ex-ministro Lorde Wytham era um homem bonito, de uma beleza masculina sofisticada, com um olhar perdido, que nos dias de hoje vemos apenas em fotos de modelos de meia-idade fazendo tipo. Em um rosto real, passam ideia de fraqueza. Quando Frederick o viu pela primeira vez, sua primeira impressão foi de alguém atormentado e ansioso. Se o visse agora, a impressão seria ainda mais forte. As unhas estavam roídas até o sabugo. Os grandes olhos negros vermelhos e o bigode

grisalho falhado devido às muitas mordidas. Ele não conseguia ficar sentado por mais de um minuto; mesmo que ninguém aparecesse pelo corredor, ele se levantava do mesmo jeito e ficava com o olhar perdido em uma das pinturas na parede ou na janela de onde se via a rua Threadneedle ou na escadaria de mármore.

Finalmente, uma porta se abriu e um funcionário apareceu.

— O sr. Bellmann o verá agora, Lorde.

Lorde Wytham pegou seu chapéu de seda sobre a cadeira e seguiu o homem por uma antessala até um amplo escritório recém-mobiliado. Axel Bellmann se levantou de sua mesa e foi cumprimentá-lo.

— Que bom que veio, Wytham — disse, pedindo que se sentasse. — Que noite curiosa na residência da Lady Harborough, não?

Sua voz era grossa e ele quase não tinha sotaque, o rosto não apresentava nenhum sinal de rugas, o cabelo louro era liso e espesso. Ele podia ter qualquer idade entre 30 e 60 anos. Assim como seu escritório, ele tinha uma aparência industrial: era largo, pesado, frio e polido — porém uma polidez de aço manufaturado, não de carne e osso. Seus olhos marcantes eram diretos e desconcertantes. Não transpareciam qualquer estado de ânimo, de humor ou temperamento; praticamente não piscavam, embora faiscassem intensamente.

Lorde Wytham notou que, involuntariamente, desviava os olhos do outro homem, enquanto tocava, nervoso, a aba do chapéu. O funcionário se ofereceu para pendurar o chapéu, e Wytham o entregou. Bellmann observou o homem deixar a peça no cabide e sair; então se dirigiu novamente para Lorde Wytham.

— O evento de Lady Harborough — retomou. — Noite interessante, não?

— Ah. O sujeito desaparecendo daquele jeito. Sim, sem dúvida.

— Gosta de mágica, Wytham?

— Não posso dizer que tenho muita experiência...

— É mesmo? Acho algo muito interessante de observar. Talvez o senhor devesse ter observado com mais atenção.

Se aquela havia sido uma observação ambígua, Lorde Wytham não percebeu. Seus olhos escuros e vermelhos como sangue percorreram o ambiente, como se ele não quisesse encarar Bellmann.

— Pois bem — disse Bellmann, após alguns segundos de silêncio. — Suponho que o senhor esteja se perguntando por que o convidei para vir até aqui nesta manhã. Soube que o senhor foi dispensado do Gabinete Ministerial.

O rosto de Lorde Wytham ficou sombrio.

— O primeiro-ministro... bem, ele desejava redistribuir as pastas entre... hummmm... — disse, vacilante.

— Claro. O senhor foi dispensado. E agora está livre para assumir um papel ativo no mundo dos negócios, não é verdade?

— Como?

— Não há mais qualquer tipo de impedimento para que o senhor se torne diretor de uma companhia, certo?

— Bem, não. Exceto que... Não, nenhum. Não compreendo, senhor Bellmann.

— Evidente que não. Vou explicar melhor. Conheço em detalhes sua situação financeira, Wytham. Suas dívidas chegam aproximadamente a 400 mil libras, devido a uma combinação de investimentos malsucedidos, má administração e conselhos incompetentes. Não há perspectivas de que essa dívida seja paga, especialmente agora que o senhor não tem mais emprego, que está fora do governo, e já deve estar pensando, como próxima e última opção, decretar falência. Claro, isso significará todo tipo de vergonha e desonra. Se verificarmos seus bens, veremos que eles consistem quase que inteiramente na sua residência em Londres e sua propriedade rural. Contudo, ambas estão hipotecadas, ou não?

Lorde Wytham assentiu. Como aquele homem sabia tudo isso? No entanto, ele estava chocado demais para protestar.

— E há também a propriedade de sua filha — disse Bellmann. — Pelo que sei, ela possui terras em Cumberland.

— Como? Sim, é verdade. Não me serve, contudo. Não posso tocá-la, já tentei. Há um impedimento legal: é herança da família da mãe dela e só a ela pertence. Há minas, e assim por diante.

— Grafite.

— Ah, sim. Por Júpiter. Algo relacionado a lápis, disso eu sei.

— Essas minas têm o monopólio de certa forma de grafite das mais puras.

— Não ficaria surpreso. Meu agente Carlisle é quem cuida disso. Há anos, aliás. Eles fazem lápis com isso. Mas não é muito lucrativo; não há saída ali...

— Entendo — disse Bellmann. — E é por isso que pedi que o senhor viesse hoje até aqui. Posso lhe oferecer a posição de diretor de uma companhia que abri recentemente. O senhor não está mais no governo, porém seus contatos no Palácio de Whitehall serão de grande valia para mim. Não lhe pagarei por nenhuma de suas habilidades empresariais, visto que o senhor não possui nenhuma. O salário que ganhará como diretor será referente aos seus contatos no governo.

— Contatos? — perguntou Lorde Wytham, sem força.

— Com os oficiais da Bolsa de Mercadorias e no Ministério das Relações Exteriores. Para ser mais preciso, na área de licenças para exportação. O senhor conhece os cavalheiros responsáveis, sem dúvida.

— Ah, sim. Claro. Os secretários permanentes, entre outros. Mas...

— Não espero que exerça tráfico de influência; o senhor não conseguiria. O senhor vai me fornecer os contatos e eu me encarrego do restante. Isto resolve a questão da sua renda. Resta então o problema das dívidas. Sinto dizer que seu

salário de diretor não será suficiente para quitá-las. Entretanto, há uma solução. Desejo me casar com sua filha.

Foi algo tão absurdo de se ouvir, que Lorde Wytham pensou não ter entendido direito e mal conseguiu piscar. Bellmann continuou:

— Há algum tempo tenho a intenção de escolher uma esposa. Vi sua filha e sei que ela vai me satisfazer. Quantos anos ela tem?

Lorde Wytham engoliu em seco. Aquilo era absurdo, insano. Maldito homem! Como se atrevia? Mas então a consciência da catástrofe que espreitava cresceu como uma onda e o afundou de volta na cadeira, completamente impotente.

— Dezessete. Eu... sr. Bellmann, o senhor conhece minha posição... Eu...

— Tão bem quanto o senhor. Talvez até melhor, já que quando o assunto é dinheiro, o senhor é um tanto incompetente, ao contrário de mim. Você tem um mês para providenciar 390 mil libras. E o senhor não vai conseguir. Não consigo imaginar o que fará. Seus créditos estão esgotados.

— Eu... Mary é... por favor, sr. Bellmann. Se o senhor pudesse...

Ele hesitou, sem ter ideia do que falar a seguir. Bellmann permanecia sentado, tranquilamente, observando-o atentamente com seus olhos cintilantes. Então disse:

— O senhor me compreendeu perfeitamente. Sua filha, Lady Mary, me convirá muito bem. Depois de casados eu te pagarei 400 mil libras. Trezentos e noventa mil serão para quitar suas dívidas e os 10 mil restantes cobrirão os gastos com a cerimônia de casamento. Acredito que esteja tudo muito claro.

Lorde Wytham estava sem ar. Apenas uma vez se sentira tão desorientado — ao ser derrubado por um animal e bater a cabeça, durante uma caçada, desmaiando; a sensação que experimentava agora era idêntica — uma colisão inesperada com algo bem maior e mais poderoso que ele. A dor que sentia era quase física.

— Eu... Proposta interessante. Preciso conversar com meu advogado, é claro. Eu...

— Seu advogado? Para quê?

— Bem, este é um assunto familiar; meu advogado terá que examinar a proposta. O senhor deve entender.

Seu cérebro estava voltando a funcionar. Era como uma queda. Primeiro a sensação de estar sem chão e pouco a pouco encontrando sustentação. E agora ele via que se Bellmann estava disposto a oferecer 400 mil libras, ele poderia muito bem desembolsar mais.

— Entendo, sim — disse Bellmann. — O senhor quer ganhar um pouco mais e acha que seu advogado será mais capaz de conseguir isso. E tem toda a razão. Em quanto estava pensando?

Outra vez uma queda. Bellmann era forte demais, astuto demais; não era justo, pensou Lorde Wytham... E o que diria agora? Se voltasse atrás, mostraria fraqueza;

se pedisse muito pouco, perderia uma fortuna; se pedisse muito, perderia tudo. Sua mente parecia a de um rato assustado em meio a um corredor de cifras cujo fim era uma fileira de zeros.

— Preciso... garantir minha segurança — disse cautelosamente. — A propriedade rural. A casa em Cavendish Square. Tudo isso custa muito... sem capital, eu...

Bellmann nada disse. Não ia ajudá-lo. Lorde Wytham deu um longo suspiro.

— Duzentas e cinquenta mil libras — disse. A metade da quantia que desejava ter pedido.

— Pois bem — disse Bellmann. — Parece satisfatório. Concordamos então que sua filha vale 650 mil libras. Eu lhe farei um cheque de 50 mil libras quando o noivado for anunciado; será suficiente para pagar as dívidas mais urgentes e será um sinal para nosso acordo. O restante do dinheiro que primeiramente acordamos, mais precisamente as 350 mil libras, será pago na manhã do dia do casamento. E o pagamento da quantia extra de 250 mil ocorrerá na manhã seguinte e estará sujeita à condição de que Lady Mary satisfaça minhas expectativas. Preciso ser mais claro?

Aquela foi a pior das quedas, e dessa vez o cavalo o pisoteou no chão. Bellmann insinuava que caso Lady Mary não fosse virgem, não haveria dinheiro extra. Lorde Wytham teve ânsia de vômito e deixou escapar um gemido surdo; aquilo era por demais cruel, sórdido, insuportável... Ninguém deveria se comportar daquela forma... Ferido, tonto, ele mal conseguia pensar, estava muito confuso.

— Suponho que deseja conversar com minha filha.

— Mas é claro.

— Caso... Caso ela...

— Caso ela recuse? — completou Bellmann.

Lorde Wytham fez que sim com a cabeça. Ele não conseguia falar.

— Caso ela recuse meu pedido de casamento, então, evidentemente, terei que respeitar seu desejo. A decisão será inteiramente dela. Não concorda?

— Ah, sem dúvida. — A voz de Lorde Wytham era quase inaudível. Ele sabia o que aquilo queria dizer.

— Portanto, com a sua permissão, pretendo fazer uma visita à residência de Cavendish Square na sexta-feira pela manhã para pedir a mão de Lady Mary. Hoje é terça. Daqui a três dias.

Lorde Wytham não tinha saliva ao engolir. Em cada um dos olhos de pestanas longas havia uma lágrima.

— Sim — disse com dificuldade. — Claro.

— Estamos combinados então. Agora, vamos falar de negócios. Amanhã ou depois, iremos elaborar o contrato que firmará seu cargo de diretor, mas enquanto isso, vou explicar um pouco sobre a empresa que irá dirigir. Creio que vai achar bastante interessante. Chama-se Estrela do Norte Ltda.

Bellmann se curvou para apanhar uns papéis em uma gaveta e Lorde Wytham aproveitou para enxugar os olhos. Sua demissão do Gabinete Ministerial havia doído, porém esses 20 minutos com Bellmann haviam lhe proporcionado algo além da dor, o levava a um lugar que nunca imaginara que pudesse existir — um lugar onde a decência, a dignidade e a justiça haviam desaparecido. Como poderia ter imaginado que, antes que a manhã terminasse, ele teria vendido a própria filha — e a vendido (seu pensamento agora estava envenenado pela culpa) por tão pouco, menos do que poderia? E se ele tivesse pedido um milhão?

Mas Bellmann não teria aceitado. Ele tinha tudo sob controle; nunca conseguiria enfrentar alguém como ele. Lorde Wytham sentia como se tivesse vendido a própria alma e descoberto (tendo toda a eternidade para se lamentar) que, no final das contas, receberia por ela nada mais que uma boca cheia de cinzas...

Bellmann espalhou alguns papéis sobre a mesa. Lorde Wytham, com seu belo e frágil rosto, fingiu interesse e se inclinou sobre a mesa, tentando prestar atenção no que Bellmann explicava.

D

O último melodrama escrito por Jim, *O Vampiro de Limehouse*, foi devolvido pelo Teatro Liceu com uma mensagem de um tal de Bram Stoker, o diretor.

— O que acha, sr. Webster? — perguntou Jim. — Ele gostou ou achou uma porcaria?

Webster Garland pegou a carta e a leu em voz alta:

— “Caro sr. Taylor, obrigado por me enviar sua farsa *O Vampiro de Limehouse*. Sinto informar que a programação da companhia está completa pelos próximos dois anos, por esta razão não temos como produzir sua obra. No entanto, achei que tinha um nítido vigor e entusiasmo, embora tenha a impressão de que vampiros, como tema em si, estejam fora de moda. Atenciosamente etc. etc...”

“Não sei, Jim, pelo menos ele se deu ao trabalho de escrever.”

— Talvez eu devesse ler o texto para ele. Provavelmente, ele perdeu metade das melhores partes.

— Esse é o texto com o dono de armazém sanguessuga e da barcaça cheia de corpos?

— É. Ele chamou de farsa. Mas é uma tremenda tragédia sangrenta! Farsa uma ova...

— Sangrenta é a palavra — disse Frederick. — Está recheada de sangue do início ao fim. Nem parece uma obra teatral, mas sim uma morcela.

— Pode rir, meu chapa — disse Jim, mal-humorado. — Ainda vou fazer minha fortuna. Meu nome na marquise.

— Tripas e letreiros, se é que essa peça vai dar em alguma coisa, — zombou Frederick.

Era uma manhã de quarta-feira e a loja estava movimentada. O solene sr. Blaine, o gerente, e o assistente Wilfred atendiam os clientes em busca de químicas, tripés

ou câmeras, enquanto a refinada srta. Renshaw, em outra bancada, organizava os horários das sessões de retratos, entre outras tarefas. Além deles, a equipe contava também com Arthur Potts, um alegre homem de meia-idade que preparava as câmeras, arrumava o estúdio, carregava os equipamentos quando precisavam fotografar na rua, revelava e imprimia as fotos e ajudava Frederick a confeccionar itens que não podiam comprar; havia também um rapaz meio atrapalhado, da idade de Jim, chamado Herbert. Ele foi contratado como assistente-geral, mas logo se mostrou totalmente ineficiente — lento, esquecido e desastrado. Ao mesmo tempo, tinha o coração mais doce do mundo e nem Frederick, Sally nem Webster tinham coragem de se livrar dele.

Sentado no cômodo dos fundos da próspera loja, em uma atmosfera de eficiência e otimismo, com sua ocupada equipe, o estúdio bem montado e uma loja cuja reputação só fazia aumentar, Frederick recordava o dia em que Sally entrou ali pela primeira vez: tímida, nervosa e em sérios apuros. Frederick estava no meio de uma discussão exaltada com a irmã; à época, o lugar estava em péssimo estado, as prateleiras vazias, e a ruína estava cada dia mais próxima. No entanto, com a ajuda de uma série de fotografias estereográficas cômicas, que venderam surpreendentemente bem, eles conseguiram se livrar das dívidas; e quando Sally pôde investir dinheiro próprio no negócio, eles começaram a prosperar. Agora já não faziam mais uso das estereografias; era um mercado em extinção, e as chamadas *cartes-de-visite* (retratos miniaturas) eram a sensação do momento. Em breve, teriam que ampliar as instalações ou abrir uma filial.

Frederick sentiu a falta de seu relógio, resmungou ao lembrar que Mackinnon ainda o tinha e olhou o relógio pendurado acima da bancada. Esperava sem muita convicção que Sally ligasse. Suspeitava que ela estava planejando alguma coisa que não tinha contado, e a suspeita o preocupava.

O gerente estava atrás do balcão, anotando um pedido para mais papel fotográfico. Frederick foi até ele.

— Sr. Blaine — disse ele. — A srta. Lockhart não esteve aqui nesta manhã, esteve?

— Infelizmente, não, sr. Garland — lamentou. — Desejava conversar com ela sobre a possibilidade de contratar um auxiliar de escritório. Temo que nosso Herbert não é dos mais talentosos nesse departamento, e os demais já estão terrivelmente ocupados. Qual é sua opinião sobre o assunto?

— Boa ideia. Mas onde o novo funcionário trabalharia? Não dá nem para enfiar um gato no escritório dos arquivos e fichas, mas me arrisco a dizer que até daria se o animal não se mexesse. Precisaríamos de uma mesa e uma máquina de escrever; as que temos já estão sendo usadas.

— É... Talvez, sr. Garland, já esteja na hora de ampliar nossas instalações.

— Engraçado. Estava pensando nisso agora mesmo. Mas preciso sair agora. Se a srta. Lockhart aparecer, fale com ela sobre isso e diga que mandei lembranças carinhosas.

Apanhou seu casaco e pegou um trem para Streatham.

Nellie Budd estava alimentando seus gatos. Cada um deles, explicou a Frederick, era a reencarnação de um faraó egípcio. A moça tinha a mesma postura não sofisticada da primeira vez que se encontraram: o decote revelando os fartos seios, olhos atrevidos que não paravam de encarar, com franca admiração, as formas masculinas de Frederick.

Ele decidiu ir direto ao ponto.

— Sra. Budd — disse, após se sentarem no confortável sofá da sala de estar —, estive na sessão espírita em Streatham outro dia e tirei uma fotografia sua. O que a senhora faz no escuro não me interessa e se seus amigos são ingênuos o bastante para caírem nesse conto do vigário, é problema deles. Mas é uma fotografia interessante; há uma falsa mão sobre a mesa, um fio ligado ao tamborim, e nem quero imaginar o que sua perna direita está fazendo... Ou seja, sra. Budd, isso é uma chantagem.

Ela sorriu arditamente.

— Ora, quem diria! — exclamou. Ela tinha um leve sotaque da parte norte do país: Lancashire ou Yorkshire, ele não sabia dizer, visto que a pronúncia fora suavizada e teatralmente refinada. — Um jovem bonito como o senhor! Não precisa me chantagear, querido; basta perguntar com jeito. O que quer?

— Ah, bom. Não ia mesmo. Estou interessado no que disse durante seu transe, o verdadeiro. Consegue lembrar do que se tratava?

Ela ficou em silêncio por um instante. Seu olhar parecia preocupado, mas logo deu lugar ao brilho de antes.

— Nossa — admirou-se. — O que dizia? Tive um de meus devaneios, verdade? Venho tendo esses arroubos há anos. Foi por isso que entrei para esse mundo de médiuns. E também por Josiah, meu falecido marido, que Deus o tenha. Era mágico, sabe. Ele me ensinou truques que o deixariam boquiaberto. Por isso, quando o assunto é sacudir tamborins e apertar mãos no escuro, poucos podem com Nellie Budd.

— Fascinante. A senhora também é boa em fugir de perguntas, sra. Budd. E quanto aos transes?

— Francamente, querido — disse ela. — Não faço a mínima ideia. Só sei que de repente sou tomada por uma tonteira e fico inconsciente e um minuto depois volto a mim novamente, mas não lembro o que falo. Por quê?

Frederick percebeu que gostava dela. Decidiu revelar um pouco mais do que guardava na manga.

— Conhece um tal Bellmann?

Ela negou com um movimento da cabeça. — Nunca ouvi falar desse nome.

— Ou uma empresa chamada Estrela do Norte?

— Não me diz nada, sinto muito, querido.

— Olhe, vou ler o que a senhora disse. — Ele tirou do bolso o pedaço de papel dobrado com as anotações de Jim e leu o conteúdo alto e bom som. Ao terminar, olhou para ela e perguntou:

— Isso significa alguma coisa para você?

Ela parecia se divertir.

— Eu disse tudo isso? — perguntou. — Quanta besteira!

— A senhora realmente não sabe o que isso significa?

— Provavelmente é o que chamam de... telepatia. Devo estar lendo os pensamentos de alguém. Deus, eu não sei. Sei sobre túmulos de vidro tanto quanto sei sobre um homem na Lua. Para que quer saber, afinal?

— Um dos membros da Liga Espiritualista é escrevente de uma empresa e está preocupado com o que ouviu da senhora. Parece ser uma informação de negócios sigilosa. Ele teme que a história vaze e que ele seja responsabilizado por isso.

— Estou pasma! Então isto tem a ver com negócios?

— Em parte, sim — informou Frederick. — O resto ainda não sabemos direito.

— Então pensou. — Por acaso conhece um sujeito chamado Mackinnon?

Aquilo a pegou de surpresa. Os olhos se arregalaram e ela se apoiou no encosto do sofá.

— Alistair Mackinnon? — perguntou. Sua voz estava fraca. — Esse que chamam de Mago do Norte?

— Ele mesmo. Esse Bellmann de quem falei; parece que ele está atrás de Mackinnon por algum motivo. Não saberia alguma coisa sobre ele, saberia? Sobre Mackinnon, quero dizer.

Ela balançou a cabeça.

— Eu... Já o vi nos teatros. Maravilhoso ilusionista. Mas não é um homem confiável, eu diria. Não é como meu Josiah, embora Josiah não chegasse aos pés dele no ramo da magia. Mas não sei nada sobre Bellmann.

— Ou... — Ele lembrou a noite na casa de Lady Harborough. — E um homem chamado Wytham?

Dessa vez ela ficou realmente impressionada. Prendeu o ar e pressionou as mãos sobre o peito, e ele notou que seu rosto empalideceu sob a maquiagem.

— Wytham? — disse. — Não está falando de Johnny Wytham, está?

— Conhece alguém com esse nome?

— Johnny Wytham. Lorde Wytham: é o que ele é agora. Ele se chamava Johnny Kennett quando o conheci, quando me apresentava nos palcos. Me pediu em

casamento e então... Ah, bem, meu Josiah era um bom homem. Mas Johnny Wytham era... pura graça e diversão naquele tempo, e que homem bonito. Deus, como era bonito. Que tremendo...

Ela deve ter sido uma mulher deslumbrante, pensou Frederick. Não exatamente bonita, mas cheia de vida, energia e divertida.

— Dê uma olhada nisso aqui — ela disse, abrindo uma gaveta de uma mesinha ao lado do sofá. De lá tirou uma fotografia com uma moldura de prata. Um *ambrótipo* bastante granulado, muito comum havia 20 anos, ou mais. Mostrava duas garotas rechonchudas e sorridentes de uns 20 anos de idade vestidas com roupas ousadas de bailarinas, que deixavam à mostra as pernas bem-torneadas. Eram gêmeas idênticas. O título impresso abaixo da fotografia dizia “Senhoritas Nellie e Jessie Saxon”.

— A da esquerda sou eu — falou. — Jessie continua nos palcos, no Norte. Fazíamos uma bela dupla, não acha?

— Certamente. Sua irmã também conheceu Lorde Wytham?

— Conheceu, sim, mas ele era meu especial... Quem sabe? Eu poderia ter sido Lady Wytham, se as coisas tivessem sido diferentes.

— Quando o viu pela última vez?

— Curioso que me pergunte isso — disse ela. Levantou-se e caminhou até a janela, como se estivesse constrangida. O gato de cor laranja, Ramsés, subiu no sofá e se encolheu no local aquecido onde ela havia sentado. Ela pegou uma das borlas da cortina e a torceu, distraída, com os olhos fixos na tranquila rua.

— Por quê? — perguntou Frederick.

— Foi no verão passado. Na Escócia. Na corrida de cavalos. Mas apenas nos cruzamos e dissemos “Olá”. Ele não podia falar, pois estava com a família e... É isso.

— Existe alguma ligação entre ele e Bellmann? Ou Mackinnon? Pergunto porque vi os três no mesmo lugar uma noite.

— Não — respondeu. — Não que eu saiba. Não tenho a menor ideia de quem é esse tal de Bellmann...

Ela permanecia com o olhar distante. Frederick deixou que o silêncio se prolongasse e então disse:

— Bem, de qualquer forma, obrigado, sra. Budd. Se lembrar de alguma coisa, ficarei grato em saber. Aqui está meu endereço...

Ele deixou o cartão de visita sobre a mesa e se levantou para ir embora. Ela se virou para se despedir e Frederick notou que seu brilho e sua vivacidade haviam desaparecido; parecia quase uma velha agora, cheia de pó de arroz e assustada.

— Espere — disse ela. — Respondi a todas as suas perguntas e o senhor não me disse nada. Quem é, afinal? O que quer?

— Sou detetive particular — afirmou. — Estou investigando dois casos no

momento e os dois parecem se interligar de formas estranhas. A senhora me procura se por acaso se lembrar de mais alguma coisa?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Vou tentar. Vou tentar me lembrar. Mas sabe como é, as lembranças fogem como pássaros. Mas se me lembrar de alguma coisa mandarei uma carta. Está bem, querido?

Ela abriu a porta para ele com um sorriso alegre, porém falso, e disse adeus.

Enquanto isso, Sally ia ao encontro de Axel Bellmann.

Decidiu que não tinha nada a perder com tal iniciativa e ainda poderia deixá-lo confuso, mesmo que por pouco tempo. Era uma tática que seu pai havia ensinado. Ela a utilizava quando jogava xadrez com Webster. Às vezes funcionava.

Chegou, com Chaka, a Baltic House às dez da manhã. Do lado de fora, um robusto recepcionista a cumprimentou com simpatia e não tentou impedi-la de entrar. A expressão do homem era de estupidez monumental. Ela supôs que os recepcionistas eram contratados mais pelo tamanho do que pelo cérebro.

Já o porteiro no interior do edifício era mais esperto e desembaraçado.

— Sinto muito, senhorita — disse ele. — Impossível. Ninguém pode ver o sr. Bellmann sem hora marcada neste livro aqui.

Ele balançou a cabeça e pareceu bloquear o caminho.

— Chaka — disse Sally e soltou a coleira.

O enorme animal rosnou e avançou na direção do porteiro.

— Está bem! Está bem! Diga que pare. Vou ver o que posso fazer, senhorita...

Sally recuperou o ânimo e o homem saiu atrás de alguém com mais autoridade. Ele voltou minutos depois acompanhado de um homem elegante e jovem, de bigode, que estendeu a mão para cumprimentá-la.

— Senhorita.... Lockhart, não é isso? Eu sinto muito, mas o sr. Bellmann não está disponível no momento...

— Tudo bem — disse Sally. — Posso esperar cinco minutos.

— Nossa! Que animal esplêndido! Um Wolfhound Irlandês? — disse sorrindo novamente. Um sorriso cômico e caloroso, e completamente falso. Ele pousou uma das mãos impecavelmente cuidadas sobre a cabeça de Chaka. — Infelizmente, não levará apenas cinco minutos... meu *Deus*! Me ajuda! Solta... ai!... ahhhh...

Chaka abocanhara a mão do homem e agora a sacudia como a um rato.

— Eu não me preocuparia — disse Sally. — Daqui a pouco ele solta. Ele só gosta de carne de verdade.

Ao ouvir a voz calma dela, o cachorro soltou a mão do homem e se sentou, satisfeito, olhando-a com alegria. O jovem buscou apoio em uma cadeira e se sentou, abraçado à mão.

— Olhe! — disse ele. — Está *sangrando*!

— Que coisa. Talvez o sr. Bellmann tenha terminado o que estava fazendo. O senhor poderia dizer a ele que eu estou aqui e gostaria de vê-lo imediatamente.

Boquiaberto, o rapaz saiu apressado, com as pernas bambas. O porteiro ficou no corredor, observando pela porta e recuando novamente.

Dois minutos se passaram. Ela procurou na bolsa o cartão de visita de Nellie Budd, que Fred entregara; poderia visitá-la depois. Então ouviu passos no corredor e enfiou o cartão dentro da luva.

A porta se abriu e um homem forte, de meia-idade, apareceu. Devido ao seu comportamento, Sally percebeu que ele era alguém importante na empresa, não era um qualquer bem-vestido, como o homem anterior.

Chaka estava deitado sobre os pés de Sally. Nada de ameaças: outra tática agora. Ela sorriu e acenou com a mão.

Levemente desconcertado, o homem se manifestou.

— Entendi que a senhorita deseja ver o sr. Bellmann — disse. — Deixe-me marcar uma hora para a senhorita. Talvez possa me adiantar o assunto e assim...

— A única hora que posso marcar com o sr. Bellmann é em no máximo três minutos. Do contrário, irei diretamente ao jornal *Pall Mall Gazette* contar tudo o que sei sobre as ligações do sr. Bellmann com o fechamento da fábrica sueca de fósforos. É sério. Três minutos.

— Eu...

Ele engoliu em seco, fechou os punhos e desapareceu. Na verdade, Sally não tinha provas de nada. Havia rumores e mexericos a respeito de irregularidades, porém nada concreto. No entanto, a estratégia parecia estar funcionando. Dois minutos e meio depois, ela foi levada até Axel Bellmann. Ele não se levantou de sua mesa.

— Pois bem — disse ele. — Eu a alertei, srta. Lockhart.

— Me alertou de quê exatamente? Sejam os claros, sr. Bellmann. O que exatamente devo parar de fazer e o que exatamente o senhor fará se eu não obedecer?

Ela se sentou, com calma, embora o coração estivesse a mil por hora. A presença de Bellmann era opressora; a fazia lembrar um dínamo gigante que girava tão rápido que parecia não se mover. Ele a olhou, sério.

— Você deve parar de tentar compreender assuntos que são complexos demais para a senhora — ele disse, momentos depois. — E se não o fizer, terei que informar às pessoas em condições de lhe ajudar ou contratar seus serviços que a senhorita é uma mulher imoral, que vive com recursos imorais.

— O quê?

A expressão nos olhos dele se tornou desagradável. Sally percebeu que ele sorria. Ele abriu uma gaveta e apanhou uma pasta pesada e colorida.

— Tenho aqui um registro das visitas de um homem ao estabelecimento onde a senhorita trabalha, na rua North. Durante o último mês esse homem fez nada menos do que 24 visitas. Noite dessas, por exemplo, a senhorita recebeu um homem no local, bem tarde — por volta da uma e meia da manhã para ser mais preciso — e ele ficou lá durante aproximadamente uma hora. Quando meu secretário, o sr. Windlesham, esteve no que a senhorita chama de escritório, ele notou um longo sofá. Como se não fosse o bastante, a senhorita é sócia de Webster Garland, um fotógrafo que se especializou em... como posso dizer... nudismo.

Ela mordeu o lábio: cuidado, cuidado.

— O senhor está um tanto equivocado — disse o mais calmamente possível. — O sr. Garland é especialista em retratos, para o seu conhecimento. Quanto ao resto dessa bobagem absurda, se isso é o pior que conseguiu para me intimidar, pode desistir.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Como a senhorita é ingênua. Em breve, vai descobrir quanto estrago tais alegações podem causar. Uma jovem mulher, sozinha, ganhando o próprio dinheiro...

Ele voltou a sorrir e ela sentiu um calafrio, pois ele tinha razão. Não havia como se defender daquele tipo de calúnia. Ignore, vá em frente, pensou.

— Não quero perder tempo, sr. Bellmann — ela disse. — Quando vier visitá-lo novamente, é melhor que eu seja atendida imediatamente. Agora vamos ao ponto: o seu envolvimento com a falência da Empresa de Navegação Anglo-Baltic custou à minha cliente as economias de uma vida inteira. Ela se chama Susan Walsh. Ela era professora. Uma boa pessoa. Dedicou a vida aos alunos e à educação de mulheres. Nunca fez mal a ninguém e realizou boas ações, e agora que está aposentada tinha planos de viver do dinheiro que guardou. Eu a aconselhei a investir na Anglo-Baltic.

“Agora entende por que essa história te diz respeito? Você arruinou a companhia deliberada e sigilosamente. Ao fazer isso, um grande número de pessoas perdeu dinheiro e merece reparação; mas eles não são meus clientes. Quero que me faça um cheque, por favor, no valor de 3.240 libras para a srta. Susan Walsh. Os cálculos estão discriminados aqui.”

Ela pôs uma folha dobrada sobre a mesa. Ele não se moveu.

— E o receberei agora — ela disse.

Chaka, deitado aos pés de Sally, rosnou baixinho.

De repente Bellmann se moveu. Abriu a folha, leu a soma e rasgou o papel ao meio e jogou na lixeira. Seu rosto pálido ficou mais sombrio.

— Saia — disse.

— Sem o cheque? Suponho que você vai me enviar, então. Sabe onde fica meu escritório.

— Não enviarei nada.

— Muito bem. — Ela estalou o dedo e Chaka se levantou. — Não pretendo trocar acusações com o senhor. É um jogo tolo. Sei o suficiente sobre você para escrever um artigo muito interessante para os jornais: a Estrela do Norte, por exemplo, Nordenfels. Além disso, sei o que procurar adiante e assim o farei; assim que descobrir o que está fazendo, farei com que saia na imprensa. Eu reaverei esse dinheiro, sr. Bellmann, não se engane.

— Nunca me engano.

— Acredito que hoje tenha sido uma exceção. Bom dia.

Ele não respondeu. Ninguém se aproximou dela na saída do edifício. Foi necessária meia hora na casa de chá ABC, um pão doce de groselha e uma xícara de chá para que ela parasse de tremer. E então perguntou a si mesma se ela não teria se enganado, afinal.

Assim que ela partiu, Bellmann se levantou de sua cadeira e apanhou o cartão de visita que deslizou da luva de Sally sobre o carpete. Ele nada disse quando o viu cair. Parou para pegar do chão e leu:

MRS BUDD
147 TOLLBOOTH ROAD
STREATHAM

Ele dedilhou a borda da mesa por alguns segundos e em seguida saiu à procura de Windlesham.

A

Jim Taylor concluiu que tinha certo interesse em Alistair Mackinnon, como se o mágico fosse uma empresa e Jim tivesse comprado parte de suas ações. Por maior que fosse sua antipatia pelo homem, não conseguia controlar a irritação por Frederick ter deixado Mackinnon desaparecer; e quando Frederick retrucou que era impossível pegar um homem capaz de se transformar em fumaça e desaparecer pela fechadura da porta, Jim respondeu que o amigo estava vacilando, já que nem do próprio relógio conseguia cuidar. Da próxima vez, seriam as calças.

Por isso, Jim decidiu ele mesmo procurar Mackinnon. Conferiu casa por casa na rua Oakley, em Chelsea, onde Mackinnon disse que vivia, e nada descobriu; tentou descobrir alguma coisa com o gerente do teatro de variedades de onde havia ajudado o mágico a fugir, mas ninguém sabia seu endereço. Visitou vários outros teatros imaginando que Mackinnon pudesse estar se apresentando com outro nome, mas também não teve sorte.

Ainda assim não desistiu. Acumulara, ao longo de sua curta e caótica vida, um número surpreendente de amizades do submundo, do mundo dos esportes, do teatro, do crime e de uma ou duas pessoas absolutamente respeitáveis. E todos estavam ligados a ele por troca de favores. Jim devia favores a alguns, alguns deviam a Jim — dicas em corridas de cavalo, empréstimos de meia coroa, alerta de que o policial na esquina estava olhando desconfiado em tal direção, e assim por diante; pouco havia, sabia Jim, que ele não conseguisse descobrir caso desejasse.

E foi na noite do dia em que Sally visitou Axel Bellmann que ele se viu no bar do *pub* Deptford ao lado de um homenzinho suspeito, de cachecol branco, que deu um salto quando Jim cutucou seu ombro.

— E aí, Dippy! — disse ele. — Como vai, cara?

— Hein? Ah, é você, Jim, e aí?

Dippy Lumsden olhou ao redor desconfiado, mas era naturalmente desconfiado

por ser um batedor de carteiras.

— Escuta, Dippy — confidenciou Jim —, tô atrás de um cara. Um sujeito chamado Mackinnon, um mágico. Um escocês esquisito. Tá nos palcos tem um ou dois anos já. Você já deve ter visto.

Dippy fez que sim com a cabeça na mesma hora.

— Já vi, sim. E sei onde ele tá agora.

— É? Onde?

O batedor de carteiras exibiu uma expressão maliciosa e esfregou o dedo indicador com o polegar.

— E eu ganho o que com isso?

— Já ganhou com Felspar? — lembrou Jim. — Ainda me deve essa, lembra?

Felspar era um cavalo que ganhou de vinte a um, e os dois ganharam uma generosa quantia. Jim conseguiu a dica graças a um jóquei amigo seu.

Dippy assentiu, reflexivo.

— Justo — disse. — Ele tá no Lambeth. Um lugarzinho fedido em Allen's Yard. É de uma bruaca irlandesa chamada sra. Mooney. Eu vi ele noite passada; eu sabia quem era, porque vi sua apresentação no teatro de variedades Gatti. O que quer com ele?

— Ele passou a mão num relógio. Mas num é da sua laia, Dippy; num precisa se preocupar com concorrência.

— Ahn. Ah. Tudo bem, cara. Mas, lembra, você num me viu aqui essa noite. Eu nunca vi esse homem. Preciso ficar esperto.

— Claro que sim, Dippy — afirmou Jim. — Mais uma cerveja?

Mas Dippy recusou. Não podia se dar ao luxo de ficar muito tempo em *pubs*, alegou, por motivos profissionais. Tomou o resto de sua bebida e saiu; e após alguns minutos flertando com a atendente, Jim fez o mesmo.

A casa da sra. Mooney em Allen's Yard era um casebre horroroso e fétido, que só não ruía porque não tinha espaço para desabar. A luz fraca que vinha da rua e das janelas mostrava que o solo do jardim da casa era pouco melhor do que o de uma fossa, mas não parecia incomodar a criança ruiva que brincava descalça na escadaria, enquanto ensinava sua boneca a ter boas maneiras — dando pancadas em sua cabeça — e torrava um pedaço de arenque sobre uma lanterna soltando fumaça.

— A sra. Mooney está?

A criança o encarou e fez expressão de desprezo. Jim teve vontade de fazer com a menina o que ela estava fazendo com a boneca.

— Eu disse a sra. Mooney está, cara de rato?

Ela agora o olhava com mais interesse.

— Perdeu seu realejo? — ela inquiriu. — Onde tá sua jaqueta vermelha e sua latinha?

Jim se conteve.

— Olhe aqui, cara de cenoura, vai chamar a dona ou vou te dar um cascudo que vai te hibernar até o Natal — gritou Jim.

A pestinha tirou um pedaço do arenque da boca e berrou:

— Tia Mary! — e colocou o pedaço na boca de novo. Continuou observando Jim com desdém, enquanto ele andava de um lado para outro procurando um local seco em que pisar.

— A dancinha tá divertida? — zombou a menina.

Jim rosnou e estava prestes a dar um tapão na garota, quando uma mulher gigantesca apareceu na porta, bloqueando praticamente toda a luz que vinha de dentro. Exalava um forte cheiro de gim.

— Quem é? — perguntou ela.

— Tô procurando o sr. Mackinnon — disse Jim.

— Nunca ouvi falar.

— Um escocês. Magricela de olhos escuros. Disseram que tá aqui há uns dois dias. É mágico.

— O que quer com ele?

— Ele tá ou não?

Confusa, ela pareceu pensativa por um instante.

— Não — respondeu ela. — Nem ninguém pode ver ele.

— Bom, quando ele voltar fala que Jim Taylor teve aqui. Entendeu?

— Já disse, ele não tá aqui.

— Não, claro que não. Nunca achei que tivesse. Só que, caso ele dê as caras um dia, fala pra ele que tive aqui, tá bem?

Ela pareceu pensativa novamente e então se retirou sem dizer uma palavra.

— Gorda, bêbada e preguiçosa — murmurou a menina.

— Olha os modos — disse Jim. — Num pode falar assim de seus familiares mais velhos.

Ela voltou a tirar o peixe da boca, olhou para ele em silêncio por alguns instantes, e então soltou uma enxurrada de palavras das mais chulas, ardilosas, bizarras, obscenas e impetuosas, de um jeito que Jim jamais escutara antes. Foi uma verborreia ininterrupta de dois minutos e meio, sem repetir uma só palavra. Jim, seu rosto, seu comportamento, seus ancestrais, sua roupa e sua mente foram comparados desfavoravelmente a partes de outras pessoas, de animais, cheiro de peixe morto, furúnculos, ventos intestinais, entre outras comparações desagradáveis. Jim ficou completamente surpreso, o que não era muito comum.

Ele pôs a mão no bolso.

— Tome — disse, com uma moeda de seis centavos na mão. — Você é uma virtuosa. Nunca vi tanto talento.

Ela pegou a moeda; em seguida Jim lhe deu uma gravata e a deixou estatelada no chão.

— Mas precisa ser mais rápida e esperta — acrescentou. — Até.

Ela o mandou para aquele lugar e explicou de que forma deveria ir, e então declarou: — *E* você perdeu seu amigo. Ele se mandou. Ela contou pra ele que você tava aqui. Quem é devagar agora, hein?

Jim soltou um palavrão e correu para dentro da casa. A única luz vinha de uma vela numa mesa prestes a desmoronar; ele a pegou e às pressas subiu as estreitas escadas, com uma das mãos ao redor da chama para não se apagar. O cheiro que vinha do segundo andar, nem a garota seria capaz de descrever; como o fresco do Mackinnon conseguia aguentar? E o lugar era um labirinto. Rostos apareciam da penumbra — alguns com aparência de ratos velhos, sujos, alguns até perversos —, portas entreabertas mostravam famílias inteiras, cinco, seis, sete ou mais pessoas dormindo ou comendo ou inertes em apatia ou talvez até mortas.

Mas nada de Mackinnon. A monstruosa mulher abraçada com uma garrafa de gim, como faria a uma boneca, estava sentada no corredor, incapaz de qualquer movimento. Jim passou por ela e foi até o último cômodo — e o encontrou vazio.

Ela gargalhou ofegante.

— Aonde ele foi? — perguntou Jim em tom de ordem.

— Saiu — disse ela, ainda mais ofegante.

Ele ficou tentado a dar um pontapé na mulher. Sem dizer nada, desceu as escadas e saiu da casa.

Ficou parado em meio à escuridão do jardim — que estava ainda mais escuro pois ele apagara a vela. A casa atrás dele estava silenciosa e a garota tinha desaparecido — e Jim ficou arrepiado.

Ele não estava sozinho no jardim.

Tinha certeza disso, embora não visse ou ouvisse ninguém. Todos os seus sentidos ficaram alerta. Ele ficou imóvel, amaldiçoando a própria estupidez, e meteu a mão no bolso em busca do soco-inglês de metal que sempre levava consigo.

Então uma mão suave o tocou no braço e a voz de uma mulher disse:

— Espere...

Ele ficou duro. Seu coração batia acelerado. Ele só conseguia ver o brilho molhado do tijolo do muro do lado de fora do jardim. Além disso, só trevas.

— O senhor é amigo — disse a voz. — Ele mencionou seu nome. Venha comigo.

Era como um sonho. Uma figura misteriosa envolta em um xale passou por ele e fez sinal para que a seguisse, e de forma involuntária, como em um sonho, ele obedeceu.

Em um quarto bem-arrumado não muito distante dali, ela acendeu um fósforo e, em seguida, uma vela.

O xale cobriu todo o seu rosto quando ela se curvou para acender a vela, e então ela murmurou:

— Por favor...

Jim ficou chocado quando ela removeu o xale. E então entendeu. Uma enorme e colorida marca de nascença cobria metade do rosto da moça. Seus olhos eram calorosos e belos, mas espelhavam a expressão de Jim e ele ficou envergonhado.

— Perdão — disse ele. — Quem é a senhorita?

— Por favor, sente-se. Ouvi quando falou o nome dele para a sra. Mooney, não pude evitar...

Ele se sentou à mesa, que possuía um delicado tecido de linho bordado. Tudo ao redor era de uma beleza simples e tradicional e havia uma fragrância de alfazema no ambiente. Ela era delicada também; seu sotaque não era interiorano, embora tivesse uma leve semelhança com o falar do norte do país — Newcastle? Durham? —, e a voz era melódica e agradável. Ela se sentou de frente para ele, olhando para baixo.

— Eu o amo, sr. Taylor — disse.

— Ah! Então é isso. Agora entendo.

— Meu nome é Isabel Meredith — continuou. — Quando ele veio... Quando ele saiu do evento na casa de Lady Harborough na outra noite, ele mal sabia o que estava fazendo. Ele me procurou, porque certa ocasião nós... Eu já o ajudei no passado. Eu havia lhe dado um pouco de dinheiro. Tenho muito pouco, como pode ver. Sou costureira. É um absurdo que ele tenha que se esconder dessa maneira, um homem tão talentoso... Mas ele corre grande perigo, sr. Taylor, enorme perigo. Ele... O que mais pode fazer?

— Ele pode dizer a maldita verdade, é o que pode fazer. Pode ir até a rua Burton — ele sabe onde fica — e conversar comigo ou com meu amigo Fred Garland. Se ele tá em perigo, é o melhor que pode fazer. Mas precisa ser franco e honesto.

Ela fez um caminho com a unha sobre o tecido da mesa. — Ele é um homem nervoso, entende, muito imaginativo — disse, alguns segundos depois. — Por ser um artista, naturalmente, ele sente com mais intensidade que nós. De forma mais aguçada.

Jim não comentou. O único artista que ele conhecia bem era Webster Garland, e ele era implacável como um falcão; o que o diferenciava era o olhar maravilhoso e perspicaz, não a prática de se evaporar.

— Bem, olhe — disse finalmente. — Se fosse qualquer outro sujeito, num me incomodaria. Mas estamos tentando descobrir a ponta do iceberg de um mistério, não o de Mackinnon... e ele está metido nessa história. Há fraude, trapanças financeiras, ladainha de falsos espíritas e todo tipo de perversidade... ou coisa pior.

Por isso, o que ele fez? E qual a sua relação com ele, afinal?

— Eu o conheci em Newcastle — contou Isabel. — Foi amigável comigo. Estava apenas começando como mágico. Ele me disse que não podia usar seu verdadeiro nome no palco; seu nome verdadeiro não é Mackinnon... pois seu pai descobriria e o obrigaria a deixar os palcos.

— É mesmo?

— Foi o que ele disse.

— Quem é o pai dele, então?

— Ele nunca me contou. Alguém importante. Havia uma herança em jogo, um tesouro de família ou algo parecido, e ele abriu mão de tudo pela arte. Mas seu pai temia que isso fosse desgraçar a família, entende?

— Hummm — disse Jim, profundamente cético. — E esse tal de Bellmann, então? O que ele tem a ver com isso?

Isabel Meredith desviou os olhos.

— Creio — sussurrou — que ele é um assassino.

— Continue.

— Mackinnon nunca disse isso claramente. Mas... Já deu sinais e indiretas... Tem algo a ver com isto aqui.

Ela abriu uma gaveta e tirou um livro de bolso. Entre as páginas do livro, um recorte de jornal amarelado. Não tinha data.

ASSASSINATO SENSACIONAL

Preservado pelo gelo

Uma descoberta sensacional foi feita no mês passado nas florestas da Sibéria. O corpo de um homem foi encontrado em perfeito estado sob o gelo de um rio congelado. Primeiro, achou-se que a vítima havia caído na água e se afogado, porém, após ser examinada, viu-se que fora esfaqueada várias vezes no pescoço e no peito.

Não se sabe a identidade do morto cujo corpo, caso não houvesse sido encontrado por um caçador, teria, sem dúvida, seguido o curso do rio e sido carregado pelas correntes primaveris até se perder no oceano Ártico.

O caso foi muito comentado na Rússia, onde o desaparecimento

O texto terminava ali. Jim olhou para ela, frustrado.

— Tinha data? — perguntou.

— Não sei. Eu encontrei... Caiu do bolso do casaco dele. Ele ficou pálido quando me viu com o recorte. Ele disse que aquilo causou visões estranhas... Por quê, sr. Taylor? Isto significa alguma coisa?

Jim se lembrou da voz de Nellie Budd vinda da escuridão em Streatham: “*Ele*

permanece lá, dentro de um caixão de gelo...” Tá tudo interligado, concluiu. O corpo no gelo, a briga na visão de Mackinnon, sangue na neve...

— A senhorita conhece uma mulher chamada Nellie Budd?

— Não — respondeu, sem entender. — Quem é?

— Ela é médium. Num tem ligação com Mackinnon, exceto que este pedaço de papel tem a ver com algo que ela disse uma vez. Posso ficar com ele?

Ela hesitou. Ele sentiu que Isabel não queria que nada sobre Mackinnon saísse de seu controle.

— Tudo bem — continuou Jim. — Vou copiar o texto então. Ele não disse mais nada sobre isso?

Ela fez que não com a cabeça. Quando ele começou a escrever em seu bloco de anotações, Isabel disse:

— Eu simplesmente não sei o que fazer, sr. Taylor. Eu realmente o amo muito. Faria qualquer coisa para ajudá-lo — qualquer coisa neste mundo... Ele me é muito precioso. Gostaria de poder ganhar mais com meu trabalho para poder sustentá-lo. Não gosto nem de imaginá-lo naquele lugar horrível da sra. Mooney, escondido: um artista, um grande artista como ele! Ah, sinto muito. Imagino que isso soe ridículo; uma mulher com... Sei que jamais poderia esperar que ele... Sinto muito. Não devia ter dito nada disso. Mas não tenho com quem conversar, sou muito solitária.

Jim terminou de copiar o texto, aliviado por não precisar olhar para ela. Não sabia o que dizer. As emoções dela estavam tão expostas e desesperadas. Passou o dedo pelo bordado da toalha de mesa, sua mente estava acelerada.

— Você faz esses bordados? — perguntou.

Ela fez que sim.

— Posso conseguir um bom preço para esse tipo de coisa. Num precisa morar num quartinho apertado como este, vivendo de trocados. Sei o que passa pela sua cabeça: quer se esconder, num é? Aposto que só sai de casa à noite.

— É verdade, mas...

— Escute, srta. Meredith. O que me mostrou é de grande ajuda. Num sei se ele vai voltar aqui; suspeito que ele tenha fugido de vez e a senhorita vai ter sorte se voltar a vê-lo. Não — ele disse ao ver que ela protestava. — Não terminei. Eu vou te dar um cartão de visita nosso e escreverei atrás outro endereço; é de uma jovem chamada srta. Lockhart. Ela também trabalha com a gente; é muito boa. Se precisar de ajuda, procure por ela. E se a senhorita tiver com Mackinnon tente convencê-lo a procurar a gente. Tá bem? Ou você mesma pode me avisar. É para o bem dele, aquele doido... desmiolado. Se a gente conseguir resolver esse negócio ele vai poder voltar aos palcos e fazer seus truques de novo e todos vamos poder respirar aliviados.

Ao partir de Lambeth, ele começou a assoviar involuntariamente, pois estava

contente com seu progresso; porém se lembrou da vida solitária, estranha e apaixonada da moça e parou. Vilania não era nenhuma novidade para ele, e mesmo assassinato era algo compreensível e simples. Mas o amor era um verdadeiro mistério.

Ao retornar à rua Burton, Jim parou na loja, já sem iluminação, pois ouviu vozes alteradas na cozinha. Sally estava lá e não parecia muito contente com Fred, pelo tom de sua voz.

Jim girou a maçaneta e entrou. Webster estava sentado em frente à lareira, tranquilamente, com um cachimbo aceso, um copo de uísque apoiado sobre o braço da poltrona, pernas estendidas sobre o apoio, profundamente entretido com uma das revistas de Jim de histórias de terror e suspense. Chaka estava deitado sobre os pés dele, roendo um pedaço de osso, ocupando metade do piso, enquanto Sally e Frederick estavam de pé, frente a frente, separados por uma mesa; ambos exaltados.

— Boa noite — cumprimentou Jim. Ninguém lhe deu atenção. Ele pegou uma garrafa de cerveja na despensa e se sentou de frente para Webster. — Achei o Mackinnon — disse, enquanto servia cerveja num copo. — E sei o que ele tá tramando. E descobri o que Nellie Budd quis dizer. Aposto que é bem mais do que os dois bobocas conseguiram. Tô falando sozinho, não é? Ninguém ouviu uma palavra do que eu disse. Fazer o quê? — Tomou um bom gole de cerveja e olhou a capa do folhetim que Webster estava lendo. — O tesouro tá escondido na pedra de Skeleton — disse, e Webster ergueu os olhos. — A gangue de Clancy colocou ele lá depois de explodirem o banco. Deadwood Dick finge ser um marginal e entra para a gangue. Ned Buckeye, o novo patife, este é Deadwood Dick, só que você num deveria saber disso, ainda.

Webster atirou a revista longe, irritado. — Por que fez isso? — reclamou. — Estragou minha leitura.

— Tinha que te acordar de algum jeito. O que tá acontecendo com esses dois?

Webster olhou indiferente para Sally e Frederick. — Não sei — respondeu. — Não estava prestando atenção. Estava me divertindo com Deadwood Dick. Estão discutindo?

Frederick golpeava o punho sobre a mesa. — Se você fosse sensata... dizia.

— Não me venha falar de sensatez — retrucou Sally, com os lábios tensionados. — Eu disse para você não se meter no meu caminho, não disse? Se quiser trabalhar em equipe num caso...

— Calem a boca, os dois! — Jim falou, alto. — Nunca ouvi tanta baboseira. Se querem ouvir alguma novidade, sentem e escutem.

Eles ficaram de pé por um momento, a hostilidade imperando no ar; e então Frederick puxou uma cadeira para que Sally se sentasse e se sentou em um banco. Ela também se sentou.

— Então? — disse Sally.

Jim contou sobre Isabel Meredith e leu as palavras que copiou do recorte de jornal.

— Pelo que entendi, Mackinnon tá chantageando Bellmann. Ele conseguiu esse artigo em algum lugar, conseguiu juntar isso com a história do transe e tentou arrancar dinheiro do Bellmann; e, naturalmente, Bellmann não aceita. Simples. O que acham?

— Qual a ligação de Nellie Budd e Mackinnon?

— Macacos me mordam, num sei — disse Jim. — Talvez façam parte do mesmo clube, Dividam-Seus-Segredos-Psíquicos. Talvez ela seja a amiguinha dele.

— E a história da herança — continuou Sally. — O pai dele era alguém importante, foi isso o que ela disse?

— Isso mesmo.

— Talvez seja verdade. Talvez ele seja herdeiro de algo que Bellmann deseja.

— *Se* for verdade — disse Frederick —, pelo menos avançamos um pouco. Essa srta. Meredith pareceu ser uma pessoa confiável.

— Ah, sem dúvida — respondeu Jim —, quer dizer, foi ela que me procurou, para começo de conversa. Ela num precisava fazer isso se tivesse alguma coisa pra esconder. Ela só pensa em uma coisa: proteger Mackinnon... Tenho certeza que ela mentiria por ele se fosse preciso, mas num tava mentindo. Posso apostar que não.

— Hummm — ponderou Frederick, esfregando o queixo. — *Pax*, novamente, Lockhart?

— Está bem — resmungou Sally. — Mas gostaria que me contasse assim que souber de qualquer coisa. Se eu soubesse que era Bellmann que estava atrás de Mackinnon, eu teria tido mais uma carta na manga quando o encontrei.

— De qualquer forma, foi algo bem idiota de se fazer, se quer saber — disse Frederick. — Sair atropelando e...

— Sim, mas não te perguntei nada — interrompeu Sally. — Você já...

— Chega! — disse Jim. — Quem quer um pouco de queijo e pickles? Senhor Webster? Como tá seu osso, Chuckles?

Chaka balançou o rabo, quando Jim acariciou sua orelha. Frederick apanhou pão e queijo, enquanto Sally limpava a mesa, e em poucos minutos eles estavam sentados comendo. Ao terminarem, puseram os pratos na bancada atrás deles e Jim pegou seu baralho e jogaram uíste. Sally e Frederick contra Jim e Webster. Pouco tempo depois, estavam todos rindo novamente, como nos velhos tempos, antes de Sally ir para Cambridge, quando a sociedade tinha acabado de se formar; antes de Frederick e Sally começarem a brigar. Vendo eles agora, pensou Jim, ninguém acreditaria que eles num tão apaixonados, muito menos que tenham a triste e impossível obsessão de Isabel Meredith. É assim que o amor devia ser: divertido, e

cheio de paixão, e provocante, e perigoso também, com inteligência aguçada. Eles eram iguais, esses dois — tigres, da cabeça aos pés. Juntos, poderiam fazer qualquer coisa. Por que tinham que brigar?

O J

Na segunda de manhã, Charles Bertram chegou à loja com novidades. Um amigo que trabalhava para Elliott & Fry (os fotógrafos mais conceituados de Londres, cuja especialidade eram retratos de ricos com paisagens da moda) havia lhe contado de uma encomenda que tinham acabado de receber: fazer as fotos do noivado de Axel Bellmann e Lady Mary Wytham.

Frederick assoviou:

— Quando?

— Esta tarde, na residência dos Wytham em Cavendish Square. Achei que gostaria de saber. Será um trabalho de grande magnitude; sabe como são Elliot e Fry. Haverá um assistente para segurar o flash, outro para polir as lentes, outro para ajustar o tripé...

— Como se chama seu amigo? Não seria o jovem Protherough, seria?

— Ele mesmo. Você o conhece?

— Conheço, e ele me deve um favor. Bom trabalho, Charlie. Quer dizer que Bellmann vai se casar, é? E com aquela moça encantadora... Bem, faz parte.

Pegou sua capa e o chapéu e saiu às pressas.

Sally dedicava uma manhã por semana à Garland & Lockhart, para ficar a par das contas e discutir os negócios com Webster e o sr. Blaine. Naquela manhã, chegou na expectativa de encontrar Frederick, pois o sr. Blaine falara da necessidade de mais espaço na loja e esperava que Frederick apoiasse seus argumentos.

— Sabe, srta. Lockhart — disse o sr. Blaine. Estavam todos atrás do balcão da loja. — Creio que precisamos de mais um auxiliar de escritório, mas, como a senhorita já sabe, o espaço aqui é muito pequeno para que isso seja possível. Pensei que, talvez, pudéssemos aproveitar um canto do novo estúdio...

— De jeito nenhum — refutou Webster. — Na verdade, tenho minhas dúvidas se

o estúdio será grande o suficiente, no fim das contas.

— Como está ficando? — perguntou Sally.

— Venha dar uma olhada — convidou Webster. — Está ocupado, Charles?

Charles Bertram os acompanhou até o jardim dos fundos. O novo estúdio estava praticamente concluído; o telhado estava com as telhas completas e os operários terminavam de cobrir com argamassa as paredes, embora as janelas ainda estivessem sem vidros. Eles passaram por tábuas, carrinhos de mão e escadas e pararam sobre o recém-instalado piso, em um trecho iluminado por um fio de luz invernal.

— Estou pensando — disse Webster — se teremos espaço suficiente para o movimento da câmera. São necessários trilhos ao longo do laboratório, no formato de uma ferradura, e tem também o problema da iluminação, que não será constante. A não ser que a gente bloqueie as janelas e utilize luz artificial. Mas aí a emulsão não será sensível o suficiente para a velocidade que estaremos aplicando...

Charles viu a expressão confusa de Sally e disse:

— Há uma solução. Esse estúdio pode ser adaptado; não precisa ser zootrópico. Não há espaço suficiente para tudo o que estamos realizando na loja ultimamente: a srta. Renshaw poderia marcar o dobro de reservas não fosse por essa insistência em ter um estúdio maior. Por que não colocamos uma parede aqui — apenas uma leve divisória — e dividimos o lugar? Assim, teremos um estúdio melhor e o escritório de que o sr. Blaine precisa. Webster tem razão: não tem como instalarmos uma câmera com movimento aqui, fomos bobos em pensar que seria possível.

— Mas vocês já deveriam saber disso. — Sally se manifestou. — Para que construir esse estúdio se é pequeno demais para o que querem fazer?

Os dois homens se entreolharam constrangidos.

— Bem, não era pequeno quando o planejamos — explicou Webster. — Mas também ainda não tínhamos pensado nos trilhos. E sim em uma câmera fixa com um mecanismo capaz de mudar o ângulo da placa rapidamente. Haveria espaço para isso aqui. E tudo indica que assim será no futuro: uma única câmera. Então, não foi dinheiro jogado fora.

— Suponho que o próximo passo então será comprar um terreno — disse ela. — Vocês são iguais ao Fred. Por falar nisso, onde ele está?

— Foi até a Elliott & Fry — respondeu Charles. — O sr. Bellmann vai se casar e eles foram contratados para tirar as fotos do noivado.

— Casar? — perguntou, perplexa. A ideia de casamento parecia tão absurda para o homem que ela conhecera na empresa Baltic House na semana passada que ela mal conseguia imaginar.

— Essa ideia de comprar um terreno... — comentou Webster, indiferente a Bellmann. — O que acha, Charles? Teríamos que construir uma parede, e alinhar os trilhos paralelamente a ela, perfeitamente nivelados, em direção ao sul. Poderíamos

fazer a extensão que quiséssemos. Construir um telhado de vidro, quem sabe, e teríamos luz natural...

— Ainda não — interrompeu Sally. — Não há dinheiro para isso. Vamos terminar esse estúdio e ganhar bastante dinheiro como vocês dizem que ganharemos e então veremos. Sr. Blaine, pelo visto, terá seu espaço para o escritório. O senhor precisa de um assistente em período integral ou apenas pela manhã?

O movimento de câmera a que Webster se referia era uma invenção sua, baseada na ideia do fotógrafo Muybridge. Por enquanto, o aparato só existia no papel, pois ainda não possuíam o espaço necessário para a instalação. Tratava-se de uma série de câmeras sobre rodas, alinhadas em trilhos, detrás de um ponto fixo, com rápida sucessão de exposições para captar o movimento de determinado objeto no ponto fixo. A ideia de fotografar objetos em movimento estava em voga; muitas pessoas tentavam diferentes técnicas, mas ninguém tinha conseguido um bom resultado. Webster acreditava que parte da resposta estava no movimento de câmera; Charles Bertram estava experimentando emulsões mais sensíveis que possibilitassem exposições mais rápidas. Caso descobrissem uma forma de capturar o negativo em papel no lugar de vidro, talvez conseguissem montar um rolo de papéis sensíveis por detrás da câmera e substituir a utilização dos trilhos — se eles conseguissem, logriam criar um mecanismo capaz de rolar o papel, sem rasgá-lo. Se conseguissem, poderiam utilizar o estúdio para a zootropia, como Charles a denominava. Ainda havia muito trabalho a ser feito.

Sally e o sr. Blaine deixaram os dois discutindo animadamente o assunto e voltaram ao interior da casa para tratar das questões referentes ao novo escritório.

No início da tarde, a filha de Lorde Wytham, Lady Mary, estava sentada no jardim de inverno na residência de Cavendish Square. Grande demais para ser chamada de estufa, a estrutura de vidro e ferro continha palmeiras, espécies raras de samambaias, orquídeas e um tanque, com peixes negros nadando lentamente. Lady Mary estava vestida de branco: um vestido de gola alta de seda bordado, com uma gargantilha de pérolas, tudo da cor da neve, como uma vítima de um ritual de sacrifício. Estava sentada em uma cadeira de bambu, sob uma frondosa samambaia. Tinha um livro nas mãos, mas não estava lendo.

O dia estava seco e frio, nublado, com pouca luminosidade, fazendo com que a folhagem e o vidro se fundissem em algo de aspecto quase subaquático. Do centro do jardim de inverno, Lady Mary nada via além do verde e nada ouvia além do gotejar da água que alimentava o tanque e do vapor ocasional da calefação, ao longo das paredes.

A beleza de Lady Mary não era convencional. O gosto da época enaltecia mulheres bem fornidas como sofá, recheadas e curvilíneas, enquanto Lady Mary lembrava um passarinho selvagem ou um filhote de animal — delgada, de ossatura

leve, cor da pele da mãe, quente e corada, e olhos largos e acinzentados do pai. Era pura delicadeza e fogo tímido; e descobriu cedo que sua beleza era uma maldição.

Desconcertava as pessoas. Mesmo os maiores galãs, os jovens mais cobiçados da cidade, ficavam pouco à vontade na presença dela, encabulados, bobos e mudos. Ainda na sua adolescência, ela intuía que sua beleza, ao invés de atrair o amor, o repelia, por ser bonita demais. Sombras de tragédia já encobriam os olhos enevoados; e seu noivado era apenas parte do motivo.

Após alguns minutos ali parada, ouviu vozes vindas da biblioteca, além da porta de vidro. Ela estremeceu; o livro caiu de sua mão.

A porta se abriu e um criado apareceu.

— O sr. Bellmann, Lady.

Axel Bellmann, vestido de cinza, deu um passo adiante e fez uma sutil reverência. Lady Mary sorriu para o laçaio.

— Obrigada, Edward — agradeceu.

O empregado se retirou e a porta se fechou suavemente. Lady Mary permaneceu sentada à beira do tanque, mãos cruzadas sobre as pernas, tão quieta como o lírio-d'água ao seu lado. Bellmann tossiu gentilmente; no ambiente carregado de palmeiras do jardim de inverno, soou como um grunhido lento de um leopardo pouco antes de saltar detrás de uma moita sobre uma frágil gazela.

Ele se aproximou e disse:

— Me concede a permissão de desejar-lhe uma boa tarde?

— Não vejo razão por que não permitir.

Ela sorriu sutilmente. Ele estava a poucos metros de distância, mãos para trás, um dos lados do rosto pálido e o cabelo louro iluminados por um feixe de raio de sol.

— A senhorita está encantadora — disse.

Ela não respondeu de imediato, arrancou uma brilhosa folha de palmeira pouco acima de sua cabeça e começou a triturá-la com as unhas.

— Obrigada. — Foi pouco mais do que um suspiro.

Bellmann puxou uma cadeira e se sentou próximo a ela.

— A senhorita terá interesse, espero, em ouvir meus planos para nossa vida de casados — disse. — Viveremos no Hyde Park Gate de início, embora, naturalmente, precisemos de um lugar no campo. Gosta do mar, Mary? Gosta de barcos?

— Não sei. Nunca vi o mar.

— Pois vai gostar. Tenho um iate a vapor em construção; estará terminado a tempo para a cerimônia. Podemos passar nossa lua de mel a bordo. Poderia me ajudar a escolher um nome para ele. Espero que seja a primeira a lançá-lo ao mar.

Ela não respondeu. Seus olhos estavam fixos no chão, perdidos. Os pedaços de folha de palmeira estavam sobre o colo branco. As mãos estavam imóveis.

— Olhe para mim — disse ele em tom firme e constante.

Ela olhou o homem com quem havia concordado em se casar e tentou manter sua expressão vazia.

— Os fotografos estão chegando — disse. — Desejo tirar um retrato que expresse alegria e satisfação por nosso noivado. Como minha noiva, minha esposa, como anfitriã de nossa casa, nunca deverá demonstrar qualquer tipo de descontentamento em público, não importa como se sinta. Naturalmente, espero que nunca esteja descontente. Está entendendo?

Ela tremia.

— Sim, sr. Bellmann — conseguiu dizer.

— Ah, basta de sr. Bellmann. Meu nome é Axel e é assim que irá me chamar. Quero ouvi-la dizer.

— Sim, Axel.

— Que bom. Agora, me fale dessas plantas. Sei muito pouco sobre plantas. Como se chama esta?

Às duas e meia em ponto, o sr. Protherough da Elliott & Fry chegou à residência de Lorde Wytham. Seus três assistentes receberam uma inesperada hora de folga e mais cinco xelins para manterem o bico calado; e no lugar deles estavam Frederick, Jim e Charles Bertram.

Jim vestia seu melhor terno e tinha os cabelos penteados para trás. Frederick, de sobranceiras escuras e com enchimentos para aumentar as bochechas, estava praticamente irreconhecível. O sr. Protherough, um rapaz de cabelos claros e óculos, entrara no espírito da aventura, mas Frederick sabia que o emprego do colega estava em risco se algo desse errado.

Em um primeiro momento, o criado que abriu a porta não quis deixá-los entrar.

— A entrada de negociantes é pelos fundos.

O honorável Charles, vestido com impecável elegância, disse:

— Um momento, meu caro. Tem ideia de quem está tentando impedir que entre na casa de seu senhor?

O criado abriu a porta um centímetro mais. Havia um ar de desdém na sua expressão. — Sei — disse. — Fotografos, comerciantes. A entrada é pelos fundos.

— Diga-me — continuou Charles —, quando Sir Frederick Leighton pintou o retrato de Lady Wytham, o senhor o encaminhou para a entrada dos fundos?

O lacaio agora estava apreensivo.

— Não — disse cautelosamente.

— Aqui está meu cartão — disse Charles, retirando o cartão com ar de cansaço. — Diga ao seu patrão que os artistas fotográficos chegaram. Inclusive, chegaram pontualmente às duas e meia da tarde, embora... — ele olhou seu relógio de ouro — já estamos praticamente cinco minutos atrasados.

O criado olhou o cartão, engoliu em seco e encolheu quase um centímetro.

— Oh. Ah. Peço que me perdoem, senhores. Por favor, entrem. Informarei o Lorde de sua chegada, senhor. Por aqui, por gentileza, senhor...

Jim fez cara de arrogante (com dificuldade, após um piscar de olhos maroto de Charles) e ajudou Frederick a carregar os equipamentos até o jardim de inverno. Enquanto o sr. Protherough escolhia o melhor local para a foto e a luz mais apropriada, Frederick e Jim fixaram o tripé e prepararam as placas. Seriam fotos coloridas de colódio umedecido. Os estúdios tinham preferência pelo processo mais comum para fotografias formais, em grande escala — era mais complicado, porém garantia um bom resultado. Enquanto isso, Charles conversava com Lorde Wytham.

Estava abafado no jardim de inverno; o sol estava fraco, mas o vapor que vinha dos radiadores era úmido e quente. Sem pensar em nada em especial, Jim esfregava a sobancelha, enquanto ajustava um dos pés do tripé. Sabia que Bellmann e Lady Mary estavam chegando pelo corredor e olhou naquela direção — e então sentiu como se o coração tivesse sido atingido por uma flecha.

Lady Mary. Ela era tão perfeita que ele mal conseguia se manter de pé. Encantadora era pouco — linda também —, e ele tinha a sensação de que um furacão acabara de sugá-lo como se ele fosse um ramo; estava perdidamente, completamente, subitamente, apaixonado. E os efeitos eram bem físicos; seus joelhos estavam bambos e ele precisava se lembrar de respirar. Ele se perguntou (com uma parte do cérebro que não estava afetada e conseguia pensar) como o sr. Bellmann conseguia ficar ali parado e conversar calmamente, enquanto a mão tocava em seu braço. Como se não significasse nada! Ela estava vestida de branco e seus cabelos eram negros e brilhantes; as faces rosadas e os olhos grandes e brumosos... Ele quase deixou escapar um suspiro.

Como se estivesse sonhando, Jim andou automaticamente para onde o sr. Protherough lhe pediu que fosse, entregou uma placa a Frederick, retirou uma folha da palmeira do meio do caminho, levou a cadeira de bambu para perto do tanque e posicionou uma folha branca na direção do rosto dela para refletir um pouco mais de luz nas regiões de sombra. Mentalmente, ele falava com ela completamente apaixonado e com um prazer inebriante ouvia, todo bobo, as respostas imaginadas...

Bellmann não importava. Era irrelevante. Ela, casar com ele? Absurdo. Era impossível. Olha como ela tá sentada ao lado dele, distante, ativa e ausente — repare nos dedos elegantes e encantadores, que indolentemente afastam alguns centímetros da saia do vestido para tocar a água do tanque —, olha o pescoço vibrante e tenso, as orelhas delicadas e rosadas, com fios teimosos enroscados por detrás... Jim estava perdido, para sempre.

Ao seu redor, a sessão fotográfica transcorria normalmente. O sr. Protherough desaparecia atrás do pano preto da câmera, deixava a lente em exposição e reaparecia; Frederick dava-lhe uma nova placa, guardava a já utilizada, enquanto

Lorde Wytham andava de um lado para outro, ao fundo, e se retirava, e então fazia tudo de novo. Charles observava tudo com ar senhorial, de um proprietário de terra que olha os empregados trabalhando. Ao todo, foram tiradas 12 fotos, incluindo uma de Lady Mary sozinha. Ao que Jim agradeceu silenciosamente.

Quando estavam quase terminando, Frederick se curvou e sussurrou:

— Cuidado, Jim. Você tá encarando.

— Oh, Deus — gemeu Jim, e se virou para entregar ao sr. Protherough a última placa. Esta era do casal de pé ao lado de uma estátua clássica de uma deusa, mas Charles sugeriu que Lady Mary posasse sentada. Ajudaria a equilibrar a composição da foto, disse, e o sr. Protherough concordou.

— Por favor, traga a cadeira, sr. Sanders — disse Charles a Frederick, enquanto Jim ajudava o sr. Protherough a mudar a posição do tripé. Frederick apanhou uma cadeira de vime do lado do tanque e a levou até a estátua.

De repente, Jim notou que houve um silêncio estranho.

Viu que Bellmann segurava o braço de Frederick e o encarava minuciosamente. Frederick retornava o olhar com expressão de inocente assombro.

Ah, continue assim, Fred, pensou Jim, desesperado. Ele está caindo...

— Diga-me — disse Bellmann (e todos estavam sem ação, inclusive o sr. Protherough) —, o senhor esteve na residência de Lady Harborough na semana passada?

— Eu, senhor? — Frederick perguntou em tom gentil e educado. — Não, senhor.

— Se fazendo de convidado? — Bellmann continuou com um leve tom de irritação na voz.

— Convidado na residência de Lady Harborough? Ah, não, não era eu, senhor. Devo colocar a cadeira desse lado ou daquele, senhor?

— Na semana passada — disse Bellmann em tom mais alto —, um homem que se não era você era seu sócia estava na casa de Lady Harborough na noite do concerto beneficente. Tal homem observava e espiava os demais convidados de maneira suspeita ao meu ver. Volto a perguntar: o senhor é esse homem?

Mas antes que Frederick pudesse responder, Lady Mary se manifestou.

— Está se confundindo — disse ela a Bellmann. — Eu também estava lá e vi o homem a quem o senhor se refere e este não era ele.

— Se me permite acrescentar, senhor — Frederick se pronunciou modestamente —, possivelmente o senhor viu meu primo, Frederick. Ele é detetive particular e muitas senhoras e cavalheiros contratam seus serviços para garantir a segurança de suas propriedades.

Ele piscou inocentemente.

— Hummm — disse Bellmann. — Pode ser. Mas a semelhança é notável. — Ele se moveu para que Frederick pusesse a cadeira no chão.

Jim reparou que o sr. Protherough relaxou: pois se o disfarce de Frederick fosse descoberto ele perderia seu emprego na Elliott & Fry. Corriam sério risco — e em troca de quê? Aquilo era uma tolice.

No entanto, caso não tivessem ido até lá, Jim não a teria conhecido. Ela parecia tão jovem; dificilmente teria mais de 16 anos... Que diabos estava acontecendo para ela se casar com um homem daqueles?

Jim olhou para Bellmann com mais atenção, enquanto ele posava para a câmera atrás da cadeira e a observava abaixo, sentada. Seu rosto sinalizava perigo, intuiu Jim; mas para quem? Lady Mary brincava com um lencinho de seda, como se estivesse entediada; a imagem de Bellmann sobre ela era opressora. Ele pousou a mão sobre o ombro dela e ela, obedientemente, suspirou, se recompôs e com seus maravilhosos olhos acinzentados encarou a câmera.

A foto foi tirada, a placa guardada e eles começaram a recolher o material. Charles caminhava pelo ambiente, conversando naturalmente com Bellmann — e então chegou o momento que Jim havia esperado pelos últimos 20 minutos ou por toda sua vida.

Ela permaneceu ao lado da estátua, perdida em seus pensamentos, enquanto Frederick auxiliava o sr. Protherough com a câmera e o tripé. Uma das mãos estava apoiada na estátua e a outra enrolava um fio de cabelo em um dos dedos; e então ela ergueu o olhar e viu Jim — seus olhos brilhavam.

Ele deu um passo adiante. Não se conteve. Ela olhou ao redor e se certificou de que estavam sozinhos. Inclinou-se, deixando uma pequena distância entre seus rostos. Ele ficou tonto, ergueu uma das mãos e...

— É ele mesmo? — ela perguntou em voz baixa. — O rapaz da residência de Lady Harborough?

— Sim — disse ele. Sua voz saiu rouca. — Minha senhorita, eu...

— Ele é detetive? Mesmo?

— Sim. Alguma coisa tá errada, num tá? Pode falar.

— Por favor... — ela sussurrou. — Por favor, me ajude. Não tenho com quem falar. Estou sozinha e preciso fugir. Não posso me casar com ele...

— Olha — ele disse, seu coração saltava pela boca —, consegue se lembrar disso? Meu nome é Jim Taylor, de Garland & Lockhart, na rua Burton. Tamos investigando o seu sr. Bellmann. Tem alguma coisa suspeita no ar. Mas vamos te ajudar, prometo. Entre em contato assim que der e a gente...

— A cadeira aqui atrás, Taylor, por favor — chamou o sr. Protherough.

Jim apanhou a cadeira e sorriu para ela. Um breve sorriso surgiu como resposta, mas logo desapareceu, como um pé de vento em um milharal, e ela se virou.

Ele nada disse aos demais, quando foram embora. Nada tinha a dizer; mal conseguia acreditar que estava acordado ou mesmo vivo. Teria começado a cantar

não fosse a vontade de rir e chorar lágrimas amargas ao mesmo tempo.

Mais tarde naquele mesmo dia, um jovem baixo e robusto batia na porta de uma estalagem respeitável em Lambeth. Ao lado dele havia outro homem — um brutamonte, de nariz chato e orelhas de couve-flor. Jim os teria reconhecido, eram os homens dos quais ele resgatara Mackinnon no teatro de variedades.

Quando a porta se abriu (por uma senhora de idade que usava um avental), eles entraram na casa sem dizer uma palavra e bateram a porta com força.

— Escute bem — disse o jovem, pressionando a ponta de uma bengala abaixo do queixo da senhora. — A mulher com uma marca de nascença no rosto. Onde está?

— Ah! Ó céus! Quem são vocês? O que querem? — disse a mulher ofegante. — Solte o meu pulso! O que está fazendo?

O brutamonte forçara um dos braços dela atrás das costas. O jovem disse:

— Queremos encontrá-la. Leve-nos até ela. Agora. E não banque a esperta, senão meu amigo aqui quebra o seu braço.

— Ah! Por favor, não me machuque! Me solte, por favor...

O grandalhão, após um sinal do outro, largou e a senhora caiu contra o corrimão no estreito hall.

— Lá em cima — ela falou sem ar. — Segundo andar.

— Vá na frente — disse o homem com o porrete na mão, e ela foi subindo cambaleante as escadas.

O sr. Harris (este era o seu nome) cutucou as costas da velha senhora com o porrete e os três subiram ao segundo andar.

— Está lenta demais — disse ele. — Qual o seu nome, por falar nisso?

— Sra. Elphick — respondeu com dificuldade. — Por favor, meu coração é fraco...

— Ah, minha nossa — ironizou o sr. Harris. — O sr. Mackinnon o partiu, foi isso?

Eles estavam no primeiro vão da escada, ela se apoiou na parede e pôs as mãos sobre o peito.

— Não sei o que quer dizer — ela disse desvalida.

— Pare de embromar e continue andando. Precisamos de uma guia mais eficiente, não acha, Sackville?

O brutamonte fez um grunhido de concordância e forçou a sra. Elphick a continuar andando. Eles chegaram ao segundo andar e pararam em frente à primeira porta do corredor.

— Pois bem, agora, Sackville — disse o sr. Harris —, é aqui que usaremos seus talentos especiais. Sra. Elphick, provavelmente, verá uma cena que a deixará angustiada. Azar.

— Não, por favor — choramingou a senhora, enquanto o mostrengo dava um

passo adiante e arrombava a porta com um chute, pouco abaixo do trinco. A porta foi escancarada na mesma hora e se ouviu um grito do lado de dentro. Sackville afastou o que restou da porta e deu passagem ao sr. Harris, que entrou no quarto lentamente, batendo com a ponta da bengala na palma da mão e olhando ao redor com curiosidade.

Isabel Meredith, cuja metade do rosto estava pálida de susto e contrastava com a outra metade vermelho-fogo, ficou parada ao lado de uma mesa, segurando um bordado feito com perfeição.

— O que vocês querem? — sussurrou ela. — Quem são vocês?

— Queremos o Mackinnon. Você o está acobertando? A proprietária da estalagem está sabendo disso? — perguntou o sr. Harris malevolentemente. Virou-se para a sra. Elphick. — Sabia, boa mulher, que sua inquilina anda escondendo um homem aqui? Pelo menos, acho que ele é homem, embora ele viva fugindo, o que um homem não costuma fazer. Ele está aqui no momento, srta. Marca de Nascimento?

Isabel perdeu o fôlego. Ela não seria bonita mesmo que houvesse nascido sem a marca no rosto; ainda assim, não estava acostumada a atitudes de crueldade tão diretas e não sabia como responder.

— Eu perguntei — prosseguiu o sr. Harris. — Ele está aqui, agora? Debaixo da cama, por exemplo? Dê uma olhada, Sackville.

Sackville ergueu o estrado de ferro da cama e a virou no chão. Debaixo dela havia apenas um urinol de porcelana gasto. Isabel cobriu o rosto com as mãos.

— Olha, Sackville — zombou o sr. Harris. — Um gracioso penquinho. Veja se ele não está escondido aí dentro.

Sackville deu um chute no recipiente, que se partiu em pedaços.

— Por favor — disse Isabel. — Ele não está aqui, eu juro...

— Onde ele está então?

— Eu não sei! Não o vejo há dias! Por favor...

— Ah, mas você o ajudou, não o ajudou? Foi vista com ele, safadinha. E não diga que não era você; não dá para disfarçar uma cara como esta.

— O que vocês querem? — perguntou ela, desesperada. — Por favor, me deixe em paz! Eu não sei onde ele está, eu juro...

— Ora, ora. Que pena. — O sr. Harris olhou à sua volta. — O problema é que sou um homem muito desconfiado. Não tenho fé na natureza humana, e acho que você está mentindo. Portanto, eis o que vou fazer. Pedirei ao nosso jovem Sackville que rasgue e queime toda a sua confecção diante de seus olhos. Ele poderia te dar uma surra, mas como você já é horrível, ninguém perceberia a diferença. Vá em frente, Sackville, meu garoto.

— Não! Não, por favor! Isto é tudo o que tenho; faça o que quiser, menos isso! É o meu sustento, eu imploro...

Ela caiu de joelhos e o agarrou pela barra do casaco. Sackville puxou a toalha de mesa e começou a rasgá-la em tiras; ela sacudia e puxava o casaco do sr. Harris, mas ele estava indiferente.

— Olhe tudo, Sackville. Certamente há vestidos, camisolas e anáguas e todo o resto. Rasgue tudo. Não se sinta inibido pela presença das damas. Os gritos e lamúrias são sinais de que você, jovem Sackville, está fazendo um bom trabalho, como um bom britânico.

E embora ambas as mulheres tentassem detê-lo (com a sra. Elphick sendo jogada no chão e Isabel levando um sopapo que quase a deixou desacordada), em menos de cinco minutos Sackville sistematicamente destruiu cada peça de roupa feita por ela. Havia vestidos e camisolas — preciosas camisolas de batismo feitas de puro algodão — que requeriam costura minuciosa; havia itens que ela tinha confeccionado para vender às clientes regulares: graciosas luvas de renda, xales, lenços com bordados, blusas de brocado, bonés de viúvas com franjas e pregas e anáguas transparentes de musselina. Tudo que ela possuía fora arrancado dos embrulhos de papel de seda e rasgado em farrapos.

Finalmente, Isabel se jogou sobre uma cadeira, em prantos, aos soluços. A sra. Elphick observou, trêmula, Sackville jogar uma pilha de trapos de pano na lareira.

Então o sr. Harris abriu uma porta que ainda não tinha visto e tirou de dentro uma pequena caixa de metal trabalhada com ornatos japoneses. Ele a sacudiu, mas era leve e nada lá dentro chacoalhou.

Imediatamente, Isabel ficou em pé.

— Não — disse. — Eu... eu direi onde pode encontrá-lo. Mas não toque nisto. Por favor, me devolva. Por favor.

— Ah! — disse o sr. Harris. — Este é o seu pequeno tesouro, não é? — Ele tentou abrir a tampa, mas estava trancada. — Pois bem, me diga onde ele está e devolverei a caixa. Do contrário nosso jovem Sackville saberá tirar proveito dela.

Ela ergueu as mãos para apanhar o objeto, mas ele a reteve. Ela não conseguia tirar os olhos da caixa. Pálida e debilitada, trêmula pela consciência do que estava prestes a fazer, ela disse com a voz embargada: — Ele fará uma apresentação no Royal Music-Hall em High Holborn. Por favor, você não vai machucá-lo, vai?

Ele devolveu a caixa, que ela apertou contra o peito.

— Machucá-lo... bem, isto já não depende de mim. Não tenho influência sobre o destino. O Royal em High Holborn... sim, conheço o teatro. Agora é com você, Sackville.

O sr. Harris deu uma caixa de fósforos ao homem.

— Bom — continuou —, provavelmente você está pensando que basta virarmos as costas para sair correndo e alertar Mackinnon. Não faria isso no seu lugar. Não diria uma palavra. Estou mantendo Sackville na coleira, mas não gostaria de saber

do que ele é capaz se for solto. Seja discreta, é o meu conselho.

— Mas por quê? O que quer com ele? O que ele te fez?

— A mim, pessoalmente? Nada. Mas meu patrão quer conversar com ele urgentemente. Assuntos de família. Sabe, sou advogado. Mencionei isso? Uma espécie de advogado, por assim dizer. Agora, é melhor vocês se afastarem, pois o que provavelmente vai ocorrer em alguns minutos é que a chaminé pegará fogo. Pode ser perigoso, por isso eu e ele partiremos em breve. Mas suponho que vocês devem ser gratas a nós por avisarmos. Aliás, deveriam reembolsar a gente pelo tempo aqui dedicado, o meu e o de meu companheiro, Sackville. Eu paguei a ele uma libra de ouro pelo trabalho de hoje. Obviamente, o dinheiro veio do bolso do patrão, mas tenho certeza de que ele ficará satisfeito em saber que seu pequeno gasto foi ressarcido.

Havia algo de aterrador e deplorável em seu comportamento sarcástico e cínico. Isabel já não tinha forças para protestar. Apanhou sua bolsa e tirou uma moeda de meia coroa. Sackville a arrancou dela.

— Diga obrigado, Sackville — mandou o sr. Harris.

— Obrigado, senhorita — disse, obediente.

— Este trabalho me deu sede, acho que meia coroa para pagar uma bebida seria uma boa forma de demonstrar gratidão por nosso trabalho.

Mais uma moeda.

— É tudo o que tenho — disse ela, desvalida. — Nada tenho para comer. Por favor...

— Entendo — disse o sr. Harris. — Também não como nada desde o café da manhã. Uma boa refeição agora cairia bem. O que me diz, Sackville? Mas não espero que pague por isso. Um homem deve financiar sua própria comida. Eu pagarei.

— O que farei agora? — perguntou Isabel desolada.

— Não sei, devo confessar. É uma pergunta difícil de ser respondida. Vamos, Sackville, acenda o fósforo, rapaz.

— Não! — gritou a sra. Elphick, mas se encolheu, pois o sr. Harris fez um sinal negativo com o dedo e tapou sua boca, enquanto Sackville acendia um fósforo e ateava fogo num dos trapos amontoados na lareira. O fogaréu tomou conta rapidamente.

Isabel soluçava como uma criança, balançando para a frente e para trás, desesperada e culpada. O sr. Harris deu-lhe um tapinha na cabeça.

— Não fique assim — disse. — Tome isso como lição, é meu conselho. Nunca se apaixone por um escocês. Eles não são confiáveis. Vamos, Sackville, deixemos as damas com seu fogo, não queremos atrapalhar, é falta de educação. Tenham um bom dia.

A A

Na manhã seguinte, antes de o sol nascer, um bilhete com letras maltraçadas foi depositado na caixa do correio da rua Burton, 45, e um vulto coberto por um véu desapareceu por entre a luz opaca da aurora.

Jim foi o primeiro a encontrar a carta. Não conseguira dormir direito; a cabeça no travesseiro foi invadida por imagens de Lady Mary e mais de uma vez ele gemeu alto e bom som ao sonhar com o rosto corado, os olhos enevoados, seu sussurro aflito... Por fim, decidiu que não havia por que continuar dormindo e foi se arrastando até a cozinha, bocejando, se coçando, resmungando, e acendeu o fogo para preparar um chá.

Ao pôr a chaleira no fogão, ouviu um ruído vindo da caixa do correio e acordou de vez. Olhou para o relógio em cima da lareira; não eram seis horas ainda. Puxou a gola do pijama e engoliu em seco, caminhando para a entrada da loja. Lá encontrou a pequena folha de papel na caixa postal. Pegou e leu:

PARA O SR. TAYLOR

O sr. Mackinnon corre perigo. Dois homens vão esperar por ele no Royal Music-Hall em High Holborn. Um deles se chama Sackville. Eu imploro que tente de tudo para salvar Mackinnon. Não tenho mais ninguém a quem pedir socorro e nada posso fazer para ajudar.

IM.

I.M.?... Isabel Meredith, claro.

Jim pegou a chave pendurada no gancho na parede e destrancou a porta, correndo

para a rua deserta e silenciosa. As luzes dos lampiões ainda estavam acesas, envoltas pela bruma da manhã, as primeiras luzes do sol começavam a aparecer no céu e, além do som de trotes e das rodas da carruagem de um comerciante a caminho do mercado, na rua de trás, não havia viva alma à vista e nada que pudesse indicar para onde ela tinha ido.

Sally não esqueceu a ameaça de Axel Bellmann. Ela sabia que, sempre que ia ao escritório, muitos empregados que trabalhavam no edifício a observavam entrar e sair, havia o empregado do dono do prédio no primeiro andar a quem ela pagava o aluguel, havia uma pequena firma de importação (de passas de Corinto, tâmaras, tabaco da Turquia) em um escritório ao lado do dela, com quem dividia o suprimento de carvão — e qualquer um deles poderia estar trabalhando para Bellmann.

Chegou a cogitar, para se proteger, contratar uma mulher respeitável; mas teria que inventar algo para ela fazer e pagar por seus serviços, o que era inviável para Sally no momento. No fim das contas, resolveu ignorar a ameaça e seguir a vida como antes. Mas se sentia aliviada sempre que encontrava uma mulher e não um homem no escritório, e essa sensação a irritava, pois nada mais era do que fraqueza.

A primeira cliente naquela manhã era uma mulher. Uma moça de Lancashire, vivaz, de olhos brilhantes, que se mudara para Londres para estudar magistério e estava à procura de conselhos sobre como investir as poucas economias que o avô deixara. Após Sally descrever um bom número de possibilidades, e ambas escolherem a melhor delas, a moça disse:

— Fiquei realmente surpresa ao descobrir que S. Lockhart era uma mulher e não um homem. Quer dizer, também fiquei feliz com isso, obviamente. Como conseguiu um trabalho assim?

Sally explicou e então perguntou:

— De onde vem, srta. Lewis?

— Barrow-in-Furness — disse. — Mas não quero passar minha vida toda num canto escondido de Lancashire. Quero conhecer outros países. Gostaria de visitar o Canadá, a América do Sul e a Austrália... Por isso quero ser professora, entende? Para aprender a ser útil não importa onde esteja.

— Barrow — repetiu Sally. — Constroem navios por lá, certo?

— Sim, docas e ferrovias também. Meus dois irmãos trabalham nas docas. Escreventes. Eles ficaram muito contrariados quando meu avô deixou sua pequena fortuna para mim e não para eles, embora fosse de direito deles por serem homens. Mas era eu quem sempre ouvia as histórias de vovô... era marinheiro, sabe. Ele me contou sobre as cataratas do Niágara, a Amazônia, a Grande Barreira de Corais, e assim por diante. Fiquei tão entusiasmada com as histórias que sonho com o dia de conhecer pessoalmente todos esses lugares. A gente costumava ver as fotos no velho

estereoscópio e ele me contava várias histórias. Era encantador, meu avô.

Sally sorriu. De repente um pensamento passou por sua cabeça.

— Por acaso, já ouviu falar de uma empresa chamada Estrela do Norte?

— Estrela do Norte... sim, fica em Barrow. Estrela do Norte. Algo a ver com ferrovias? Não sei. Acho que teve algum problema com o sindicato dos trabalhadores. Ou talvez esteja errada. Mas sei quem pode saber: há uma senhora que vive em Muswell Hill, seja lá onde isso fique; é aqui em Londres? É, achei que fosse mesmo — vou escrever o endereço dela. Ela foi minha professora até se casar e se mudar para cá. Seu irmão trabalhava na Estrela do Norte ou para a empresa que foi comprada pela Estrela do Norte. Enfim, ela pode te contar mais a respeito. Sra. Seddon, Cromwell Gardens, 27, em Muswell Hill. Mande saudações minhas, por favor. Diga que farei uma visita assim que entrar na universidade...

Finalmente, pensou Sally. Devo ser uma mulher de sorte.

— Se precisar de mais conselhos, não deixe de me procurar — disse, quando a srta. Lewis estava de partida. — E boa sorte com os estudos.

Após terminar o expediente e trancar o escritório, ela ficou parada um instante na entrada do edifício, sem saber se deveria ir a Muswell Hill ou escrever uma carta. Ainda estava lá, quando Jim a encontrou.

— Sal! Tem tempo pra uma farra? Num vai para casa, vai?

— Bem, que tipo de farra?

— No teatro de variedades. Mackinnon tá em apuros e eu e Fred vamos lá dar uma conferida.

Juntos foram caminhando pelas ruas, naquele fim de tarde, no meio da multidão — os escreventes de chapéus-coco, os assistentes de escritório, os vendedores de jornal, os varredores de rua — e Jim contou sobre o bilhete deixado por Isabel naquela manhã. Esperaram do lado de fora de uma taberna até que a rua esvaziasse, e então a cruzaram. Naquele ambiente esfumaçado e movimentado, ela viu um vestígio do Jim que conhecera havia seis anos — um assistente de escritório, mal-ajambrado e emporcalhado, durão, inteligente e vivo como um pardal — e riu de felicidade.

— Tempo pra uma farra? — perguntou ela. — Só se for agora, cara. Mostre o caminho!

Chaka foi contagiado pelo bom humor de sua dona e abanou o rabo.

Sally passou em casa e trocou de roupa, e os três se encontraram na fila de entrada do Royal Music-Hall às sete e meia da noite. Frederick estava vestido a rigor e de bengala, e, para total surpresa dele, Sally o beijou.

— Já valeu a pena ter vindo — disse. — O que está em cartaz, Jim?

Jim havia estudado os pôsteres do lado de fora do teatro e ao voltar para a fila

comentou em voz baixa:

— Acho que Mackinnon agora se chama o Grande Mefisto. Num acredito que ele faça parte da trupe húngara de Velocípedes Femininas de Madame Tarocszy ou seja o sr. Ambrosio Chavez, a maravilha sem ossos...

— O que seria uma velocípede feminina? — perguntou Frederick. — Preferem o fundo da orquestra ou galeria? Acho melhor a gente ficar perto do palco caso precisemos subir lá. O que acham?

— Num existe um atalho da galeria para o palco nesse teatro — disse Jim. — A gente precisa ficar o mais perto possível dele. O problema é que a gente num vai conseguir ver a plateia e ficar de olho no tal Sackville.

As portas se abriram e a fila avançou pela ostentosa entrada do teatro, onde resplandcentes lampiões iluminavam a decoração dourada, o mogno e os vitrais. Eles pagaram um xelim e seis centavos por cada poltrona, na ponta da primeira fileira, se sentaram em uma atmosfera esfumaçada e observaram os integrantes da orquestra tomarem seus lugares e afinarem os instrumentos. De vez em quando, Jim olhava a sua volta para o restante da plateia.

— O problema — resmungou ele — é que a gente não sabe o que procurar. Afinal, eles num vão tá com um letreiro pendurado no pescoço.

— E os sujeitos que você viu quando ajudou Mackinnon a escapar do Britannia? — perguntou Frederick.

— Bom... Tem muita gente aqui, Fred. E eles podem tá na coxia. Mas acho que não. O rapaz que cuida da entrada e saída dos bastidores é muito bom. Acho que vão esperar por ele na entrada, se é que vão fazer alguma coisa.

Então, Sally olhou os camarotes nas laterais. Dos seis camarotes, quatro estavam escuros, porém em outro havia três homens — e um deles olhava diretamente para ela com um binóculo.

E ao perceber que Sally também o olhava, guardou o binóculo e fez um leve aceno com a cabeça. Ela viu o brilho de luz nos óculos de armação de ouro.

— Sr. Windlesham — disse involuntariamente e desviou o olhar.

— O que foi? — perguntou Frederick.

— O secretário de Bellmann. Ele está naquele camarote, o segundo daqui para lá, e ele me viu. O que faremos agora?

— Bem, agora estamos no mesmo barco, isso está claro. — Frederick se virou e olhou naquela direção sem embarço. — Não adianta a gente se esconder: ele sabe que estamos juntos. Tem um outro sujeito lá dentro. Um, não. Dois. Consegue ver?

Jim também esticou o pescoço para ver melhor o lugar, mas balançou a cabeça negativamente.

— Não, eles tão na sombra. O mais baixo pode ser o sujeito que vi no camarim de Mackinnon, mas num tenho certeza. Que aporrinhação! Eu posso chegar lá e

trancar eles, como fiz da outra vez, mas eles me veriam.

Frederick acenou para eles e se voltou para o palco. A orquestra se preparava para iniciar a sinfonia. Ele então disse aos outros:

— Eles podem até nos observar, mas nós temos como chegar ao palco mais rápido. E numa emergência, Jim, podemos mantê-los ocupados, enquanto Sally cuida de Mackinnon. Está com seu soco-inglês?

Jim confirmou com a cabeça.

— Aquela porta ao lado da mesa do administrador dá direto nos bastidores — disse. — Eles escolheram o lugar errado para esperar por Mackinnon. E essa é nossa única vantagem.

— A não ser que tenha mais deles na coxa — disse Sally.

Não puderam falar mais, pois a orquestra começou a tocar, com o repicar dos pratos e a batida do bumbo, e era tudo que podiam ouvir de onde eles estavam. Jim, na última cadeira da fila, volta e meia olhava de canto de olho para o camarote, enquanto Frederick preferiu se entreter com o espetáculo.

As Velocípedes Húngaras de Madame Taroczy iam e vinham, assim como a srta. Ellaline Bagwell (soprano), o Fazedor de Raios e o sr. Jackson Sinnott (canções cômicas e patrióticas); e os homens permaneciam no camarote. Sally olhou apenas uma vez para o andar de cima e viu o sr. Windlesham com uma expressão curiosa e suave, óculos brilhantes, sem tirar os olhos dela, fazendo-a se sentir desagradavelmente nua. Ela se virou e tentou ignorar.

Finalmente, o apresentador chamou o Grande Mefisto. O som do tambor ecoou, a mão esquerda do maestro fez com que o pianista provocasse um estrondo nas teclas do instrumento, enquanto a mão direita conduzia os quatro músicos com instrumentos de corda, estes produzindo um som misterioso. De repente, sob o brandir dos pratos, a cortina se abriu. Frederick e Sally se ajeitaram na cadeira.

No centro do palco, uma figura magra, com uma longa capa esvoaçante e uma gravata branca. Também era branca a máscara que ele usava. Sally não conhecia Mackinnon, mas soube de imediato que era ele, mesmo que Jim, ajeitando-se em seu assento, à esquerda dela, não tivesse sussurrado:

— É ele.

Frederick se encontrava completamente relaxado à direita de Sally. Ela o olhou atentamente e diante da expressão de puro e infantil prazer reagiu com um sorriso espontâneo. Ele se virou para ela e piscou, e então o primeiro ato começou.

Seja lá o que Mackinnon fosse, ele era acima de tudo um artista. A máscara não servia apenas para preservar sua identidade, como também era um elemento de peso na apresentação — tão importante quanto a maquiagem branca que ele havia usado das outras vezes. Ele não falava e a atmosfera que criava era sinistra — intensificada pelos truques com facas, espadas, perfurações e divisões de objetos.

Movimentos, mímicas e a hipnótica máscara inexpressiva — tudo contribuía para um clima de expectativa e suspense. A plateia, que até então se mostrara alegre e divertida, agora estava imóvel — não por insatisfação ou desaprovação pelo que via; estava magnetizada. Assim como Sally. Ele era um artista fenomenal.

Eles estavam, fazia alguns minutos, assistindo à performance, incapazes de desviar o olhar do palco, quando Jim virou a cabeça rapidamente na direção do camarote — e sacudiu o braço de Sally.

— Eles sumiram! — sussurrou.

Assustada, ela também se virou e viu que o camarote estava vazio. Jim soltou um palavrão e Frederick se ajeitou na cadeira.

— Eles foram mais espertos — sussurrou. — Maldição. Devem ter ido para o fundo do palco. Assim que ele encerrar o espetáculo, Jim, nós corremos para o palco...

Mas foi então que Mackinnon surpreendeu a todos. A música cessou e o mágico ergueu os braços — em seguida sacudiu as mãos. Dois lenços brilhantes de um vermelho intenso rolaram delas, sobre seus braços até tocar o chão como duas cachoeiras de sangue.

Simultaneamente, todas as luzes se apagaram, exceto a que o iluminava. O silêncio era completo na plateia. Ele então caminhou até a frente do palco.

— Senhoras e senhores — eram as primeiras palavras que dizia. Sua voz era suave e melodiosa, mesmo abafada pela máscara. Parecia a voz de um deus em um templo antigo. A orquestra estava silenciosa. Ninguém se movia. A sensação era de que o teatro inteiro prendia a respiração.

— Debaixo desses sedosos panos — continuou — guardo dois poderosos presentes. Em uma das mãos tenho uma joia, uma esmeralda muito antiga, de valor inestimável, na outra, um punhal.

O silêncio arrepiante tomou a plateia.

— Vida — prosseguiu ele, tranquilo, fascinante — e morte. A esmeralda dará, a quem a possuir, riqueza e luxo. O punhal, por outro lado, enfiarei no coração de quem a receber, e a morte com ela virá.

“Um desses presentes, e apenas um, darei à pessoa que for corajosa o suficiente para responder a uma única pergunta; a resposta errada dará direito à faca. Mas, primeiramente, mostremos os presentes.”

Ele sacudiu a mão esquerda. O lenço caiu delicadamente sobre o chão e na mão direita podia se ver uma pedra verde-escura e cintilante — uma esmeralda do tamanho de um ovo de galinha, reluzindo a cor do fundo do mar. A plateia suspirou. Ele a colocou cuidadosamente sobre a superfície preta de veludo de uma pequena mesa ao lado.

Em seguida sacudiu a outra mão. O pano caiu, revelando o brilho seco da lâmina

de um punhal de uns 15 centímetros. Ele o posicionou horizontalmente no ar. Com a outra mão fez um movimento — e um lenço branco de seda surgiu na ponta dos dedos.

— Tão afiada é a lâmina — disse ele — que apenas o peso do lenço sobre ela é suficiente para cortá-lo em dois.

Mackinnon ergueu o lenço e o soltou. O lenço caiu suavemente sobre a faca e, sem pausa ou empecilho, o tecido atravessou a lâmina, que o cortou ao meio. Outro sobressalto da plateia. Dessa vez, foi mais parecido com um suspiro mesclado a tremor de medo. Sally também estava enfeitiçada. Ela balançou a cabeça e envolveu uma mão na outra. Onde estavam os homens do camarote? Já estariam na coxia, esperando?

— Morte — dizia Mackinnon delicadamente. — A morte por essa faca seria tão suave e gentil como o cair da seda. Pense na dor da enfermidade, na miséria da idade avançada, no desespero da pobreza... Tudo acaba em um segundo, para sempre! Este é um presente tão bom quanto o outro. Talvez melhor.

Ele colocou a faca ao lado da esmeralda e deu um passo atrás.

— Aqui e agora — disse — nesse palco, na frente de 600 testemunhas, eu levarei este ato adiante. E como consequência, serei enforcado. Sei disso. E estou preparado. E por ser uma escolha solene, não espero uma resposta imediata. Permitirei que dois minutos se passem, nesse relógio.

Em meio à escuridão que cercava o mágico, surgiram, iluminados, os ponteiros de um grande relógio, mostrando que faltavam dois minutos para a meia-noite.

— Deixarei que o relógio marque o tempo — disse — e esperarei. Caso não haja voluntários após os dois minutos, concluirei minha performance. Amanhã repetirei minha oferta e assim o farei até que a pergunta seja respondida. — Fez uma pausa. — Vejamos quem da plateia ousará responder hoje. — Fez outra pausa. — Resta a mim, agora, fazer a pergunta. É simples: qual o meu nome?

Ele ficou em silêncio. O único som no teatro era do constante e baixo sibilar do gás dos lampiões; em seguida, o bater do primeiro minuto que soou, nítido, em cada canto do auditório.

Segundos se passaram. Ninguém se moveu; Mackinnon estava como uma estátua, o corpo estático como o rosto mascarado. O silêncio vinha da orquestra, da plateia, das coxias, interrompido apenas pelo som do ponteiro marcando os segundos. Os capangas deviam estar à espreita em algum lugar da coxia, detidos pela inesperada proposta de Mackinnon; mas não ficariam lá para sempre, e um minuto já tinha passado.

Aquela não era uma espera agradável, concluiu Sally. Olhou para Frederick e Jim. — Bem, só nos resta levar isso adiante — sussurrou e Frederick concordou. Ela abriu a bolsa, tirou um lápis e um pedaço de papel que sempre levava consigo e

rascunhou algo rapidamente. Suas mãos tremiam; podia sentir a tensão na plateia atrás, metade convencida de que a esmeralda era verdadeira, de que ele realmente usaria o punhal, de que vida e morte estavam de fato em jogo.

O ponteiro maior quase alcançava o número 12. O silêncio agora dava lugar ao murmurinho, enquanto alguns prendiam a respiração e outros respiravam profundamente. Ela voltou a olhar para Frederick e Jim, viu que eles estavam a postos e se levantou.

— Eu posso responder à pergunta — declarou em voz alta.

Um segundo depois, o relógio badalou, marcando meia-noite, mas ninguém ouviu, pois o alvoroço era generalizado, e toda a tensão fora liberada. Todas as cabeças presentes se voltaram para ela; Sally via somente o branco dos olhos das pessoas em meio à penumbra.

— Muito bem — alguém gritou, e foi imediatamente seguido de aplausos e urros. Sally caminhou lentamente até o palco. O apresentador a esperava sob as escadas do tablado. Encobertos pelos aplausos, Sally notou que Frederick e Jim passavam de fininho pela porta que dava nos fundos do palco. Não havia tempo a perder. Ela precisava se concentrar em Mackinnon.

O apresentador ofereceu sua mão para ajudá-la a subir, e os aplausos cessaram assim que Sally entrou em cena. O silêncio que imperava agora era ainda mais profundo que os anteriores. Sally se aproximou de Mackinnon (Windlesham estava em algum lugar nas sombras, pensou, e ele sabe quem sou, mesmo que os outros não saibam...).

— Muito bem — disse Mackinnon, quando ela parou a poucos centímetros de distância dele. — Alguém com uma resposta. Ela veio ao encontro de seu destino... Agora, vamos ouvir, qual o meu nome?

Sally conseguia ver os notáveis olhos negros por detrás da máscara. Sem pressa, ela entregou o pedaço de papel a ele. Esperando que ela fosse falar, ele ficou um pouco desconcertado, mas não deixou transparecer para a plateia. Como se houvesse ensaiado aquele movimento durante semanas, Mackinnon pegou o papel com uma lentidão angustiante e se virou para a plateia. Sally sentia a tensão do público à sua esquerda.

Ele desdobrou o papel, os olhos demandavam silêncio. Todos no recinto prendiam a respiração — inclusive Sally. Ele baixou os olhos e leu:

Cuidado, os capangas de Bellmann
estão esperando na coxia. Sou uma amiga.

Não teve tempo de escrever mais.

Mackinnon nem sequer piscou. Em vez disso, se dirigiu à plateia:

— No papel, esta corajosa jovem escreveu um nome, um nome que todos aqui presentes, cada homem e mulher do Reino, reconheceriam. E que a mim muito lisonjeia, porém este não é o meu nome.

Ohhhhh (da plateia). Ele rasgou o papel em vários pedaços, deixando-os cair por entre os dedos. Sally se sentiu como um pequeno animal acuado, hipnotizado por uma serpente. Todas as certezas que tinha se foram e a situação se revertera; um minuto antes, ele estava sob seu controle; agora, era ela quem estava submetida a ele, inteiramente. Não ousou olhar em seus olhos, ou na máscara, ou nos lábios vermelhos. Nas belas e fortes mãos. Seria a faca verdadeira? Ele seria capaz? Não, claro que não, mas então o que faria agora?

Sua única certeza era a de que a mente do mágico devia estar a mil. E ela esperava que chegasse logo a uma solução.

O momento não podia mais ser prolongado. Ele pegou a faca, encarando o objeto cortante. Em seguida a ergueu bem — firme e fria, como uma estalactite de aço — na altura de Sally.

Foi então que várias coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Um grito áspero veio de trás do palco, e se ouviu som de algo pesado tombando no chão, de uma briga violenta que balançou as cortinas. Um alçapão ao lado de Mackinnon se abriu bruscamente com estardalhaço e uma plataforma quadrada foi revelada.

Uma mulher da plateia soltou um grito, que foi seguido de outro, e outro.

A orquestra iniciou uma frenética performance, com pelo menos duas claves, da sinfonia *Fausto*.

E então Mackinnon agarrou Sally pelo braço e a arrastou para o alçapão que havia no palco. Ela sentiu o braço dele a pegar pela cintura e se admirou com o vigor do mágico.

As luzes mudaram para um vermelho diabólico, enquanto a plataforma onde estavam Mackinnon e Sally começou a descer.

A plateia era um mar de ruído e caos — bramidos, gritos, uivos —, mas a gargalhada satânica e poderosa de Mackinnon atravessou o teatro pouco antes de ele sacudir os punhos e desaparecer na escuridão.

O alçapão se fechou com um estrondo acima da cabeça dos dois.

A barulheira cessou na mesma hora; e Mackinnon desabou; inclinou-se sobre Sally e tremeu como uma criança assustada.

— Ah, me ajude — gemeu.

Em um segundo, ele era outra pessoa. Sob a fraca luz (uma pequena faixa de luz de um holofote, obstruída pela confusão de vigas e cordas e alavancas, era a única

iluminação), ela viu que a máscara havia pendido para o lado. Retirou-a de uma vez e disse:

— Rápido, me fala. Por que Bellmann tá atrás de você? Preciso saber!

— Não, não, por favor! Ele vai me matar! Preciso me esconder...

Seu sotaque escocês sobressaiu totalmente, assim como a voz aguda e desesperada. Ele batia uma mão na outra como uma criança distraída.

— Me fala! — repetiu Sally energicamente. — Senão eu os deixo te levar. Sou amiga, tá me ouvindo? Fred Garland e Jim Taylor tão segurando aqueles homens por enquanto, mas se você não me contar a verdade, eu te entrego. Agora, me fala por que o Bellmann tá atrás de você ou...

— Tá bom, tá bom!

Ele olhou a sua volta como um animal encurralado. Ainda estavam na plataforma do alçapão, entre ferros e roldanas que a erguiam até a superfície do palco. Era o tipo de artifício conhecido como “armadilha do demônio” — como pantomimas que levavam o Rei dos Demônios para o palco. Em algum lugar, Sally pensou, devia haver um homem controlando o aparato, mas ninguém por perto.

De repente, ouviu-se o som de maquinário se mover. Sally nada via além de um emaranhado de polias e correntes. Foi então que Mackinnon escapou da plataforma e fugiu por entre os pesados pilares de madeira que sustentavam o tablado.

— Por aí não! — Sally alertou em voz baixa.

Funcionou. Ele hesitou — e deu tempo para que ela, no seu nada prático vestido de várias camadas, o alcançasse e o agarrasse pelo braço.

— Agora escuta, seu tolo — ela sussurrou. — Eu vou te entregar ao Bellmann. Eu juro que vou, se não me contar o que eu quero saber.

— Tá bom, mas não aqui...

Ele olhou para os lados. Ela não o soltou. Um foco de luz a gás de algum lugar próximo lançava uma luz pálida e sinistra sobre eles, deixando-o com aparência histérica e insana.

De repente, Sally ficou com raiva e o sacudiu.

— Olha — disse ela. — Você não significa nada para mim. Eu te entregaria agora mesmo, mas tem uma coisa que eu preciso saber. Nesta história toda há fraude, um naufrágio, assassinato, e você tá envolvido. Agora, por que Bellmann tá te perseguindo? O que ele quer?

Mackinnon tentou se soltar, mas ela não deixou; e então ele começou a chorar. Sally ficou chocada e de certa forma indignada, e o sacudiu novamente, dessa vez com mais força.

— Fala! — ela ordenou, a voz baixa estava carregada de raiva.

— Tá bom! Tá *bem*! Mas não é Bellmann, de qualquer forma — disse. — É meu pai.

— Seu pai? Então, quem *é* seu pai?

— Lorde Wytham — respondeu Mackinnon.

Sally ficou muda, sua mente girava.

— Prove — ela disse.

— Pergunte a minha mãe. Ela vai te falar. Ela não tem vergonha disso.

— Quem *é* ela?

— Ela se chama Nellie Budd. Não sei onde ela mora. Só estou tentando ganhar a vida, aperfeiçoar minha arte. Sou inocente. Nunca fiz mal a ninguém, estou te falando. Sou um artista, preciso de calma e tranquilidade, preciso que me deixem em paz. Não aguento mais ser atormentado, perseguido e atormentado sem parar, não é justo, não é certo!

Nellie Budd...

— Mas você ainda não me disse por que ele tá atrás de você. E o que isso tem a ver com Bellmann? Não adianta tentar me convencer de que não tem nada a ver com ele; o secretário dele tava aqui hoje. Um homem chamado Windlesham. Qual a ligação dele?

No entanto, antes que Mackinnon tivesse tempo de responder, um alçapão se abriu escancarada e ruidosamente acima deles, no palco, e Mackinnon se livrou das mãos de Sally e desapareceu nas sombras como um rato. Ela correu na mesma direção, porém logo parou; ela não o alcançaria.

Sally esperava encontrar um verdadeiro caos no andar de cima, com a plateia em pânico por conta da desapareição do mágico e sua vítima. Em vez disso, se deparou com um apresentador cheio de dedos com ela, um palco repleto de dançarinas e um público muito bem-humorado.

O homem explicou a Sally que ela deveria ter sido auxiliada por um assistente de palco, que a estaria esperando embaixo do tablado, para a conduzir de volta a sua poltrona — a armadilha, a plataforma, o fogo: tudo foi previamente planejado por Mackinnon como o clímax da apresentação. Aquela foi a primeira vez que aquele número tinha sido apresentado, e o diretor do teatro estava encantado com o resultado.

Infelizmente, ninguém a esperava embaixo, pois todos os funcionários tinham sido chamados para conter uma briga na coxia. Quatro homens haviam aparecido de repente e, após uma luta feia, eles foram expulsos do teatro. Provavelmente, obra de outro marido ciumento, explicou o apresentador.

— Marido ciumento?

— Pois *é*, o sr. Mackinnon tem um talento especial com as mulheres. Imagino que a senhorita deve ter notado. Elas voam para cima dele, como abelhas atrás do néctar. Não sei explicar por quê, mas aí está a senhorita para comprovar. Não é a primeira vez que esse tipo de incidente ocorre quando o assunto *é* ele. O homem *é* o terror

dos maridos. Enfim, senhorita, me permita chamar um assistente para a levar de volta ao seu lugar.

— Na verdade, acho que vou embora — disse. — Já me diverti bastante para uma única noite, muito obrigada. Onde fica a saída?

Ela correu para a entrada principal do teatro, o coração estava disparado. Do lado de fora, viu Frederick, sentado no meio-fio, entretendo-se com sua bengala, enquanto Jim andava de um lado para outro com os olhos fixos no chão. Fora isso, o local estava deserto.

Ela correu até eles e se agachou atrás de Frederick.

— Vocês estão bem? O que aconteceu?

Quando ele ergueu o rosto, ela viu que ele tinha um corte no rosto, mas sorria. Ela tocou a ferida delicadamente.

— Ai... Nós demos uma bela lição neles. Estava meio apertado lá dentro, as cortinas atrapalharam, ficavam no meio do caminho; mas quando eles nos expulsaram do teatro, aí sim, aqui na rua, pude usar minha bengala e a briga ficou boa. Que par sinistro aquele, viu? Ainda assim, eu arranquei o couro do tal de Sackville, e Jim esmagou o nariz do outro sujeito. Não fomos nada mal. Pelo menos, eu não. Achou? — ele perguntou a Jim.

Jim resmungou qualquer coisa. Sally se levantou e virou o rosto de Jim. O lábio estava partido e quando ele abriu a boca ela viu que ele perdera um dos dentes da frente. Sally sentiu uma pontada na boca do estômago. Eles estavam feridos e ela havia deixado Mackinnon escapar.

— Descobriu alguma coisa? — perguntou Frederick, levantando-se.

— Descobri. Vamos procurar um cabriolé e ir para casa; quero pôr alguma coisa nesse corte. A boca de Jim ainda vai doer muito. Espero que a gente tenha conhaque em casa.

— Pena eles terem nos expulsado, de verdade — disse Frederick. — Queria ter visto o sr. Chavez, a maravilha sem ossos.

— Já vi — murmurou Jim. — É uma perda de tempo. Ele fica de cabeça para baixo e coloca os pés na orelha. É só isso. O que você descobriu, Sal?

A algumas ruas dali, em uma carruagem, o sr. Harris e Sackville levavam uma tremenda bronca do sr. Windlesham. No entanto, não prestavam a devida atenção; Sackville, com a cabeça machucada por causa da bengalada de Frederick, estava mais lesado do que de costume, e o sr. Harris, cujo nariz sentira o impacto do soco-inglês de Jim, estava preocupado em desviar a abundante quantidade de sangue que ensopava sua camisa para o lenço que tinha na mão.

O sr. Windlesham os observava com desgosto e bateu no teto da carruagem, que diminuiu a velocidade.

— Ainda não chegamos — disse Sackville com dificuldade.

— Muito bem observado — disse o sr. Windlesham. — Contudo, a noite está muito agradável. A caminhada lhes fará bem. Parece-me que o talento dos senhores está mais para aterrorizar mulheres do que para brigar com homens. Se for este o caso, talvez tenha outro serviço para vocês, talvez não. Isso vai depender de quão pontuais forem amanhã de manhã. Estejam no meu escritório às sete da manhã, e nem um minuto a mais. Nada de sangue em minha maçaneta, sr. Harris, por favor; limpe-a, se não for pedir demais. Não, não com seu lenço. A ponta de seu casaco servirá. Boa noite aos dois.

Sob gemidos, murmúrios e reclamações, os dois delinquentes desapareceram pela ruela Drury. O sr. Windlesham mandou o motorista o levar até Hyde Park Gate; seu patrão, imaginou ele, ficaria muito interessado em saber dos acontecimentos daquela noite.

F

— Então, o que temos? — perguntou Frederick, servindo-se de um pouco de geleia. Era a manhã seguinte à apresentação no teatro de variedades, e ele e Jim tomavam café da manhã com Sally no hotel Tavistok, em Covent Garden. — Mackinnon alega ser filho de Nellie Budd com Lorde Wytham. Bem, é possível.

— Essa foi a lorota que ele inventou pra srta. Meredith — lembrou Jim. — Ele num falou nomes, mas a história é a mesma. O que num explica por que Bellmann tá atrás dele. A num ser que o magnata num goste da ideia de ter ele como cunhado. Num é de se culpar.

— Herança — disse Sally. — Tinha alguma coisa assim, não tinha? No entanto, o fato de ele ser filho ilegítimo descartaria essa hipótese. O que ele poderia herdar de Wytham?

— Acho que quase nada. O homem está falido ou perto disso — disse Frederick. — Tudo o que ele possui são hipotecas até o pescoço. E agora também foi expulso do Gabinete Ministerial... Não sei. Praticamente, virou um João-ninguém deprimente. Prefiro Nellie Budd. Não é à toa que ela ficou perturbada quando ouviu o nome de Mackinnon.

— E a tal Estrela do Norte? — perguntou Jim.

— Estrela do Norte Fundição — disse Sally. — Tem relação com ferro e aço? Não está na listagem da Bolsa de Valores. Amanhã farei uma visita à sra. Seddon, em Muswell Hill. Mas hoje vou procurar o sr. Gurney para saber mais sobre psicometria. Também tenho negócios do escritório para resolver...

— Pois eu darei uma xeretada em Whitehall — disse Frederick. — Quero ver se descubro alguma coisa sobre Wytham. E depois farei outra visita a Nellie Budd. E por falar em negócios, tá na hora de ganhar algum dinheiro. Não ganhei sequer um centavo com esse caso ainda. Na verdade, estou com menos um relógio.

— Isto é o de menos, cara — disse Jim, amargamente, sentindo a boca inchada.
— Pode comprar outro por 30 xelins. Já um dente não se encontra por aí. E não consigo entender como você teve o coração de pedra de provocar seu amigo aqui com arenque e torrada, quando sabe que só posso comer mingau de aveia e ovos mexidos. Mas fico mais tranquilo sabendo que aquele panaca vai ter problemas com as vendas.

Sally conheceu o sr. Gurney em Cambridge. Tinham sido apresentados pelo sr. Sidgwick, um filósofo que fizera muito pelas mulheres na área de educação superior e que tinha interesse em temas psíquicos. O sr. Gurney desenvolvia uma pesquisa nessa área e, como vivia em Hampstead, não muito longe, Sally pensou em fazer uma visita.

Ela o encontrou na sala de estudos de sua agradável vila, com partituras espalhadas sobre a mesa e um violino dentro da caixa aberta. Era um homem de grande vitalidade, de trinta e poucos anos, olhos grandes, barba macia.

— Desculpe interromper sua música — disse ela. — Mas preciso tirar uma dúvida e não tenho mais ninguém a quem recorrer...

— Minha música? Nunca serei músico, srta. Lockhart. Esta singela sonatina é o auge de minha ambição musical, e receio que das minhas habilidades também. Estou fazendo um novo curso agora: medicina é a minha verdadeira área. Mas como posso ajudar?

Ele era um abastado diletante que já havia tentado estudos acadêmicos, direito, agora música, e ela duvidava que ele viesse a se contentar com a medicina. Ainda assim, ele possuía uma inteligência extraordinária e grande conhecimento nas áreas de filosofia e psicologia, e bastou ela explicar o motivo que a levava ali e o ocorrido na sessão espírita de Nellie Budd em Streatham, para que Gurney se sentasse para ouvir com enorme interesse.

— Telepatia — disse. — Aparentemente, é o que a senhora Budd faz.

— *Tele* é grego. Como telégrafo. O que significa?

— É o nome dado a uma situação em que uma pessoa recebe impressões da mente de outra. Percepções, sensações, nada relacionado a pensamentos conscientes. Pelo menos, ainda não...

— Mas essa faculdade realmente existe? Todos temos essa aptidão?

— O fenômeno existe. Há registros de centenas de casos. O que não significa que seja uma faculdade. Não poderíamos usar esse termo, por exemplo, para um homem que é atropelado por uma carruagem; não iríamos falar de uma capacidade para ser atropelado. Pode ser algo que acontece com a gente e não algo que façamos.

— Entendo. Nellie Budd pode estar recebendo essas impressões sem saber de onde vêm ou por quê. Mas o envio dessas impressões seria deliberado? Quer dizer, quem passa a informação sabe o que está fazendo?

— Esse é o agente, é como o chamamos. Parece não haver um padrão, srta. Lockhart. A única generalização que se pode fazer é que, geralmente, a telepatia acontece entre pessoas que estão emocionalmente próximas.

— Entendo... Tem outra coisa intrigante, sr. Gurney. Tem relação com esta história, mas ainda não sei qual. — Ela contou sobre a visão de Mackinnon do duelo na neve, e de como as imagens foram provocadas, segundo o mágico, pelo toque em uma cigarreira.

— Sim — confirmou o sr. Gurney. — Este tipo de fenômeno foi constatado. Quem é o sensitivo? Esse que teve a visão?

— É um homem nada confiável. É um mágico, um ilusionista, muito bom, por sinal, e a relação dele com o resto da história eu realmente desconheço, mas é praticamente impossível saber se ele está falando a verdade. Ah, e se esse fenômeno é mesmo real, ele só ocorre se o receptivo tiver em mãos algo que pertença a outra pessoa? Ou qualquer outra coisa relacionada serviria?

— Que tipo de coisa?

— Bem, um recorte de jornal de uma história que tenha a ver com a visão, porém sem mencionar nomes. Isto poderia causar uma percepção psicométrica? Por exemplo: suponhamos que o receptivo teve uma visão e mais tarde ele se depara com uma matéria de jornal que, embora não se refira diretamente ao assunto, tem relação com a história. Ele perceberia a conexão entre a visão e o artigo?

O sr. Gurney se levantou entusiasmado e apanhou um grosso volume contendo anotações e recortes de uma prateleira acima de sua mesa de estudos.

— Que extraordinário! — disse ele. — A senhorita acaba de descrever exatamente o caso Blackburn, de 1871. Caso seja recorrente, será uma notícia espetacular. Veja, aqui está...

Ela leu os recortes de jornais, todos anotados e datados com precisão científica. A semelhança era grande entre os dois casos, embora o que havia de mais espetacular na visão do homem do caso Blackburn era o fato de seu irmão ter conseguido escapar de um acidente de trem.

— Quantos casos o senhor tem arquivado? — perguntou.

— Milhares. Seria o trabalho de uma vida inteira conseguir estudá-los e analisá-los...

— De repente o senhor devia se dedicar a isso em vez de medicina. Mas há mais uma coisa que preciso te dizer; seja lá o que signifique toda essa história, parece estar no meio de uma conspiração criminosa. O senhor, sei que vai querer escrever a respeito, mas poderia, por favor, esperar para publicar o seu texto até que o caso seja solucionado.

Ele arregalou os olhos.

— Uma conspiração criminosa?

Ela explicou um pouco do que se tratava, enquanto ele a escutava perplexo.

— Então é isso que Cambridge está formando — disse finalmente. — Mulheres detetives. Não acho que era exatamente isso que os precursores da educação universitária para as mulheres tinham em mente... Mas, claro, farei o que me pede. De qualquer forma, sempre usamos pseudônimos em nossos relatórios. Minha nossa! Fraude... Assassinato... Afinal, talvez seja melhor eu me dedicar à música.

Apenas na parte da tarde Frederick se dirigiu a Streatham. Conseguiu algumas informações pelo mais simples dos meios — inquirindo as pessoas dos bastidores do governo: assistentes de escritório, mensageiros e afins. Os rumores eram de que a carreira política de Lorde Wytham chegara ao fim, de que agora ele estava destinado a prosperar no mundo empresarial, após conseguir um cargo de diretor de uma empresa recém-criada, chamada Norte alguma coisa. Além disso, andava cultivando boas relações com o novo subsecretário de Relações Exteriores... No fim das contas, valia uma manhã de trabalho e tomar vários cafés fracos.

A tarde era fria e cinza, com uma fina garoa que começara a cair. Ao entrar na tranquila rua onde Nellie Budd morava, Frederick se deu conta de quanto queria vê-la.

Apesar de que, naquele momento, a rua não estava nada tranquila. Uma multidão de curiosos cercava a porta da casa de Nellie Budd e uma ambulância de quatro rodas estava estacionada junto ao portão. Um sargento e dois agentes de polícia tentavam desobstruir a passagem entre a porta e a carruagem, e então dois homens carregando uma maca saíram da casa, e a multidão abriu caminho para que eles passassem.

Frederick caminhou em direção à casa. Seu movimento foi acompanhado por um inspetor uniformizado, logo na entrada, um homem forte que aparentava competência; e, enquanto colocavam a maca na carruagem, o inspetor foi até Frederick. As pessoas ao redor observaram, curiosas.

— Posso ajudar, senhor? — perguntou o inspetor quando Frederick chegou ao portão da casa. — Esperava encontrar alguém dessa casa?

— Venho prestar uma visita à senhora que mora nesse endereço, — respondeu Frederick. — A sra. Nellie Budd.

O inspetor olhou na direção da ambulância e fez sinal para que os atendentes fechassem a portinhola do veículo e partissem; em seguida, se virou para Frederick. — Poderia entrar por um instante? — pediu.

Frederick o seguiu por um estreito corredor, e em seguida a porta foi fechada por outro agente policial. Um homem que parecia ser médico saiu do cômodo da frente da casa. Frederick podia ouvir uma menina chorar copiosamente lá de dentro.

— Ela pode responder a algumas perguntas? — indagou o inspetor.

— Se o senhor for breve — respondeu o médico. — Dei um calmante e ela deve

ficar sonolenta em poucos minutos. É melhor ela descansar.

O inspetor assentiu com a cabeça. Ele abriu a porta e pediu que Frederick o acompanhasse. Sentada no sofá da sra. Budd, olhos vermelhos e o peito ofegante pelos soluços, uma criada de uns 16 anos.

— Muito bem, Sarah — disse o inspetor. — Pare de chorar agora mesmo e olhe pra mim. Sua patroa está a caminho do hospital; cuidarão dela. Preste atenção: você já tinha visto esse homem antes?

Soluçando e tremendo, a menina olhou rapidamente para Frederick e balançou a cabeça negativamente.

— Não, senhor — sussurrou.

— Ele não é um dos homens que esteve aqui hoje?

— Não, senhor.

— Tem certeza, Sarah? Você está segura agora. Olhe bem.

— Nunca vi ele antes! Juro!

Ela voltou a chorar. O inspetor abriu a porta e chamou um dos agentes:

— Davis, leve a menina lá pra cima. Dê a ela um copo d'água.

O agente retirou a menina da sala e então o inspetor voltou a fechar a porta e pegou seu caderno de anotações e um lápis.

— Pode me dar o seu nome, senhor?

— Frederick Garland. Rua Burton, 45. Fotógrafo. Agora, o senhor se incomodaria em me explicar por que esse inquérito, e pelo que sei, esse tipo de identificação é ilegal. O que diabos tá acontecendo? E o que aconteceu com Nellie Budd?

— Ela foi atacada hoje pela manhã por dois homens. A criada disse que eles estavam... Tinham cortes no rosto, nariz inchado, e outros ferimentos. E o senhor está bem machucado no rosto.

— Ah, por isso. Entendo. Bem, isso aconteceu depois que um idiota abriu a porta de um trem bem no meu rosto. Para onde a levaram? E quão machucada ela tá?

— Ela foi levada para o hospital Guy. Está bastante ferida. Na verdade, não estava consciente quando a levaram, mas acredito que sobreviverá. E ficará muito melhor depois que estes dois forem enforcados.

— O senhor os pegará?

— Certamente que os pegarei — disse o inspetor. — Ou não me chamo Conway. Não permitirei que este tipo de atrocidade fique impune. Agora, o senhor poderia me dizer qual a sua relação com a sra. Budd? Qual o motivo de sua visita?

Frederick disse a ele que estava fotografando conceituados médiuns da Sociedade Espiritualista e tinha ido convidar Nellie Budd para posar para ele. O inspetor assentiu com a cabeça.

— Pois bem, senhor... — disse. — Este ataque... eles não levaram nada, de acordo com a menina. Não foi latrocínio. O senhor tem ideia do que pode ter

acontecido aqui?

— Nenhuma — respondeu Frederick.

E essa resposta, pensou ele, minutos depois, já no ônibus a caminho do hospital Guy, era bem a verdade. Ele desejou ter golpeado ainda com mais força o crânio de Sackville com sua bengala na noite anterior. Seus punhos estavam fechados, pois não tinha dúvidas sobre quem eram os dois homens. Mas por quê? Bellmann saberia. E o homenzinho de óculos, Windlesham.

Pois muito bem: eles pagarão.

Durante todo o dia, uma mulher de véu rondou hesitante a entrada de um edifício comercial no centro da cidade. Ela carregava uma pequena caixa de metal debaixo do braço, volta e meia caminhava até a porta, olhava ao redor, levantava a mão para logo voltar a baixá-la e recuava, sentindo-se derrotada. Era Isabel Meredith, e o escritório era o de Sally.

Sua timidez nata (que certamente existiria mesmo sem a marca de nascença) e o pesadelo das últimas 48 horas roubavam suas forças e a coragem de subir as escadas e bater na porta. Até que, afinal, o desespero venceu a timidez e ela bateu na porta — e como resposta recebeu nada mais que o silêncio, pois Sally não se encontrava.

Partiu, com os ânimos até então baixos, agora aos frangalhos. Não estava acostumada a ter sorte; por isso, quando esbarrou — de cabeça baixa — com uma elegante moça e um casaco de lã, ela apenas murmurou “Perdão”, desviando-se e se surpreendendo ao ouvir seu nome.

— Srta. Meredith? — perguntou Sally.

— Ah! Sim, sim. Por quê? Quero dizer...

— Esteve no escritório da srta. Lockhart?

— Estive, mas ela não se encontra...

— Eu sou a srta. Lockhart. Precisei sair esta tarde, mas estava a sua espera. Vamos entrar?

Isabel Meredith quase desmaiou. Sally a viu vacilar e a pegou pelo braço.

— Ah, sinto muito. Mas não posso...

Sally sentiu o desespero da mulher. Não era hora de sentar em um frio escritório. Havia uma fila de cabriolés de aluguel do outro lado da rua; em poucos minutos elas estavam acomodadas em uma carruagem, percorrendo as congestionadas ruas do Centro, a caminho da casa de Sally.

Elas se sentaram em confortáveis poltronas, em frente a uma agradável lareira, uma chaleira e um bule de chá, com biscoitos e manteiga — e um cachorro do tamanho de um tigre, preto como carvão, deitado com elegância, à vontade, sobre o tapete colorido aos pés delas.

O véu fora retirado. Isabel virou o rosto para Sally e não escondeu as lágrimas. Então foi tomada pela fome e comeu alguns biscoitos, enquanto Sally colocava outros para esquentar no fogo. Ficaram em silêncio.

Finalmente Isabel se inclinou sobre o encosto da poltrona e fechou os olhos.

— Estou tão arrependida — disse.

— Por quê?

— Eu o traí. Estou envergonhada. Estou tão envergonhada...

— Ele escapou. Está a salvo, graças ao seu bilhete. Você está falando do Mackinnon, certo?

— Sim, eu... eu não a conheço, srta. Lockhart, mas confiei em seu amigo, Jim: o sr. Taylor. Esperava que a senhorita fosse mais velha. Além do mais, uma consultora financeira... Mas seu amigo disse que a senhorita poderia me ajudar. Por isso a procurei.

Ela era orgulhosa, tímida, estava assustada, envergonhada e com raiva, presumiu Sally.

— Não se preocupe — disse ela. — Sou consultora financeira, mas isso envolve outras coisas. Especialmente agora. E *tenho* interesse no sr. Mackinnon. Apenas me diga tudo o que sabe.

Isabel concordou com a cabeça, assoou o nariz e então se ajeitou na poltrona, decidida.

— Eu o conheci em Newcastle — disse. — Há 18 meses. Fui contratada por uma figurinista cênica. Eu não era... Vista. Não havia necessidade de lidar com estranhos, e os atores não são cruéis como as pessoas comuns; os atores são bons em dissimular o que estão pensando. Além disso, são muito vaidosos, sabe, até infantis, e nem sempre me notavam. Eu era feliz lá. — Fez uma pausa. — Foi então que Alistair procurou minha patroa para pedir uma fantasia especial. As roupas dos mágicos possuem muitos bolsos extras, sabe, escondidos por todos os lados. Assim que eu o vi... A senhorita já se apaixonou?

— Eu... Você se apaixonou por ele?

— Completamente. Para sempre. Eu... tentei não me apaixonar. O que poderia esperar? Mas, sabe, foi ele quem alimentou minhas esperanças... Nos víamos com frequência. Ele me dizia que eu era a única pessoa em quem confiava. Ele já estava em perigo na época. Vivia mudando de endereço; seus inimigos são implacáveis. Não podia ter residência fixa...

— Quem são esses inimigos?

— Ele nunca me contou. Não queria me colocar em perigo. Acho que sentia alguma coisa por mim, só um pouquinho, quem sabe. Ele me escrevia toda semana; guardei todas as cartas. Tenho-as comigo, agora...

Ela mostrou a caixinha de metal no chão, ao seu lado.

— Ele alguma vez mencionou o nome Bellmann? Ou Lorde Wytham?

— Acho que não. Não.

— Do que acha que ele tinha medo?

— Ele deu a entender que era algo relacionado a uma herança. Imaginei que pudesse ser herdeiro de alguém importante, que desconhecia sua existência... Mas ele só se importa com sua arte. Ele é um artista. E que artista... A senhorita já o viu atuar? Não acha que ele é um grande artista?

Sally fez que sim com a cabeça.

— Sim. Sim, acho. Ele chegou a falar dos pais, da infância?

— Nem uma única vez. Era como se ele tivesse enterrado seu passado. Sua vida é a arte, que ocupa todos os minutos, todos os seus pensamentos. Eu sabia, eu sabia que *eu* nunca seria sua... — Falar sobre o assunto era difícil para ela; de cabeça baixa, ela torcia os dedos das mãos sobre o colo. — Mas sabia que ninguém mais seria. Ele é um gênio incomparável, srta. Lockhart. Enquanto puder ser útil a ele, por menos que seja, estarei feliz. Mas eu o traí...

De repente, ela foi tomada por um choro incontável, virou-se de lado na poltrona e começou a soluçar, angustiada, escondendo o rosto com as mãos. Chaka ergueu o focinho, confuso, e ganiu baixinho até Sally lhe dar um afável tapinha na cabeça, e o cão voltou a se deitar.

Sally se ajoelhou ao lado da poltrona de Isabel e pôs o braço ao redor do ombro da moça.

— Me diga como o traiu — pediu. — Por favor. Só podemos ajudá-lo se soubermos de tudo. E tenho certeza de que não foi sua intenção. Alguém a enganou ou a forçou, não é verdade?

Pouco a pouco, em meio aos soluços, ela contou do ataque de Sackville e Harris, e de como eles destruíram toda sua confecção. Sally sentiu calafrios, pois conseguia imaginar como se sentiria se tivesse todo o seu trabalho destruído.

— Eu não disse a eles. Eu não disse. Poderiam ter me torturado e eu não teria dito nada... Mas eles iam... minhas cartas...

Ela agarrou a pequena caixa de metal no peito, balançando-se para a frente e para trás, como uma mãe angustiada embalando o filho doente. Sally mal conseguiu suportar a cena; e uma voz, de dentro, perguntava: *e alguma vez você já amou assim?*

Ela afastou o pensamento, abraçou Isabel, e em seguida a sacudiu ternamente.

— Escute — disse Sally. — Aqueles homens, eu sei quem os enviou. Foi Windlesham, o secretário particular de Axel Bellmann, um empresário. Ele estava lá... quero dizer, Windlesham... no Teatro Royal Music-Hall, com os dois capangas. Jim e outro amigo, o sr. Garland, lutaram com os dois homens. Eu conversei com o sr. Mackinnon, mas ele não me falou muita coisa. A senhorita sabe onde ele está

morando?

Isabel fez que não com a cabeça.

— Ele conseguiu fugir? Não está ferido?

— Ele está são e salvo.

— Oh, graças a Deus. Graças a Deus. Mas por que estão fazendo isso com ele, srta. Lockhart? O que querem dele?

— Adoraria saber. Agora, preste atenção: você não pode ir para casa. Não tem para onde ir. Por que não...

— A dona da estalagem pediu que eu fosse embora — informou Isabel em voz baixa. — Não a culpo. Não tenho para onde ir, srta. Lockhart. Dormi na rua, ontem. Não creio que...

Ela fechou os olhos e baixou a cabeça.

— Pode ficar aqui. A sra. Molloy irá preparar uma cama no quarto ao lado. Não, não discuta — Sally prosseguiu. — Preciso de sua ajuda. Não se trata de caridade. Temos quase o mesmo tamanho; vou arrumar alguma coisa para você vestir, e o jantar da sra. Molloy é excepcional. Não, não precisa me agradecer. Eu ainda tenho um lar, e meu negócio...

E por quanto tempo os teria?, ela se perguntou. A ameaça de Bellmann a incomodara mais do que gostaria e continuava a importuná-la, lá no fundo. E agora, ouvindo Isabel, teve certeza de que ele não hesitaria em seguir adiante com a intimidação. O pensamento foi temporariamente esquecido, quando as duas se ocuparam em arrumar a mesa do jantar, providenciar o carvão para a lareira e se preparar para dormir; mas o medo veio à tona, quando mais tarde Frederick apareceu com a notícia sobre Nellie Budd.

Isabel estava na cama, para alívio de Sally. Frederick se sentou com ela em frente à lareira e contou que Nellie Budd estava inconsciente; havia sido golpeada na cabeça e os médicos não tinham certeza se o crânio fora fraturado. Pelo menos, estava sendo bem cuidada, mas ainda era cedo para se dizer se ela iria se recuperar. Frederick fez questão de comprar flores e deixá-las ao lado da cama do hospital com seu nome, na ausência de alguém mais próximo, visto que não tinha ideia se a irmã (como se chamava? Srta. Jessie Saxon?) seria localizada.

Quando Sally contou da visita dos dois homens à casa de Isabel, ele mexeu a cabeça afirmativamente, como se já esperasse por isso. A lista de maldades de Harris e Sackville só fazia crescer; ele não via a hora de dar o troco.

Ficou lá em silêncio, olhando o fogo, de mau humor e ocasionalmente mexendo no carvão em brasa com sua bengala.

— Sally — disse, finalmente —, você se mudaria para a rua Burton?

Ela se ajeitou na poltrona.

— Já discutimos isso, Fred. A resposta é não. De qualquer forma...

— Não é disso que estou falando. Já desisti de te pedir em casamento. Pode esquecer isso. Estou pensando em Nellie Budd. Pelo visto esse é um caso em que saem espancando mulheres até as deixar inconscientes; quero você por perto, só isso. Estaria bem mais segura na rua Burton e também...

— Estou muito bem aqui, obrigada — afirmou Sally. — Tenho Chaka e tenho minha pistola, e não preciso ficar enclausurada numa fortaleza.

Ela odiou a si mesma por usar aquele tom — um misto de arrogância e complacência forçada. Assim que abriu a boca, já sabia qual seria a reação e se arrependeu; mas não conseguiu se conter.

— Não seja ridícula — disse ele, se levantando. — Não estou falando de te proteger como se fosse uma maldita princesa de um conto de fadas, estou falando de te manter viva. Você pode trabalhar e fazer o que bem entender. Claro, tem o cão, e todos sabemos que com sua pontaria você poderia acertar um cigarro na boca de uma mosca com as mãos amarradas para trás...

— Não estou a fim de ouvir seu sarcasmo. Se não tem nada melhor para dizer...

— Tá bem, então tenta ser racional. Esses homens quase mataram Nellie Budd, e até onde eu saiba, eles a mataram. Eles destruíram todo o trabalho dessa senhorita que está aqui. Acha que hesitariam, especialmente depois do que fizemos com eles no teatro? Acha que eles pensariam duas vezes antes de virem atrás de você? Meu Deus, garota, eles fariam com prazer. Bellmann já a ameaçou...

— Sei me defender sozinha — disse ela. — E certamente não preciso da sua permissão para fazer o que bem entender, como você colocou...

— Não foi isso que eu disse! Não acho isso e não disse isso. Se preferiu não entender...

— Não preferi nada! Sei muito bem o que quer dizer...

— Não, não sabe, senão não teria sendo tão estúpida!

O alterar das vozes despertou Chaka. Ele pôs-se sobre as quatro patas, olhou para Frederick e rosnou baixinho. Automaticamente, Sally passou a mão na cabeça do cachorro.

— Não creio que se dê conta de como é irritante quando você fala assim — continuou, mais calma, sem olhar para ele, fitando o fogo e se sentindo tomada pela teimosia que tanto a incomodava. — Como se eu precisasse de proteção e mimos. *Não sou assim*. E quando você não consegue ver isso, me pergunto se alguma vez me viu de verdade.

— Você me acha um tolo — disse ele, e era verdadeira a raiva na voz dele. — No fundo do seu coração, você acha que sou como todos os homens; não, não é isso. Não são só os homens. Você acha que sou como qualquer outra pessoa, mulher ou homem. De um lado tem você e do outro o resto de nós, e nós somos todos inferiores...

— Mentira!

— É verdade!

— Só porque levo meu trabalho a sério, porque não sou superficial e divertida, quer dizer que o encaro com desprezo, é isso?

— O tempo todo. Toda hora. Tem ideia de quão antipática é, Sally? No seu melhor momento, consegue ser magnífica, e é o que adoro em você. Mas quando quer é uma megera sebosa, desrespeitosa e dona da verdade.

— *Eu*, desrespeitosa?

— Devia se ouvir falando. Eu ofereço minha ajuda, de igual para igual, por respeito e consideração, sim, e por afeição; e você rejeita e joga na minha cara. E se não acha que isso é...

— Você não está falando de mim. Está falando de uma fantasia boba que criou em sua cabeça. Cresça, Frederick.

Então, Sally viu o rosto dele mudar. Uma expressão que ela não conseguiu decifrar estampou-se nos olhos de Frederick e logo se consumiu. Algo havia morrido dentro dele. Ela aproximou sua mão da de Frederick, mas já era tarde.

— Terminamos esse caso — disse ele, em voz baixa, se levantando e apanhando a bengala. — E depois, cada um para o seu lado.

Ela também se levantou e deu um passo na direção dele, mas ele partiu sem olhar para trás, sem dizer palavra.

Naquela noite, enquanto Sally escrevia uma carta após a outra, sentada em frente às cinzas da lareira, e percebia que as palavras eram tão difíceis de serem expressas no papel quanto verbalmente, finalmente se deu por vencida e apoiou a cabeça sobre o colo e chorou; enquanto Frederick preenchia páginas e páginas com especulações e suposições, para em seguida mexer na nova câmera americana, antes de perder a paciência e atirá-la longe; enquanto Webster e Charles Bertram fumavam e bebiam uísque e conversavam amistosamente sobre gelatinas, sombras, colódio, calótipo, negativos e obturador; enquanto Jim alternadamente gemia de dor e de amor, perdia deixas, puxava as cordas equivocadas, deixava escadas caírem e ficava parado, feito bobo, olhando o diretor do teatro o censurar asperamente; enquanto Nellie Budd estava inconsciente ao lado das flores deixadas por Frederick; Lady Mary se encontrava silenciosa e perfeita, e infeliz, sentada à mesa de um interminável jantar; enquanto Chaka sonhava com uma caça, com Sally, com coelhos, e com Sally novamente — um homem batia na porta de uma casa no Soho, esperava para entrar.

Era um jovem, ativo e alerta, cheio de vigor. Vestia um traje de noite, como se tivesse acabado de chegar de um jantar de gala ou da ópera, e carregava um bastão com ponta de prata, com que golpeava o piso ao ritmo de uma música popular da época.

A porta se abriu pouco depois.

— Ah — disse o sr. Windlesham. — Entre, entre.

Pôs-se de lado e deu passagem ao visitante. Ali era o escritório que Windlesham utilizava para negócios que não queria vinculados à Baltic House. Fechou a porta cuidadosamente e seguiu o jovem até um cômodo de temperatura agradável e bem-iluminado, onde Windlesham lia um romance.

— Sua capa e seu chapéu, por favor, sr. Brown?

O sr. Brown os entregou e se sentou, olhando sem curiosidade para o livro aberto. O sr. Windlesham viu.

— *The Way We Live Now* — disse ele. — Do Anthony Trollope. Um livro divertido sobre um especulador financeiro. Gosta de romances, sr. Brown?

— Não, não sou muito amigo dos livros — respondeu o sr. Brown. Ele tinha uma voz estranha, com um sotaque que o sr. Windlesham não conseguiu identificar, visto que não pertencia a nenhuma classe social ou região que ele conhecesse. Se pertencesse a algum lugar seria ao futuro: cem anos depois, vozes como a do sr. Brown seriam comuns, embora o sr. Windlesham não tivesse como saber disso. — Não tenho tempo para livros — continuou. — Mas pode me oferecer uma entrada para um teatro de variedades a qualquer momento.

— Ah, sim, teatro de variedades. Bem, vamos aos negócios: o senhor foi muito bem recomendado, não apenas por sua descrição. Mas espero que possamos falar aqui abertamente. Pelo que entendi o senhor mata pessoas.

— Correto, sr. Windlesham.

— Diga-me, é mais difícil matar uma mulher do que um homem?

— Não. A mulher, por natureza, não é tão ágil e forte como um homem, certo?

— Não foi bem isso que quis dizer... Não importa. Quantas pessoas já matou, sr. Brown?

— Por que quer saber?

— Desejo avaliar seu grau de experiência.

Ele deu de ombros.

— Vinte e uma — respondeu.

— Um especialista e tanto. Qual método utiliza mais?

— Varia. Depende das circunstâncias. Se puder escolher, prefiro a faca. Há algo de artístico em minha habilidade com as facas.

— E o senhor se importa com a questão artística?

— Tenho orgulho do que faço. Minha profissão é tão importante quanto qualquer outra.

— Não duvido. Eu contratei dois homens que estão longe de serem profissionais; nunca poderia confiar neles para um trabalho como esse. Diga-me, quais são seus planos para o futuro?

— Bem, sou ambicioso, sr. Windlesham — disse o jovem. — Há um mercado

estável em Londres e no continente, mas nada muito grande. Creio que meu futuro está do outro lado do Atlântico. Sou um grande admirador dos americanos; já estive lá algumas vezes. Gosto das pessoas, gosto da forma como vivem. Acho que prosperarei lá. Já tenho algum dinheiro guardado. O que ganharei por este serviço vai contribuir para minhas economias. Mais alguns serviços e eu me mando. Por que pergunta? O senhor... é... sua empresa estaria interessada em meus serviços num futuro próximo?

— Ah, creio que sim — disse o sr. Windlesham, e as lentes emolduradas pela armação de ouro brilhavam.

— E agora, quem é o alvo? — perguntou o sr. Brown, com um bloco de notas e um lápis na mão.

— Uma jovem — disse o sr. Windlesham. — Que tem um grande cachorro.

U

Sally acordou oprimida e infeliz. A manhã, só para implicar com ela, mais parecia ser de abril, embora fosse novembro: iluminada, límpida e agradável, com pequenas e esparsas nuvens e um amplo céu azul. No café da manhã, com Isabel, Sally comeu ovos, bacon e torrada, em seguida deixou a hóspede na companhia de Chaka e foi para Muswell Hill.

A sra. Seddon, de Cromwell Gardens, era uma simpática mulher de uns 40 anos que convidou Sally a entrar em sua pequena sala de estar e demonstrou satisfação ao ouvir que sua aluna srta. Lewis estava em Londres.

— Era uma menina inteligentíssima! Espero que ela venha me visitar... Bem, em que posso ser útil, srta. Lockhart?

Sally se sentou. Fizera bem em não ter levado Chaka, pois não haveria lugar para o cão. Mal havia lugar para as duas no pequeno sofá, devido à profusão de almofadas de crochê. Por isso a sra. Seddon se sentou à mesa ao lado da janela de sacada, embaixo de uma frondosa aspidistra pendurada no teto. Quase todos os objetos no ambiente tinham adornos bordados ou de tecido; três forros brocados enfeitavam o sofá, uma toalha também trabalhada cobria a mesa, toalhinhas de crochê no peitoril da janela, outro pano com franjas e borlas no parapeito da lareira; até a gaiola do passarinho tinha uma espécie de pequena saia cheia de babados. Na parede, uma frase bordada dizia: *Fique, fique em casa, meu coração, e repouse; corações que guardam a casa são mais felizes.*

Sally deixou a bolsa no chão e começou a explicar o motivo de sua visita.

— Estou tentando obter informações a respeito de uma empresa chamada Estrela do Norte Fundição. Conheço uma pessoa que perdeu muito dinheiro após investir numa empresa que eu acredito estar ligada à Estrela do Norte, e gostaria de poder juntar todas as peças possíveis desse quebra-cabeça. Soube que seu irmão trabalhou nessa empresa.

A sra. Seddon franziu a testa.

— Bem, de certa forma, sim... Isto é uma questão judicial, srta. Lockhart? Quero dizer, a senhorita está aqui por conta própria ou o quê? Está representando alguém?

— Estou representando minha cliente — disse Sally, um pouco surpresa com a desconfiança da sra. Seddon. — Trabalho por conta própria como consultora financeira.

A expressão da sra. Seddon era de preocupação.

— Não sei, mas tenho certeza de que — disse — nunca ouvi falar de... — ela não terminou a frase e, confusa, desviou os olhos de Sally.

— De uma consultora financeira? Assim como a maioria das pessoas. Mas posso garantir que é verdade. Foi assim que conheci a srta. Lewis, sua aluna. E a cliente que perdeu o dinheiro era professora como a senhora. Se puder me contar o que sabe sobre a Estrela do Norte Fundação, talvez eu consiga recuperar esse dinheiro. Há algo de estranho nessa empresa?

— Bem... Não sei por onde começar, para ser sincera. Estranho? Sim, creio que sim. Meu irmão Sidney, ou melhor, o sr. Paton ficou muito abalado com essa história. Na verdade, ele ainda está sem trabalhar... Olhe, srta. Lockhart, será difícil explicar essa história. Nem sei se a tenho clara na minha própria cabeça. Por favor, me peça para parar, se por acaso eu me perder em digressões.

— Apenas me diga tudo que lhe vier à cabeça. Não se preocupe se os fatos não estiverem em ordem.

— Está bem. Pois bem, meu irmão, acho que este fato é relevante, é sindicalista. É um socialista. Um homem bom. Meu marido, que sempre votou no Partido Conservador, também o considera um homem bom. Contudo, Sidney tem essas ideias exóticas e provavelmente elas tiveram influência na história. Não sei. É um homem habilidoso: constrói caldeiras. Bem, ele trabalhava para a Walker & Sons Oficinas de Locomotiva. Mas a companhia não ia bem... estavam sem pedidos... não havia novos investimentos... este tipo de coisa. Isto foi há... ah, uns dois ou três anos. Enfim, os donos acabaram vendendo o negócio para outra firma. Um novo diretor foi designado, um sueco... sueco ou holandês... e então eles começaram a demitir funcionários. Era uma empresa esquisita. Não estavam interessados em novos pedidos, apenas em concluir as encomendas preexistentes, e em seguida mandavam mais gente embora.

— Seu irmão perdeu o emprego?

— Não. Era muito talentoso, um dos melhores funcionários da empresa. Ele foi um dos poucos a permanecer até o fim. Mas não estava nada contente, sabe. Era estranho o que faziam na fábrica; esse tal jovem diretor trouxera com ele uma equipe de Londres e outros estrangeiros também. Viviam fazendo anotações, anotações sobre tudo. Quem fez o quê, por que fez daquela maneira, o que fez em seguida,

quanto tempo levou para fazer o trabalho... e não apenas anotações sobre o trabalho. Assuntos particulares também; por exemplo, onde os empregados moravam, que igreja ou capela frequentavam, a que clubes ou sociedades pertenciam, informação sobre a família, e por aí em diante. Obviamente, os sindicalistas não gostaram disso. Mas não havia nada que pudessem fazer. O diretor e seus colegas estrangeiros iam lá todos os dias, faziam anotações, desenhos, pesquisas... Havia muito dinheiro por trás, isso dava para perceber. Mas o dinheiro não chegava aos funcionários. Então num dia de maio eles marcaram uma reunião. Todos os empregados foram convidados... não convocados, mas sim convidados. Não havia um único detalhe sobre eles que não estivesse naquelas anotações: desde o aluguel que pagavam até a quantidade de filhos que tinham.

Ela continuou:

— E foi assim que os empregados, os quase cem que restaram, escolhidos a dedo, compareceram à reunião. Nada parecido a um encontro no pátio com todos de pé. Não, foi uma reunião com assentos para todos, com direito a bebidas. Nunca haviam visto nada igual antes. Pode imaginar? Meu irmão não entendeu nada, afinal era uma situação muito incomum. Enfim, quando estavam todos reunidos, apareceram o diretor e seus amigos. Lembro de Sidney relatando o episódio, comentando sobre a impressão causada nos funcionários... O diretor e os colegas disseram que a empresa estava próxima de uma das mais incríveis e revolucionárias descobertas da história. Não me recordo dos detalhes, exceto que Sidney ficou incrivelmente entusiasmado e todos os demais empregados compartilharam do mesmo sentimento. Foi quase religioso, disse Sidney, o que me soou curioso vindo dele. Parecia uma reunião de reavivamento de Sankey e Moody, ele comentou. No fim da reunião, não havia um único homem que não quisesse dar a vida por uma oportunidade de trabalhar lá.

A sra. Seddon fez uma pausa. Olhava para a lareira, com o cenho franzido. Sally perguntou:

— Mas o que iriam fazer? Certamente, não iriam apenas construir motores para trens, depois de um discurso como aquele. Não explicaram que planos tinham?

— Não, de início, não. A promessa era de um futuro grandioso, de paz e prosperidade e de um novo e magnífico trabalho para o bem-estar da humanidade, e assim por diante. Prometeram aos funcionários trabalho e pensão garantidos para toda a vida, novas moradias custeadas pela empresa, caso assinassem aqui e ali. Ah, e claro, em troca desses benefícios (e muito mais, também havia um seguro-saúde) eles teriam que renunciar ao sindicato e assinar um termo de compromisso de não fazerem greve. Bem, a maioria assinou sem hesitar. Também havia uma cláusula que exigia que todos teriam que manter segredo; nem sei se isso é permitido legalmente, mas havia um advogado explicando e orientando tudo, segundo Sidney. Só mais

tarde ele se deu conta de que aquilo tudo era muito suspeito. — Respirou.

— Alguns homens foram um pouco mais cautelosos. Pediram uns dias para pensar. Claro, disse o diretor. Não queremos forçar ninguém. A decisão era de livre escolha. Tomem uma semana para refletir, disse o homem; os senhores são os melhores funcionários no mercado e sentiríamos muito em perdê-los. Era algo envaidecedor, entende, srta. Lockhart? Meu irmão foi para casa e conversou com a esposa. Alguns ficaram desconfiados, mas no dia seguinte quase todos assinaram o contrato. O sindicato tentou impedir, mas o que tinham para oferecer comparado ao que o diretor oferecia? Foi então que Sidney escutou de um amigo do Instituto de Literatura e Filosofia do Operariado que a direção estava interessada em outro negócio vizinho, a empresa Furness Fundições, e que desejava fundir as duas. Dessa fusão surgiria o novo e magnífico trabalho que iria beneficiar a humanidade e trazer paz e prosperidade para todo o mundo. — Fez uma pausa.

— Meu irmão é um pacifista, srta. Lockhart. Ele é contra todo e qualquer tipo de violência. Ele foi criado na igreja católica como eu, mas cultivou interesse pelos Quakers depois que se casou. Nunca chegou a ser membro, ou como são chamados pela religião, amigo, e suponho que os diretores não sabiam de sua simpatia, do contrário já teriam se livrado dele. Porque Furness Fundições pode parecer um nome inocente, mas o que fabricavam eram armas. Canhões, armamentos em geral. Por isso ele recusou a proposta; e o dispensaram. E desde então ele está sem trabalho. De vez em quando mando algum dinheiro, quando posso. E isso é tudo, creio: as duas firmas se fundiram, e a Furness Fundições e a Walker & Sons deram lugar à Estrela do Norte Fundição. Isso é tudo o que sei.

Sally teve vontade de bater palmas. Aquela era a primeira indicação consistente do que Bellmann estava tramando — armas, canhões...

— Sra. Seddon, me foi de grande ajuda — agradeceu. — Não sabe quão útil é para mim esta informação. Só mais uma pergunta. Por acaso seu irmão alguma vez comentou sobre uma máquina chamada Autorregulador Hopkinson?

Ela parecia ter dúvidas.

— Se ele comentou, eu não me lembro — disse ela. — Nunca conversamos sobre maquinários... O que é isso?

— Não sei. É uma das coisas que quero descobrir. Será que eu poderia procurar seu irmão e conversar com ele? Qual o endereço dele?

— Vou lhe escrever. Mas... não sei. Srta. Lockhart, talvez não devesse ter lhe contado tudo isso. Afinal, não é da minha conta...

— A senhora não assinou um contrato para manter segredo, sra. Seddon. E mesmo que tivesse, duvido que fosse legal. As pessoas só criam esse tipo de condição quando têm más intenções. Considero a decisão do seu irmão muito correta e gostaria de conversar com ele sobre isso.

A sra. Seddon pegou um tinteiro e escreveu o nome e o endereço em um cartão.

— Ele se encontra em condições muito precárias agora — disse ela, hesitante. — Em comparação a ele, sou uma mulher rica. O sr. Seddon é escrevente-chefe da Howson & Tomkins, mercadores de madeira de lei, por isso temos um bom padrão de vida. E meu irmão é mais velho... Acho que o que estou tentando dizer é que temos a mesma criação e as mesmas raízes e eu não me esqueci disso. Éramos pobres, mas não faltavam livros em nossa casa... e revistas... *Household Words* e afins... então sempre valorizamos e respeitamos muito o estudo e a leitura; por isso frequentei a Escola Dominical. E não sei o que seria de Sidney sem o Instituto... Ah, estou falando coisas sem sentido. O fato é que não gosto dessa história toda, srta. Lockhart. Algo está muito errado por lá, e não sei o que é. Aqui está o endereço...

Ela deu o cartão a Sally.

— Tomará cuidado? — perguntou ela. — Ah, sabe fazer seu trabalho, é claro. Escreverei a Sidney para avisá-lo de sua visita. Mas *estou* apreensiva, não posso negar. Não vai colocá-lo em perigo, vai?

Sally prometeu que não e partiu para a rua Burton.

Estava insegura quanto a essa ida, mas foi assim mesmo. O clima era de confusão e de alvoroço, pois os operários se retiravam do novo estúdio, os vidraceiros ainda não haviam chegado, e Webster discutia, irritado, com o responsável pela obra. Sally encontrou Frederick, que saía do velho estúdio com algumas placas já reveladas na mão.

— Olá — disse, indiferente.

— Estive com a sra. Seddon — ela informou, no mesmo tom. — Acho que sei o que a Estrela do Norte Fundição faz. Está muito ocupado?

— Só preciso entregar estas placas ao sr. Potts. Jim está na cozinha.

Ela foi para os fundos da loja e encontrou Jim sentado no banco da cozinha, cara fechada, olhar fixo para uma desarrumada pilha de papéis e um tinteiro. Quando ela chegou, ele afastou os objetos e a olhou.

— E aí, Sal?

— Te conto em um minuto, assim que Fred chegar... Como está o dente?

Ele fez uma careta.

— Acabou com minha beleza, né? — perguntou ele. — Já num dói tanto, mas ainda tem uns pedacinhos que continuam caindo. Adoraria dar mais alguns murros no nariz daquele idiota, admito...

— Pronto, qual a novidade? — indagou Fred, fechando a porta da cozinha ao entrar.

Ela contou o que descobrira na casa da sra. Seddon. Ao terminar, Jim deu um longo assobio.

— Então é nisso que ele tá metido — disse. — Armas e vagões de trens....

— Não tenho certeza — respondeu Sally. — Walker & Sons fabricava locomotivas, não vagões. E esse Autorregulador Hopkinson dá a entender que tem algo relacionado a vapor. Um de nós terá que ir até lá descobrir. Tenho o endereço do sr. Paton. — Ela olhou para Frederick. — Você poderia?

Ele não disse nada por alguns segundos e então:

— Sim, suponho que sim, mas por que eu? Você seria a pessoa mais indicada, já que fez o primeiro contato. Além disso, você sabe sobre armas bem mais do que eu.

Ela corou.

— Não sou muito boa de conversa — disse. — Haverá muito de... Bem, investigação. Teria que falar com pessoas e investigar. Você é bom nisso e eu não. Você é o melhor. Tem que ser você.

Aquelas palavras tinham outro significado, e Sally desejou que seus olhos também estivessem demonstrando isso. A face estava quente e corada, mas ela o encarava assim mesmo e o viu concordar com a cabeça. Frederick olhou para o relógio.

— Dez e meia da manhã — disse ele. — Jim, pode me passar o Bradshaw?

O Guia Ferroviário Bradshaw informava que um trem sairia da estação de King's Cross em pouco mais de meia hora. Jim saiu para buscar um cabriolé de aluguel, enquanto Frederick jogava algumas coisas em uma bolsa e Sally escrevia um resumo do que a sra. Seddon dissera e o endereço do sr. Paton. Então ela parou de escrever, mas antes que tivesse tempo de acrescentar alguma coisa mais, Frederick voltou com seu casaco e o chapéu. Sally dobrou o papel e entregou a ele.

— Que dia é hoje? Quinta? Vou dar uma andada por lá, ver se descubro algo mais. Espero voltar no sábado. Tchau.

Foi tudo o que ele disse.

— O sr. Blaine tá ficando louco lá dentro — disse Jim, quando voltou. — Acho que vou dar uma mão com os pedidos. Num tenho mais nada para fazer. Vou visitar Nellie Budd mais tarde. Quer ir? Ver como ela tá, pobre mulher.

— Darei uma passada no Registro de Patentes — informou Sally. — Não sei por que não pensei nisso antes. Seja lá o que for esse tal Hopkinson, deve ter uma patente disso lá.

— Acha mesmo que isso tem a ver com a Estrela do Norte? Bem, suponho que algum motivo deve haver para ter aparecido no transe de Nellie Budd... Ei, acabei de ter uma ideia. A srta. Meredith, sei que é costureira, mas talvez consiga fazer tarefas de escritório também. E aposto que ela deve estar se sentindo um peso, culpada por tudo, sem querer atrapalhar, mas deixando todo mundo mal. Tudo bem, retiro, num é justo falar assim; mas ela poderia ajudar o sr. Blaine, num podia? Matamos dois coelhos com uma cajadada só. Evitamos que o coroa fique louco e Isabel se sentiria útil. O que acha?

Como resposta, Sally o beijou.

— Bem, isso é melhor que um murro na fuça.

— Um o quê? — perguntou ela, confusa.

— Um soco na cara. Boa ideia então, não? Vou ver ela antes de ir ao hospital.

Quem sabe ela não para de pensar um pouco no Mackinnon.

A A

A viagem de trem foi excelente. Pouco depois das seis da tarde, Frederick já fazia reserva no hotel Railway em Barrow e pouco depois chegava ao endereço que Sally escrevera. Bateu na porta da pequena casa com uma varanda e deu uma olhada no resto da vizinhança; difícil dizer como seria à luz do dia. Frederick ficou com a impressão de que, embora decente, o lugar era bastante humilde, quase pobre. A tranca da porta brilhava à luz das lamparinas, todas as escadas estavam limpas — mas na rua ao lado, o lixo transbordava de uma vala a céu aberto.

Uma senhora de uns 50 anos e com cara de preocupada abriu a porta.

— Sra. Paton? — perguntou Frederick, tirando o chapéu. — O sr. Paton está... o sr. Sidney Paton?

— Sim — disse ela. — É... não veio em nome do proprietário, veio?

— Não, não — disse Frederick. — Meu nome é Garland. Sua cunhada, a sra. Seddon, conversou sobre o sr. Paton com uma amiga minha. Vim aqui na esperança de poder conversar com seu marido.

Ela o fez entrar, ainda apreensiva, e o levou até a pequena cozinha, onde o marido remendava um par de botas. Ele se levantou para cumprimentar Frederick — era baixo e magro, dono de um bigode grosso, e de olhar apreensivo como o da esposa.

— Gostaria de levá-lo à sala de estar, sr. Garland — disse ele —, mas não temos carvão suficiente. Além disso, tivemos que vender a maior parte da mobília. Alguns móveis, tínhamos desde o dia do nosso casamento... O que posso fazer pelo senhor?

— Não farei rodeios, sr. Paton — esclareceu Frederick. — Preciso de sua ajuda e pagarei por ela. Aqui tem cinco libras para começar.

A sra. Paton, surpreendida, se sentou muito abatida. Confuso, o sr. Paton pegou a nota que Frederick deu e a colocou sobre a mesa.

— Não posso negar que cinco libras seriam uma bênção neste momento, mas

antes de aceitar sua oferta preciso saber que tipo de favor quer de mim, sr. Garland. Ah, por favor, sente.

Recuperada do choque, a sra. Paton se levantou para apanhar o casaco e o chapéu de Frederick, e ele se sentou em uma poltrona ao lado da lareira, a pedido do sr. Paton. Frederick olhou à sua volta e viu um ambiente acolhedor, iluminado por uma lamparina: pratos e xícaras brilhando na cristaleira, um pano de prato úmido pendurado em uma corda, um grande gato cor de gengibre cochilando ao lado da chaminé da lareira e um par de óculos sobre a capa de um exemplar do romance *Emma*, de Jane Austen, ao lado do material para consertar as botas. O sr. Paton notou o olhar de Frederick sobre o livro e se sentou em frente a ele.

— Ultimamente, tenho tido tempo de sobra para ler — comentou. — Já passei por Dickens e Thackeray, Walter Scott, e agora estou na fase Jane Austen. Para mim, é a melhor deles todos. Bem, sr. Garland. Como posso ajudar?

Frederick simpatizou com o homem à primeira vista e decidiu lhe contar tudo. A narrativa durou algum tempo, e nesse ínterim a sra. Paton preparou um chá e serviu um prato com biscoitos.

— Então o que preciso saber é — disse ele, finalmente — o que está por trás da Estrela do Norte Fundição. No entanto, se preferir não me contar nada ou se considerar que não deve por causa do tal documento de que manteria segredo que o senhor assinou, eu vou entender. Mas contei tudo que envolve a história e a razão por que preciso saber mais e o que está em jogo. O que me diz?

O sr. Paton balançou a cabeça.

— Parece justo. E devo dizer, nunca ouvi uma história tão absurda... O que acha, querida?

— Conte tudo — disse ela. — Conte o que quiser. Não deve nada àquela empresa.

— Bom — respondeu ele. — É o que penso. Pois bem, sr. Garland...

Durante vinte minutos, Frederick ouviu tudo que aconteceu dentro da fábrica desde que Bellmann assumira a empresa que agora levava o nome Divisão de Transporte da Estrela do Norte Fundição, e o outro setor — a empresa de armamentos, conhecida como Furness Fundição — agora tinha o nome de Divisão de Pesquisa, detalhe que o sr. Paton comentou em tom amargo.

— São muito espertos, esses sujeitos, seja lá quem forem — disse ele, acomodando-se na poltrona de madeira e aceitando o mimo do gato, que pulou no seu colo. — Divisão de Pesquisa. Soa inofensivo, não acha? Bem, para a gente, o significado de pesquisa é uma coisa e para a Estrela do Norte Fundição é outra. Divisão de Assassinato e Derramamento de Sangue seria o nome mais apropriado. Mas não ficaria bonito no letreiro da fábrica, concorda?

— Por que as duas empresas? — perguntou Frederick. — O que elas têm em

comum?

— Eu contarei o que dizem por aí, sr. Garland. É para ser segredo, mas sempre escapam rumores... Escuto muitos lá no Instituto. Ultimamente, não tenho tido como pagar a mensalidade, mas minha irmã é muito boa para mim... Enfim, o que dizem é que a Estrela do Norte Fundição está desenvolvendo um novo tipo de arma. O nome é respeitável, claro; chama-se Dispositivo Autorregulador Hopkinson ou coisa parecida, mas o nome que chamam por aqui é Arma a Vapor.

Frederick se ajeitou na poltrona e pegou seu bloco de notas. Encontrou o pedaço de papel onde Jim anotara as palavras de Nellie Budd durante seu transe e o entregou ao sr. Paton.

— “Não é Hopkinson, mas eles não devem saber... o regulador... uma neblina repleta de fogo — fumaça, e está tomada de mortes, de canos — canos com vapor — sob a Estrela do Norte” — leu, em voz alta. Então abaixou o papel. — Nossa, foi a coisa mais estranha que já ouvi... Escute, sr. Garland, não entendo nada de armas, felizmente. E quanto a esse aparato Hopkinson, não sei nada que possa ajudar, mas posso te levar a um homem que talvez ajude. Mas não prometo nada, embora Henry Waterman seja um sujeito decente e não esteja nada feliz com o que está ajudando a construir. Ele foi um dos companheiros que hesitaram muito em aceitar a oferta. Creio que hoje se arrepende. Henry é um unitarista; um homem consciente, pode-se dizer.

Vinte minutos mais tarde, o sr. Paton levou Frederick a uma casa simples com um letreiro escrito: Instituto Literário e Filosófico do Operariado.

— Temos uma ótima biblioteca aqui, sr. Garland — disse. — Realizamos debates toda segunda terça-feira do mês e cursos e conferências quando conseguimos arrecadar fundos... Veja, ali está Henry Waterman. Vou te apresentar.

Eles entraram na biblioteca, um pequeno cômodo, modestamente mobiliado, com uma mesa, meia dúzia de cadeiras e estantes contendo livros com assuntos variados na área da filosofia e das ciências sociais. O sr. Waterman lia sob a luz de um lampião; era um homem pesado e sério e aparentava uns 50 anos.

— Henry, deixe-me apresentar o sr. Garland, de Londres. Ele é detetive — disse o sr. Paton.

O sr. Waterman se levantou e os dois deram um aperto de mão. E mais uma vez Frederick precisou contar toda a história, porém dessa vez foi mais sucinto. O sr. Waterman ouviu atentamente. Quando Frederick terminou, ele assentiu com a cabeça, como se houvesse acabado de resolver um problema.

— Sr. Garland, o senhor me convenceu — afirmou. — Quebrarei uma promessa, mas considero que foi uma promessa que eles não tinham direito de me exigir. Eu contarei sobre a Arma a Vapor.

“É uma arma com um princípio inteiramente novo — mecânica e estrategicamente,

em todos os sentidos. Eu sou construtor de caldeiras, não entendo de armas, mas posso te dizer que o que estão construindo lá é algo horrível. Venho trabalhando num sistema de tubulação para alimentar a arma com vapor de alta pressão — a mais complexa engenharia que o senhor já viu na vida, porém muito bem desenhada e planejada, realmente uma obra-prima. Nunca pensei que uma máquina pudesse ser tão bela e tão perversa ao mesmo tempo.

“Está instalada dentro de um vagão comum, cuidadosamente reforçado e acolchoado. A caldeira e a fornalha ficam na parte traseira, são pequenas, porém muito poderosas. É possível chegar a 400 libras por polegada quadrada, facilmente; e acredito que teria uma reserva de mais cem. E queima coque — não libera fumaça, entende. Não tem como saber se ela está funcionando.

“Ao escutar a palavra arma, logo pensamos num enorme cano, não é verdade? Bem, não é nada disso. O vagão se parece com qualquer outro carro ferroviário de cargas, com exceção dos furos. Pequenos furos — 6 mil furos em cada um dos lados. Trinta fileiras e 200 buraquinhos em cada uma. E de cada furo saem cinco balas por segundo... Para isso serve o vapor, entende? Consegue imaginar o que é disparar 12 mil pistolas de uma só vez? Por isso, é necessário cada um dos 28 quilogramas de vapor, sr. Garland.

“E este não é o fim da história. Não tenho familiaridade com a parte que envolve o mecanismo de disparos — mas pelo que ouvi, há uma espécie de engrenagem Jacquard que eles podem utilizar para regular o tipo de detonação. Tenho certeza que o senhor já viu algo similar em teares de tecelagem: uma série de cartões perfurados. Bem, com esse mecanismo, o artilheiro tem uma fileira inteira atirando ao mesmo tempo, em seguida na fileira abaixo, e assim por diante; ele também pode disparar uma coluna de cada vez ou em blocos, ou mesmo detonar as balas aos poucos de todos os buracos — enfim, da forma que quiser. A diferença é que não são cartões perfurados. É a mesma lógica, mas a conexão é feita por eletricidade: linhas desenhadas num rolo de papel encerado revestido por uma densa camada de grafite. Estou dizendo, sr. Garland, o homem que criou isso é um verdadeiro gênio. É a máquina mais formidável que já vi na vida.

“E é um demônio, um monstro. Pode imaginar o efeito disso no corpo de um homem? Cada centímetro cúbico ocupado por uma bala, numa distância de, digamos, 500 metros, mil metros. Devastador é pouco. Seria preciso uma palavra do Livro das Revelações para dar conta.

“E essa é a Arma a Vapor. Uma já foi enviada para o exterior, não sei para onde. Há outra praticamente pronta; em uma ou duas semanas estará pronta para testes... Entende, sr. Garland, por que não estou nem um pouco contente com isso? Sidney foi mais cauteloso que eu. Queria ter tido a coragem de dizer não, como ele fez. A ideia de que meu talento, minhas habilidades tenham sido pervertidas para criar algo

assim, a ideia de que meus conterrâneos estão contribuindo para trazer essa aberração ao mundo, eu lhe digo, está me destruindo lentamente.”

Ele se calou e passou as mãos pelo cabelo ralo e grisalho, antes de colocá-las sobre a mesa, com o livro no meio. Sally sentiria simpatia por esse homem, pensou Frederick.

— Sr. Waterman, muito obrigado. Tenho muitas dúvidas esclarecidas agora. Mas quem administra essa empresa? Já ouviu falar do nome Bellmann?

— Bellmann? Nunca ouvi falar desse nome. Mas todos sabem que há investimentos estrangeiros nesse negócio. Ele é estrangeiro, esse tal Bellmann, não é?

— Sueco. Mas tem uma ligação com a Rússia também.

— Rússia! Lembra que falei do inventor da arma? Que o considerava um gênio? Bem, seu nome é Hopkinson. Foi o que nos disseram, pelo menos, já que ninguém nunca o viu. Nas plantas que utilizamos para trabalhar, o nome está abreviado para HOP. Mas me pareceu estranho... suspeito que havia quatro letras, mas que apagaram o K. E numa parte da folha... Meio escondido, pouco visível, eu vi isso aqui; vou escrever para o senhor.

HOPA

Ele pegou o lápis de Frederick emprestado e escreveu.

— Ora, não é um K, mas um D. Conhece algo do alfabeto cirílico, sr. Garland? Gosto de estudar outras línguas, do contrário nunca saberia reconhecer o que está escrito aqui. E ao ver a letra como D, as outras letras também mudaram na minha cabeça. A palavra está escrita em russo, vê? Na tradução literal para a nossa língua ficaria assim. Ele escreveu:

NORD

— Nordenfels! — exclamou Frederick. — Por Deus, sr. Waterman, o senhor matou a charada!

— Nordenfels? — perguntou o sr. Waterman.

— Um engenheiro sueco. Ele desapareceu na Rússia. É bem provável que tenha sido assassinado. Nossa, incrível... Isso é maravilhoso. O senhor disse que eles vão testar a nova arma em uma ou duas semanas?

— Exato. Eles já testaram os sistemas separadamente, como a caldeira, claro, o abastecimento dos cartuchos, e o gerador elétrico, mas todos estão praticamente encaixados, e então a máquina será levada para Thurlby para ser testada. Lá

costumam testar grandes armas navais, com alvos flutuantes em alto-mar. Isto é basicamente tudo o que sei, sr. Garland. Mas agora creio que o senhor pode responder a uma pergunta. Qual o seu interesse nisso tudo? E o que pretende fazer a respeito?

— É uma pergunta justa. Sou detetive, sr. Waterman, e investigo o homem por detrás de tudo isso. Que eu saiba, armas a vapor não são ilegais, mas estou começando a entender o que ele está tramando e, assim que descobrir algo que o incrimine, farei de tudo para pegá-lo. Mas vou dizer o que gostaria de fazer com essa arma: explodi-la pelos ares.

— Deus lhe ouça — disse o sr. Paton.

— Bem, eu poderia lhe mostrar... — ia oferecendo o sr. Waterman, mas a porta se abriu e um homem apareceu, carregando alguns livros.

— Ah, sinto muito, Henry — disse ele. — Não se importem comigo, por favor, continuem. Boa noite, Sidney...

Os dois operários foram surpreendidos, mas Frederick disfarçou:

— E que outras atividades os senhores oferecem aqui no Instituto, sr. Waterman?

— Ah, sim, sr. Garland. Bem, antes de mais nada, o Instituto nasceu da Sociedade Cooperativa, e o núcleo original era esta biblioteca onde estamos agora... Alguns destes livros foram doados pela Sociedade...

Estava claro que o homem iria embora. Muito pelo contrário, ele se juntou a eles para dar mais informações sobre a história do lugar. Frederick logo descobriu duas coisas: que eles tinham muito orgulho do que haviam construído, com razão; e que a cada minuto que passava sentia mais sede.

Após declinar o convite de conhecer o restante das instalações e de inspecionar as contas da Sociedade Cooperativa (um prazer que teria que ficar para uma segunda visita) ele se despediu de Henry Waterman e foi embora — foi quando se deparou com um cartaz de teatro em um muro do outro lado da rua e se pegou encarando o anúncio, sem entender por quê.

Eram quase oito horas da noite — estava escuro e o vento era frio, ele sentiu duas gotas de chuva — e as luzes a gás oscilavam sob o efeito da rajada de vento. No interior das casas, as luzes nas janelas já acesas e uma luz acolhedora da porta de uma taberna próxima o atraíam. Homens vindos do trabalho, caminhando apressados para chegar logo em casa, e mulheres correndo para suas cozinhas carregando arenques ou morcelas davam vida à rua. Ainda assim algo prendia a atenção de Frederick e não esse cavalo manco ou aquela moça bonita ou aqueles dois garotos discutindo por um quepe.

Um nome estampado no cartaz saltou aos seus olhos e então recuou reservadamente. O Teatro de Variedades Paramount estava apresentando — nessa semana — uma lista de artistas: O Magnífico Grandini e suas Pombas Espetaculares

— o sr. David Fickling, o Comediante de Lancashire — o Professor Laar, Mímico Extraordinário — Senhorita Jessie Saxon, a Ardente Cantora — o sr. Graham Chainey, o Rapaz Ousado...

Jessie Saxon.

Do velho ambrótipo — a irmã de Nellie Budd!

— O que houve, sr. Garland? — perguntou o sr. Paton, ao ver Frederick parado, piscando várias vezes, com o chapéu em uma das mãos, enquanto a outra coçava a cabeça. Por fim, ele voltou a colocar o chapéu na cabeça e estalou os dedos.

— Apenas uma vontade súbita de sorver um pouco de cultura, sr. Paton. Me vem em ondas irresistíveis. Gostaria de me acompanhar? Onde fica o Teatro de Variedades Paramount?

O sr. Paton declinou o convite e Frederick, após agradecer a ajuda, seguiu sozinho para o local. O Teatro de Variedades Paramount era um estabelecimento confortável e acolhedor, porém malcuidado, indicando decadência; e as apresentações da primeira metade do espetáculo pareciam abatidas e ultrapassadas. Todas careciam de brilho.

Jessie Saxon se apresentou no meio da segunda parte, entre um comediante e um malabarista. Frederick, surpreendido, se arrepiou, pois ela era incrivelmente parecida com a irmã, não apenas fisicamente, como também no jeito: vulgar, calorosa, bem-humorada e um pouco tosca. Sabia como levar o público, que se divertia; mas nada tinha de excitante na sua apresentação. Algumas canções sentimentais e uma ou outra piada — algo bem previsível; não havia dúvida de que ela era conhecida e querida por lá, e que nunca conseguira (ou quisera) fazer sucesso no Sul.

Frederick mandou ao camarim um recado com seus elogios e a convidou para uma garrafa de champanhe; o convite foi aceito de imediato. E quando ele entrou no camarote, ela piscou incrédula e o encarou perplexa.

— Nossa! — exclamou. — Um jovem rapaz! Meus admiradores hoje em dia estão na casa dos 60. Entre, querido, sente e me fale de você. Como devo te chamar? Você é Johnny, Charlie, o quê?

Era impressionante: eram praticamente a mesma pessoa — exceto que ela era mais ressentida — e seu bom humor, seu jeito caloroso de sedutora era igual ao da irmã, porém forçado. Suas roupas eram surradas e remendadas; era evidente que passava por uma fase ruim.

— Na verdade — disse —, estou aqui por causa da sua irmã, Nellie Budd.

Ela arregalou os olhos e prendeu a respiração por um segundo.

— O que aconteceu? — perguntou ela. — Aconteceu alguma coisa, não é? Sei que sim, posso sentir...

Ela se sentou e Frederick fez o mesmo e disse:

— Ela está hospitalizada. Sinto muito. Foi atacada por dois homens ontem. Eles a deixaram inconsciente.

Ela apenas assentiu com a cabeça. A maquiagem não conseguiu esconder a palidez que tomou seu rosto.

— Eu sabia — disse ela. — Eu senti. A gente era muito ligada, sentíamos tudo que a outra sentia, e ontem tive uma sensação horrível, nem sei como dizer, uma sensação de pavor e queda. *Sabia* que alguma coisa tinha acontecido... foi pela manhã, não foi? Umas 11h, por aí?

— Pelo que sei, sim, foi — respondeu Frederick. — Olha, foi bobeira minha pedir champanhe. Prefere tomar um conhaque?

— Tomo champanhe em qualquer ocasião, menos em funerais — disse ela. — Não acho que tenha qualquer chance...

— Ela está resistindo. Está internada no hospital Guy: estão cuidando bem dela. Talvez já tenha recobrado a consciência.

— E quem é você, afinal? — perguntou ela. — Não quero ser grossa, mas é policial ou o quê?

Frederick abriu a garrafa e explicou a história. Ao mencionar os transe de Nellie Budd, a irmã balançou a cabeça positivamente.

— Eu lembro — disse ela. — Nunca acreditei muito nessa história de ela entrar para o espiritualismo. Não queria saber disso; foi um dos motivos por que nos afastamos. A gente já não é tão próxima. Quem pode ter feito isso com ela?

— Acho que sei quem são, mas não sei por que fizeram isso. Fique com meu cartão. Você me avisa se lembrar de mais alguma coisa?

— Claro. Tenho mais uma apresentação amanhã à noite e então vou visitá-la; tenho que fazer isso. Não importa o quanto a gente estava afastada, irmã é irmã.

Ela pegou o cartão e o enfiou na bolsa.

— Por acaso — disse ele — conhece alguém chamado Alistair Mackinnon?

A reação dela foi imediata.

— Ele! — disse ela com menosprezo. — Aquele verme. Se eu o conheço? Infelizmente, sim. E se ele estivesse aqui, agora, eu o esmurraria. Mackinnon? *Macknnojento*, isso sim. Ugh! Ele também está metido nisso?

— Está... Mas não sei como. De qualquer forma, ele parece evocar reações exaltadas. Eu o perdi de vista. Mas ele precisa saber sobre a mãe.

— Sua mãe?

— Sua irmã, a sra. Budd.

— *Quê?*

Ela se pôs de pé de repente e o encarou, seu rosto rechonchudo tremia de raiva e perplexidade.

— Nellie, mãe dele, foi isso que disse? É melhor se explicar, meu filho. Não pode me dizer esse tipo de coisa sem uma boa explicação.

Frederick estava tão surpreso quanto ela. Ele correu os dedos pelos cabelos antes de encontrar algo para dizer.

— Sinto muito, sinceramente — disse ele. — Eu pensei que ele fosse filho da sua irmã. Foi ele próprio quem disse.

— Ele disse isso? Esse demônio. Onde ele está? Meu Deus, tenho vontade de picá-lo em pedacinhos. Como se atreve! Como ele se atreve!

Ela se sentou novamente, pálida e trêmula de raiva. Frederick lhe serviu um pouco de champanhe.

— Tome — encorajou-a. — Beba um pouco, antes que as borbulhas desapareçam. Qual a ligação entre sua irmã e Mackinnon?

— Não dá para perceber? — disse ela amargamente.

Ele fez que não com a cabeça.

— Eram amantes, claro. Amantes! E eu — de repente, ela desabou aos prantos. — E eu também me apaixonei por ele. Como uma idiota.

Frederick se sentou, impressionado. Jessie Saxon assoou o nariz, enxugou os olhos e ainda com raiva deu um gole no champanhe, engasgou e se lamentou. Frederick colocou seu braço sobre ela; parecia a coisa certa a se fazer. Ela se apoiou nele e se debulhou em lágrimas, enquanto ele acariciava os cabelos dela e olhava em volta do pequeno e gasto camarim, com seus espelhos rachados e cortinas surradas; um estojo de maquiagem sobre a mesa e um lampião queimando lentamente ao lado... Seria um lugar aconchegante se houvesse com quem compartilhá-lo, ou mesmo interessante, para alguém recém-iniciado nos palcos. Mas devia ser um lugar terrivelmente solitário para Jessie Saxon. Ele a abraçou e beijou sua testa.

Ao se recompor, ela o afastou suavemente e voltou a enxugar os olhos, com pequenos movimentos de raiva, para em seguida dar uma risada curta e triste.

— Quarenta e quatro anos e chorando como uma adolescente... E nós *brigamos* por causa dele. Pode imaginar? Ah, é tão humilhante... Somos todos uns tolos quando o assunto é amor. Do contrário, não seria humano, seríamos máquinas ou cavalos ou sei lá o quê. Não sei. O que perguntava, mesmo, querido?

— Sobre Mackinnon, em geral. Ele... É um cliente. — Frederick se ajeitou no assento. Estavam lado a lado em um estreito sofá. Ele se inclinou para servir-lhe um pouco mais de champanhe. — Ele também alegou que Lorde Wytham é seu pai. Isso também é mentira?

— O velho Johnny Wytham? — ela agora riu com mais espontaneidade. — Ele também é um cara de pau. Quem sabe, pode ser verdade. Ele... Minha nossa, não consigo pensar direito ainda.

Ela se olhou no espelho, fez uma careta e ajeitou os cabelos. Frederick a instigou gentilmente.

— Lorde Wytham? — perguntou.

— Ah, sim. Você deve achar que sou uma boba... Quer mesmo saber quem é Alistair? Bem, ele vivia mentindo, mas sempre dizia uma coisa: que ele era o filho ilegítimo de um lorde. Por isso, pode ser verdade o que ele disse.

— E a senhorita conhece Lorde Wytham, não?

— Há muito tempo. Ele saía com Nellie, mas estou certa de que ela nunca teve filho. Droga, eu saberia, não? Éramos muito unidas... Agora Wytham é político, ouvi dizer. Ele também está metido nisso?

— Está, mas não faço ideia de como. Nem sua irmã.

— Não teria tanta certeza — disse ela, dando outro gole no champanhe.

— Como?

— Provavelmente, descobriria mais se fosse a Carlisle — disse ela. — Foi a última vez que eu a vi e onde nós nos desentendemos... No ano passado.

— O que ela fazia lá?

— Ah, esta palhaçada de espiritualismo. Havia um grupo ou uma liga, de idiotas, em Carlisle, e ela foi convidada a participar. Eu estava me apresentando numa cidade próxima e o inseto do Mackinnon se apresentava numa pequena cidade chamada Dumfries. Descobri que Nellie estava sustentando ele. Acredita? Ele ainda não havia aperfeiçoado sua arte — sua *arte*, é o que ele gosta de chamar — e simplesmente não comparecia a algumas de suas apresentações. Ora, diretores de teatro não toleram esse tipo de comportamento, com razão. Enfim, ele estava bem mal, quando Nellie se envolveu com ele e... É basicamente isso. Vá a um lugarejo chamado Netherbrigg, cruzando a fronteira.

— Fica próximo da propriedade de Wytham?

— Sim, não muito distante. Mas não vejo o velho Wytham há muitos anos. Ele se casou e parou de frequentar os teatros de variedades. Como se chama a esposa... Lady Louisa ou coisa parecida... São grandes proprietários de terra. Minas de grafite.

— Grafite. — Frederick se ajeitou no sofá.

— Acho que sim. O que é grafite?

— Serve para fazer lápis... — e armas a vapor, pensou, mas nada disse. Em vez disso, deixou-a desabafar suas dores; era uma alma falante e estava visivelmente feliz por ter a companhia de Frederick. Pouco mais descobriu de relevante para sua investigação. Mas sobre sua vida pessoal, ela era bastante eloquente; engraçada e animada, escandalosa, e quando ele se cansou de tanto rir, disse a ela: — Jessie, precisa escrever um livro de memórias.

— É uma ideia — disse ela. — Mas será que publicariam?

Concordaram que as chances eram poucas e se despediram como amigos. E antes de se deitar na fria cama do hotel Railway, ele pegou um mapa e procurou por Dumfries e Carlisle e Thurlby, onde se encontrava o local de testes. Não era longe, realmente. Uma manhã de viagem de trem, talvez. E onde ficava a propriedade de Wytham. Não havia qualquer indicação. E o grafite... Da família de Lady Wytham... Bellmann... pobre Nellie. Pobre Jessie. Ambas apaixonadas por Mackinnon. Que diabos ele tinha para deixar tantas mulheres enfeitiçadas por ele? Era extraordinário. Realmente extraordinário. Mas Sally não se deixara seduzir. Menina sensata. Thurlby... amanhã de manhã.

L

Sally passou o resto do dia daquela quinta-feira em seu escritório, tratando dos negócios, e na manhã de sexta-feira foi ao Registro de Patentes.

O Registro de Patentes Grande Selo ficava na ruela Chancery; um enorme edifício que parecia um museu, com um alto telhado de vidro, galerias de ferro fundido por todos os lados. Sally já estivera lá antes, por causa de um cliente que desejava investir todo o dinheiro na invenção de um novo tipo de lata para armazenar sardinha; ela conseguiu convencê-lo de que a ideia não era tão original quanto ele imaginava e, em vez disso, o persuadiu a comprar ações da União.

Ela iniciou sua pesquisa no índice alfabético de patentes, procurando pelo sobrenome Hopkinson. Começou com o volume de 1870, pois acreditava que nada teria de realmente relevante antes desse ano. Nada encontrou ali, mas sim no volume de 1871, que registrava uma patente para motores a vapor no nome de J. Hopkinson.

Seria isso, afinal? Fácil assim? Hopkinson não era um nome incomum, e, como pôde ver, havia patentes relativas a motores a vapor em todas as páginas do índice.

Ela anotou a referência e passou ao ano seguinte. Nada encontrou no volume de 1872; contudo, em 1873 e 1874, J. ou J.A. Hopkinson havia registrado duas outras patentes de caldeiras para vapor. Foi tudo o que conseguiu. Apenas por curiosidade, procurou ainda pelo nome Nordenfels, mas nada achou.

Ela foi até a recepção e lá preencheu um requerimento para as especificações das patentes em nome de Hopkinson e, enquanto esperava, buscou o sobrenome Garland no índice alfabético de 1873. Lá estava ele: Garland, F.D.W., 1358, 20 de maio, lentes fotográficas. Assim que assumiu as finanças da firma, Sally o fez patentear a invenção. Ainda não trouxera nenhum dinheiro, contudo a patente era válida por mais nove anos; haveria tempo para uma produção em grande escala, caso conseguissem alguém interessado em fabricá-las. Ela estava realmente animada a tentar, a entrar em contato e negociar com empresários, investidores. Um empreendimento limpo,

honesto e transparente, diferente da sujeira e crueldade que estava investigando! Fred poderia cuidar da parte técnica, que era o seu forte, e ela cuidaria da parte financeira, o planejamento, a estratégia empresarial...

Mas talvez ele não se interessasse. *Acabamos este caso. E depois cada um para o seu lado*, dissera. E ele se referia à amizade dos dois, assim como qualquer outro sentimento mais profundo; sua cara dizia isso. Será que ele procuraria outro tipo de parceria? De alguma forma, ela duvidava disso.

Sally olhou os homens a sua volta — a maioria, ela imaginou, escreventes de advogados, dois investidores particulares, dois investidores privados — ocupados, folheando grossos volumes ou fazendo anotações, passando o lápis pelas estantes da biblioteca. Sally era a única mulher no edifício, e por isso era alvo de muitos olhares curiosos. Já estava acostumada. Eram homens bem-apegoados, aparentando competência, confiabilidade e equilíbrio, e Sally não duvidava que fossem rapazes hábeis e capazes — mas Frederick, como o sol, ofuscava todos eles. Fred era imbatível. Sally já não tinha dúvidas de seu sentimento por ele. Ela o amava. Sempre o amaria.

E ele a chamara de desagradável...

— Srta. Lockhart? — disse o atendente. — As especificações que a senhorita pediu estão prontas.

Ela apanhou os livretos azuis e se sentou à mesa. Cada um continha desenhos e a descrição da invenção. O primeiro dizia:

Patente de John Addy Hopkinson de Huddersfield, do condado de York, engenheiro, pela invenção “MELHORIAS EM CALDEIRAS PARA VAPOR E EM APARATOS PARA SEREM USADOS EM CALDEIRAS”, validado em 5 de junho de 1874, datado em 24 de dezembro de 1873.

Logo no início da leitura, ficou claro que não se tratava da máquina que Bellmann estava construindo na Estrela do Norte. Muito menos as outras duas invenções: novos tipos de engradado para transportar combustível para a fornalha de um motor a vapor... Inócua. Aquele era outro Hopkinson.

Sally devolveu os livretos na recepção e perguntou: — Existe um índice classificado por tipo de invenção? Caso eu desejasse realizar uma busca de patentes relacionadas a armas de fogo, por exemplo, como poderia fazê-lo?

— Sim, senhorita, há um índice organizado por produtos. No entanto, a versão impressa desses anos está no encadernador. A senhorita teria que procurar livreto

por livreto. Está procurando algo em particular?

— Na verdade, estou, mas... — ela teve outra ideia. — Vocês têm patentes estrangeiras também, estou certa?

— Sim, de fato, senhorita.

— Russas?

— Certamente. Naquela seção, sob a galeria.

— Por acaso, há algum serviço de tradução?

— Verei se o sr. Tolhausen está disponível. Poderia aguardar um momento?

Enquanto o funcionário se dirigia a um escritório nos fundos da recepção, Sally tratou de organizar na cabeça o que exatamente estava buscando. Caso Nordenfels tivesse patenteado uma invenção na Rússia, haveria um registro. No entanto, sem patente britânica, seria impossível impedir que alguém se aproveitasse de uma invenção estrangeira na Grã-Bretanha; portanto, mesmo que Bellmann estivesse fazendo isso, ele não estaria desrespeitando a lei. Por outro lado, se conseguisse provar que Bellmann havia roubado a ideia...

— Sr. Tolhausen, esta é a srta. Lockhart.

O tradutor era um homem bem-apresentado, uns 40 anos, e não demonstrou qualquer surpresa em ver uma jovem mulher fazendo perguntas técnicas. Ela simpatizou com ele na mesma hora e explicou o que procurava. Ele a ouviu educadamente.

— Devemos começar pelo índice alfabético — orientou o tradutor. — Nordenfels... Arne Nordenfels. Aqui há uma patente datada de 1872, de uma válvula de segurança para caldeiras geradoras de vapor. Outra no mesmo ano de aperfeiçoamento de mecanismos de circulação de vapor de alta pressão. Em 1873, temos...

Ele fez uma pausa. Revirou a página de trás para a frente, franzindo a testa.

— Está faltando uma folha — disse ele. — Veja. Foi cuidadosamente recortada.

Sally sentiu o coração acelerar.

— É a página que tem Nordenfels?

Ela não conseguia entender uma só letra escrita, porém via a borda minuciosamente arrancada da folha.

— Poderia ver o ano seguinte? — perguntou.

Ele atendeu ao pedido de Sally. Mais uma página faltava no lugar onde deveria estar o nome Nordenfels. O sr. Tolhausen expressou o máximo de indignação que sua educação e brio permitiam.

— Devo relatar este incidente agora mesmo. Nunca vi tamanha transgressão dos regulamentos. É realmente deplorável...

— Antes, o senhor poderia checar as páginas dos anos seguintes, por favor? E o índice por invenções?

Ele verificou o índice por invenções, ano a ano, procurando por “motor a vapor” e “armamentos”. O que levou algum tempo, pois ambos os assuntos tinham muitos registros. Ao todo, encontraram sete patentes para motores a vapor em nome de Nordenfels, enquanto nos registros de armamentos de 1872 e 1873 o sr. Tolhausen descobriu mais páginas faltando.

— Sim, há páginas para Nordenfels — disse ele. — Mas aparece uma referência cruzada. Um momento...

Ele voltou para a seção de motores a vapor e balançou a cabeça positivamente. — Aha — disse. — Aqui há uma patente para a aplicação de pressão a vapor para armas de fogo. E aqui há outra de uma arma que funciona por pressão a vapor montada dentro de um vagão de trem. Mas o número da patente está na página de armamentos que está faltando. É vergonhoso. Peço desculpas à senhorita pela falha na segurança; o fato de alguém ter conseguido destacar essas páginas sem ser notado é extremamente irritante. Devo lhe agradecer por ter me dado a chance de descobrir este delito...

Sally agradeceu a ajuda, anotou as datas e os números das patentes que possuíam registro e se preparou para ir embora. Antes de partir, outra ideia lhe passou pela cabeça e ela foi à procura do índice alfabético de patentes britânicas novamente. Caso Bellmann quisesse ganhar dinheiro com isso, ele não teria registrado a patente em seu nome?

E lá estava. No volume de 1876, encontrou:

Bellmann, A., 4524, arma de pressão a vapor em vagão de trem.

Simples assim!

Ela fechou o livro, com uma sensação que havia meses não sentia. *Srta. Walsh*, pensou, *conseguirá seu dinheiro de volta em breve...* Ao sair do edifício, ela sorria.

Não reparou no rapaz de chapéu-coco, que estivera sentado na mesa mais próxima da saída do prédio e que dobrou seu jornal assim que a viu passar. Não reparou quando ele se levantou e a seguiu, não reparou que ele caminhava pela rua Fleet atrás dela e novamente pela rua Strand; não reparou quando ele entrou na casa de chá na esquina da rua Villiers, onde ela almoçou. Ele se sentou ao lado da janela, tomou uma xícara de chá com pão doce, leu o jornal e a seguiu quando ela saiu, mas, ainda assim, Sally não notou.

Ele teve cuidado para que ela não notasse. Estava vestido de forma insuspeita e era bom no que fazia. Além disso, nada havia de mais comum que um chapéu-coco. De qualquer forma, ela só conseguia pensar em Frederick.

Naquele mesmo instante, Frederick se encontrava em Thurlby, onde havia o local de testes da arma. O lugar ficava em Solway Firth e, pelo que Frederick conhecia, Solway Firth era a região ideal para esse tipo de prática: deserto, plano, ermo e triste, com nada além de um deprimente vilarejo e uma linha de trem que percorria a

costa por quilômetros até desaparecer atrás de uma cerca e um portão trancado. Avisos alertavam sobre o extremo perigo para quem ultrapassasse aquele limite. E o vento levantava as dunas de areia carregadas de sal. Nada havia para ser visto lá.

Decidiu partir para Netherbrigg, a pequena cidade do outro lado da fronteira, na Escócia, onde Jessie Saxon dissera que Mackinnon tinha ficado. A propriedade de Lorde Wytham ficava a poucos quilômetros de distância, do lado inglês, mas não era, Frederick pensou, muito provável que descobrisse alguma coisa. Reservou um quarto no King's Head, na rua High, em Netherbrigg, e perguntou ao dono do estabelecimento onde os artistas que se apresentavam no teatro de variedades costumavam se hospedar. No próprio King's Head?

— Aqui, não — respondeu o proprietário com determinação. — Não aceitaria o dinheiro deles. Mímicos do mal.

Ainda assim, deu a Frederick uma lista de estalagens, e após o almoço Frederick foi visitá-las. O sol despontou no céu, mas um vento frio soprava. O lugar parecia uma pequena cidade-mercado. O teatro de variedades estava fechado; Frederick ficou surpreso que houvesse um teatro.

Sem o auxílio de mapa, e com vários endereços, fez uma boa caminhada, mesmo sendo pequena a cidade, e apenas no final da tarde ele encontrou o que procurava. Era o nono endereço que tentava; uma casa na rua Dornock — um logradouro maltratado, com uma capela cinza e triste no meio. A dona do estabelecimento se chamava sra. Geary e costumava receber artistas.

— Recebe artistas de teatro, sra. Geary?

— Às vezes, sim. Não tenho frescura.

— A senhora se lembra de um homem chamado Alistair Mackinnon?

Primeiro, uma expressão de reconhecimento, em seguida, um sorriso. Não era má pessoa.

— Sim — disse ela. — O mago.

— Ele mesmo. Sou amigo dele e... posso entrar por um minuto?

Ela lhe deu passagem pelo hall. O local era limpo, com cheiro de verniz, meia dúzia de fotografias teatrais penduradas na parede.

— Muito gentil de sua parte — disse ele. — Trata-se de um assunto complicado. Mackinnon está em perigo e vim até aqui para ver se posso ajudar.

— Não me surpreende — disse ela secamente.

— Ah? Ele já esteve em apuros antes?

— Pode-se dizer que sim.

— Que tipo de problema? — perguntou Frederick.

— Ah, bem, isso seria dedurar, não?

Ele respirou fundo.

— Senhora Geary, Mackinnon corre risco de vida. Sou detetive e preciso saber o

que o ameaça para ajudá-lo, mas não posso perguntar a ele pessoalmente, pois ele desapareceu. Vamos por partes. Conhece a sra. Budd?

Ela semicerrou os olhos sutilmente.

— Conheço — respondeu.

— Ela já ficou aqui?

Ela fez que sim.

— Com Mackinnon.

— É.

— Eles eram... me perdoe, mas preciso perguntar..., eles eram amantes?

Ela ensaiou um sorriso malicioso.

— Não nesta casa — disse com firmeza.

— Um homem chamado Bellmann... já ouviu falar nesse nome?

Ela fez que não com a cabeça.

— Ou Lorde Wytham?

— Ah. — disse ela. — Então é isso.

— O quê? Você *sabe* alguma coisa sobre ele então. Sra. Geary, o assunto é sério. Nellie Budd está em coma; talvez haja assassinato na história. Qual a relação entre Lorde Wytham e Alistair Mackinnon? Ele é realmente filho de Lorde Wytham, como diz ser?

Ela agora sorria.

— Filho dele? Que ideia. Tudo bem, sr. desconhecido, eu te conto. E isso não teria acontecido na Inglaterra. Venha à sala de estar.

Ela o levou para um gracioso cômodo com mais retratos teatrais e um piano de cauda. Apesar do temperamento seco, a senhora parecia ser uma anfitriã popular, a julgar pela quantidade de dedicatórias nas fotografias. Enquanto ela providenciava um pouco de chá, Frederick teve tempo de examiná-las e procurar, em vão, por uma foto de Alistair Mackinnon.

— Pois bem — começou ela ao voltar, fechando a porta com o salto do sapato.

— Imaginei que essa história viria à tona mais cedo ou mais tarde. Só não pensei que envolveria morte... é uma surpresa desagradável. Um pouco de chá?

— Obrigado — disse. Ela iria contar a história a sua maneira, pensou Frederick, e era melhor que ele assim o permitisse. Aconteceu então o inesperado.

— Deve saber do outro sujeito? — indagou a sra. Geary.

— Que outro sujeito?

— Ele esteve aqui há algum tempo. Ah, já faz tempo. Fazendo as mesmas perguntas. Um homem mirradinho, com óculos de aros dourados.

— Windlesham?

— Era esse o nome.

O homem de Bellmann... Logo, seja lá o que ele descobrira deve ter sido o motivo

de Bellmann estar perseguindo Mackinnon.

— E a senhora contou o que ele queria saber?

— Não tenho o hábito de esconder a verdade — respondeu, austera, entregando a ele uma xícara de chá. — Só não falei sobre Mackinnon antes porque ninguém me perguntou. E muito menos sou de espalhar mexericos, senhor.

— Claro, não pensei isso. Não quis dizer isso — disse ele, tentando não perder a paciência. — Mas é que esse homem está com as pessoas que estão atrás de Mackinnon e que atacaram Nellie Budd. Preciso descobrir por quê.

— Bem — continuou ela. — Tudo começou com Nellie Budd. Espero que ela não esteja muito ferida.

— Ela está gravemente ferida; talvez tenha fraturado o crânio. Por favor, sra. Geary. O que aconteceu?

— Nellie me pediu para conseguir um quarto para Mackinnon e assinar uma declaração mencionando a data da chegada dele. Eu tive que atestar que ele passou todas as noites nesta casa. Nellie pagou pelo aluguel. Nessa ocasião, ele não tinha nenhuma apresentação marcada. Ficou aqui três semanas e não deu uma escapulida, nem uma única vez. Vinte e um dias. É a lei.

Ela parecia se divertir, ao contrário de Frederick.

— Vinte e um dias? — perguntou ele, com a paciência que ainda lhe restava.

— Vinte e um dias, com residência na Escócia comprovada. Não era assim, nos velhos tempos, mas mudaram a lei há vinte anos e o ramo de hotelaria prosperou deste lado da fronteira, por isso não posso me queixar.

— Por favor, sra. Geary, do que a senhora está falando? Por que ele tinha de provar que passou 21 dias na Escócia?

— Ora, é bem simples. Se fizer isso pode se casar aqui por meio de uma simples declaração perante duas testemunhas. E foi o que ele fez, entende?

— Não, não entendo. Com quem ele se casou? Nellie Budd?

Ela riu.

— Não seja bobo — disse. — A menina de Wytham, isso sim. Lady Mary. Ele casou com ela.

A A

O sr. Brown, o habilidoso profissional de chapéu-coco, estava acostumado a esperar. Havia esperado toda a quinta-feira e toda a manhã de sexta e estava disposto a esperar toda a semana caso fosse necessário. Sua ida ao Registro de Patentes, atrás de Sally, foi útil, porque lhe mostrou que às vezes ela saía sem o cachorro.

Entretanto, havia poucas oportunidades para ele exercer seu dom profissional nas calçadas aglomeradas da rua Fleet ou da Strand. Ele agora a observava por detrás do jornal, sentado na pequena casa de chá na rua Villiers, imaginando quando teria a chance de encontrá-la sozinha ou se teria de se livrar do cachorro também.

Ela era bonita, pensou. Uma beleza curiosa: de características tipicamente inglesas — os cabelos louros, magra, as roupas práticas e arrumadas —, mas com outras que fugiam ao padrão: os olhos castanhos, ares de segurança e inteligência, e ousadia. As americanas eram assim. Não era um tipo naturalmente inglês. Mais uma razão para ele ir para a América. Mais uma razão para matá-la e receber o dinheiro.

Uma pena, no entanto.

Ele a seguiu todo o resto do dia, tomando um cabriolé para seguir o ônibus que ela tomou rumo a Islington, esperando-a sair de casa com o cachorro, calculando uma distância dela que não levantasse suspeita, enquanto caminhavam pelas ruas. Quando, por fim, surgiu a oportunidade, ele entrou numa loja, trocou o chapéu-coco por uma boina que levava na bolsa de couro e vestiu do avesso o sobretudo de lã, mudando o tom de cor. Ela nada percebeu. Parecia passear descontraidamente, sem rumo, com o enorme e paciente animal, que caminhava pesada e alegremente ao seu lado.

Sally e seu cão fizeram uma parada no novo dique, ainda em construção, e lá o sr. Brown aguardou enquanto ela observava os trabalhadores erguerem o magnífico obelisco recém-trazido do Egito. Ela parecia se divertir calculando ângulos e alturas

e medidas e admirar a forma eficiente e tranquila com que os engenheiros trabalhavam; o sr. Brown observava o cachorro.

E então ela seguiu novamente para a ruela Chancery e passou meia hora em uma casa de chá — dessa vez pequena demais para que ele pudesse entrar sem ser notado; ficou na calçada do outro lado da rua, observando-a pelo reflexo das vitrines. Uma garçonete trouxe uma xícara de chá para ela e um pires com água para o cão. Ela parecia escrever: uma carta? Na verdade, ela anotava todas as implicações e consequências possíveis e imagináveis do roubo da patente da invenção feito por Bellmann. Deu-se conta de que precisaria conversar com o sr. Temple mais uma vez e de que queria conversar com Frederick.

Ao sair do estabelecimento, ela não notou o sujeito vestido com um casaco cinza, embora tivesse passado por ele a poucos metros de distância. Ele continuou seguindo-a pela rua Holborn, subindo a Bloomsbury, passando pelo Museu Britânico e por uma rua, onde ela permaneceu por alguns minutos em frente a uma loja de fotografia. Talvez estivesse apreciando a vitrine. E, ao cair da noite, ele continuava caminhando atrás dela, pelas tranquilas ruas que a levariam até sua residência em Islington.

O cachorro.

Ele tinha medo do cão, não podia negar. Era uma fera colossal, em cuja boca caberia uma cabeça inteira, enquanto a língua daria fim nas entranhas. Como bom profissional, encarava o medo como uma advertência e pesava suas chances com muito mais cautela. Não bastava ser apenas rápido e certo — ele precisava ser praticamente invulnerável. Quanto ao seu dom, não iria desperdiçar com animais. A faca para a mulher; mas para o cão, a pistola.

Ele não tinha uma arma, mas sabia onde conseguir uma rapidamente. Uma hora depois de Sally voltar, o sr. Brown estava parado sob as árvores do escuro jardim no centro da praça. Ela teria que sair mais tarde. Cachorros precisavam do que é educadamente chamado de exercício antes de passar a noite em casa.

Seria um problema técnico interessante, manipular a faca e a arma de forma rápida, uma após a outra. Mas era uma habilidade que o ajudaria a encontrar bastante trabalho na América...

Acomodou-se e aguardou.

Às onze e meia da noite, o som de uma porta se abrindo quebrou o silêncio na praça. Uma chuva fina caía mais cedo, mas não durou muito. O local estava úmido, frio e quieto.

A luz quente que vinha de trás da porta, no interior da residência, contrastava com a escuridão do exterior da casa e mostrava a silhueta da moça e do cachorro. Por apenas um instante outra figura feminina atrás deles apareceu dentro da residência.

Logo a porta se fechou e, com passos leves, ela caminhou até a calçada.

Ela foi, como ele previra, na direção do jardim, no centro da praça, mas, em vez de entrar, preferiu contorná-lo ao longo da grade, embora o portão estivesse aberto. Uma carruagem surgiu no perímetro da praça naquele instante e estacionou diante de uma residência do outro lado da rua. O sr. Brown permaneceu imóvel, sem tirar os olhos dela, enquanto ouvia o cocheiro e o passageiro da carruagem discutirem por causa do preço da corrida.

A moça e o cachorro passeavam sem pressa, ela aparentemente perdida em seus pensamentos, ele farejando aqui e ali, erguendo e sacudindo a cabeça, fazendo soar a coleira.

Finalmente, após xingar muito alto e bom som, o cocheiro pegou as rédeas e o cavalo se moveu. O som das ferraduras e das rodas do veículo perdurou até se perder nas ruidosas ruas vizinhas, mais movimentadas.

E a moça continuava caminhando... Estava quase completando o trajeto ao redor do jardim. Mais cedo, discretamente, o sr. Brown havia explorado as redondezas, observando as casas ao longo da praça e as ruas adjacentes, para procurar uma saída de emergência. Ele sabia que em frente ao local onde ela estava agora havia uma estreita rua sem saída — quase um beco — entre duas enormes e belas casas antigas de tijolos.

Viu a mulher olhar naquela direção e atravessar a rua. Ela certamente não iria até lá — seria perfeito, ainda melhor que na escuridão do jardim...

Mas foi exatamente o que ela fez, hesitando por um instante, para em seguida deixar que o cachorro a guiasse ruela adentro. E só agora o sr. Brown se movia. Pegou a pistola com a mão esquerda e a faca com a direita e, escondendo-as sob a pesada capa, saiu silenciosamente do refúgio das árvores e cruzou a rua. Sem olhar para os lados, entrou no beco e apurou os ouvidos.

Silêncio. Eles não o tinham escutado se aproximar.

Podia vê-los mais à frente, contra a luz tímida que vinha do final do beco. A passagem era bem estreita e o cachorro estava na frente dela: ótimo.

Primeiro a faca.

Ele puxou a capa para trás, soltando ambos os braços. Então avançou com mais rapidez, polegar na lâmina, e os alcançou antes que eles tivessem tempo de se virar.

Ela o viu no último segundo e se jogou para o lado, mas ele a golpeou, acertando-a em cheio. Ela respirou fundo, como se todo o ar houvesse sido arrancado de seus pulmões, e tombou em seguida.

Mudar as mãos. Rápido! A faca estava presa!

Ele apanhou a pistola com a mão direita e desprende a faca do corpo dela com a esquerda, e então veio o cachorro — uma explosão de grunhidos —, mandíbulas, dentes, movimentos frenéticos...

A fera o atacou assim que o homem atirou. Ao caírem no chão ao mesmo tempo, ele encostou o cano da pistola no corpo quente e negro do cachorro e atirou novamente — os tiros soaram como canhões na minúscula rua. O cão o abocanhara no braço esquerdo e os dentes dilaceraram carne e osso — ele atirou mais uma vez, e mais uma, mas mesmo assim não conseguiu se soltar, devido ao peso do cão, que o sacudia contra a parede como se abocanhasse um rato. Mais dois tiros, bem no coração; ele ouviu seu braço estalar — aquelas balas eram suficientes para matar um cavalo, um touro; que força terrível, era impressionante...

Ele largou a pistola e arrancou a faca dos dedos sem energia e já sem força da mão esquerda.

O que estava acontecendo, pelo amor de Deus? Ele estava de cabeça para baixo?

Arremessado de um lado para outro — a fera era um furacão —, o sr. Brown atirara contra o animal repetidas vezes; e o cão continuava a atacar...

Ele apunhalou o bicho uma, duas, três, quatro vezes, a faca escorregadia de tanto sangue se chocando contra o osso do cão; não fez a menor diferença, o cachorro não demonstrava sentir nada e seus dentes permaneciam cravados no braço — parecia que as arcadas se tocavam dentro do braço! Dor — medo — ele voltou a introduzir a faca no corpo do animal repetidas vezes, furiosa e violentamente — aquilo não era uma arte do ofício, era puro pânico. O cão agora rosnava mais alto e mordia com mais força e, embora tonto de tão fraco, o sr. Brown continuava com suas punhaladas, enfiando a faca — garganta, estômago, costas, peito e cabeça — até que finalmente o bicho ficou imóvel.

Sangue — tanto sangue.

Seu braço estava dilacerado, pendurado inutilmente no tronco.

De repente, como em uma onda inesperada, o cachorro avançou em sua garganta, rasgando-a.

Algo jorrou. Uma golfada assustadora.

Uma fraqueza tomou o cachorro. Suas mandíbulas tremiam e estavam caídas, e o rosnado se transformou em um suspiro; se afastou um pouco, ainda de pé, e se sacudiu, fora de órbita. O sangue escorria. Finalmente, se sentou e então tombou desajeitadamente para a frente.

O sr. Brown deixou cair a faca e arrastou a capa até a garganta ensanguentada. Estava deitado contra a parede, com as pernas debaixo do corpo do cão, enquanto jorrava o sangue, a vida lhe escapava.

Mas o trabalho tinha sido realizado. Podia até não sobreviver ao ataque canino, mas a mulher estava morta. Ele se esticou debilmente e tocou os cabelos dela, sobre o paralelepípedo molhado.

Uma voz ecoou da entrada do beco.

— Chaka? — chamava.

O sr. Brown se virou, pondo-se de joelhos, em um momento de genuíno terror. Lá estava ela, segurando um lampião. Cabelos soltos — louros —, aquele rosto, aquele rosto encantador, agora horrorizado, aqueles olhos!

Era impossível.

Ele olhou para baixo e afastou a capa que cobria o rosto da mulher morta.

Uma enorme marca de nascença se espalhava pela face dela, do queixo à testa.

A garota errada. Logo ele — e seu dom.

Decepcionado, ele pendeu a cabeça e desmoronou no chão para nunca mais se levantar.

Sally correu para dentro da viela e foi socorrer a menina, deixando o lampião no chão, ao lado da cabeça dela.

— Isabel — disse. — Isabel.

Passou a mão pelo rosto de Isabel e então viu que os cílios tremeram e em seguida os olhos se arregalaram, aterrorizados, como se ela houvesse acordado de um pesadelo.

— Sally — sussurrou ela.

— Ele... — ia perguntar Sally, mas foi interrompida.

— Ele me apunhalou... mas não me acertou — a faca ficou presa... no meu corpete... oh, que sorte... eu desmaiei... mas Chaka...

Sally sentiu como se um raio tivesse caído dos céus e atingido seu coração em cheio.

Apanhou a lanterna novamente. A fraca luz perambulou pelo corpo do homem, pelos rastros de sangue no piso de pedra; até iluminar a cabeça escura e os olhos sonolentos do cachorro.

— Chaka — disse em desespero, com todo o amor que sentia por ele expresso em sua voz trêmula.

E o cachorro a ouviu, à beira da morte, e ergueu a cabeça na direção dela, balançando o rabo rente ao chão, uma, duas, três vezes, antes que a força que lhe restava o abandonasse de vez. Ela se jogou no chão para o abraçar, segurou-o pela cabeça e o beijou sem parar, entre soluços e lágrimas descontroladas que se mesclavam com o sangue do cachorro, enquanto balbuciava o nome de seu cão.

Ele tentou responder, mas da sua garganta não saiu nenhum som. A escuridão reinava. Mas Sally estava com ele. Estava tudo bem agora. E então morreu.

A C

Parecia ser um final de noite como qualquer outro, mas o que se viu a partir dali foi bem diferente: um show sombrio protagonizado por policiais e curiosos, um médico que atendia Isabel (que havia sido ferida nas costelas), e em seguida um homem reclamando apareceu com uma carroça para levar Chaka. Mas Sally não permitiu; em vez disso, pagou a ele para que levasse o corpo do animal ao jardim da casa onde morava e ainda lhe deu meia coroa para que providenciasse uma lona para cobrir seu cão. Chaka seria enterrado onde ela desejava.

Isabel se retirou para o seu quarto, assim que o médico foi embora — estava sedada e trêmula, e sentia dores. Sally respondeu a perguntas: sim, o cachorro era seu; não, não sabia por que a srta. Meredith havia sido atacada; não, não conhecia o homem; sim, a srta. Meredith morava ali; sim, costumava caminhar com o cachorro naquele horário; não, ela e Meredith não tinham recebido ameaça alguma...

Por fim, os policiais pareciam ter aceitado a hipótese de que aquele fora um ataque de um oportunista, embora Sally tenha notado que eles continuavam confusos. Ele estava bem munido, para um mero ladrão de rua; e escolher alguém acompanhado por um cachorro, quando havia tantos outros alvos mais fáceis — bem, era estranho. Eles foram embora, contrariados. Passava das três da manhã, quando Sally foi se deitar; independente do número de cobertores com que ela se cobrisse, não conseguia parar de tremer.

A primeira coisa que fez na manhã seguinte foi ir ao escritório — e o encontrou vazio.

Tinha sido saqueado.

Pastas, arquivos, sua correspondência cuidadosamente organizada, os relatórios de seus clientes, os detalhes de suas ações e economias — tudo fora levado. As

prateleiras estavam vazias, as gavetas do armário, escancaradas.

Ela ficou zozza, desorientada, como se tivesse entrado no escritório errado. Mas não — aquela era sua mesa, as cadeiras, o sofá surrado...

Ela desceu correndo as escadas até a administração do edifício, onde eram feitos os pagamentos do aluguel.

— Onde estão meus arquivos? O que aconteceu?

Por um instante, o rosto do administrador era puro espanto — como se estivesse em frente a um fantasma. Em seguida, ele prendeu os lábios e se mostrou frio e indiferente.

— Infelizmente, não posso dizer. E devo ressaltar que soube de atividades comprometedoras que a senhorita andava realizando em seu escritório. Quando a polícia esteve aqui nesta manhã...

— A polícia? Quem chamou a polícia? O que eles queriam?

— Não achei apropriado perguntar. Eles removeram certos documentos e...

— O senhor permitiu que eles levassem meus pertences do meu escritório? E eles deram algum comprovante?

— Não vou atrapalhar o trabalho de um oficial de polícia. E não use esse tom de voz comigo, senhorita.

— Eles tinham um mandado? Com autorização de quem eles entraram em meu escritório?

— Com a permissão da rainha!

— Nesse caso, eles tinham um mandado de busca. Você verificou?

— Claro que não. Isso não é assunto meu.

— De que delegacia de polícia eles são?

— Não tenho ideia. Devo...

— O senhor deixou que oficiais de polícia entrassem nas minhas dependências; não exigiu nenhum documento, não viu um mandado. Estamos na Inglaterra, sabia? Já deve ter ouvido falar de mandado de busca e apreensão, suponho? Como sabe que esses homens eram realmente policiais?

Ele deu um soco na mesa e se levantou, gritando:

— Não vou admitir ser tratado assim por uma prostituta qualquer!

A frase pairou no silêncio do recinto.

Ele olhava, fixo, para a parede atrás de Sally, não tinha coragem de encará-la.

Ela o olhou de cima a baixo, desde as pintas vermelhas no rosto fino aos dedos esqueléticos, agarrados à borda da mesa.

— O senhor me envergonha — disse ela. — Achei que fosse um homem de negócios. Achei que fosse justo e honrado. Numa ocasião, já senti raiva do senhor, mas agora sinto apenas vergonha.

Ele nada disse, quando ela se virou e partiu.

O sargento em serviço na delegacia mais próxima era um senhor de idade, que franziu a testa e fez sinal de desaprovação com a língua, quando ela começou a relatar a história.

— Seu escritório? — disse. — A senhorita tem um escritório, é mesmo, senhorita? Que interessante.

Ela olhou para ele atenta e desconfiadamente, mas ele parecia estar prestando atenção. Continuou:

— Os policiais são desta delegacia?

— Eu realmente não sei, senhorita. Temos muitos policiais aqui.

— Mas certamente o senhor saberia, não? Eles levaram alguns documentos. Devem tê-los trazido para cá. Nenhum policial veio até aqui trazendo papéis, pastas ou cartas de um escritório na rua King?

— Aaah, difícil saber. Muitos papéis chegam e saem daqui. É melhor me dar detalhes.

Ele lambeu a caneta — e ela então viu que ele piscava para outro oficial sentado na mesa ao lado e o rapaz se virou para esconder o sorriso irônico.

— Pensando bem — disse ela —, não se preocupe.

Ela esticou a mão para tocar a cabeça de Chaka, e procurou por seu amor caloroso e dedicado e não o encontrou.

As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto e ela partiu.

Sally chegou à rua Burton dez minutos depois de Frederick voltar do Norte. Ele estava cansado, desganhado, barba por fazer após uma noite inteira no trem, e não havia comido nada desde o almoço do dia anterior. Ainda assim pôs o café e as torradas de lado, ouviu atentamente o que ela tinha a dizer e então chamou Jim.

— Temos uma missão para Turner e Lockett — disse. — Sally, pode terminar meu café...

Uma hora depois, uma carruagem de mudança guiada por um cavalo magro e cinzento parou em frente à Baltic House. Dois homens vestidos com uniformes verdes saltaram do veículo, colocaram um bernal no cavalo e foram em direção ao robusto porteiro na entrada do edifício.

— Uma pilha de documentos — disse o mais alto (sujeito sombrio com um enorme bigode) ao porteiro. — Eles estiveram aqui mais cedo. Temos ordens de levar tudo para o Hyde Park Gate.

— É provavelmente para onde o sr. Bellmann foi, então — disse o porteiro. — Num sei onde colocaram. Vou perguntar ao chefe; acho que ele tava cuidando disso.

Um auxiliar de escritório foi enviado para averiguar e cinco minutos depois os homens da mudança carregavam a primeira pilha de documentos e a acomodavam na parte de trás da carruagem. Ao voltarem para pegar a segunda carga, o porteiro

disse:

— Os senhores têm a carta da empresa? Preciso ver. Preciso de um recibo.

— Ah, é, tá aqui — disse o carregador. — Vai lá, Burt, traz a próxima leva.

O transportador de bigode menor foi ao interior do edifício, enquanto o porteiro analisava o documento que autorizava a remoção dos papéis. Quando já estava tudo na carruagem, o homem da mudança mais bigodudo assinou um recibo em nome da empresa de transporte e o entregou ao porteiro, antes de subir no veículo. O mais jovem retirou o bernal. O porteiro se despediu com um aceno e o veículo partiu.

Quando já tinham virado a esquina e perdido de vista o edifício da Baltic House, o mais jovem falou pela primeira vez.

— Pois é, Fred — disse.

— Pois é, Jim — foi a resposta.

Jim tentou arrancar o bigode e gemeu de dor por causa da cola Goma Espírito que grudara em seus lábios.

— Não tire assim — disse Frederick. — Um bom puxão de macho basta.

Ele agarrou o bigode falso do amigo e o puxou de uma só vez, produzindo um ruído seco e desagradável. Uma artilharia de palavrões saiu da boca de Jim — o bastante para fazer corar o cavalo, comentou Frederick.

— Vamos fazer o seguinte — disse ele, quando a bronca foi amainada. — Vou parar por aqui, e você vira a placa da carruagem. Tiramos os uniformes, caso eles desconfiem de alguma coisa e venham atrás da gente.

Dois minutos depois, eles haviam trocado os quepes por chapéus com abas, e quando seguiram de volta à rua Burton a carruagem exibia uma nova placa: Irmãos Wilson Verduras por Atacado.

— Ai, Fred!, não consigo acreditar!

Sally estava no jardim atrás da loja e olhava para o interior da carruagem de mudança. Pegou e folheou alguns documentos à mão e então se virou para Frederick, envolvendo-o com os braços.

Ele correspondeu afetuosamente e o abraço foi interrompido apenas quando uma salva de palmas ecoou acima deles. Frederick ergueu os olhos e viu largos sorrisos estampados nos rostos dos vidraceiros que estavam instalando as janelas no segundo andar do estúdio.

— De que diabos estão rindo? — resmungou ele.

Mas então achou graça da situação e sorriu também. Sally também sorriu. Foram para a cozinha.

— Quer verificar os papéis? — perguntou ele. — Ver se está tudo lá?

— Num instante... Oh, Fred. Obrigada, obrigada!

Ela então esticou as mãos, entregue, e se sentou aos prantos. Jim abriu uma garrafa de cerveja e serviu a todos. Frederick deu um grande gole.

— Como conseguiu? — perguntou ela. — É inacreditável... Achei que tivesse perdido tudo.

— Escrevi uma carta — explicou — com papel timbrado; não desta firma, mas da Turner & Lockett, autorizando a remoção dos documentos para o número 47 da Hyde Park Gate. Só isso.

Turner e Lockett não existiam. Frederick tinha vários papéis impressos com aquele nome, que já lhes haviam servido diversas vezes. Sally balançou a cabeça e sorriu.

— Imaginei que estivessem na Baltic House — continuou Frederick. — Era óbvio que não estavam em uma delegacia de polícia; os homens de Bellmann devem ter usado uniformes de polícia para enganar o administrador do seu edifício. Isso se não eram policiais de verdade. Aposto que Bellmann tem influência para isso também, mas ele era o único interessado nos seus documentos. Esperamos ele sair do edifício e entramos. Imaginei que não iriam questionar se achassem que os arquivos seriam levados para a casa de Bellmann.

— Já fizemos isso antes — disse Jim. — Engraçado, não é, Fred? Impressionante como a gente se safa sempre. É possível entrar em qualquer lugar com um pedaço de papel na mão; de repente, até de um assassinato dá para se safar com um papel.

— Ah, se eu tivesse perdido esses documentos... — Sally sentiu um frio no estômago só de pensar. Sem seus arquivos, não teria como cuidar dos investimentos de seus clientes... e se a Bolsa de Valores oscilasse na direção errada, os resultados poderiam ser desastrosos. Ela conseguira lucros surpreendentes para alguns clientes, mas também tinha algumas operações arriscadas. Tudo dependia de acompanhamento constante e de perto para poder agir rapidamente caso necessário. Quando pensou no que poderia ter perdido...

— Você poderia levar o material para o escritório do sr. Temple para mim? — perguntou. — Aqui não é mais seguro, e como agora eles sabem onde eu moro, lá também não é.

— Primeiro vou tomar banho — disse Frederick —, depois vou comer alguma coisa, e aí sim levarei esses papéis para onde você quiser. E enquanto como, contarei o que descobri lá no Norte. Mas nem mais uma palavra até que eu ponha algo no estômago; se bem que, escuta, Jim. Precisamos encontrar Mackinnon.

Sally estava diferente, pensava Frederick enquanto se barbeava. Mais do que apenas abalada, a morte de Chaka tinha alterado algo da essência de Sally. Algo no olhar? No movimento labial? Difícil dizer o que deixava transparecer essa mudança, mas o fato é que aquilo mexia com ele de forma insuportável. E quando ela chegou, abatida como papel e olhos cheios de olheiras, era a primeira vez que a via tão indefesa, assustada, precisando dele. E a forma como ela o abraçou... Tudo estava mudando.

Durante o almoço, ele contou sobre Henry Waterman e a Arma a Vapor, e Sally falou de suas descobertas no Registro de Patentes. Webster, que vinha do estúdio, ouviu a conversa e se sentou para escutar.

— O que vocês acham que aconteceu então? — perguntou. — Sintetize.

— Bellmann e Nordenfels foram para a Rússia — começou Sally. — Nordenfels criou a arma e a patenteou lá, mas não conseguiram construí-la na Rússia, porque não tinham fábricas ou tecnologia para tal. Precisavam de um lugar onde a fabricação de locomotivas estivesse muito avançada.

— E então tiveram uma briga — prosseguiu Frederick. — Discutiram por algum motivo... não sei qual... não importa. Bellmann matou Nordenfels e roubou os desenhos e as planilhas da arma e veio para este país, onde inventou um engenheiro chamado Hopkinson.

— E patenteou a invenção em seu nome. E deve ter angariado dinheiro russo — continuou Sally.

— Por quê?

— Bem, quando sua fábrica de fósforos fechou ele ficou sem nada. Mas quando veio para a Grã-Bretanha, em 1873, trazia uma quantidade de dinheiro aparentemente ilimitada. Estou apenas especulando, mas acredito que ele tenha sido patrocinado pelo governo russo. Queriam a Arma a Vapor construída e financiaram o projeto. O restante das atividades de Bellmann, a navegação, a compra de outras empresas para em seguida vender seus bens ativos, tudo é para disfarçar ou um passatempo. A Arma a Vapor é sua principal meta... Mas uma coisa não entendo, quem usaria uma arma como essa?

— Pois eu ousou dizer que qualquer general entregaria seu braço direito por uma arma dessas — concluiu Webster.

Sally balançou a cabeça negativamente, e Fred sorriu, reconhecendo a Sally-estrategista-militar.

— Em primeiro lugar, só é possível utilizar essa arma onde passa uma linha de trem — argumentou. — E não dá para supor que o inimigo fique esperando educadamente até que engenheiros construam um trilho no lugar da batalha. Além disso, os tiros são disparados da lateral do vagão, não é?

— Foi o que entendi do sr. Waterman — disse Frederick.

— Nesse caso, a arma deveria passar bem no meio da posição do inimigo. Ou teria que estar parada paralela à linha de frente; e ainda assim um lado da arma estaria apontado para a própria tropa.

— Entendo o que quer dizer — respondeu Webster. — Mas isto é absurdo.

— Sim, caso tenha sido planejada para um campo de batalha. Mas não deve ter sido.

— Se não é para usar na linha de frente — falou Frederick —, para que diabos

serve?

— Bem... — disse Sally. — Imagine que você seja o governante de um país e que não confie no seu povo. Acredita haver o risco de uma revolução. Se tiver o domínio das linhas férreas passando pelas principais cidades e portos, e um bom número de Armas a Vapor, você estará perfeitamente a salvo. É a arma ideal para esse tipo de situação. Não é pensada para atacar seus inimigos: é para usar contra a própria população. É o mal.

Todos ficaram em silêncio por alguns minutos.

— Acho que você matou a charada, Sal — disse Jim. — Mas olha, vai se mudar para cá ou não? Uma coisa é certa, eles sabem que você ainda tá viva. E quando descobrirem que tomamos seus documentos de volta, vão ficar loucos de raiva. Eu ficaria. E a srta. Meredith também tem que vir para cá. A gente tem lugar e tudo.

— Sim — concordou Sally. — Acho que é o melhor a fazer. — Ela não olhou para Frederick.

Jim prosseguiu:

— E o que tem Mackinnon, Fred? Descobriu por que Bellmann tá atrás dele? O que é?

Frederick contou para eles.

Enquanto falava, Sally notou que as faces de Jim ficavam cada vez mais e mais vermelhas. E ele começou, com as unhas, a arrancar lascas da madeira já gasta da mesa da cozinha.

— E isso é tudo — concluiu Frederick. — Lei escocesa. Você pode se casar aos 16 anos lá, sem consentimento. Devia ter desconfiado quando cheguei a Netherbrigg: Gretna Green é o primeiro vilarejo cruzando a fronteira. Suponho que Nellie Budd providenciou isso por algum motivo sentimental ou por pena; ela não pode ter se apaixonado por ele. Foi apenas imaginação de Jessie. Mas e o que tem Wytham a ver com toda essa história? E a moça, pelo amor de Deus? Devemos supor que Bellmann sabe disso, já que Windlesham conversou com a sra. Geary algum tempo atrás. Obviamente, Mackinnon está em perigo, mas...

— Ele estará em perigo enquanto ninguém souber do casamento — ressaltou Webster. — Assim que a notícia se tornar pública, ele estará a salvo. Nem mesmo Bellmann ousaria tentar fazer algo contra ele. O mundo todo saberia por quê. Por falar nisso, será que o papai da menina sabe?

— A sra. Geary disse que sim — respondeu Frederick. — Ele a procurou e ofereceu dinheiro para que mantivesse segredo. Ela o mandou embora com uma pulga atrás da orelha. Gostei dela, sabem. Seca como poeira, mas tinha senso de humor e é extremamente honesta. Disse que nada diria até ser indagada a respeito e que então diria apenas a verdade e ninguém a faria falar nem mais nem menos que a verdade.

— Então Wytham sabia de tudo durante todo o preparativo para o noivado e quando fez o anúncio no *Times* — admirou-se Webster. — Ele está em apuros, não está?

Sally nada disse. Estava pensando em Isabel Meredith.

De repente, Jim se levantou.

— Acho que vou sair e tomar um pouco de ar — disse; e sem olhar para ninguém, se retirou.

— O que há com ele? — perguntou Webster.

Frederick murmurou:

— O rapaz está apaixonado — constatou. — E eu esqueci completamente. Olhe, Sally, primeiro vou levar suas coisas para o sr. Temple e depois vou a Islington buscar a srta. Meredith e o que mais você quiser que eu traga para cá. Então vou procurar Jim e sair em busca de Mackinnon. Que caso. Que caso...

H

Era uma tarde seca, de temperatura amena, o sol nascia tímido, irregular, entre as nuvens finas. Jim se dirigiu ao Hyde Park, punhos nos bolsos da calça e fisionomia carrancuda; Mackinnon que não ousasse aparecer na sua frente.

Quando chegou ao parque, já estava mais calmo. Tomou a avenida Carriage e se sentou na grama debaixo de uma árvore, correndo os dedos pelas folhas secas no chão e observando o ir e vir das carruagens.

Não era a estação ideal para passear pelo parque. O verão era a época mais apropriada para ser visto por ali, quando as vias ficavam tão movimentadas que o trânsito praticamente parava, embora isso não tivesse importância. O importante era ser visto com seu belo penteado, roupas da moda, em sua carruagem conversível do tipo landau ou victoria, seus tordilhos e baios — ser reconhecido pela Lady de tal, esbarrar com a senhorita disso e daquilo. Durante o inverno esse ritual social acontecia no interior das residências e a rua Carriage Drive era utilizada pelos poucos interessados em respirar ar puro e exercitar seus cavalos.

Jim, no entanto, estava ali para ver Lady Mary.

Desde aquele dia onírico, quando a viu no jardim de inverno, seus pensamentos estavam fixos na imagem dela, como um ponteiro de uma bússola apontada para o norte. Vivia à espreita da residência em Cavendish Square, observando-a sair e entrar ou no escritório, pela janela...

Ele não negava o fato de que estava perdidamente apaixonado. Conhecera muitas garotas, dezenas delas, garçonetes, governantas, dançarinas; algumas audazes, outras tímidas, umas provocantes, outras recatadas; com elas havia conversado e flertado, levado ao teatro de variedades ou para passear à beira do rio. Nunca encontrara muita dificuldade em conquistar as moças. Não havia nada de especial em sua aparência, mas havia algo de rústico e viril em sua beleza, em grande parte fruto de sua autoconfiança e vitalidade. E tinha boa lábia com as raparigas, além de desfrutar

da companhia delas e de seus beijos: breves e precipitados beijos em escadarias ou mais demorados na escuridão da coxia dos teatros ou na solidão de um parreiral dos jardins Cremorne, antes de ser fechado permanentemente.

Mas nada se comparava ao que sentia agora. Não importava o abismo cultural que havia entre eles: ela, filha de um nobre, ele, filho de uma lavadeira; mesmo que não houvesse essa diferença, ainda assim ele a trataria de forma especial, porque ela era completamente especial. Cada mínimo movimento seu no jardim de inverno, cada cacho de seu abundante cabelo, cada milímetro de sua face macia e corada, a lembrança de seu hálito doce tocando o rosto dele, quando ela se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido — tudo era infinitamente precioso para ele; e o deixava completamente perdido e impotente. Não sabia o que fazer.

Apenas observar. E em suas vigias, ele descobriu que ela tinha o hábito de passear durante a tarde. E ocasionalmente pelo parque. Ele apostava agora nessa possibilidade. E foi uma boa aposta; quando uma carruagem passou pela árvore, sob a qual Jim se encontrava, ele deixou de lado a folha que estava despedaçando e olhou na direção do veículo, para se deparar com o rosto dela.

Ela se encontrava em uma graciosa e pequena carruagem conversível. O cocheiro de cartola tinha o rosto fixo para a frente, com o chicote correto e arrogantemente posicionado. Ela estava recostada no assento languidamente, mas ao avistar Jim se recompôs e abriu a boca como se fosse dizer algo e acenou com a mão — e então a carruagem passou e ela foi encoberta pela capota da carruagem.

Jim se levantou na mesma hora e saiu correndo na direção do veículo. Foi quando ele viu o cocheiro girar a cabeça com sutileza e a inclinar, como se tentasse ouvir algo, e então diminuir a velocidade.

Ele fechou os olhos. O carro estava a alguns metros de distância; ouviu o som das patas do cavalo se dissipar, e alguma coisa que ela dissera ao cocheiro e novamente o som da carruagem se mover.

Ela o esperava sob as árvores. Vestia um casaco de pele de carneiro caracul; e um agasalho de mão do mesmo material. O chapéu preso por um laçarote verde adornava sua cabeça. Ela era perfeita. Jim ia na direção da moça, sem entender o que estava acontecendo. Ergueu os braços involuntariamente e a viu corresponder; e então em um despertar confuso, recobrou a razão, e os dois lembraram quem eram e onde estavam e se fecharam em um silêncio desconfortável.

Jim tirou a boina. Devia ser o comportamento apropriado, pensou ele, para com uma Lady.

— Eu disse ao cocheiro que desejava caminhar sozinha — disse.

Ela estava tão nervosa quanto ele.

— Bela carruagem — disse ele.

Ela concordou com a cabeça.

— O senhor feriu a boca? — perguntou, e em seguida desviou o olhar e corou.

Como se tivessem planejado previamente, eles começaram a caminhar lentamente por entre as árvores.

— Sempre caminha sozinha?

— Quer dizer sem acompanhante? Tinha uma governanta, mas ela foi dispensada. Meu pai está sem dinheiro. Ou pelo menos estava. Ah, não sei o que fazer...

Ela soava como uma menininha — tímida e indefesa — e sua extraordinária beleza possuía certa imaturidade. Como se ela não soubesse o que fazer com sua graciosidade e seu encanto; como se a houvessem posto no mundo naquele instante.

— Quantos anos a senhorita tem?

— Dezessete.

— Olha — disse ele gentilmente —, a gente já sabe do Mackinnon.

Ela se deteve e fechou os olhos.

— *Ele* também sabe?

— Bellmann? Sabe. Ele tá caçando o Mackinnon. Quase pegou ele na outra noite; foi aí que perdi meu dente. Você não podia achar que ia conseguir guardar esse segredo por muito tempo. Seu pai sabe, num sabe?

Ela fez que sim com a cabeça. Os dois voltaram a caminhar.

— O que posso fazer? — perguntou ela. — Sinto-me uma prisioneira. Como alguém sentenciada à... morte, quase. Não há nada que possa fazer para escapar. Parece um pesadelo.

— Me fale sobre o Mackinnon — pediu Jim.

— Nos conhecemos em um evento de caridade, quando ele se apresentou em nossa casa em Netherbrigg. Nós nos encontramos mais tarde e... Bem, acho que me apaixonei. Foi tudo tão de repente. Íamos nos casar e fugir para a América. Uma senhora chamada Nellie Budd nos ajudou e providenciou o advogado. Mas então quando chegou o momento de fugir, de alguma forma, Alistair não conseguiu tomar coragem, e também descobri que não poderia ter acesso a minha herança, então não tínhamos nada... Meu pai tentou invalidar o casamento. Mas não havia como, pois... Nós passamos a noite juntos na estalagem onde Alistair estava hospedado. Logo, o casamento era legal em todos os sentidos. E agora...

A voz lhe faltou e ela começou a chorar suavemente. Ele não resistiu; envolveu-a nos braços e pressionou delicadamente o rosto dela contra seu ombro. Ela era tão leve — seus cabelos limpos e quentes eram tão sedosos —, e aquele momento foi estranho, como um sonho. Antes que se desse conta do que fazia, ele a beijou.

Nada aconteceu. O momento passou; ela se afastou um pouco e os dois estavam separados novamente.

— Mas seu pai — disse Jim, vacilante. — Se ele sabe...

— É por dinheiro — ressaltou ela. — O sr. Bellmann lhe pagará muito dinheiro,

depois que estivermos casados. Ele não sabe que eu sei, mas é óbvio. Ele está tão endividado que nem ousa recusar. Ele também está à procura de Alistair. Se não o encontrarem logo...

A voz falhou novamente, ela estava desolada. Ele tentou abraçá-la de novo, mas ela recusou gentilmente, balançando a cabeça.

— Se eu me casar com Bellmann serei uma criminosa — disse. — Uma bígama. E se não me casar, papai vai para a cadeia. Não posso contar a *ninguém* sobre isso. Mas se encontrarem Alistair, farão algo terrível, sei que farão...

Continuaram andando. Perto, um passarinho cantava. O raio de sol tocava o rosto dela, com sua inconfundível luz invernal, evidenciando a maciez da pele e a delicadeza de seus traços. Jim se sentia mareado e fraco, e sabia que esse momento não duraria muito mais. Logo o cocheiro completaria o circuito e apareceria atrás deles.

Então ela disse:

— Aqui é como nosso jardim de inverno. Como se nada mais existisse. Estou com você, porém me sinto só. Desejaria que os antigos jardins ainda estivessem abertos com suas festas tradicionais, como Vauxhall ou Cremorne. Então poderia ir disfarçada e ver as luzes penduradas nas árvores, os fogos de artifício, as danças...

— Num teria gostado do Cremorne. No final, já tava sujo e abandonado antes de fecharem. Mas era legal de noite, quando num dava para ver a sujeira. A senhorita num é muito de *fazer* coisas, é? Prefere observar, certo?

Ela fez que sim com a cabeça.

— É verdade. Não acredito ter feito nada certo na minha vida. — Não era uma declaração de autopiedade, apenas uma constatação.

— Pediu que parasse a carruagem.

— É, fico feliz por ter feito isso. Não sei o que o cocheiro dirá. Provavelmente contará ao meu pai; bem, certamente. Direi que apenas desejava caminhar. O senhor sim é um homem de ação... é detetive... e fotógrafo.

— Fotógrafo, não, na verdade. Eu... Escrevo peças de teatro.

— *Mesmo?*

— O tempo todo. Mas nenhuma foi apresentada ainda.

— Vai fazer fortuna com isso?

— Tô no caminho certo.

— Ficar famoso? Como Shakespeare?

— Claro que sim.

— De que tratam suas peças?

— Assassinato. Como Shakespeare. — Mas não assassinatos da vida real, pensou. Nunca tinha escrito sobre pessoas de verdade sendo mortas e da sensação chocante que elas sentiam quando isso acontecia. Seria horrível demais; de longe,

muito pior do que vampiros.

Caminharam mais um pouco. Ele nunca conhecera tamanha felicidade ou apreensão.

— Sabe — disse —, a senhorita é... muito bonita. Linda. Não acho as palavras, mas nunca vi ninguém como você. Nunca, em lugar nenhum. A senhorita é a mais perfeita...

Para sua surpresa os olhos da menina estavam tomados de lágrimas.

— Eu apenas *queria*... — disse ela, indiferentemente, fungando. — Eu só queria que houvesse outra coisa a dizer. Prefiro disfarçar-me, ou usar uma máscara. Pois tudo se resume a isso, a ser *linda*.

A última palavra soou como uma maldição.

— Você é o oposto de uma moça que conheci outro dia — disse Jim. — Bom, ela num é feia, mas tem uma marca de nascença no meio do rosto e detesta que a vejam. E ela está apaixonada por... — *Pelo seu marido*, pensou. — Por um sujeito, e ela sabe que ele nunca vai gostar dela, e isso é tudo pra ela.

— Ah, pobre menina — lamentou ela. — Como se chama?

— Isabel. Mas olha, a gente precisa parar o Bellmann. Sabe o que ele pretende? Sabe o que ele tá fazendo em Barrow? Num pode se casar com um monstro como ele. Qualquer advogado decente provaria que está se casando contra sua vontade. Num será tachada de bigama, pode ficar tranquila. A melhor coisa que podia fazer é tornar público o casamento. Que se danem as dívidas do seu pai. Foi ele mesmo quem se meteu nessa confusão e agora tá te vendendo pra se livrar. Mas enquanto essa história não cair na boca do povo, ninguém tá seguro... principalmente o Mackinnon.

— Não vou entregá-lo — disse ela.

— Como?

— Não direi a eles onde ele está. Ah...

Ela olhou por cima dos ombros de Jim e de repente o desespero tomou conta de sua doce fisionomia, como a sombra de uma nuvem que encobre um jardim ensolarado. Ele se virou e viu a carruagem ao longe. O cocheiro ainda não os tinha visto.

Jim se virou para ela com urgência.

— Quer dizer que sabe onde ele tá? Mackinnon?

— Sei. Mas...

— Vai, me fala! Rápido, antes da carruagem chegar! A gente precisa saber, num entende?

Ela mordeu os lábios e concordou com a cabeça em um movimento rápido.

— Hampstead — informou. — Kenton Gardens, 15. Sob o nome de sr. Stone.

Jim pegou as mãos dela e as beijou. Tudo terminava tão rapidamente.

— Pode voltar aqui? — perguntou.

Ela fez que não com a cabeça, impotente, olhos fixos na carruagem.

— Então me escreva — pediu, procurando um dos cartões de Frederick em um dos bolsos. — Jim Taylor. Esse endereço. Prometa.

— Eu prometo — disse ela, e, com um olhar preocupado, tomou a mão dele. Continuaram unidas enquanto eles se afastavam, e logo já não se tocavam mais, e ela então saiu por entre as árvores na pista. Jim permaneceu onde estava, enquanto o cocheiro parava a carruagem. Viu que ela olhou para trás uma única vez, tímida e rapidamente, pois algo estranho aconteceu em seus olhos. Ele os secou com raiva e desapareceu em seguida em meio ao tráfego da Hyde Park Corner.

Isabel se sentou, sem dizer uma palavra, quando Sally contou a ela sobre o casamento de Mackinnon, apenas fez que sim com a cabeça e depois seguiu Sally, em silêncio, até a carruagem alugada.

— Como está sua ferida? — perguntou Sally, quando o cabriolé já estava em movimento. — Dói muito?

— Quase não a sinto — disse Isabel. — Não é nada.

Sally entendeu o que ela queria dizer: não é nada em comparação com o que você acaba de me contar. Isabel protegia a pequena caixa de metal, como se nada pudesse separá-las. Havia embalado algumas roupas em um saco e saíram de imediato para a rua Burton; teriam que reorganizar uma série de coisas na casa e Sally estava ansiosa por manter Isabel ocupada o mais breve possível para que não pensasse muito em Mackinnon.

Ao chegarem, encontraram um caos no jardim. Os vidraceiros saíam do estúdio e os homens da firma de decoração traziam o material para começar os trabalhos cedo na segunda-feira. Os dois grupos iam e vinham, obstruindo o caminho, e a paciência de Webster começava a falhar.

Sally mostrou a Isabel o quarto onde ela iria dormir. Um pequeno e limpo cômodo no último andar, com uma janela vertical com vista para a rua. Isabel se sentou na cama, ainda agarrada à caixinha, e disse:

— Sally?

Sally se sentou ao lado dela.

— O que foi?

— Não posso ficar aqui. Não, escute, precisa me deixar ir. Trago azar para as pessoas.

Sally deu uma risada, mas Isabel balançou a cabeça negativa e veementemente e agarrou a mão de Sally.

— Não! Não ria! Veja o que já fiz até agora... à dona da estalagem onde morava e a você... ao seu cachorro... sou eu, Sally, juro! Não há sorte, se estou por perto. Nasci amaldiçoada. Deve me deixar ir embora e ficar só. Encontrarei um lugar para

ficar, em algum lugar no campo... trabalharei na terra... mas não devo ficar próxima de você e seus amigos. Não faço bem a você...

— Não acredito em nada disso. Olhe, você é no mínimo um anjo enviado a esta loja. Eles estão desesperados lá embaixo à espera de alguém que cuide dos assuntos de escritório. Sei que não é o que você faz melhor, mas se pudesse nos ajudar com isso temporariamente, valeria seu peso em ouro. Sinceramente, Isabel, não estou inventando um trabalho para você, por pena. Há muito trabalho a ser feito. Sei que a notícia sobre Mackinnon a magoou. Mas a mágoa passará com o tempo, e enquanto isso precisamos de você aqui.

Finalmente, Isabel cedeu. Não tinha muita força para argumentar em geral. Pediu que lhe mostrasse o que deveria fazer e então se sentou, desvalida e em silêncio, como uma prisioneira, para trabalhar. Sally estava preocupada.

Mas não teve tempo de conversar sobre isso com Frederick, pois assim que ele retornou do escritório do sr. Temple, Jim apareceu.

— Achei o Mackinnon — disse. — Ele tá em Hampstead. Temos que pegar ele à força, Fred. É bom levar sua bengala...

O nº 15 da rua Kenton Gardens era uma pequena vila em uma entrada cercada por árvores. Uma senhora abriu a porta, parecendo ser a dona da estalagem, e se mostrou surpresa ao vê-los.

— Não tenho certeza... — disse ela. — O sr. Stone se encontra, sim, mas os outros cavalheiros pediram para não serem incomodados...

— Outros cavalheiros? — perguntou Frederick.

— Dois outros. Chegaram há 15 minutos. Talvez eu devesse ir até lá perguntar...

— Na verdade, é bastante urgente — disse Frederick. — Se a gente pudesse ir pessoalmente, explicaríamos a situação a ele.

Ela os deixou entrar e os levou até o primeiro quarto do primeiro andar. Esperaram que ela se retirasse para se aproximarem da porta e escutar o que diziam do outro lado.

Ouviram uma voz — grossa, de alguém que tinha dificuldade de respirar. Dizia:

— Ah, mas você é um verme escorregadio, por isso não podemos confiar em você. O que teremos que fazer, suponho, é quebrar um dos seus dedos...

Frederick grudou a orelha na porta.

A voz de Mackinnon respondeu instantaneamente.

— Se fizerem isso, eu *grito*. A polícia virá. Estou avisando...

— Ah, você está avisando? — disse a outra voz. — Que interessante. Achei que nós estivéssemos te dando um aviso. Mas tem razão quanto ao grito. É bem do seu feitio gritar. O que nós faremos é enfiar uma toalha pela sua goela, então não poderá gritar. Bom plano esse, não? Vá em frente, Sackville. Enfia bem direitinho...

Jim e Frederick se encararam, olhos brilhantes. Frederick disse, abafado pelo

barulho de resistência e luta do outro lado da porta:

— Sackville e Harris! Nosso dia de sorte, Jim. Está com seu soco-inglês?

Jim fez que sim, exultante. Era exatamente o que ele tinha em mente.

— Aí vamos nós — disse.

Frederick girou a maçaneta lentamente e os dois entraram. Mackinnon estava sentado em uma cadeira com assento de junco, seus braços atados ao encosto, a boca cheia com uma toalha (o restante do corpo mais parecia um ectoplasma em movimento), os olhos arregalados de pavor.

Sobre ele, de pé, estava Sackville, que franziu a testa cartilaginosa, perplexo. Harris, cuja face parecia ter levado um coice de um cavalo, prendeu a respiração e engoliu com dificuldade, ao mesmo tempo em que dava um passo para trás.

Frederick fechou a porta.

— Uhh, você é ganancioso — disse. — Não sabe quando parar, sabe? Olhe seu pobre nariz, achei que tivesse aprendido a lição. Quanto a você, Mackinnon — continuou. — Não saia daí. Quero ter um papo com você sobre o meu relógio.

De repente, Harris avançou para cima de Frederick com um cassete que tinha na mão. Frederick escapou pelo lado e o acertou com sua bengala nos pulsos, em seguida Jim o atacou como um *terrier*, em uma explosão de socos, joelhadas, chutes e cotoveladas.

Sackville jogou longe a cadeira onde estava Mackinnon. O mago imobilizado se chocou contra o lavabo, soltando um uivo abafado, e então rastejou de lado, com o rosto contra a parede, ainda preso à cadeira destruída, enquanto Sackville pegava outra cadeira e a atirava em Frederick. Mas Frederick foi mais rápido e acertou a costela de Sackville com sua bengala, deixando-o sem equilíbrio — pouco depois os dois estavam no chão lutando de igual para igual, punho com punho, frente a frente.

Sackville era um homenzarrão, mas Frederick era ágil e atlético, além de ter a vantagem de nunca ter aprendido a lutar boxe. Não tinha qualquer constrangimento em usar os pés ou em bater abaixo da cintura. Também na opinião de Jim valia tudo em uma briga; pois se você não fizesse o outro sujeito faria, logo era melhor que você fizesse primeiro. E como o alvo óbvio era o nariz de Harris, Jim não perdeu tempo e bateu sua cabeça com toda a força no osso do nariz dele. Este levantou as pernas por debaixo de Jim e o chutou na costela.

O quarto não era espaçoso: uma cama, uma mesa, o móvel que servia de lavabo, duas cadeiras e um guarda-roupa eram basicamente todos os móveis do recinto, e deixavam pouco espaço para se mover. Harris e Sackville estavam desesperados de medo; Jim estava tomado pela frustração e a raiva; Frederick, pela lembrança do rosto machucado de Nellie Budd, inerte na cama de um hospital. Nenhum deles estava minimamente preocupado com a mobília. Em pouco tempo, tudo já estava em pedaços sobre o chão, ou se chocando contra uma parede ou sendo partido no

ombro, braços, cabeça, costas de alguém.

Mackinnon conseguira tirar a toalha da boca e gritava e gemia de medo, ainda amarrado na cadeira. Sackville tropeçou nele, chutando-o nas pernas e o fazendo berrar; mas o ar lhe faltou quando Jim caiu em cima dele após levar um soco de Harris e tentou se recompor antes que Harris continuasse a investir contra ele.

No chão, depois de levar um soco de Sackville, Frederick se levantou zozinho e encontrou o pé de uma cadeira à mão; ele tinha acabado de golpear a cabeça de Sackville e vê-lo cair, quando ouviu um silêncio súbito no quarto. Ele sacudiu a cabeça e olhou a sua volta.

Jim estava de pé, equilibrado, atento, com a mão pressionada sobre o rosto. O sangue escorria abundantemente por entre os dedos. Harris o encarava, com uma faca na mão.

— Cuidado, Fred — disse Jim, em voz baixa. Harris empurrou com o pé destroços do guarda-roupa, para ganhar mais espaço, e então avançou com a faca na direção do estômago de Jim. Frederick tentou correr para impedir, mas teve uma das pernas agarrada por Sackville, e ao chutar o grandalhão com a outra perna perdeu o equilíbrio e caiu, perdendo Jim de vista. Lançou um soco contra Sackville e tentou se desvencilhar desesperadamente, quando, para sua surpresa, viu Mackinnon livre das cordas e correndo para tirar a faca da mão de Harris.

Harris rosnou, desvencilhando a mão, e Mackinnon deu um berro — mas foi a chance de Jim, pois enquanto Harris estava ocupado com Mackinnon, ele deu um soco bem no meio do rosto de Harris. Foi o golpe mais forte que dera na vida. Harris tombou como um tronco de árvore.

— Muito bom, cara — disse Jim a Mackinnon para em seguida estremecer com o sangue que corria abundantemente de sua bochecha. Harris havia mirado em seus olhos e perdera o alvo por um centímetro.

— Amarre eles antes que tentem qualquer coisa — disse Frederick. — Mackinnon, tem algum dinheiro aí? Dê uma nota de dez para a dona da hospedaria para cobrir o prejuízo e depois nos ajude com esses macacos. Ah, diga ao motorista que teremos outros passageiros a bordo.

Mackinnon se retirou do quarto para encontrar a apavorada senhora, enquanto Jim e Frederick retiravam os suspensórios, cintos e cadarços das botas dos dois sujeitos e os prendiam como pacotes de encomenda. Não foi fácil; embora Sackville e Harris estivessem acabados demais para reagir, Frederick estava tonto pelos muitos socos e Jim tinha os punhos inchados.

Finalmente, conseguiram carregar os dois até o primeiro andar e dali para a carruagem; pegaram uma corda emprestada do cocheiro e amarraram os dois juntos, por precaução. O condutor observava tudo com curiosidade.

— Pra onde, chefe? — perguntou a Frederick. — Smithfield?

Smithfield era o principal açougue de Londres. Frederick riu com dificuldade, devido aos ferimentos.

— Delegacia de Polícia de Streatham — disse ele. — Aos cuidados do inspetor Conway.

Apanhou o cartão e escreveu rapidamente “Senhora Nellie Budd: Prestação de conta”, e fixou o papel no casaco de Sackville antes de fechar a porta.

Jim observou com satisfação a carruagem se afastar.

— Se aquele idiota quiser usar o nariz novamente — disse — vai ter que cavar de dentro da cara com uma colher.

— Pagou à dona do estabelecimento pela diversão? — perguntou Frederick a Mackinnon. — Arrume suas coisas. Vai passar um final de semana na rua Burton; nem adianta protestar. Ah, e pega o meu relógio.

S

Eram três e meia da tarde quando eles chegaram à rua Burton. Sally chamou um médico para cuidar do sangramento de Jim e fez com que Frederick se sentasse e tomasse um conhaque. Arrumou um colchão de acampamento para Mackinnon no quarto de Jim e foi até a loja avisar Isabel que Mackinnon estava lá; então observou Isabel empalidecer e fazer que sim com a cabeça, e voltar a se curvar sobre seus papéis, continuando com seu trabalho sem dizer uma palavra.

Os cuidados do médico não melhoraram o humor de Jim. Assim que o sangue estancou, ele foi irritado ao novo estúdio para trocar insultos com os pintores, dos quais se lembrava das outras desastrosas visitas. Abalado, Mackinnon estava sentado em uma cadeira da cozinha, enquanto Frederick atacava o pote de biscoitos.

— Eles te machucaram? — perguntou Frederick.

— Só alguns hematomas, nada preocupante.

— Você fez muito bem ao agarrar o pulso daquele jeito. Aquele assassino teria acertado Jim não fosse você...

A porta dos fundos se abriu e Jim apareceu não menos enfezado do que quando estava no estúdio. Pegou uns biscoitos e se espalhou no sofá.

— Eram outros pintores — disse ele. — Esses só querem trabalhar. Num queriam nem papo. Lembra a última equipe, quando reformamos a loja? Um dia mandaram o Herbert pra rua pegar emprestada uma chave de fenda para canhoto. E então quando ele voltou sem conseguir achar, pediram desculpas, dizendo que o que realmente queriam era uma libra de buracos pequenos. Chegaram a dar pra ele dois centavos para ir até o Murphy's comprar os furos. Pobre coitado. Enfim, o que vamos fazer agora?

— Fechar a loja — disse Sally, entrando na cozinha. — Já disse ao sr. Blaine e aos demais que podem ir para casa mais cedo hoje. Vamos fechar tudo e tomar um chá, é isso o que faremos. Imaginei que Jim fosse acabar com os biscoitos e comprei

uns bolinhos. Espero que goste de bolinhos doces, sr. Mackinnon. Os pintores já foram embora?

Bem mais tarde, à noite (Isabel tinha ido direto para o seu quarto sem falar com Mackinnon, Jim foi dormir cheio de dor e cansaço, e Webster e Mackinnon também tinham se recolhido), Sally e Frederick estavam a sós na cozinha.

Ela estava encolhida em um dos cantos do sofá; ele recostado na poltrona em frente à lareira, com os pés sobre a reserva de carvão. Da lamparina sobre a mesa chegava uma luz aconchegante sobre a toalha de mesa quadriculada, sobre as cartas com que Mackinnon havia entretido os demais mais cedo, sobre a garrafa de uísque, sobre os cabelos louros de Sally. Frederick se inclinou para a frente e colocou o copo no chão, ao lado da poltrona.

— Você sabe, ele na verdade mostrou ser boa gente — confidenciou Fred. — Estou falando de Mackinnon; ele se atirou contra Harris para impedir que esfaqueasse Jim. Agora, quais são nossas opções, Lockhart? Primeiro, acho que deveríamos publicar a história do casamento nos jornais.

— Tem razão — disse ela. — Vamos ao *Pall Mall Gazette* amanhã de manhã. Depois... Bem, vou pedir ao sr. Temple conselhos sobre as patentes. Acho que estamos quase pegando o Bellmann, mas não tenho certeza de que ele esteja completamente enrolado. As patentes russas estão faltando — isto é por acaso, acho que não é prova incriminadora. Precisamos saber...

— Precisamos saber quão influente ele é. Os policiais que invadiram o seu escritório. Seriam mesmo policiais? Se forem, ele tem muito poder. O que significa que vamos precisar ser ainda mais cautelosos. Mas é uma questão de tempo.

— Esperar pelo momento certo... Quem eram as pessoas que Lorde Wytham estava visitando no Ministério das Relações Exteriores? Se conseguirmos descobrir de que departamento são, teremos uma ideia mais clara sobre os próximos passos.

— Isso é fácil. Não faltam fofoqueiros por lá. Vou passar a segunda-feira no Whitehall e ver o que consigo.

— Sabe — disse ela após alguns instantes. — Ainda não consegui descobrir como vou reaver o dinheiro de minha cliente. A não ser que haja uma recompensa... Se bem que, agora, pensando sobre isso, sim, há uma recompensa. Por informações sobre o paradeiro do navio *Ingrid Linde*. A única coisa que ainda não investigamos...

Ela se inclinou na direção do fogo e com um pedaço de pau cutucou a brasa. Cinzas se espalharam pela lareira e faíscas também.

— Fred? — disse.

— Mmm?...

— Quero pedir desculpas. Pela outra noite. Foi odioso de minha parte e desde então me sinto péssima. Porque eu amava a época em que trabalhávamos juntos. E

fazemos um belo time. Se você ainda quiser...

Ela não conseguiu terminar. Frederick se ajeitou na poltrona, se inclinou na direção dela e virou o rosto de Sally para que ela o encarasse.

E então a campainha da loja vazia tocou.

Ele soltou um palavrão e se apoiou no encosto da poltrona.

— Agora quem diabos será? — perguntou.

Os dois se entreolharam e em seguida olharam para o relógio. Eram dez e meia da noite.

— Vou lá ver — disse Frederick, levantando-se. — Não demoro.

— Tome cuidado, Fred — pediu Sally.

Ele caminhou pelo interior da loja escura e destrancou a porta de entrada. Do outro lado, envolto pela garoa da rua, havia um homenzinho de chapéu-coco e casacão.

— Sr. Garland, suponho — disse o homem.

Era o sujeito do camarote no teatro de variedades — o secretário de Bellmann. Frederick riu da ousadia do homem.

— Boa noite — cumprimentou. — Sr. Windlesham, certo? É melhor entrar.

Ele deu passagem e em seguida pegou o casaco e o chapéu do homem.

— Sally — disse Frederick quando os dois entraram na cozinha. — Acho que conhece esse cavalheiro...

Pasma, ela pestanejou e se ajeitou no sofá.

— Perdoem-me vir até aqui a estas horas — desculpou-se o homenzinho. — Sei que nos conhecemos, srta. Lockhart, em circunstâncias nada agradáveis. Mas vim na esperança de que a senhorita e o sr. Garland me dessem a honra de ouvir o que tenho a propor.

Sally, arregalando os olhos, fitou Frederick e novamente Windlesham.

— Devo acrescentar que falo em meu nome e de ninguém mais — prosseguiu ele. — O sr. Bellmann não sabe que estou aqui.

Os dois homens permaneciam de pé. Durante o silêncio que se seguiu, Frederick puxou uma cadeira do lado da mesa e a ofereceu a Windlesham para que sentasse. Os dois se sentaram e Sally deixou o sofá para se sentar junto dos dois. Aumentou a intensidade da luz da lamparina e guardou as cartas que estavam sobre a mesa.

— Eu entendo perfeitamente a hesitação dos senhores — disse Windlesham. — Posso explicar por que estou aqui?

— Por favor — disse Frederick. — Mas vamos deixar uma coisa clara. Ainda trabalha para Bellmann?

— Tecnicamente, ainda sou seu empregado. Mas acho que agora seria mais útil para um número bem maior de pessoas se mudasse de lado, por assim dizer. Não aprovo a aventura do sr. Bellmann na Estrela do Norte. Por mais que eu tente, não

consigo, srta. Lockhart. Na minha opinião, o Autorregulador Hopkinson é monstruoso e não deve ficar nas mãos de qualquer um, perdido pelo mundo. Procurei os senhores porque observei seus movimentos com enorme admiração — da senhorita e do sr. Garland —, e estou aqui para lhes contar tudo o que sei. — Ele tirou os óculos, que ficaram embaçados devido ao calor do lugar. — Devo presumir que já descobriram sobre o Autorregulador Hopkinson, estou certo? Não tenho provas de que saibam a respeito, mas ficaria surpreso se...

— A Arma a Vapor — disse Frederick. — Sim, sabemos. E sobre Hopkinson.

— Ou Nordenfels, hummm? — O senhor Windlesham repôs os óculos, sorrindo gentilmente.

— O que o senhor deseja em troca? — perguntou Sally, ainda atônita, tamanha a surpresa de vê-lo ali, e nada inclinada a acreditar nele.

— Apenas, como posso dizer, preciso de aliados para me proteger — respondeu ele. — Quando a empresa do sr. Bellmann quebrar, o que ocorrerá em breve, quero testemunhas de que o estive espionando e não trabalhando para ele, o que é uma verdade. E tenho esperanças de tê-los como minhas testemunhas.

— Por que não procura a polícia?

— Ainda não é o momento: o sr. Bellmann tem influência no mais alto escalão da polícia, e também no Judiciário, e qualquer tentativa de incriminá-lo a esta altura fracassaria. Podem acreditar, tenho certeza disso. Ficaríamos atolados em uma série de processos por calúnia e difamação, e perderíamos, servindo apenas para deixar alertas os malfeitores. Não, ainda não é hora de ir à polícia, mas sim quando a empresa estiver à beira do colapso.

— E por que isso aconteceria? — perguntou Frederick.

— Expandiu-se descontroladamente — disse Windlesham. — Posso oferecer detalhes sobre os empréstimos, ações e dividendos, entre outros. O fato é que todo o dinheiro foi canalizado para a produção de Autorreguladores, que não estão sendo fabricados em tempo hábil. Eles não previram que haveria escassez de certas matérias-primas e atrasos nos testes; trata-se de uma máquina extraordinariamente complexa. E posso lhes passar informações mais detalhadas sobre o equipamento também. Eu estimo que o sr. Bellmann terá mais três semanas de tranquilidade, antes da catástrofe. Alguns fatores podem adiar o inevitável, como a aquisição de novos suprimentos de grafite, por exemplo. Mas o fim está próximo.

— Quem é o cliente? — perguntou Sally. — Quem está comprando as Armas a Vapor ou, como o senhor chama, Autorreguladores?

— A Rússia. O tsar está cada vez mais preocupado com o aumento da participação de seu povo em movimentos anarquistas. E com os investimentos no desenvolvimento da Sibéria... ouviram falar do empreendimento ferroviário por lá?; os senhores podem imaginar quão úteis podem ser essas armas àquele governante.

No entanto, a Estrela do Norte está empenhada em conseguir novos clientes. Os prussianos já se mostraram interessados. Os mexicanos enviaram um observador para cá, ao campo de testes. Este é um momento crucial, vê, sr. Garland, um momento crítico. Se soubermos tomar o rumo certo...

— Fale sobre o *Ingrid Linde* — pediu Sally.

— Ah! O navio desaparecido. Isto faz parte de uma fase na carreira do sr. Bellmann anterior a minha contratação. Mas, creio, na lista de passageiros havia o nome de um homem que tinha testemunhado o duelo entre o sr. Bellmann e o sr. Arne Nordenfels. Além disso, claro, com a falência da empresa Anglo-Baltic, o sr. Bellmann pôde expandir suas atividades sem obstáculos.

— Gostaria de evidências por escrito que o incriminem — disse Sally.

— Isso seria difícil. Posso tentar; terei que ser extremamente discreto, mas farei o possível para descobrir alguma prova.

— O senhor mencionou a palavra influência — comentou Frederick. — Quão influente é o sr. Bellmann dentro do governo? Ou dentro do Serviço Civil?

— Ah, é grande. O dinheiro do sr. Bellmann já conseguiu liberar várias licenças de exportação e afrouxar regulamentos no setor de exportação de armas. As diligências do sr. Garland, se me permitem dizer, têm sido notavelmente astutas. Em breve começariam a constranger personalidades do governo do mais alto escalão.

— Quem? — perguntou Frederick. — Até agora o senhor não disse nada que nós já não soubéssemos. Nomes, sr. Windlesham, queremos nomes.

— Sir James Nash, o inspetor-geral da Artilharia, do Ministério da Guerra. Sir William Halloway-Clark, subsecretário do Ministério das Relações Exteriores. O embaixador da Rússia. Há vários outros com cargos não tão relevantes.

— Este caso é de conhecimento dos membros do Gabinete Ministerial? — perguntou Sally. — Faz parte da política do governo permitir que este tipo de armamento seja construído e vendido em solo britânico?

— Ah, não. Certamente que não. Os funcionários que mencionei estão agindo por conta própria, e de forma ilegal. Seria um dos mais vergonhosos escândalos da nossa história se tudo isso viesse à tona.

— E Lorde Wytham — disse Frederick. — O que tem ele a ver com tudo isso?

— Ah! — O sr. Windlesham deu uma piscadela maliciosa. — O pai da noiva! Episódio romântico, esse, da aventura escocesa, não acham? Por acaso os senhores tiveram mais sorte que meus agentes, na busca do marido fujão?

— Já que perguntou, sim — respondeu Frederick. — Ele está a salvo. Em Londres, sob os cuidados de um amigo meu. Ele não vai fugir dessa vez, e os senhores não o encontrarão. O que Lorde Wytham fará?

— Pobre homem — disse Windlesham, lamentando. — Está sendo duro para ele. Recebeu de Bellmann um cargo de diretor pelas suas ligações com membros do

governo. Ele poderia ser de grande valia então, mas o episódio escocês em breve será revelado; o sr. Bellmann sabe que a história não tardará muito em vir a público. Um dos motivos de constrangimento pairando sobre o sr. Bellmann. Mais ainda para Lorde Wytham, claro. Com riscos de que lhe seja fatal.

— Imagino o que o senhor quis dizer com isso — disse Frederick. — Não, não se dê ao trabalho de explicar. Foi o senhor quem contratou Sackville e Harris, afinal? E o homem que atacou a srta. Lockhart, ontem à noite?

— Quanto a isso — disse o sr. Windlesham, com franqueza — devo admitir minha culpa. Mas fiz com repugnância, acreditem, com vergonha e revolta. E, desde então, venho sendo consumido pelo remorso e por crises de ansiedade. Nunca me senti tão aliviado quando soube, nessa manhã, que a senhorita estava viva. Quanto à sra. Budd, eu providenciei o pagamento de todas as contas do hospital. Com meu próprio dinheiro... naturalmente, não poderia cobrar da empresa sem levantar suspeitas.

— Por que atacar a sra. Budd? — perguntou Frederick.

— Para servir de advertência à srta. Lockhart — disse Windlesham, tranquilamente. — Se tivéssemos conhecido de antemão as qualidades da srta. Lockhart, teríamos tido outra estratégia. Questionei tudo isso desde o início; reprovo a violência. Mas o sr. Bellmann ignorou meus apelos.

Frederick olhou para Sally. O rosto dela estava inexpressivo.

— Bem, essa conversa foi bastante interessante, sr. Windlesham — disse Frederick. — Obrigado pela visita. Há um ponto de cabriolés de aluguel no final da rua.

— Ah... e minha proposta? Os senhores entendem, me arrisquei muito em vir até aqui...

— Sim — confirmou Sally. — Tenho certeza que sim. Precisamos pensar sobre o assunto. Onde podemos encontrá-lo?

Ele tirou um cartão de visita do bolso do colete.

— Podem me contatar nesse escritório. Não estou sempre lá, mas se enviarem uma carta a este endereço, eu a receberei em vinte e quatro horas... Srta. Lockhart, sr. Garland, sinto insistir, mas poderia ter alguma posição, por mais vaga que seja? Estou começando a temer por minha vida...

O rosto dele estava corado e as lentes dos óculos estavam embaçadas novamente. Frederick respondeu:

— Não se preocupe, entraremos em contato. Bem, se a situação piorar, posso pelo menos garantir que o senhor poderá correr para cá sem que seja alvejado por nenhuma de nossas balas. Enquanto isso, é melhor ficar onde está, não acha?

— Oh, obrigado, sr. Garland. Obrigado, srta. Lockhart. Eu tenho verdadeiro horror a qualquer tipo de violência. O sr. Bellmann é um homem destemperado e perde a

paciência com facilidade... é impulsivamente violento...

— Entendo. Aqui está seu casaco e seu chapéu — disse Frederick, ajudando-o a andar pela loja escura. — Escreveremos para o senhor, não tenha dúvida. Boa noite. Boa noite.

Ele trancou a porta e retornou para a cozinha.

— O que acha disso?

— Não acreditei numa só palavra do que ele disse — respondeu Sally.

— Que bom. Nem eu. Verdadeiro horror a qualquer tipo de violência? É o homem mais frio e calculista que já conheci. Seria capaz de encomendar um assassinato como se pedisse um prato num restaurante.

— Exatamente, Fred! Agora me lembro: quando ele foi ao meu escritório e Chaka rosnou para ele, o homem não moveu nem um fio de cabelo. Ele está mentindo, deve estar. O que está tramando?

— Não sei. Ganhando tempo? Mas prova que estamos no caminho certo, não acha?

Ele se sentou de frente para ela e moveu a lamparina para poder ver seu rosto. Seus olhos escuros o fitavam solenemente.

— Acho — disse ela. — Fred, quando ele chegou...

— Eu estava prestes a dizer algo importante. Seja lá o que lhe falei no outro dia sobre não gostar mais de você e pôr um ponto final na nossa história foi um rompante tolo. Nunca conseguiria desistir de você, Sally. Nós estamos destinados a ficar juntos; e assim será até morrermos; e eu não deixaria que fosse de outro jeito.

Então ela sorriu — um sorriso tão límpido e radiante que o coração de Frederick quase saltou no peito.

— Sally — disse ele, mas ela não o deixou prosseguir.

— Não diga nada — pediu ela.

E se levantou, os olhos brilhando. Inclinou-se e apagou a lamparina, e eles ficaram alguns instantes ali, sob a luz da chama da lareira que se extinguia. Então ela fez um movimento espontâneo na direção dele e em menos de um segundo eles estavam colados um ao outro, roçando desajeitadamente um rosto no outro na escuridão.

— Sally...

— Ssssh! — sussurrou ela. — Não quero que você fale. Tenho minhas razões.

Então, em vez disso, ele a beijou, nos olhos, faces, pescoço, a boca tensa... E mais uma vez ele tentou falar. Ela tapou seus lábios com a mão.

— Não fale! — murmurou ela calorosamente ao ouvido dele. — Se disser mais uma palavra eu vou... eu não vou... ah, Fred, Fred...

Ela o puxou pelas mãos, autoritária, nervosa, urgente. Subiu com ele as escadas e em um minuto estavam no quarto dela. A lareira queimava em fogo baixo, mas o

quarto estava aquecido. Ele fechou a porta e voltou a beijá-la, e então se abraçaram como crianças, sôfregos, com os lábios grudados como se quisessem consumir um ao outro.

— Agora — disse ela. — Nem uma palavra, nem uma palavra...

O sr. Windlesham não foi para o ponto de cabriolés de aluguel no final da rua. Havia uma carruagem a sua espera virando a esquina, mas quando ele entrou o veículo não partiu de imediato; o cocheiro esperou enquanto o sr. Windlesham fazia anotações em um pequeno bloco. Um minuto depois, um homem com uniforme de operário apareceu de uma ruela atrás da rua Burton e bateu na janela da cabine. O cavalo, ao sentir um cheiro forte vindo da roupa do homem — tinta? Aguarrás? —, agitou a cabeça para trás.

O sr. Windlesham desceu o vidro da janela.

— Tudo certo, chefe — disse o homem em voz baixa.

O sr. Windlesham procurou por uns trocados no bolso e deu ao operário uma moeda de ouro.

— Ótimo — disse. — Muito obrigado. Tenha uma boa noite.

O homem tocou a aba do chapéu e se foi. O chofer soltou o freio da carruagem e lançou o chicote, e o veículo rumou para o oeste.

Pouco depois, Frederick fitava Sally. Seus olhos estavam sonolentos agora, mas muito brilhantes, e o rosto relaxado.

— Sally — disse ele. — Aceita se casar comigo?

— Claro — disse ela.

“*Claro*”, diz ela... Simples assim! E depois de tanto tempo...

— Oh, Fred, amo você. Demorei tanto para assumir isso para mim mesma. Sinto muito... Achei que não conseguiria levar adiante meu trabalho estando casada. Ou admitindo meu amor por você. Agora vejo que foi uma tolice... Mas desde ontem, com a morte de Chaka, descobri que o meu trabalho é parte de mim e não o contrário. E descobri o quanto preciso de você. Sabe quando me dei conta disso? Quando estava no Registro de Patentes...

Ele riu e ela mordeu seu nariz.

— Não ria — disse. — É verdade. Não tem ninguém como você, em nenhum lugar do mundo... Ai, me sinto tão diferente, Fred. Não sou muito boa para refletir sobre sentimentos como esse, e ainda tentar resolvê-los, mas tentarei. E vou conseguir, eu prometo.

O único som que se ouvia era o da brasa crepitando na lareira.

— Eu já disse que te amo? — perguntou ele. — Eu te amo desde o dia em que te vi naquela estrada horrorosa na costa de Kent, com a sra. Holland te perseguindo. Lembra da tenda onde você se escondeu?

— Lembro de tudo. Ai, Fred, faz tanto tempo. — Ele a beijou de novo, gentilmente, e apagou a luz da vela com os dedos.

— Temos muita sorte — disse.

— Nós merecemos isso — sussurrou Sally e se aconchegou nos braços dele.

A carruagem do sr. Windlesham estacionou na rua Hyde Park Gate, 47, e ele saltou e deu a volta pelo estábulo, nos fundos da residência.

Entregou o sobretudo e o chapéu ao lacaio e em seguida foi levado até um amplo escritório.

— E então? — perguntou Bellmann sentado à mesa

— Ele está lá. Vi cartas de baralho sobre a mesa da cozinha. Talvez estivessem jogando, obviamente, mas estavam viradas, como se alguém tivesse feito truques com elas. Assim que entrei, ela guardou as cartas. E quando mencionei a história da Escócia, o jovem olhou de relance, involuntariamente, na direção da escada.

— E está tudo pronto?

— Está tudo preparado, sr. Bellmann.

A cabeça imponente do empresário inclinou-se sutilmente, e algo parecido com um sorriso surgiu em seu rosto.

— Muito bem, Windlesham. Aceita tomar uma taça de conhaque comigo?

— É muita gentileza sua, sr. Bellmann.

A bebida foi servida e o sr. Windlesham se sentou numa cadeira, ajeitando cuidadosamente as faldas do casaco.

— Eles se convenceram com sua proposta? — perguntou Bellmann.

— Ah, não. Nem por um minuto. Mas ocupou a atenção deles pelo tempo necessário. — Ele deu um gole no conhaque. — Sabe, sr. Bellmann — continuou. — Estou realmente muito bem impressionado com aqueles dois. É uma pena que não temos como chegar a um acordo com eles.

— Ah, é muito tarde para isso, Windlesham — disse Bellmann, sentando-se novamente, e sorrindo. — Tarde demais.

I

Jim não conseguia dormir. Mackinnon roncava baixo no colchão ao lado da porta — irritante. Jim teve vontade de jogar uma bota nele. Que indolência a do homem! Tudo bem, ele havia contribuído minimamente na briga — mas não justificava aguentar aquele ronco. Jim se levantou e blasfemou.

Outro motivo para sua insônia era, claro, Lady Mary. Aquele beijo... E pensar que um momento como aquele, tão surpreendente e inusitado, nunca aconteceria de novo. Ele estava atormentado pelo amor que sentia por ela. Como pôde se casar com?... Ora, não pense nisso; seria inútil.

E havia também a dor que sentia pelo corte no rosto. Ele não prestara atenção no que o médico havia feito, mas a ferida ardia e latejava tanto que Jim teve o ímpeto de gritar. O único alívio era a lembrança do soco que derrubara Harris.

Ainda havia mais um motivo. Algo estava errado. Depois de fazer uma retrospectiva daquela tarde, ele se deu conta de onde vinha o desconforto. Os pintores. Não era o fato de não conhecê-los — mas porque, de alguma forma, eles não pareciam pintores. Tinham os uniformes e equipamentos impecáveis, mas tudo o que pareciam fazer era carregar coisas de um lado para outro e esperar que ele saísse.

Algo estava errado.

E afinal, que maldito caso estúpido era esse, pensou. Quem iria pagar pelo serviço? Quem os iria agradecer por resolverem tudo? Um grato governo iria prestar homenagem a eles? Que se explodam os malditos Bellmann, Wytham, Mackinnon, todos os infelizes.

Ele agora estava mais desperto que nunca. E com os nervos à flor da pele, como se acabasse de descobrir que havia uma bomba no quarto com o pavio queimando e não conseguisse encontrá-la. Todos os seus sentidos estavam anormalmente

aguçados: e a respiração de Mackinnon já estava lhe causando calafrios, a roupa de cama o fazia suar, o travesseiro estava duro demais, sua bochecha... Nada estava bom. Não ia conseguir voltar a dormir.

Pôs as pernas para fora da cama e procurou por suas pantufas. Iria descer para a cozinha, escrever, tomar um chá. Mackinnon se esticou no colchão enquanto Jim passava por cima dele, e Jim lhe sussurrou o que achava dele e dos mágicos e dos escoceses em geral. Tirou do cabide da porta seu roupão e foi para o pé da escada, depois de fechar a porta silenciosamente — e fungou.

Algo estava errado. Foi para a janela do hall com vista para o jardim e levantou a cortina.

O jardim estava em chamas.

Perplexo, ele esfregou os olhos. O novo estúdio não mais estava lá. Em seu lugar, uma parede de fogo, com nuvens de fumaça, queimava suavemente — as tábuas, os carrinhos de mão, as escadas, tudo pegava fogo. Ao olhar horrorizado o resto do jardim, viu que a porta dos fundos caíra e o fogo já avançava para dentro da casa...

Três passos foram necessários para que chegasse ao quarto de Frederick. Escancarou a porta gritando:

— Fogo! Fogo!

O quarto estava vazio. Ele então gritou das escadas para o último piso.

— Fogo! Acordem! Fogo!

Então desceu as escadas correndo para os quartos de Webster e de Sally no primeiro andar.

Frederick escutou o primeiro grito de Jim e se levantou de imediato. Sally, ao lado dele na estreita cama, também acordou rapidamente.

— O que foi? — perguntou.

— Jim... — disse ele, vestindo a camisa e as calças. — Parece que há um incêndio; levanta, amor, rápido!

Ele abriu a porta, quando Jim descia a escada aos tropeços. Jim ficou surpreso de ver Frederick saindo do quarto de Sally, mas não parou.

— É grave — disse, enquanto batia com força na porta do quarto de Webster. — Fogo, sr. Webster! Acorde! — ele gritou. — O novo edifício já desapareceu. E acho que a cozinha também...

— Escute — disse Frederick. — Vá lá em cima e traga Ellie e a cozinheira aqui pra baixo o mais rápido possível; ah, e a srta. Meredith também. Mackinnon tá acordado? Traga todos.

Havia apenas uma escada que dava na cozinha. Frederick virou na direção do quarto de Sally. Lá estava ela na soleira da porta, descabelada, sonolenta, linda... Ele foi até ela e a abraçou com força. A paixão com que se beijaram foi ainda mais intensa do que anteriormente; mas o beijo não poderia durar mais que alguns

segundos.

— Pegue os lençóis e leve para o outro quarto — disse ele. — Vou lá embaixo ver se há saída pela loja. — Mas assim que chegou ao térreo, percebeu que seria impossível. O fogo tomara a cozinha violentamente e o calor era insuportável, mesmo dali, com a porta fechada. Abriu para ter certeza, e descobriu na mesma hora que não deveria tê-lo feito, pois as chamas o atacaram como um tigre, jogando-o para trás e envolvendo todo o seu corpo. Tropeçou e foi ao chão, se arrastando cegamente até a porta escancarada, e sentiu algo pesado cair sobre sua nuca e estilhaçar. Ele conseguiu sair, levantou e fechou a porta às pressas. Estava em chamas. Deu tapas nele mesmo — a blusa fora consumida pelo fogo e os cabelos produziam estalidos —, arrancou as mangas da camisa em chamas e bateu na cabeça para apagar o fogo nos cabelos, antes de retornar com dificuldade ao alto da escada.

— Fred! Você tá bem?

Lá estavam Jim, Ellie, a arrumadeira, e a sra. Griffiths, a velha cozinheira, de olhos arregalados e tremendo dos pés à cabeça. Frederick não sabia se estava tudo bem com ele. Tentou falar, mas havia algo errado, como se ele houvesse engolido fumaça. Sally saiu do quarto de Webster e correu para Frederick, com um frio de desespero. Gentilmente, ele a manteve distante e apontou para os lençóis amarrados com um nó, em forma de corda.

— Sim, fizemos isso — disse ela, e ele então empurrou Ellie, e a cozinheira, na direção dela e Sally entendeu na mesma hora, para sorte de todos, e assumiu o controle.

O quarto de Webster ficava acima do antigo estúdio, de frente para a rua. Frederick não sabia se o fogo já chegara lá, mas o quarto de Sally ficava acima da cozinha e certamente não era seguro. Quando Mackinnon desceu do segundo piso, Frederick o agarrou para que fosse atrás dos demais e fez um enorme esforço para ganhar fôlego.

— Ajude as mulheres, pule a janela, escadas não...

— Não vou pular nada, não posso com altura...

— Então queime — disse Jim, e se virou para Webster. — Jogue o seu colchão lá para baixo — disse. — E depois jogue o sujeito. Aqui, Fred... — Ele puxou Frederick para um canto. — Temos um problema — disse ele em voz baixa. — A senhorita num lembro o quê. Ela se trancou lá em cima. Diz que prefere ficar lá. Aqui, tá tudo bem com você?

Frederick fez que sim com a cabeça.

— Fiquei meio tonto — disse ele com voz rouca.

— Onde esteve?

— Lá embaixo. Muita fumaça. Não consegui passar. Venha. Acho que Bellmann é responsável por isso.

— Os pintores — disse Jim, enquanto subiam o primeiro lanço de escadas. — Suspeitei desde o início. Devia ter me levantado mais cedo; sabia que tinha algo de errado. Ei, você tem uma baita ferida na nuca, cara, sabia disso?

— Algo caiu em cima de mim — murmurou Frederick. — E então se ouviu um grito do andar de baixo e um estrondo, quando o piso do quarto de Sally desabou sobre a cozinha.

— Espere aqui — disse Jim, e em seguida foi em disparada escada abaixo.

Mackinnon já estava do lado de fora e a sra. Griffiths conseguiu descer corajosamente pela corda de lençol. Mas estavam tendo problemas com Ellie. Estava no meio do caminho e não conseguia continuar descendo.

— Continue, sua boba! — Sally pressionou, mas a jovem só fazia gemer, agarrada à corda, aterrorizada.

— Terá que descer com ela, Jim — disse Sally.

— Tá bem, mas vai primeiro, mostre como se faz.

Ele suspendeu Ellie de volta para a janela e então ajudou Sally a sair.

— Dê um grito para o Fred, fala pra ele continuar sem mim — disse Jim a Webster.

Webster gritou para o andar de cima e ouviu uma resposta. — Espero que ele consiga sair a tempo — disse. — A casa não vai aguentar mais muito tempo em pé. Vou lá ajudar...

— Você fica aqui — disse Jim. — Desço com Ellie e volto para ajudar Fred. Fique de olho para que os nós num se desfaçam.

Webster concordou com a cabeça e Jim escalou o parapeito da janela com a agilidade de um macaco.

— Tudo bem? Sal? — perguntou lá de cima.

As casas ao redor estavam todas acesas como um palco cênico. Um grupo de pessoas já se aglomerava na rua. Sally tocou o chão e respondeu que estava bem.

— Vamos, Ellie — disse Jim. — Vamos descer.

Ela subiu no parapeito precipitadamente, ao lado dele.

— Agora agarre a corda assim: o pano é de boa qualidade, não vai rasgar, roubei de um hotel cinco estrelas... muito bem... boa garota...

A voz dele foi se distanciando de Webster, que ficou aguardando no andar de cima.

Frederick precisou parar no último lanço de escadas, pois o segundo piso estava cedendo. A casa parecia um navio em alto-mar, de tanto que rangia. Uma explosão ecoou da direção do estúdio e Frederick pensou: “As substâncias químicas... Espero que Sally já tenha saído...”

Continuou a subir pela estreita escada, escura e oscilante. Ou seria ele que oscilava? Era tudo um sonho. Ao alcançar o topo da escada, só havia silêncio, como

se o fogo estivesse a quilômetros de distância.

Encontrava dificuldade em respirar. Cada minuto que passava ficava mais fraco. Talvez devido ao sangue que continuava perdendo. Bateu com força na porta de Isabel.

— Não! — veio a resposta abafada. — Por favor, me deixe aqui.

— Abra a porta, pelo menos — disse ele. — Estou ferido. Não tenho como te forçar a fazer nada.

Ele ouviu o som da fechadura se abrindo e uma cadeira sendo retirada. Viu uma luz de vela, quando ela abriu a porta, e os cabelos soltos e a camisola ganharam um caráter fantasioso, o que fez com que Frederick se sentisse ainda mais perdido, como se estivesse sonhando profundamente.

— Ah! Você está... o que houve? — disse ela aflita, deixando-o passar.

— Isabel, tem que vir comigo, não temos muito tempo — disse.

— Eu sei — concordou a moça. — Falta pouco. Eu não vou. Vocês foram tão bons para mim. Não tenho mais do que escapar.

Ela se sentou na cama. Ao redor dela estavam espalhadas folhas de papel — pareciam cartas, escritas a mão. Ela notou que ele as olhava.

— São as cartas dele — respondeu ela. — Quando as leio... Sempre foram meu maior motivo de alegria em toda minha vida. Nunca serei tão feliz mesmo que viva até os 100 anos. E se sobreviver, quais serão minhas perspectivas? Solidão e amargura e arrependimento... Não, não, vá embora, por favor. Precisa ir... Por Sally...

Os olhos dela faiscavam, o rosto estava vívido. Frederick estava tonto, precisou se apoiar na estante para se manter de pé. Ouviu as palavras de Isabel ao longe, embora com clareza.

— Isabel, sua idiota, se não por você, desça por mim, preciso de ajuda — conseguiu dizer. — Todos já saíram e o edifício vai ruir a qualquer instante; sabe que não vou embora enquanto...

— Ah, você é tão teimoso... isso é loucura... ele já foi?

— Já. Como eu disse, todos já estão fora. Venha, pelo amor de Deus.

Ela parecia tão animada, como uma debutante a caminho do primeiro baile, corada e bela e jovem; ou como uma noiva... Frederick chegou a temer que já estivesse morto, e que sua alma estivesse vivendo aquele devaneio. Ela disse algo mais, porém ele não pôde ouvir. Um ruído ensurdecia seus ouvidos — deve ter sido o fogo — e o chão estava tremendo.

Ele arrancou a cortina e abriu a janela. O quarto ficava de frente para a rua. Se eles pulassem — talvez...

Ele se voltou para a cama. Ela estava deitada, braços esticados. Ela o encarava e os cabelos cobriam parte do rosto e do queixo. Deixando à mostra apenas os olhos e

a testa, ele pôde ver que ela sorria. Parecia transcendentemente feliz.

De repente ele se enfureceu por ter perdido tanto tempo e cambaleou até ela, querendo arrastá-la até a janela. Mas ela se agarrou à cama e ele notou que também arrastava a cama, até que, derrotado pela dor e a exaustão, caiu sobre ela. Seria mais fácil desistir.

Ah, Deus, que perda de tempo.

O calor agora era intenso. A porta estava em chamas e o chão crepitava e vergava como um enorme navio em uma tempestade. Ouviu distintos sons — bramidos, lençóis se agitando, som de labareda. E vários outros sons que se misturavam. Mesmo, de música... Sinos...

Ela se moveu. Uma das mãos dela encontrou a dele e a segurou firme.

— Sally? — disse.

Podia ter sido Sally. Ela havia se deitado ao lado dele assim. Sally era forte e destemida, adorável, incomparável... Lady Mary era belíssima, mas Sally a ofuscava como o sol. Onde ela estava?

Por estranho que fosse, ele sentiu que estava se afogando. A dor era insuportável ao seu redor — podia senti-la, embora não o tocasse. Tentou respirar, contudo o ar que entrava em seus pulmões parecia água.

Estava morrendo, afinal.

Ele se virou para Sally para beijá-la pela última vez, mas ela se esquivou. Não, não podia ser. Sally não faria isso. Sally estava em outro lugar. Não havia nada que a moça pudesse fazer. Iria tirá-la de lá e...

Fez um movimento na direção da janela, mas o chão ruiu.

N

Ainda estava escuro quando conseguiram retirar o corpo de Frederick. Sally ficou esperando com os demais na loja, do outro lado da rua, enquanto os bombeiros combatiam o incêndio. Estava com uma capa emprestada, de mãos dadas com Webster, e não dissera uma palavra.

Haviam acompanhado todos os movimentos dos bombeiros. Chegou a chover durante a aurora, o que ajudou a aplacar o fogo; as chamas haviam sido tão violentas que se consumiram rapidamente, permitindo que os bombeiros avançassem pelos escombros em busca de Frederick e Isabel.

Então ouviu-se um grito. Um dos homens olhou para a loja do outro lado e voltou o olhar para os destroços, e os demais bombeiros foram ajudá-lo.

Sally se levantou e tirou a capa.

— Tem certeza que quer fazer isso? — disse Webster.

— Tenho — respondeu.

Delicadamente, soltou a mão da dele e voltou a se cobrir com a capa, indo na direção da rua, da garoa, do frio e das cinzas.

Ela chegou a acreditar que ele ainda estivesse vivo, devido ao cuidado com que o traziam, embora não houvesse necessidade de pressa. Os bombeiros o deitaram sobre uma maca iluminada fracamente por um lampião. Ao vê-la, os bombeiros se afastaram. Um deles tirou o capacete.

Ela se ajoelhou ao lado dele. Parecia adormecido. Tocou seu rosto e sentiu seu calor. Colocou a mão no peito nu, onde poucas horas antes ela sentira o coração dele bater e notou quão quieto estava agora. Aonde ele fora? Estava tão quente... Era um mistério; ela se sentia como uma pedra. Sentia-se morta e o sentia vivo.

Beijou seus lábios e se pôs de pé. O bombeiro que havia tirado o capacete se curvou e cobriu Frederick com um cobertor.

— Obrigada — disse ela ao homem e se afastou.

Alguém a segurou pelo braço; ao se virar, Sally reconheceu Webster.

— Preciso ir — disse ela.

Ele parecia ter envelhecido muitos anos. Ela teria lhe dado um abraço, mas não podia ficar ali ou teria um colapso. Tinha algo a fazer. Gentilmente, se desvencilhou dele, balançando a cabeça, e partiu.

Durante as quarenta e oito horas, ou mais, que se passaram, Sally viveu em uma espécie de transe. Tinha uma ideia fixa na cabeça e tudo o mais era indiferente — exceto nos momentos em que os sentimentos a invadiam, quase a inundando. Mas tinha algo que ela precisava fazer por Fred. E esse era um motivo suficiente para tentar não sentir por enquanto.

Mal se lembrava de sua viagem ao Norte, embora certamente tivesse passado por sua residência, já que levava consigo uma mala e havia trocado de roupa. Chegara a Barrow no domingo à noite e suficientemente consciente para reparar nas sobancelhas erguidas do atendente do hotel ao ver uma mulher viajando só. No entanto, não o suficiente para se importar com isso.

Foi para a cama em seguida. Dormiu mal, despertando com frequência, em estado de perplexidade, o travesseiro molhado, sentindo coisas estranhas que não conseguia compreender. Tomou café cedo, pagou a conta do hotel e, quando o sol nasceu acanhado, encoberto por nuvens negras, iluminando as sujas ruas, ela partiu rumo ao seu destino. Desconhecendo o caminho, precisou parar para pedir ajuda, mas como não conseguia reter as informações na memória por muito tempo, precisou parar mais vezes para perguntar. Por fim, alcançou as cercanias da cidade, contornou uma esquina e se deparou com o local onde nascera a Arma a Vapor, o império de Axel Bellmann, a empresa Estrela do Norte.

Era um estreito vale, repleto de fogo e ferro, enevoadado pela fumaça das chaminés e dominado pelo barulho repetitivo de marteladas. E com uma linha de trem que cintilava pelos raios de sol. Uma ferrovia entrava na fábrica pelo sul e a deixava em direção ao norte; havia uma dúzia de tapumes ordenada entre os edifícios, com locomotivas rebocando sequências de vagões para descarregar carvão, ferro ou maquinários. Os prédios eram estruturas leves e opacas em sua maioria, com plataformas de ferro, e apesar da presença das chaminés e das locomotivas, tudo ao redor era limpo, asseado e novo.

Parecia uma enorme máquina inteligente — onisciente, com cérebro e vontade própria. E os homens que avistou e as centenas que não conseguia ver não pareciam indivíduos, mas sim engrenagens, rodas, barras de conexão; e o cérebro por trás daquilo tudo devia habitar, imaginou ela, o edifício de tijolos bem no centro do vale.

O local tinha formato de cruz e ficava entre uma moderna e agradável vila e uma estação de trem privada. A entrada, de arquitetura gótica, dava para uma plataforma ao lado de uma linha de trem em uma via sem saída e com vista panorâmica do

coração do vale. Havia um jardim ao longo da plataforma, no momento sem flores, porém bem-cuidado. Do outro lado da casa, uma via para carros passava por uma entrada similar à principal, porém menor, e contornava a lateral do edifício até um estábulo, onde um menino limpava o cascalho com um ancinho. No topo da casa, havia um mastro sem bandeira.

Enquanto observava aquele cenário dinâmico, próspero e promissor, Sally experimentava uma estranha sensação; eram ondas diabólicas de calor. Em algum lugar lá embaixo havia a arma mais tenebrosa que o mundo jamais conhecera, e os responsáveis pela existência daquela arma haviam arruinado a vida de Sally, arrancado a parte mais preciosa e querida e a deixado, sem vida, aos pés dela; tudo porque ela ousara desvendar o que estava acontecendo. Seja lá quem ou o que havia sido capaz disso devia ser monstruoso, e a maldade era tanta que se tornava quase visível no reflexo dos raios de sol sobre os vidros, no aço da linha férrea, no pálido céu acima das chaminés.

Era tão intenso que por um momento ela se acovardou; sentiu muito medo, como nunca antes — de um jeito que ignorava a razão. Mas ela chegara até ali e iria encarar o medo. Fechou os olhos e respirou fundo e o temor passou.

Estava de pé ao lado de um vasto gramado descampado acima do vale. Desceu com dificuldade até um bosque, procurou uma sombra e se sentou em um tronco tombado, para melhor observar o vale.

Conforme a manhã passava, Sally conhecia mais e mais nuances do lugar e a rotina dos trabalhos na fábrica. As locomotivas e as chaminés dos edifícios não liberavam fumaça alguma; provavelmente queimavam coque, o que explicaria o ar aparentemente límpido do vale. Os três guindastes que erguiam canos de aço e laminados de dentro dos vagões pareciam possuir um motor singular; Sally imaginou que talvez fosse hidráulico ou mesmo elétrico. Eletricidade proveniente do mais isolado dos edifícios, ela pôde reparar, pelos cabos que conectavam as máquinas à fonte de energia. Também observou que sempre que uma locomotiva se aproximava do local mantinha certa distância, diferente dos demais pontos de parada, estacionando em uma via morta, na lateral do edifício. Lá, os vagões eram acoplados, em fila, a outro tipo de motor — que parecia consumir energia elétrica de um cabo ligado ao vagão, na parte superior do motor. Em dado momento, o motor parou de funcionar e, em vez de permitirem que a locomotiva a vapor se conectasse novamente aos vagões, os trabalhadores utilizaram cavalos para mover os carros.

Aquele edifício, o que estava isolado dos demais, provavelmente era o que guardava os explosivos, e por isso evitavam manipular qualquer objeto inflamável nas suas imediações.

Ela observou tudo aquilo, imóvel, fria, como se não passasse de um par de olhos.

O fim de tarde já se aproximava, quando ela notou sinais de um novo tipo de

atividade no edifício com o mastro no topo. As janelas do último andar se abriram, permitindo que a luz do sol entrasse, e uma criada apareceu em uma delas, aparentemente limpando e espanando. Uma carruagem estacionou no local e descarregou mercadorias. A fumaça surgiu de duas das chaminés; outra criada, ou talvez fosse a mesma, saiu do edifício para encerrar a maçaneta da porta que dava na plataforma. Finalmente, quando o pôr do sol se acercava, Sally viu o que estava esperando desde o início: a luz do sinal ao lado da via férrea principal mudou, na parte sul, e se ouviu pelo vale o ecoar de um apito de locomotiva que surgiu em seguida rebocando um único vagão, deslizando sobre o labirinto de trilhos na direção do edifício.

A locomotiva pertencia à companhia Great Northern, mas o vagão era particular, pintado de azul-escuro e com um emblema prateado nas portas.

Ao parar na plataforma, um empregado — mordomo ou administrador do lugar — saiu do edifício para abrir a porta do vagão de luxo. Em seguida, Axel Bellmann saiu da cabine. O corpo maciço e o brilho metálico do louro cabelo sob o chapéu elegante eram inconfundíveis mesmo de longe. Ele entrou no prédio, enquanto um criado particular e outro empregado que saíra da casa descarregavam as malas.

A locomotiva soltou do vagão e em seguida partiu. Dois minutos depois, uma criada saiu do edifício por uma porta lateral com produtos e materiais de limpeza — vassoura, espanador, flanela — e entrou no vagão; e logo uma bandeira foi hasteada no mastro, com o mesmo emblema da porta do vagão. Sally podia ver claramente, agora, com a ajuda dos últimos raios de sol: uma solitária estrela prateada.

Malas, criados, uma casa... Ele chegara para ficar, então. Sally não tinha esperado que fosse simples assim.

Sentia os músculos tensos, rijos. Também tinha fome, e sede, mas logo isso deixaria de ter importância. Levantou-se e caminhou por entre as árvores, percebendo as sombras que ganhavam volume, enquanto as luzes das janelas se tornavam mais intensas e a rotina da fábrica mudava. Quando o vale já estava tomado por sombras, ouviu um apito e viu a primeira leva de empregados cruzar os portões da fábrica a caminho de casa. Os locais de trabalho onde as atividades eram contínuas permaneciam movimentados, com um segurança vigiando a entrada de cada edifício. A área do local onde se encontravam os explosivos estava iluminada como um palco repleto de holofotes, talvez por eletricidade; luzes brilhavam sobre o alvo cascalho, o lugar tinha um aspecto irreal, como uma cena de uma lanterna mágica.

O ar estava cada vez mais úmido. A grama por onde Sally passava já se achava molhada pelo orvalho. Pegou a bolsa e, em um movimento involuntário, a agarrou junto ao peito, como uma criança assustada, e chorou.

O rosto sereno dele sob a chuva, as cinzas...

Sally praticamente entrou em colapso, invadida por uma onda de desespero, dor, amor que rompia a redoma ao redor dela, e ela gritou o nome de Frederick tomada pela mágoa súbita que por pouco não a asfixiou. No entanto, em sua miséria extrema, se agarrou ao objetivo que a trouxera até ali, como um marinheiro náufrago que luta para não se afogar, e a onda passou por ela e recuou novamente.

Precisava continuar andando. Seguiu seu caminho pelas árvores, concentrando-se em seus movimentos: desviar o pé esquerdo dessas raízes, erguer a saia para não se prender nos arbustos... Então reencontrou a estrada, reavendo aos poucos o autocontrole.

Sacudiu a saia para se livrar da fuligem, ajeitou a capa e caminhou em direção ao vale, rumo à escuridão.

Como havia imaginado, um homem vigiava a entrada. O que não havia calculado era o tamanho do lugar, agora que estava mais perto; e os extensos portões de ferro, a solidez das cercas de arame farpado e a intensidade das luzes que iluminavam o piso de cascalho atrás do portão. O uniforme do segurança, com o emblema da Estrela do Norte no peito e no chapéu, a postura arrogante, enquanto caminhava lentamente até o portão, batendo com um cassetete na palma da mão, encarando-a com olhos semicerrados sob a aba da boina; tudo lhe causou calafrios, mesmo com o coração anestesiado como estava.

— Quero ver o sr. Bellmann — disse ela através das grades.

— Terá que esperar até que eu receba autorização para deixá-la entrar — ele respondeu.

— Poderia, por favor, avisar ao sr. Bellmann que a srta. Lockhart deseja falar com ele?

— Não estou autorizado a sair deste portão. Estou orientado a não deixar ninguém entrar.

— Mande uma mensagem, então.

— Não tente me ensinar meu trabalho...

— Já está mais do que na hora que alguém o faça. Mande agora mesmo uma mensagem ao sr. Bellmann ou ele próprio se encarregará de fazer o senhor se arrepender de...

— E se ele não estiver aqui?

— Eu o vi chegar. A srta. Lockhart está aqui para vê-lo. Avise-o imediatamente.

Ela o olhou com desdém. Após alguns segundos, ele se virou e foi até a guarita, e ela ouviu uma campainha tocar ao longe. Ele aguardou lá dentro. Pouco depois, Sally viu uma luz se aproximar. Um criado vinha da casa carregando um lampião. Quando ele chegou ao portão, fitou Sally com curiosidade antes de ir ter com o segurança.

Um minuto depois, os dois apareceram. O segurança destrancou o portão e Sally

entrou.

— Estou aqui para ver o sr. Bellmann — declarou ela ao criado. — Pode me levar até ele, por favor?

— Siga-me, por favor, senhorita, verei se o sr. Bellmann poderá recebê-la — disse ele.

O guarda trancou o portão atrás deles, enquanto Sally seguia o criado ao longo de um caminho de galpões com locomotivas e de trilhos que dava no prédio principal. Enquanto caminhavam sobre o cascalho, Sally pôde ouvir o barulho que vinha dos galpões a sua esquerda, como se tocassem imensos tambores de metal e, mais ao longe, algo vibrando continuamente como o pulso de um gigante, com marteladas ocasionais ou golpes de metal sobre rocha; de outro edifício afastado da trilha, com portas de correr — de metal maciço — abertas, ela viu o impressionante brilho das chuvas de faíscas que o ferro líquido em brasa criava ao ser despejado na caldeira.

Cada um dos sons feria os ouvidos de Sally e a assustava. Não pôde evitar sentir-lhos monstruosos e cruéis, como sons de instrumentos de tortura. Quanto mais avançava nesse mundo de metal e fogo, e morte, menor e mais frágil ela se sentia; e mais consciente ficava de quão faminta estava, e sedenta, cansada, de quanto doía sua cabeça, seus pés, quão desarrumada estava, fraca, de quão inconsequente era.

Uma vez estivera diante das cataratas de Schaffhausen, na Suíça, e ficara impressionada com a força absoluta de suas águas. Caso caísse, seria sugada em menos de um segundo, como se nunca tivesse existido. Agora, experimentava a mesma sensação. Esta enorme empresa — milhões de libras em investimentos, de grande complexidade organizacional e econômica, com recursos quase ilimitados, lidando com grandes potências governamentais, com centenas, se não milhares de vidas diretamente envolvidas naquele empreendimento: tudo se movia em um *momentum* infinitamente mais poderoso do que qualquer outra coisa que ela pudesse usar para combatê-la.

Isto não tinha importância.

Pela primeira vez, ela se permitiu pensar em Frederick diretamente; o que ele faria, diante de algo muito mais poderoso que ele? Ela tinha a resposta: ele calcularia friamente suas possibilidades, e se fosse mais forte que ele, bem, ele saberia, era só isso; Fred não hesitaria — riria e atacaria ao mesmo tempo. Ah, como ela amava sua coragem e seu entusiasmo. Nunca fora temerário: sempre vigilante — como se fosse o mais atento dos homens. Sempre sabia o que fazer — e para fazer o que ele fez na casa em chamas foi necessária, ah, tanta coragem.

Ela tropeçou e se viu soluçando no escuro trajeto, agarrada a sua bolsa, em um choro abundante, angustiante, sufocante, enquanto o criado a esperava um pouco mais à frente com o lampião à mão. Um minuto depois (dois, três?), ela recuperou o controle, enxugou os olhos com seu surrado lenço e fez um sinal para o criado

prosseguir.

Sim, pensou, era isso que ele faria: medir suas chances e atacar ao mesmo tempo, e o fazer vigorosamente. Ela faria o mesmo, porque o amava, querido Fred, faria isso para merecê-lo. Ela encararia Bellmann por mais amedrontada que estivesse; faria como Fred e não demonstraria medo, embora agora que estava mais perto, o medo que tinha de Bellmann consumia suas entranhas. Mal conseguia pôr um pé à frente do outro.

Mas conseguiria. E, com a cabeça erguida, lágrimas ainda cintilando na face, ela subiu as escadas e entrou na casa de Axel Bellmann.

Mais tarde, no domingo de manhã, Jim Taylor acordou com dor de cabeça e uma dor atroz em uma das pernas — e ao movê-la para se sentar descobriu que estava engessada até o joelho.

Não sabia dizer onde estava. Na verdade, por alguns instantes, teve dificuldade de se lembrar do que acontecera — recostou-se nos confortáveis travesseiros e fechou os olhos, mas apenas por um minuto. Lembrou-se de Frederick voltando ao último andar para resgatar a louca da Isabel Meredith e dele próprio se desvencilhando de Webster ou Mackinnon ou sei lá quem e tentando escalar a janela atrás do amigo. Mas isso era tudo de que se lembrava.

Voltou a se sentar na cama. Estava em um quarto cômodo e luxuoso que nunca vira antes e pôde ouvir o barulho de tráfego do outro lado da janela, viu uma árvore — onde diabos estava?

— Olá! — gritou.

Encontrou um pequeno sino ao lado do criado-mudo e tocou com força. Tentou empurrar as pernas para fora da cama; contudo, a dor o derrotou e ele voltou a gritar.

— Olá! Fred! Sr. Webster!

A porta se abriu e um senhor de preto apareceu. Jim o reconheceu. Era Lucas, o mordomo de Charles Bertram.

— Bom dia, sr. Taylor — disse o homem.

— Lucas! — disse Jim. — Essa é a casa do sr. Bertram, então?

— É, senhor.

— Que horas são? Há quanto tempo estou aqui?

— São quase onze horas, sr. Taylor. Eles o trouxeram por volta das cinco da manhã. O senhor estava desacordado, pelo que entendi. O médico esteve aqui e cuidou de sua perna.

— O sr. Bertram está? Ou o sr. Garland? E o sr. Mackinnon, onde ele tá?

— O sr. Bertram está na rua Burton, senhor. Não saberia dizer onde está o sr. Mackinnon.

— E a srta. Lockhart? E o Frederick? O jovem sr. Garland? Ele tá bem?

Um vestígio de compaixão perpassou o rosto calmo do homem, e Jim sentiu algo

frio como ferro esmagar seu coração.

— Sinto muito, sr. Taylor. O sr. Frederick Garland faleceu ao tentar tirar uma jovem da casa...

Subitamente, o quarto se tornou aquosamente embaçado. Jim se retraiu na cama e ouviu a porta se fechar lentamente, enquanto Lucas se retirava. Em seguida, Jim chorou como não chorava desde criança — soluços barulhentos e uma dor insuportável saía de dentro dele, e um choro de raiva e recusa em aceitar — aceitar que ele, Jim, estivesse chorando, que Frederick estivesse realmente morto, que Bellmann havia se safado daquele jeito — visto que o empresário tinha responsabilidade naquela tragédia. Bellmann tinha matado Frederick, como se o próprio Bellmann houvesse cravado uma faca no coração do amigo. E ele pagaria por isso, jurou Jim. Por que Fred? As lutas das quais haviam sobrevivido juntos, as implicâncias e brincadeiras, as risadas...

Outra tempestade de lágrimas. Homens não choravam na ficção, Jim tinha lido e escrito, mas o faziam e muito na vida real. O pai de Jim havia chorado ao perder a esposa, a mãe de Jim, quando Jim tinha dez anos de idade; seu vizinho, o sr. Solomons, chorou quando o dono da casa onde ele e a família moravam os despejou judicialmente e os colocou na rua — chorou entre rompantes de xingamentos; e Dick Mayhew, o campeão peso leve, chorou ao perder seu título para Battling Bob Gorman. Não havia vergonha nisso. Havia sinceridade.

Jim permitiu se consumir pelo pranto até retomar um pouco o controle, quando então endireitou o corpo novamente e vestiu o roupão. Ignorando a dor, arrastou as duas pernas para a lateral da cama e tocou o chão com os pés. Momentos depois, Lucas voltou com uma bandeja.

— A srta. Lockhart — disse Jim. — Onde ela tá, você sabe?

Lucas pôs a bandeja na lateral da cama e a empurrou para a frente de Jim, que notou pela primeira vez que vestia um pijama de Charles. Na bandeja, havia chá, torrada e ovos cozidos.

— Ouvi o sr. Bertram comentar que a srta. Lockhart partiu da rua Burton logo depois que os bombeiros retiraram o corpo do sr. Garland do edifício, senhor. Não sei dizer aonde ela pode ter ido.

— E Mackinnon? Desculpa se já perguntei antes, Lucas. Estou mais do que confuso. O que sabe sobre o que aconteceu?

Enquanto Jim tomava o chá e passava manteiga na torrada, Lucas contou o que lhe haviam relatado. Por volta das cinco da manhã, o sr. Webster enviara uma mensagem a Charles pedindo sua ajuda. Charles foi de imediato para a rua Burton e encontrou Jim desacordado após cair da corda de lençóis, enquanto tentava escalar a casa atrás de Frederick. Na mesma hora, Charles providenciou que levassem Jim até Lucas para ser atendido por um médico e permanecia na rua Burton até aquele

momento com Webster, onde deveria continuar durante algum tempo. Sally tinha desaparecido, assim como Mackinnon. Jim fechou os olhos.

— Tenho que encontrar ele — disse. — O sr. Bertram comentou alguma coisa sobre esse caso com você, Lucas?

— Não, senhor. Embora eu estivesse a par de que algo estranho estava no ar. Devo alertá-lo, sr. Taylor, de que o doutor que cuidou de sua perna insistiu veementemente para que o senhor fizesse repouso. O sr. Bertram me pediu que preparasse um quarto para que o senhor se sentisse em casa, pois sua estada seria de longa duração. Eu realmente o aconselharia a...

— Muita bondade da parte de Charles. Direi isso a ele quando encontrar com ele. Mas num posso ficar aqui, de braços cruzados; o assunto é urgente. Você poderia chamar um cabriolé pra mim? E roupas... suponho que todas as minhas tenham virado cinza... droga, eu estava de pijamas, lembro agora. Você pode me arranjar umas roupas?

Quinze minutos depois, vestindo um terno de lã de Charles que era grande demais, Jim se encontrava em uma carruagem a caminho de Islington. Quando o veículo estacionou em frente à porta da casa de Sally, Jim pediu ao cocheiro que aguardasse e se arrastou para fora da carruagem com o auxílio de uma bengala que pegara emprestada com Lucas e tocou a campainha.

Momentos depois, o proprietário do estabelecimento atendeu à porta. Era um velho amigo; havia trabalhado para Frederick no passado e antes que Sally se mudasse para lá, já a conhecia bem. Ele parecia preocupado.

— A Sally está?

— Não, ela saiu bem cedo — disse o sr. Molloy. — Ela chegou, não sei, por volta das cinco da manhã, acho, trocou de roupa e saiu. Estava com uma aparência horrível. O que tá acontecendo, Jim? O que aconteceu com sua perna?

— Escuta, cara; teve um incêndio na rua Burton. Fred morreu. Desculpe por falar assim, mas preciso encontrar a Sally, porque ela vai arranjar problema. Ela num disse pra onde ia?

O homem empalideceu. Balançou a cabeça arrasado.

— O sr. Fred — disse. — Não posso acreditar.

— Sinto muito, cara. É verdade. A sua senhora tá em casa?

— Sim, mas...

— Diz pra ela esperar pela Sally, se por acaso ela voltar. E se você quiser dar uma mão, seria uma ótima ajuda na rua Burton. Aposto que estão precisando de gente por lá. Ah... — uma ideia lhe cruzou a mente e ele olhou ao redor no arrumado hall de entrada. — Tem alguma coisa da Sally aqui? Isso serve.

Confuso, o sr. Molloy observou Jim apanhar uma touca que Sally costumava usar que estava pendurada em um cabide ao lado da porta.

— Mas aonde vai, Jim? — perguntou o homem. — O que está acontecendo, Jim?

— Preciso encontrar ela — disse Jim, descendo as escadas com dificuldade. — Vai e ajuda o senhor Webster. É a melhor coisa que pode fazer.

Ele voltou a entrar no cabriolé, trincando os dentes de tanta dor, e orientou o cocheiro.

— Hampstead, cara. Kenton Gardens, 15.

A proprietária da estalagem de Mackinnon recuou assustada logo que abriu a porta, reconhecendo Jim do dia anterior.

— Tá tudo bem, senhora — disse. — Nenhuma confusão hoje. O sr. Mackinnon tá?

Ela fez que sim.

— Mas...

— Tudo bem. Vou entrar, se não se importar. Fique aí! — ordenou ao condutor do cabriolé e entrou. Transpirando por causa da dor que se tornara ainda mais intensa, Jim se sentou nas escadas e as subiu de costas. A proprietária do lugar o olhava boquiaberta.

Já em frente ao quarto de Mackinnon, ele ficou de pé e bateu na porta com a bengala.

— Mackinnon! — chamou. — Me deixa entrar!

Silêncio. Jim voltou a bater na porta.

— Vai, abre a porta! Pelo amor de Deus, Mackinnon, sou eu, Jim Taylor... não vou te machucar... preciso da sua ajuda...

Ele ouviu um arrastar de pés e a chave destrancar a porta. Mackinnon olhou pela porta entreaberta, pálido, desconfiado e sonolento, e toda a raiva de Jim praticamente ferveu. Tanto por fazer e aquele verme miserável tinha se escondido ali para dormir! Jim fez um enorme esforço para não se descontrolar.

— Me deixa entrar — disse. — Preciso sentar...

Ele mancou até a cadeira. A dona da casa não perdera tempo em comprar novos móveis para o quarto; o lugar ainda guardava marcas da briga do dia anterior, mas pelo menos a cama e o armário eram novos em folha.

— Sally — disse Jim. — Pra onde ela foi? Alguma ideia?

— Não — respondeu Mackinnon.

— Bem, precisamos encontrar ela. Agora, tem um de seus truques... num sei como se chama... num é um truque, quero dizer, uma espécie de psiquismo... li sobre isso. Acho que você é médium mesmo, num é? Pelo menos, de vez em quando. Pega isso.

Ele entregou a touca de Sally a Mackinnon, que a pegou e a colocou a sua frente enquanto se sentava desanimado sobre a cama.

— Li que se o médium tiver com algo de uma pessoa e se concentrar no objeto,

pode achar essa pessoa. É verdade? Consegue fazer isso?

Mackinnon fez que sim.

— Às vezes. Mas... — disse, lambendo os lábios secos.

— Então tente. Isso é dela. Costumava usar muito essa touca. Precisamos descobrir onde ela tá e agora. Vamos, num vou interromper. Mas olha só, se você me oferecer um conhaque, num vou recusar...

Mackinnon olhou de relance para a perna engessada de Jim e pegou um cantil ao lado da cama, na cabeceira. Jim tomou um longo gole e o conhaque desceu queimando garganta abaixo. Mackinnon voltou a pegar a touca.

— Pois muito bem — disse. — Mas não prometo nada. Pode acontecer de eu não ver nada, e aí, óbvio, não poderei dizer nada. E este é o momento menos apropriado para... eu sei, eu sei. Deixe eu me concentrar.

Sentado na cama, ele segurou a touca com as duas mãos e fechou os olhos.

A dor pulsava terrivelmente na perna de Jim. Sua cabeça também doía. Deu outro grande gole de conhaque do cantil, desta vez deixando que a bebida descesse bem lentamente e fechando os olhos como Mackinnon. Outra golada e então ele fechou a tampa do cantil e o guardou no bolso.

— Norte — disse Mackinnon, após alguns minutos. — Ela está indo para o norte. Acho que ela está num trem. Vejo um emblema prateado. Uma estrela, talvez? Sim, é isto mesmo. Pode ser esse o seu destino.

— Estrela do Norte! — exclamou Jim. — Faz sentido. Ela tá indo para o norte?

— Quanto a isso não tenho dúvidas.

— Pra onde?

— Bem, ela ainda está viajando. Isto não é uma ciência exata, não sei se entende.

— Entendo. Mas tem como dizer se para o nordeste ou o noroeste, pelo menos? Ou em que altura ela tá agora?

— A imagem está desaparecendo. Você faz perguntas demais — Mackinnon respondeu, irritado. — Agora não sinto mais nada.

Largou a touca sobre a cama e se levantou. Jim ergueu o corpo com o auxílio da bengala.

— Tudo bem — disse. — Se vista, então. Num sei a que horas você saiu da rua Burton. De repente num sabe que Fred tá morto. Ele foi o melhor amigo que já tive e é improvável que encontre outro melhor. E agora Sally sumiu e pode tá em perigo; e a gente vai encontrar ela; eu e você. Num sei o que faria se perdesse ela também, porque amo ela. Sabe o que é isso, Mackinnon, o amor? Eu amo ela, como amava o Fred, como um amigo. Aonde quer que ela vá, eu vou atrás e você vem comigo, porque a culpa é sua deles terem se metido nessa confusão. Então, se vista, mas antes passa esse Bradshaw pra cá.

Sem palavras, Mackinnon entregou o guia de linhas de trens a Jim e começou a se

vestir, enquanto Jim folheava o livro, tremendo, à procura das conexões dominicais para o Norte.

P

A casa de Bellmann era opressivamente suntuosa e quente. Densamente mobiliada. O criado pediu que Sally aguardasse no hall e ofereceu uma cadeira, mas estava muito próxima de um radiador e ela preferiu ficar de pé, ao lado da janela. Em seu interior habitava um frio gélido que ela não queria deixar partir.

Após um ou dois minutos, o homem retornou e disse:

— O sr. Bellmann a verá agora, srta. Lockhart. Siga-me, por favor.

Quando saíram do hall, o relógio soou nove horas e ela se surpreendeu com a rapidez com que as horas haviam passado. Estava perdendo a memória? Sentia-se cada vez mais distante do mundo real. As mãos tremiam muito e a cabeça latejava. Ela seguiu o criado por um corredor carpetado e parou enquanto ele batia na porta de um dos cômodos:

— A srta. Lockhart, senhor — disse, fazendo sinal para que ela entrasse.

Axel Bellmann trajava um terno de noite. Ela supôs que ele acabara de jantar sozinho, pois reparou que sobre a mesa, ao lado de papéis espalhados, havia uma garrafa de conhaque e uma única taça. Ele se levantou e caminhou na direção dela, mão estendida. Ela ouviu a porta se fechar, ao longe, pois tinha um zumbido nos ouvidos. Deixou cair a bolsa, que tombou pesadamente sobre o grosso carpete. Ele se curvou na mesma hora para pegar a bolsa e a ajudou a se sentar.

Ela percebeu, corando, com vergonha da própria tolice, que sua vontade era dar-lhe uns tapas. Estapeá-lo — como se isso fosse fazer alguma diferença!

— Posso lhe oferecer um conhaque, srta. Lockhart? — perguntou.

Ela fez que não com a cabeça.

— Algo quente, então? A senhorita deve estar com frio. Devo pedir que lhe preparem um café?

— Nada, obrigada — ela conseguiu responder.

Ele se sentou de frente para ela e cruzou as pernas. Sally desviou o olhar. O cômodo em que se encontravam era ainda mais aquecido que o hall, pois além do radiador abaixo da janela havia uma enorme e potente lareira acesa — queimava coque, ela notou. A mobília era toda nova. Havia fotos penduradas na parede — de caça, e de tiro — e acima da lareira, entre as duas janelas, uma série de troféus de caça: chifres, a cabeça empalhada de um alce, de uma raposa. Uma das paredes estava coberta de prateleiras de livros, porém nenhum deles parecia ter sido aberto algum dia. O ambiente aparentava ter sido decorado com objetos comprados por catálogo, com todos os acessórios necessários para o escritório de um homem rico, sem que ele tivesse que se preocupar em montá-lo por escolha própria.

Então voltou a encarar Bellmann e viu seus olhos.

Ardiam de compaixão.

Sally se sentiu despida em uma tempestade de neve. Precisou prender a respiração e desviar novamente o olhar, mas os olhos foram atraídos para ele outra vez e ela comprovou que não havia se equivocado: era, sim, compaixão, compreensão e ternura o que vira no rosto dele; ou então nada entendia de expressões humanas. E força — uma força que ela não reconhecia desde sua infância, quando acordava de seus pesadelos para se agarrar ao pai e via no amor dos olhos dele a segurança, tudo estava bem, que não havia maldade no mundo.

— Você matou Frederick Garland — disse, num sussurro trêmulo.

— Você o amava? — perguntou ele.

Ela fez que sim. Ela não confiava na própria voz.

— Então ele deve ter merecido o seu amor. Assim que a vi pela primeira vez, quando foi à minha empresa, soube que a senhorita era uma jovem notável. E que tenha voltado a me procurar, num momento como este, significa que eu estava certo. Srta. Lockhart, a senhorita terá a verdade agora. Me pergunte o que quiser; prometo dizer a verdade. Toda a verdade, se desejar.

— O senhor matou Nordenfels? — perguntou. Foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Matei.

— Por quê?

— Não concordávamos sobre o futuro do Autorregulador. Ele acabou acreditando que se tratava de algo repulsivo e queria destruí-lo, e destruir todas as plantas e documentos para que nunca pudesse ser construído; já para mim a invenção era um meio de promover a felicidade humana. Nós discutimos e duelamos como dois cavalheiros e ele perdeu.

Bellmann falava com tranquilidade, num tom franco e sincero, mas o que dizia não estava em sintonia com as palavras. Ela não entendia.

— Felicidade humana?

— Gostaria que explicasse?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Simplesmente, porque o Autorregulador é muito destruidor para ser utilizado. Uma vez construída a quantidade suficiente dessas armas, as guerras cessarão e a civilização irá prosperar em paz e harmonia pela primeira vez na história da humanidade.

Ela tentava compreender como aquilo poderia ser verdade. Então perguntou:

— O senhor planejou o desaparecimento do *Ingrid Linde*?

— O navio a vapor? Sim, planejei. Deseja saber como?

Sally apenas concordou com a cabeça. Não conseguia falar.

— Na sala de máquinas, o navio levava um maquinário que transformava carvão em gás, como faz a maioria dos navios a vapor. Para ser mais preciso, Combustor *Capitaine Marine*. Queimava o carvão para produzir luz e assim por diante, e o gás ficava armazenado num tanque de metal dilatável. Muito seguro. Agora, também na sala de máquinas, acoplado à chave principal que liga o hélice do motor, havia um contador automático. A cada volta completa, ele acendia e indicava ao operador das máquinas que era hora de lubrificar as engrenagens. Bem, dentro do contador, eu soldei uma série de alfinetes de metal que se alinhariam quando fosse alcançado um número específico — esse número mostraria a localização do navio num dado local no meio do oceano. Pois bem, ao se alinharem, eles deveriam completar um circuito elétrico e acender uma vela de ignição dentro do tanque principal de gás. Obviamente, eu não estava lá para ver, mas a julgar pelo resultado, deve ter funcionado, não acha?

Sally sentiu asco.

— Mas por que fez isso?

— Primeiramente, porque desejava acelerar o declínio da Anglo-Baltic por razões financeiras. A senhorita havia descoberto isso quando foi à Baltic House; foi muito astuto da sua parte, mas a senhorita não teria como saber a segunda razão, que era o fato de que a bordo do navio estava o representante do governo mexicano a caminho de Moscou com documentos que teriam encorajado meus patrocinadores russos a desistirem da empreitada. O que teria sido desastroso. Quem diria, agora estou próximo de assinar um contrato com o mesmo governo mexicano, logo, todos sairão ganhando: os trabalhadores e suas famílias, as crianças, comunidades inteiras neste país e no México. Graças ao que eu realizei, há crianças pobres em Barrow que terão como se alimentar e poderão ir à escola. E famílias no México terão acesso a suprimentos médicos, água potável, transporte para a produção de suas lavouras, segurança e educação — tudo porque eu afundei o *Ingrid Linde*. Foi um ato genuinamente magnânimo, e se tivesse que fazer tudo de novo o faria sem hesitar.

— E quanto às pessoas inocentes que morreram?

— Não posso fingir lamentar a morte de pessoas que nunca conheci. Ninguém pode. Quem disser que lamenta está mentindo. Um contrassenso, isso sim. Não, eu prometi a verdade e esta é a verdade: não me arrependo de ter matado aquelas pessoas. Caso não tivesse afundado o navio, um número muito maior de pessoas teria morrido — de fome, pela miséria, ignorância, pela guerra. Foi um ato de pura caridade.

Sally estava realmente tonta, mesmo sentada. Fechou os olhos e tentou controlar o mal-estar, reavivar a imagem de Fred na memória, se lembrar do que estava fazendo e por quê.

Pouco depois ela disse:

— E quanto a suas ligações com o governo britânico? Quando o sr. Windlesham foi à rua Burton no sábado à noite, ele nos disse o nome de alguns oficiais que estavam na sua mão. Por que precisa deles? E por que o sr. Windlesham veio até nós, afinal? Não acreditamos quando ele disse que a Estrela do Norte estava à beira do colapso. Acredito que o senhor o enviou.

— Claro que fui eu que o enviei. Para espionar vocês. Mas a senhorita perguntava sobre o governo britânico; é um assunto muito interessante, muito delicado... Suponho que a senhorita saiba que os reais negócios do governo são feitos longe dos olhos do povo. Talvez a senhorita não saiba que grande parte das transações não é do conhecimento nem dos ministros, mesmo daqueles responsáveis pelos departamentos envolvidos. É assim em todas as nações, naturalmente, mas particularmente na Grã-Bretanha, por algum motivo que desconheço. Graças aos contatos que fiz por intermédio de Lorde Wytham (embora ele nunca tenha sabido dos meus reais propósitos). Tenho na palma das mãos as chaves para alcançar o verdadeiro poder na Grã-Bretanha. Contudo, sabe, srta. Lockhart: de mil casos, em 999 deles este poder tão secreto, essa autoridade invisível em quem ninguém votou, é muito eficiente. E quem se beneficia é o cidadão comum. As pessoas comuns vivem bem melhor sob essa vigilância generosa, de formas diversas, que elas nunca entenderiam; essa mão paternal oculta que guia e protege. Os homens verdadeiramente poderosos — e como já expliquei, que não necessariamente são aqueles que o mundo acredita serem poderosos — têm em comum uma camaradagem, um ideal, quase uma franco-maçonaria de serviço. A vida dos trabalhadores da Estrela do Norte melhorou? Está melhor do que quando construíam locomotivas? Óbvio que sim. Visite suas casas. Suas escolas. Inspecione o hospital que acabamos de construir. Assista a um jogo de futebol no campo de esporte que recém-inauguramos. Eles estão prosperando, estão saudáveis e felizes. Eles não sabem por quê, mas eu e a senhorita sabemos. Quando as guerras finalmente acabarem, quando a paz reinar no mundo, eles tampouco saberão o porquê; irão atribuir isso aos investimentos em educação, à evolução do cérebro humano ou à

sofisticação do sistema econômico ou mesmo à expansão do número de igrejas, à melhora no sistema de esgoto. Nós sempre saberemos o real motivo — essa arma que é horrorosa demais para ser usada. Mas não tem importância que eles não saibam. Basta que eles percebam os benefícios.

Sally permaneceu sentada e calada, a cabeça estava pesada; parecia querer desprender-se de seu corpo.

— O que o senhor *quer*? — perguntou ela.

— Ah, o poder — respondeu. — O poder é algo muito interessante. Devo explicar por quê? Porque é constantemente mutável. Por exemplo, com dinheiro, que é o poder financeiro, empregam-se homens — poder braçal — para construir uma fábrica, e na fábrica queima-se carvão, que é o poder do calor que transforma água em vapor, cujo poder nos cilindros do motor gera o poder mecânico e com isso é possível construir mais motores e vendê-los, e aí voltamos ao início, ao poder financeiro. Ou também pode-se usar os motores a vapor para construir uma represa que guarde uma grande quantidade de água, construir tubos e válvulas para que essa água corra com grande força, fazendo girar o dínamo, transformando assim o poder financeiro em poder elétrico e assim por diante, infinitamente. Uma outra palavra para isso seria energia. Um poeta inglês — segundo Windlesham, visto que eu não tenho tempo para desfrutar dos poetas —, um poeta inglês escreveu que “a energia é um eterno prazer”. Eu não teria palavras mais exatas para descrevê-la. Talvez por isso tenhamos poetas.

Sally não conseguiu pensar em uma resposta. Lá no fundo, ela sabia que ele estava completamente errado, que ela tinha argumentos para refutar tudo o que ele afirmava, porém sabia que nunca os encontraria naquele momento. Ele estava tão errado, e ela tão cansada. Recobrou o domínio sobre o corpo e ergueu a cabeça para encará-lo.

— O senhor está equivocado — disse ela, sua voz era quase inaudível — sobre os trabalhadores. Sei o que eles dizem. Seus operários odeiam a Arma a Vapor. Eles sabem do que ela é capaz e a repugnam. O senhor mantém segredo sobre isso porque tem medo do que as pessoas pensariam se soubessem; essa é sua única preocupação. Sabe que o povo britânico não apoiaria o projeto se soubesse a verdade sobre ele e sua utilidade: uma arma de um déspota, de um covarde. O senhor tem uma visão distorcida sobre nós, sr. Bellmann. O senhor julga equivocadamente seus trabalhadores e a mim.

— Ah, eu não me enganei sobre a senhorita — disse ele. — Eu a admiro desde o início. A senhorita tem uma coragem genuína, mas é inocente. Esses britânicos de que fala; quer saber a verdade? Se eles descobrissem tudo, não se importariam. Não teriam escrúpulos sobre a construção da arma mais horrenda já inventada — nem perderiam seu tempo pensando nisso. Continuariam a receber seus salários, a se

divertirem com esportes, a sentir orgulho de seus filhos e, na verdade, teriam orgulho, inclusive, da arma e desejariam ter uma com a bandeira da Grã-Bretanha, e falariam dela nos teatros de variedades. Ah, sim, há uns poucos idealistas, pacifistas — pessoas inofensivas. Há lugar para eles também. Mas a grande maioria é como descrevi. Sou um realista. Eu prometi a verdade: aí está.

Ela sabia que ele tinha razão.

Voltou a encará-lo. Ele continuava sentado, tranquilo, relaxado, imponente, pernas cruzadas, mãos pousadas sobre os braços da poltrona. O cabelo brilhava como ouro sob a luz do lampião, o rosto não tinha qualquer marca ou ruga, notava agora, e possuía uma sabedoria luminosa e estranha, além de uma contracorrente de humor aguçado, como se dissesse: *Dor e sofrimento e tristeza — sim, existem, mas não são tudo e passam. O mundo é prazeroso, como o raio de sol sobre a superfície do mar. Energia é um eterno prazer...*

— Sabe — disse ele depois de ficarem em silêncio por quase um minuto. — Cometi um erro quando pedi a mão de Lady Mary Wytham em casamento. Ela é muito bela e os contatos que tem seriam de grande valia, ainda assim foi um erro. Envolveu-me nessa perseguição ridícula àquele escocês cômico, Mackinnon; bem, a senhorita já conhece a história. Tarde demais para fazer algo a respeito; o noivado foi cancelado. Wytham será quem mais vai sofrer, mas a culpa é dele. Pergunto-me... Uma ideia me ocorre agora, srta. Lockhart. Talvez considere apenas um capricho meu, mas é muito mais que isso. Pois bem: *você* é o tipo de jovem com quem eu deveria me casar. É forte, corajosa, inteligente e desembaraçada. A beleza de Lady Mary se gastará com o tempo. A sua não é tão estonteante, porém guarda personalidade e intelecto, que só devem se fortalecer. A senhorita é meu par perfeito. E eu sou para a senhorita. Temos vivido um verdadeiro duelo, conhecemos um ao outro. Posso lhe fazer uma pergunta? Sei que responderá com franqueza. A inimizade que chegou a sentir por mim, teria dado ela lugar ao respeito?

— Sim — ela sussurrou. Seus olhos estavam atraídos pelos dele; ela não ousava desviá-los.

— Nós discordamos em muitas coisas — ele prosseguiu. — Isso é bom. A senhorita tem uma mente independente. Quem sabe não me faria mudar de opinião... em alguns assuntos; talvez eu a convencesse dos méritos de alguns dos meus pontos de vista. Uma coisa é certa; a senhorita não seria apenas decorativa, passiva... uma das limitações de Lady Mary. Mesmo que ela estivesse livre para se casar comigo, não acredito que ela fosse ser feliz. Já a senhorita, creio ser uma mulher para quem a felicidade é algo secundário mesmo. O que a senhorita realmente procura é um propósito de vida, se sentir produtiva. Prometo que poderei lhe proporcionar tudo o que quer. Entende o que estou fazendo? Estou lhe pedindo em casamento... mais do que casamento: uma parceria. Juntos faríamos uma dupla magnífica... e quem sabe?

Nos raros intervalos de suas atividades profissionais, quando tiver tempo para respirar, a senhorita poderá se deparar com um sentimento difícil de descrever, até se lembrar de que se trata de um produto de seu trabalho, chamado felicidade. Srta. Lockhart... — ele se inclinou para perto dela para envolver as mãos de Sally —, aceita se casar comigo?

Sally estava estupefata.

Ao chegar ali, havia esperado encontrar ódio, sarcasmo, violência, e estava preparada para tudo isso; mas a atitude dele a deixara sem chão. Deixou as mãos onde estavam. A cabeça latejava. Agora que eles se tocavam pela primeira vez, ela sentia a vitalidade dele como nunca antes. A personalidade de Bellmann era magnetizante, sua pele possuía uma energia eletrizante, seus olhos a hipnotizavam, sua oratória era irresistível. Após uma dura luta para conseguir falar, ela abriu a boca.

— Eu... — foi tudo o que conseguiu dizer, pois uma batida urgente na porta a interrompeu.

Bellmann soltou as mãos de Sally e olhou na direção da porta. — Sim? Do que se trata?

O criado abriu a porta e ao seu lado estava Mackinnon. Sally se encolheu na cadeira, estava a ponto de desmaiar.

Mackinnon estava evidentemente aterrorizado. E encharcado — obviamente devia estar chovendo forte —, a mão que segurava o chapéu tremia descontroladamente. Olhava para Sally e Bellmann, alternadamente, e por fim fixou os olhos, arregalados de medo, no empresário.

— Estou aqui pela... pela srta. Lockhart — disse, sem muita convicção.

Bellmann não se moveu.

— Não entendo.

— Srta. Lockhart — disse Mackinnon, desviando os olhos de Bellmann e se dirigindo a Sally. — Eu e o sr. Jim Taylor viemos até aqui para levá-la para casa. Jim está... ele está machucado. Quebrou a perna. Não pôde vir caminhando até aqui e ficou esperando no portão. Viemos porque... — ele voltou os olhos para Bellmann e novamente para Sally. — A senhorita pode vir comigo agora.

E Sally reconheceu a coragem que ele criou para entrar na casa do homem que o queria matar, e a força que encontrou para dizer aquelas palavras.

— É tarde demais, Mackinnon — disse ela. Ela se esforçou para se recompor na cadeira, ereta como a srta. Susan Walsh ficara no escritório, e o esforço quase a fez desmaiar novamente. Contudo, ela controlou a voz e disse:

— O sr. Bellmann acaba de me pedir em casamento. E estou pensando se devo ou não aceitar.

Ela notou o espanto de Mackinnon. Sem olhar Bellmann, ela continuou:

— Dependerá dele, se ele poderá pagar por isso. Minha mão custará ao sr. Bellmann 3.270 libras. É a quantia que tentei convencê-lo a me dar algum tempo atrás. Não tinha nada para vender na época. Mas agora que ele expressou o interesse em se casar comigo, talvez a situação tenha se alterado, não sei.

Os olhos de Mackinnon se voltaram para Bellmann e então ele deu um salto, espantado, pois Bellmann estava rindo.

— Ha, ha! Eu estava certo: a senhorita é perfeita para mim! Claro que aceito. Em ouro? Agora? — perguntou.

Ela fez que sim e Bellmann se levantou, segurando a corrente do relógio que portava também uma chave. Com ela abriu um cofre atrás da mesa, sempre observado por eles, tirou três bolsas fechadas e as jogou sobre a mesa e retirou o lacre de outra bolsa, virando-a de cabeça para baixo. Um monte de moedas cintilantes caiu sobre a mesa. Rapidamente, ele contou 3.270 libras, colocou de volta na bolsa e empurrou as quatro bolsas para Sally.

— Tudo seu — disse ele —, centavo por centavo.

Ela se levantou. Os dados haviam sido jogados. Não podia mais voltar atrás. Ela pegou as bolsas de ouro e as entregou a Mackinnon. As mãos dele tremiam mais que as dela.

— Por favor — disse ela —, faça isso por mim. Leve este dinheiro para a srta. Susan Walsh, na avenida Benfleet, número três, Croydon. Vai conseguir lembrar?

Ela repetiu o nome e o endereço e então ele disse em tom de desespero:

— Mas o Jim... ele me fez vir até aqui... eu não posso...

— Cale-se — disse ela. — Já está feito. Eu me casarei com o sr. Bellmann. Por favor, vá. Diga a Jim... Não, não diga nada a Jim. Apenas vá.

Ele a fitou como uma criança perdida. Com uma última olhadela em Bellmann, concordou com a cabeça e partiu.

Quando a porta se fechou, Sally voltou a afundar na cadeira e, um instante depois, Bellmann se ajoelhou ao lado dela. Sally se sentia como uma represa que se rompia. Ele a tomou pelas mãos e Sally sentiu como se todo o poder que ele mencionara, todas aquelas metamorfoses e alterações, houvesse alcançado seu estado final nele: Bellmann era o poder do calor, da eletricidade, da mecânica, financeiro em carne e osso. Ele beijou as mãos de Sally repetidas vezes, beijos carregados de estalos corrosivos que pareciam vir dos cabos elétricos ao lado da linha férrea, quando ela caminhava pelo vale a caminho da casa.

Mas já estava feito. Praticamente tudo terminado.

— Estou cansada — disse ela. — Preciso dormir. Mas antes de me deitar, gostaria de ver a Arma a Vapor. Poderia me levar até ela? Seria uma pena vir até aqui e não vê-la.

— Mas claro — disse ele, e se pôs de pé na mesma hora, tocando um sino. — É

uma boa hora para vê-la. Adoro os trabalhos do turno da noite. Estamos realizando enormes progressos com a luz elétrica. O que sabe sobre armas, minha cara?

Ela se levantou e apanhou a pesada bolsa do chão. Seria muito fácil agora, contanto que mantivesse a voz sob controle, contanto que não tremesse.

— Na verdade — disse ela —, sei bastante. Mas estou sempre disposta a saber mais a respeito.

Ele riu, entusiasmado, enquanto os dois caminhavam em direção à porta principal.

O segurança deixou Mackinnon sair e trancou o portão. Meio correndo, meio mancando, agarrado às bolsas de ouro, Mackinnon seguiu sob a forte tormenta até o cabriolé onde Jim se encontrava com um cantil de conhaque no colo, quase delirante tamanha era a dor que sentia.

Jim não compreendeu de imediato. Mackinnon precisou repetir duas vezes a história e sacudir as bolsas para que Jim ouvisse o barulho das moedas.

— Casar com ele? — perguntou Jim. — Ela disse isso?

— Disse... foi uma negociação... ela se vendeu por esse ouro e eu tive que prometer a ela que o entregaria a uma senhorita que mora em Croydon...

— A cliente dela — disse Jim. — A que perdeu as economias por causa de... Com a empresa de Bellmann, vê... Ah, seu maldito idiota, por que deixou ela fazer isso?

— Eu? Não havia nada que pudesse fazer; era ela quem estava com o controle da situação, Jim, sabe como ela é...

— Não, não foi isso que quis dizer, cara. Você fez bem. Teve coragem de entrar. Tamos quites agora. Tava falando de mim. Ah, Deus, essa perna, já num sei mais o que quero dizer. Estou preocupado, Mackinnon. Acho que ela vai... Se eu tivesse uma bengala, eu poderia...

Ele voltou a gemer e, na sua agonia, começou a se balançar para a frente e para trás. O cantil, já quase vazio, fez uma trêmula viagem até a boca de Jim e em seguida caiu no piso da carruagem, fazendo com que o paciente cavalo sacudisse seu arreio. Diluviava do lado de fora do veículo. Mackinnon limpou o suor da testa de Jim com a manga da camisa, porém Jim não notou.

— Me ajuda — murmurou. — Ela tá tramando alguma coisa; num gosto nada disso. Anda, homem, ajuda a gente...

Cuidadosamente, com uma das mãos, Bellmann protegeu Sally com uma capa de chuva, enquanto com a outra segurava um guarda-chuva para cobrir os dois, ao caminharem apressadamente por sobre o cascalho, rumo ao edifício iluminado onde se encontrava a Arma a Vapor. Bellmann dera ordens para que todo o complexo estivesse iluminado. E cada foco de luz brilhava em tom dourado, criando uma auréola brumosa e faiscante.

O edifício era chamado de Abrigo Número Um. Como ela percebera do topo do vale, era isolado do restante dos prédios e os dois precisaram cruzar uma área aberta com o piso com cascalhos encharcados pela chuva que continuava torrencial, até chegarem à marquise do local. Um dos seguranças anunciou aos demais no interior do edifício que o chefe se aproximava, arrastou o enorme portão e uma rajada de luz e calor os recepcionou.

— Libere os homens por meia hora — ordenou Bellmann ao encarregado dos trabalhos. — Podem ir à cantina recuperar as forças. Eu me encarregarei da caldeira. Quero o lugar vazio para mim e minha convidada.

Sally observou uma dúzia de homens largar as ferramentas e sair. Alguns a olharam com curiosidade, alguns não olharam nem para ela nem para Bellmann. O comportamento deles frente a Bellmann possuía uma atitude contida e apagada; Sally demorou a identificar o que era, até concluir que tinham medo.

Quando o último dos empregados se retirou e o portão voltou a ser fechado, Bellmann a ajudou a subir em uma plataforma com vista privilegiada de todo o interior do edifício, virou-se para ela e disse:

— Eis o meu reino, Sally.

O que ela via parecia um galpão de locomotivas. Havia três linhas paralelas de trem e em cada uma estava algo semelhante a um vagão de carga acoplado a uma locomotiva, ainda em construção. O vagão mais distante praticamente só possuía o chassi, mas Sally pôde ver a maciça estrutura de ferro que guardaria a fornalha, a caldeira e, supôs, o mecanismo de artilharia. O vagão no trilho central estava quase completo, com exceção da tampa: um enorme e complexo emaranhado de canos, intrincados demais para que seus olhos o entendessem, e um guindaste erguendo parte da caldeira estavam suspensos no topo do vagão.

A terceira máquina estava pronta, em frente a eles, encarrilhada e fortemente iluminada, com o fogo queimando no coração da locomotiva, coisa que Sally só conseguiu ver através da janela da parte traseira do vagão. Aparentemente era um vagão de carga como outro qualquer: feito de madeira, com teto de metal. No centro do telhado, uma pequena chaminé protegida por uma estrutura de metal. A única diferença estava na enorme quantidade de furos nas laterais, conforme Henry Waterman já havia comentado com Frederick; uma fileira após outra, com minúsculos pontos pretos, que vistos da plataforma pareciam cravos ou cabeças de pregos.

— Gostaria de ver mais de perto? — perguntou Bellmann. — Se gosta de armas, ficará fascinada. Precisamos ficar de olho na pressão do regulador ou o encarregado ficará zangado conosco. Eles vão testar a fornalha automática hoje à noite...

Ele a guiou ao longo do trilho onde se encontrava a máquina. Bellmann subiu no compartimento, abriu a porta, então se inclinou para Sally, levantando-a para dentro

do pequeno vagão. Parecia uma versão em miniatura do que ela já havia visto em muitas locomotivas, exceto pelo fato de a fornalha, que queimava em brasa, localizar-se na parte lateral. Os controles também eram levemente diferentes: em vez de êmbolos nos cilindros, a fornalha alimentava vapor para diferentes partes do interior do vagão, rotulados de Câmaras, que iam do número um ao vinte, de Estibordo e de Bombordo.

No local onde, em uma locomotiva comum, estaria a caldeira, uma estreita passagem para o centro da máquina. Estava iluminada por uma pequena lâmpada elétrica.

— Onde fica a caldeira? — perguntou Sally.

— Ah! A caldeira é o segredo maior — respondeu ele. — Muito diferente das convencionais. É uma obra de arte da engenharia. Bem mais plana e mais compacta, e precisa ser assim para dar espaço à artilharia. Não havia outro lugar senão aqui para que ela fosse instalada com tanta perfeição.

— O atirador fica aqui? — perguntou Sally, surpresa com a firmeza da própria voz.

— Ah, não. Bem no centro. Venha comigo...

Movendo-se delicadamente, apesar do físico largo e pesado, Bellmann cruzou a passagem de lado, na frente de Sally. Após aproximadamente cinco passos, eles chegaram a um compartimento com espaço suficiente para uma pessoa, com uma cadeira giratória e uma variedade de interruptores e alavancas sobre uma bancada de mogno polido. Uma luz elétrica iluminava o lugar. Ao lado da cadeira, prateleiras de metal se estendiam na escuridão, onde Sally viu, fileira após fileira, rolos e mais rolos repletos de cartuchos de munição cintilantes na penumbra. O calor era intenso.

— Como o atirador consegue ver lá fora? — perguntou ela.

Ele alcançou e puxou uma alça que ela ainda não havia visto. Um largo tubo com um visor na ponta desceu silenciosamente do teto.

— Uma combinação de espelhos permite que o atirador veja lá fora através da falsa chaminé. Ele pode ver tudo ao redor, 360 graus, um panorama perfeito. Basta girar o tubo. Esta foi uma invenção minha.

— Quer dizer que a máquina está pronta?

— Ah, sim. Vamos testá-la amanhã de manhã para um convidado da Prússia. Pode vir comigo se desejar. Prometo que nunca verá nada parecido. Gostaria de lhe mostrar a engenharia da tubulação, Sally. Nesse compartimento há ao todo cerca de oito quilômetros de canos! O atirador se comunica com o condutor da locomotiva por meio de um telégrafo e controla a artilharia com estas alavancas aqui, vê? Há um mecanismo Jacquard conectado aos canos por onde passam as balas disparadas, e ao se selecionar o padrão, de acordo com este diagrama, seguindo instruções deste telégrafo elétrico, é possível escolher uma das 36 formas de disparo. Sally, não há

nada similar a esta máquina desde os primórdios da humanidade. Trata-se da mais bela invenção criada pela mente humana...

Ela ficou alguns instantes apenas sentindo a cabeça girar em meio ao forte calor.

— A munição já está pronta para ser usada?

— Sim. Está tudo pronto para atirar. Pronto para a batalha!

Ele estava triunfante, com as mãos sobre o encosto da cadeira giratória, de pé sobre o único espaço disponível do piso do compartimento. Sally estava na entrada do estreito corredor quando, de repente, uma fria lucidez a invadiu, uma sensação de liberdade e desprendimento. Era este o momento pelo qual ela estava esperando.

Sally enfiou a mão na bolsa e apanhou a pequena pistola belga que ela escondera em um dos bolsos internos e engatilhou a arma com o polegar.

Bellmann ouviu o clique. Olhou para as mãos dela e em seguida para o rosto de Sally. Ela o encarava destemidamente.

O rosto de Fred na chuva, os braços nus sob a luz da vela, seus olhos verdes brincalhões...

— O senhor matou Frederick Garland — disse pela segunda vez naquela noite.

Bellmann abriu a boca para falar, mas ela empunhou a pistola e continuou:

— E eu o amava. O que o fez pensar que poderia substituí-lo? Nada nem ninguém, não importa por quanto tempo eu viva, vai me fazer esquecê-lo. Ele era corajoso e bom e acreditava na bondade humana, sr. Bellmann; ele entendia coisas que o senhor nunca vai compreender, como decência e democracia, verdade e honra. Tudo o que você me disse na sua sala me deu nojo, calafrio e medo, porque por um minuto achei que você tinha razão, sobre tudo, sobre as pessoas, sobre o mundo. Mas o senhor não tem razão, não — está *errado*. Você pode ser forte e esperto e influente; você acha que está dizendo a verdade sobre a forma como o mundo funciona, mas o senhor está *errado*, porque não entende o que é lealdade, não entende o que é o amor, não entende pessoas como Frederick Garland...

Os olhos dele brilhavam, fixos em Sally, mas ela reuniu toda a força que ainda tinha e continuou a encará-lo.

— E não importa quão poderoso você seja — prosseguiu ela. — Não importa que controle o mundo inteiro e que ofereça escolas a todos, hospitais e quadras de esporte, que o senhor decidiu que é o que as pessoas queriam; não importa que todos tenham saúde e sejam prósperos e que haja estátuas suas em cada cidade do mundo — ainda assim o senhor estaria errado, porque o mundo que o senhor deseja é movido por medo, falsidade, assassinatos e mentiras...

Ele deu um passo à frente, com o imponente punho erguido. Ela não saiu do lugar e ergueu a arma ainda mais.

— Fique onde está! — disse ela, com a voz trêmula e agora segurando a pistola com as duas mãos para que ela se mantivesse firme. — Vim até aqui recuperar o

dinheiro de minha cliente. Disse, na primeira vez que nos encontramos, que reaveria este dinheiro, e consegui. Me casar com o senhor... Haha! Como ousou pensar que valia tanto assim? Eu me casaria apenas com um homem, e o senhor o matou. E...

Ela sentiu um nó na garganta ao se lembrar de Frederick. Bellmann sumiu detrás do mar de lágrimas e Sally viu Frederick bem próximo a ela novamente e lhe sussurrou trêmula:

— Falei bem, Fred? Fiz como devia? Estou indo ao seu encontro, meu amor...

E então apontou a arma para as prateleiras cheias de cartuchos de munição e apertou o gatilho.

Jim se apoiava, com uma das mãos, na grade que cercava a fábrica, quando ouviu a primeira explosão; a outra mão segurava o ombro de Mackinnon. Estavam contornando o local, já que o segurança se recusou a sair de sua guarita para abrir o portão. A chuva caía impiedosamente como se fossem milhares de pequenos chicotes.

Primeiro foi um estrondo abafado, como o de um trovão. Seguido de outro, uma explosão. Após um esforço para enxergar através do dilúvio que insistia em cair, os dois viram um foco de incêndio do lado esquerdo da propriedade e chamas escaparem pelas frestas da porta de um edifício mais isolado.

Na mesma hora, sinos de alarme soaram. Homens começaram a correr do prédio mais próximo de Jim e Mackinnon, porém recuaram rapidamente, quando houve uma série de pequenas explosões.

— Foi ela — disse Jim. — Ela que armou isso. Eu sabia que ela tava planejando alguma maluquice; ai, Sally, Sally...

O edifício que abrigava a Arma a Vapor estava a ponto de ruir. Era possível vê-lo devido aos lampiões dos empregados que agora rodeavam o local e ao fogo crepitante que saía pelas frestas da porta. Por causa dos gritos e do clima de pânico entre os homens, Jim suspeitou que havia o temor de novas explosões. O ar estava carregado de ruídos metálicos de sinos — e então o som estridente de uma sirene se somou ao conjunto contínuo de sons dissonantes.

Jim sacudiu o ombro de Mackinnon.

— Vem — disse. — Eles tão abrindo o portão, olha; vamos achar ela, Mackinnon, tirar ela de lá.

Jim se virou, retornando para a entrada do vale, como um pobre-diabo aleijado. Mackinnon hesitou, gemendo de medo, mas logo se controlou e seguiu Jim.

Foram três horas de fogo em fúria. Três horas de vigas se rompendo e caindo, tijolos ruindo, pedaços de metal retorcido desmoronando e pedaços de madeira se partindo, consumidos pelo incêndio; mãos queimadas, dedos quebrados e punhos feridos. Três horas em que momentos iniciais de esperança foram dando

gradualmente lugar ao crescente desespero.

A brigada de incêndio chegou, e com a ajuda de uma equipe de emergência da própria fábrica, conseguiu controlar o incêndio principal. Aparentemente, as explosões que haviam começado na primeira locomotiva haviam consumido não apenas a munição no interior do vagão, como também o restante que estava armazenado próximo ao veículo. A máquina estava irreconhecível; a outra, danificada irreparavelmente, pois o enorme guindaste que estivera suspenso sobre ela desabara no meio do vagão. As paredes do edifício mantinham-se de pé por milagre; partes do telhado haviam despencado e nesses espaços havia homens recolhendo destroços e removendo cuidadosamente vigas de metal e madeira, à procura de Sally e Bellmann.

Mackinnon e Jim também estavam ajudando nas buscas. A energia demoníaca de Jim contagiara Mackinnon, que trabalhava incessantemente, apesar do cansaço, da dor e do medo. Uma ou duas vezes, Jim o olhou com satisfeita aprovação, como se agora Mackinnon fosse um dos seus, como se tivesse passado em uma espécie de teste.

Quando a chuva começou a dar uma trégua, encontraram Sally em um dos cantos do edifício, sob os escombros do telhado.

Um dos empregados da Estrela do Norte deu um grito. Agachado, ele acenava com um dos braços, apontando para um dos locais cujo teto despencara e ainda não tinha sido inspecionado. Em alguns segundos, várias mãos erguiam um pedaço de alvenaria que havia protegido Sally de uma parte da parede que desabara. Pouco a pouco, foram retirados destroços de madeira e ferro sobre a viga.

Jim, agachado o máximo que podia, ergueu o braço para tocar a mão de Sally. Seus cabelos louros estavam soltos aos pés dele, cobertos de pó e sujeira. Ela estava imóvel.

E então os cílios tremularam. E naquele momento, Jim encontrou o pulso de Sally e sentiu o batimento estável de seu coração.

— Sally! — disse, afastando do rosto dela alguns fios de cabelo. Curvando-se ainda mais, colou seu rosto ao da amiga. — Sally — disse suavemente. — Vem, menina, tá tudo bem, a gente vai tirar você daqui, vem, a gente tem muito o que fazer em casa...

— Jim? — ela sussurrou. Abriu os olhos e os fechou novamente, devido à claridade, mas pôde ver Jim, e escutá-lo, e apertou a mão dele.

— Sua maluca cabeça-dura — Jim sussurrou de volta, e desmaiou.

O P

Sally conseguira sobreviver porque ficara no corredor e porque Bellmann havia deixado a porta traseira do vagão aberta. A primeira explosão a lançou para longe dos explosivos; e quando a munição pesada rompeu a caldeira, o que ela previu que aconteceria, Sally já estava fora do perímetro de maior perigo.

Bellmann morreu na mesma hora; encontraram o que restou dele pela manhã.

Sally estava abalada, mas exceto pelos hematomas e o pulso torcido, não tinha grandes ferimentos. Alistair Mackinnon enviou um telegrama para Charles Bertram, que chegou ao local em menos de 24 horas e assumiu o controle de tudo, tomando providências para que seu médico particular tratasse a perna quebrada de Jim, e que um outro médico atendesse Sally, e procurando resolver os problemas referentes à investigação do acidente.

Para a maioria das pessoas, acontecera apenas um acidente. A história publicada nos jornais dizia que no momento em que o sr. Bellmann, o proprietário, mostrava as dependências da fábrica para uma convidada, uma falha não identificada na válvula de emergência provocou o aumento fatal de pressão em uma das caldeiras. Não houve menção à presença de explosivos ou ao que a fábrica produzia; aparentemente, ocorrera um mero acidente industrial — trágico, claro, por causa da morte de um ilustre empresário e benfeitor, a quem seria oferecida uma missa memorial na paróquia local.

Sally retornou a Londres.

E pouco a pouco foi voltando a sua rotina.

O problema mais urgente e prioritário eram os negócios. Seus arquivos estavam a salvo com o sr. Temple, mas Garland & Lockhart, aquela sociedade próspera e cheia de potencialidades, estava destruída e perdida. Sally tinha renovado o contrato do seguro poucos meses antes, por isso repor os estoques não seria uma tarefa difícil;

ainda assim, ela sabia bem que um negócio era muito mais que bens materiais. Providenciou um estúdio temporário e precário em Hammersmith e pôs a equipe para trabalhar, provendo o salário deles com dinheiro do próprio bolso até que conseguissem dividendos para pagar a todos decentemente. Pôs anúncios nos jornais, prometendo aos clientes que as encomendas pendentes e comissões seriam cumpridas com atraso de no máximo uma semana. Comprou uma câmera de estúdio, providenciou a impressão de novos artigos de papelaria com a marca da empresa, recebeu novas encomendas. Pegou coisas emprestadas, contratou mais gente, peitou uns e implorou para outros, e levou seus funcionários à exaustão — mas deu certo. Em menos de um mês, os resultados começaram a aparecer. Sally torceu para que as melhorias continuassem, pois suas economias diminuía rapidamente.

No entanto, pior do que a perda da loja fora o golpe que Webster levava. Tudo o que ele conquistara, o trabalho de uma vida inteira na área da fotografia, todas as insubstituíveis e incríveis imagens que ele capturara em vidro e papel tinham desaparecido como se nunca houvessem existido. Sentia-se como se tivesse vivido seus 60 anos sem ter feito nada.

Sally o observava, impotente, enquanto ele realizava seu trabalho durante o dia e se recolhia à noite com uma garrafa de uísque como consolo. Ela sabia que ele era durão, como também sabia que ele amava Frederick como o filho que nunca teve, e só podia imaginar a dor que ele sentia agora.

O maior obstáculo para crescerem era o novo espaço. O estúdio que Sally encontrara em Hammersmith era pequeno demais para qualquer coisa além de sessões básicas de retratos. Além disso, a localização não era das melhores. O local mais próximo do estúdio que conseguira para instalar a loja ficava em um edifício sujo a três ruas de distância, e uma parte do negócio separada da outra era um inconveniente que gerava trabalho extra para todos.

Mas caso Sally arranjasse tempo para procurar um lugar mais apropriado e se mudassem em breve, acabariam não ganhando dinheiro algum. Durante o dia, ela procurava não pensar sobre isso, mas o problema voltava a incomodar à noite. No escuro, Sally se sentia outra pessoa: frágil e angustiada, chorava muito e conversava entre sussurros com fantasmas.

Em uma manhã, Sally tomou um trem rumo a Croydon para fazer uma visita à srta. Susan Walsh.

A senhora estava dando aulas particulares a uma aluna, quando Sally chegou; mas ficou tão surpresa de vê-la que dispensou a aluna, pedindo que voltasse mais tarde, e convidou Sally a se sentar em frente à lareira e tomar uma taça de xerez. Sally, cansada, com frio e satisfeita por estar ali, entregou à srta. Walsh um cheque referente à quantia que ganhara de Bellmann — e então caiu aos prantos, para sua surpresa e indignação.

— Minha criança! — disse a srta. Walsh. — O que aconteceu?

Uma hora depois, ela já sabia de toda a história e balançava a cabeça, em estado de choque. Então pegou o cheque e pôs no colo de Sally.

— Quero investir meu dinheiro na sua empresa — disse.

— Mas...

A senhora freou os protestos de Sally com um olhar severo.

— O último conselho que a senhorita me deu — disse, um tanto dura — foi bastante infeliz. Acredito que a senhorita concorda comigo. Desta vez, srta. Lockhart, farei o que bem entender com meu dinheiro. Na minha opinião, Garland & Lockhart será um investimento muito mais seguro do que qualquer empresa de navegação.

E ela não aceitaria não como resposta. Se a emancipação das mulheres fosse realmente ocorrer, disse ela, deveria começar com o direito de uma mulher ajudar no empreendimento de outra da forma como bem entendesse, e ela não iria ouvir mais uma palavra sobre isso. Em vez disso, foram jantar — sopa e queijo — e conversaram sobre Cambridge. Ao se despedirem, eram melhores amigas.

Jim passou três semanas na cama. Havia machucado a perna severamente em suas andanças atrás de Sally, e o médico suspeitava que Jim mancaria para o resto da vida. Ele passou o tempo lendo romances sensacionalistas, perdendo a paciência com a pobreza das tramas, escrevendo e rasgando furiosamente em muitos pedaços seu próprio romance; armando — cortando e colando — o teatro de papel que fizera Sally comprar para ele, inventando enredos para os personagens de papelão, perdendo a paciência com eles, escrevendo seis cartas para Lady Mary e as jogando fora, revirando-se na cama, arremessando as cobertas longe, transpirando de dor e recorrendo às fontes mais ricas de seu vocabulário para xingamentos de ferir ouvidos.

Jim até poderia ter enviado uma carta a Lady Mary em algum momento, se não tivesse tido notícias de Mackinnon, quatro dias após terem voltado a Londres.

Mackinnon decidiu, escrevera na carta, se mudar para a América, com a esposa. Lá seria capaz de desenvolver sua arte, onde os cenários eram mais espaçosos e modernos do que os que os teatros de variedades ingleses poderiam proporcionar. Além disso, seria mais fácil assumir suas responsabilidades de homem casado sem as interferências e os impedimentos que haviam sido postos em seu caminho. Ou era assim que ele enxergava a situação.

Jim mostrou a carta a Sally.

— Imagine quanto tempo esse casamento vai durar — ele comentou, amargo. — Mas num me entenda mal, ele até que foi legal no final, o Mackinnon. Ajudou um bocado para tirar você dos escombros. E num sumiu com nem uma moeda de ouro, como aposto que ele teria feito no passado. Boa sorte pra ele, acho. Mas se ele num

a tratar direito...

Jim continuava sem entender como Mackinnon conseguira convencer aquela moça tão adorável, sonhadora e trágica a viver com um mágico de teatro de variedades, e como, ainda por cima, o pai permitira que ela levasse a loucura adiante.

Ainda assim, Lorde Wytham já tinha problemas de sobra com que se preocupar. Logo descobriu que Bellmann sabia desde o início que Lady Mary já era casada e o desafiava a confessar. No final, suspeitou que nunca veria a cor do dinheiro que pedira pela filha. Caso tivesse admitido que sabia do casamento da filha, perderia de vez a fortuna; e não o fazendo, corria o risco de ser acusado de cúmplice de bigamia; nunca conseguira decidir o que era pior; por isso decidiu fingir que ignorava a existência do casamento, na esperança de que quando a notícia viesse à tona ele já tivesse se mostrado útil o suficiente a Bellmann para que ao menos sua posição na empresa fosse mantida.

No entanto, teve a desconfortável sensação de que sua utilidade para Bellmann havia sido bastante limitada. Não entendia nenhuma das discussões nas reuniões do conselho da empresa. Já tinha feito todas as apresentações possíveis; as influências que tinha no Serviço Civil foram ficando cada vez mais escassas.

E então ocorreu o acidente em Barrow. A morte de Bellmann causou *frisson* no mundo empresarial. Embora a investigação tivesse concluído que havia sido acidente de trabalho, rumores começaram a circular de que o desastre da Estrela do Norte Fundição estava intimamente ligado a certas irregularidades em outras empresas de Bellmann, que agora estavam vindo à tona. Um certo sr. Windlesham, foi relatado nos jornais, estava acompanhando as autoridades nas averiguações. O preço das ações da Estrela do Norte despencou. Ao mesmo tempo, aparentemente por coincidência, um número expressivo de funcionários do governo renunciou ou foi discretamente dispensado. Poucos casos chegaram aos jornais. Algum tempo depois, a empresa faliu de vez. E a falência de Wytham veio em seguida.

Naquelas circunstâncias, ir para a América com Mackinnon era provavelmente o melhor que Lady Mary tinha a fazer; e Jim desejou sorte para ela.

Os engenheiros e demais funcionários da Estrela do Norte conseguiram emprego em outras firmas. Alguns foram trabalhar para a Armstrong-Vickers, o famoso fabricante de armas, porém não levaram as plantas e fórmulas do Autorregulador Hopkinson com eles; o boato era de que alguém invadira as dependências da fábrica e destruíra todos os registros da invenção. No local foi instalada uma cooperativa de fabricação de bicicletas; no entanto, os trabalhadores careciam de capital suficiente para prosperar; o local voltou a ser vendido e dessa vez deu lugar a uma verdadeira fábrica de locomotivas, que prosperou rapidamente.

Assim que conseguiu se levantar, Jim arranhou uma bengala e, mancando, pegou um ônibus até Streatham para fazer uma visita a Nellie Budd.

Ela conseguira se recuperar com a ajuda da irmã, Jessie, embora estivesse bem mais magra e tivesse perdido um pouco da vivacidade que possuía. Ao vê-la, Jim lembrou com satisfação de cada um dos murros que deu em Sackville e Harris. Jessie já havia retornado para o Norte, contou Nellie Budd, e ela iria vender suas coisas em Londres e se juntar à irmã. Tinham acertado suas diferenças. Nellie estava cansada daquela história de médium, e quando estivesse melhor as duas iriam ensaiar uma apresentação de telepatia e voltar para os palcos. Jim lhe desejou sorte.

O tempo passou.

E gradualmente Sally foi tomando conhecimento dos níveis de sutileza que regiam o mundo; de como nada era óbvio ou descomplicado, de como a vida era cheia de ironias.

Isabel Meredith, por exemplo. Os dois seres que Sally mais amara na vida, Chaka e Frederick, ambos deram suas vidas por Isabel. Sally tinha motivos para se lembrar dela com ressentimento, mas não conseguia. Tudo o que sentia era pena.

E as fotos. Ao longo dos anos, Frederick havia tirado várias fotos de Jim, mais ainda de Sally; mas não havia uma única de Frederick. Webster tampouco se lembrava de ter tirado alguma. Frederick vivia rodeado de câmeras, placas, emulsões, e ninguém jamais fizera um registro daquele rosto vivaz e sorridente. Não tinha sequer um desenho.

E finalmente ela, a maior das ironias. Não conseguia encontrar palavras para descrevê-la, embora soubesse que em breve teria que fazê-lo.

E então um dia, em fins de abril, Charles Bertram anunciou que tinha uma surpresa para todos. Era um domingo, ensolarado, agradável e fresco, e ele os levou até Twickenham em uma charrete, recusando-se a dizer sequer uma palavra sobre aonde estavam indo.

— Verão quando chegarmos — foi tudo o que disse.

Deparam com uma casa vazia, com um amplo jardim, coberto por um matagal. As paredes da residência estavam descascando, mas as janelas pareciam intactas e as proporções eram adoráveis. Tinha 70 anos, comentou Charles, era bem dividida, fresca — e amaldiçoada.

— O dono é um rico fabricante de cerveja — disse, destrancando o portão da entrada. — Não consegue alugá-la de jeito nenhum. Dizem que aqui vive uma Mulher de Branco que vaga pelos corredores do segundo andar. É totalmente inofensiva, mas as pessoas têm medo. Agora, por aqui, por favor, senhoras e senhores...

Ele abriu o vão de duas portas que dava em um ensolarado cômodo com vista para o jardim — e lá havia uma mesa posta para o almoço, com faisão, salada, vinho e frutas.

— Caramba, Charles! — exclamou Jim. — Ótima surpresa, cara. Muito bem!

— Primeira classe, Charles — acrescentou Webster.

— Enviei meus homens na frente para cuidar de tudo — explicou Charles. — Sally? — Ele puxou uma cadeira para ela.

Ela se sentou.

— É mesmo assombrada?

— É o que diz o dono. É bastante franco a respeito; creio que desistiu de alugar. Mas olhem que espaço! — Ele prosseguiu, abrindo uma garrafa de vinho.

Webster apreciava o jardim.

— Aquilo ali atrás é um pomar? — perguntou. — E há espaço suficiente para... Imagino...

— Trilhos — disse Charles. — Paralelos àquela parede ali, tá vendo?

Webster olhou na direção que Charles apontava.

— Vejo: é o melhor lugar... poderíamos instalar... e a localização do sol é perfeita também...

— Fazer um teto de vidro — disse Charles. — Então poderíamos usar independente do tempo. E ainda tem mais espaço atrás do estábulo; eu mostrarei depois do almoço. Espaço suficiente para construirmos um estúdio decente, e uma oficina também. Claro, teríamos que contratar um carpinteiro em tempo integral.

— Você disse que o aluguel é barato? — perguntou Sally.

— Tenho comigo as cifras. As pessoas não querem um fantasma em casa nem de graça.

— Esse fantasma deve estar entediado. Vamos dar trabalho para ele se ocupar.

Quando terminaram de comer, Charles disse:

— Sally, tenho uma coisa para você. Sei que provavelmente não é o melhor momento, mas aí está. Encontrei outro dia. Acho que deve ficar com você.

Ele tirou um envelope do bolso.

— Tirei há uns três ou quatro meses — disse ele. — Tínhamos comprado novas lentes para a Voigtländer e não havia ninguém mais com quem fazer o teste, por isso pedi ao Fred...

Ela abriu o envelope — e lá estava ele.

Era um retrato de corpo inteiro, nítido e preciso, com vida e calor, que apenas Charles, além de Webster, conseguiria captar. Frederick estava *ali* — vivo, intenso, alegre; era uma fotografia maravilhosa.

O choro impediu Sally de falar; em vez disso, envolveu os braços ao redor do pescoço de Charles e o beijou.

— Obrigada — disse, quando conseguiu —, é o melhor presente que eu...

Bem, não o melhor, ela pensou um pouco depois, a sós no pomar. O melhor era impossível. Não tinha como trazer as pessoas de volta à vida, apesar do que acreditavam os espíritas. Esse estado de coisas era um mistério, talvez fraude, quem

sabe milagre; melhor era deixar esse assunto de lado e se prender aos milagres da realidade, como a fotografia. Um papel retangular em preto e branco capaz de apreender vida! Olhou o retrato de Fred novamente, maravilhada. Não era o bastante, porque não era ele; e ainda assim era ele, e tinha de servir, pois era o que restava de sua vida.

E no entanto — novamente a tal da ironia — não era.

— Vamos — ela sussurrou para a foto —, chegou a hora de contar para eles.

Ela os encontrou ao redor da mesa, conversando sobre a casa e o número de quartos, o aluguel, as possibilidades de novas construções, e eles abriram espaço para ela, como uma parceira, uma amiga.

Ela se sentou e disse:

— Acho que deveríamos ficar com a casa. É o lugar ideal, Charles, exatamente o que procurávamos. Não me incomodo nem um pouco com o fantasma. Há *tanto* espaço... Não sei por que estou falando isso. Queria dizer outra coisa bem diferente. Pois, agora sim. Estou esperando um filho de Fred. Estão chocados? Se ele estivesse vivo, já estaríamos casados. Não, claro que não estão chocados. Pronto, disse. Vou ter um filho de Fred. E foi isso que vim contar.

Ela corou. Deixou a foto sobre a mesa, apoiada na garrafa de vinho. E então olhou um por um, Webster, primeiro, então Jim, Charles, e viu o mesmo sorriso em cada um deles. Como se *eles* tivessem feito algo que fosse motivo de orgulho — todos uns bobos.

— É isso — disse ela.

DICIONÁRIO DICKENS DE LONDRES, 1879

UM GUIA NADA CONVENCIONAL

Durante a década de 1870 o filho de Charles Dickens, que também se chamava Charles, compilou um guia fascinante sobre a Londres vitoriana, o qual Philip Pullman considerou de valor inestimável enquanto escrevia *Sally e a sombra do Norte*.

Trajes de Teatro — A maioria dos figurinistas concebe trajes para qualquer período histórico; é o caso do sr. Barthe, da rua Limerstone, número 4, em Fulham-road, que presta especial serviço a esse tipo de negócio.

Egyptian Hall, Piccadilly — O lugar é há muito reconhecido pelos excelentes espetáculos, como os de Albert Smith, Artemus Ward e “Mrs. Brown”. Há alguns anos o salão principal tem sido ocupado pelos mágicos *Maskelyne and Cooke’s Entertainment*, que vêm realizando um trabalho de sucesso.

Teatro Lyceum, rua Wellington, Strand — Recentemente passou para as mãos do sr. Irving, que já há alguns anos é o ator principal e a maior atração do teatro. É uma das casas de espetáculo mais belas de Londres e, embora seja grande o suficiente para que lá sejam encenadas obras de grande magnitude, mesmo as mais complexas de Shakespeare, sua capacidade já não atende ao tamanho do público moderno. Nota-se que as roupas de gala estão mais em voga nas plateias dali do que nas dos demais teatros, apesar de não haver em absoluto regras para tal. Também vale notar que o Lyceum, por estar localizado em uma área perfeitamente isolada, cercada de ruas por todos os lados, oferece facilidades especiais para saídas de emergência,

além de possuir um salão e um lobby de beleza fora do comum, comparável apenas à do teatro Drury Lane.

Teatros de Variedades — O teatro de variedades, como o concebemos nos dias de hoje, foi criado há muitos anos em Canterbury Hall. Ao se provar como uma diversão popular, o modelo se espalhou por cada esquina da cidade. Danças, ginástica rítmica e musicais satíricos são o carro-chefe deste teatro, embora todo tipo de entretenimento seja bem-vindo para o proprietário do local. Performistas com animais, campeões em concurso de caminhada, remadores campeões, marinheiros sobreviventes de naufrágios, nadadores profissionais, ilusionistas, ventríloquos, sapateadores, engolidores de espada, velocipedistas, campeões em patinação, mímicos, marionetes, equilibristas, campeões de tiro ao alvo, “bolinhas de mármore”, “estátuas vivas”, “príncipes de fogo”, e a “juventude misteriosa”, crianças voadoras, “imperatrizes dos céus”, “ciclistas acrobatas”, “Centelha Vital”, “Os fabulosos Mexicanos sem Ossos”, “kafirs musicais de olho branco”, os homens-bala em seus canhões, fontes iluminadas: tudo e todos têm sua vez no palco de Canterbury. Neste caso, “vez”, como é sabido no meio artístico, significa a performance do profissional, frequentemente com quatro ou mais atos, independente do menor ou maior prazer proporcionado ao público no primeiro ato. Além disso, como muitos artistas se apresentam nos teatros de variedades, não é aconselhado que se visite mais de um estabelecimento na mesma noite, pois é bem possível que em quatro ou cinco teatros, mesmo se em diferentes pontos da cidade, o espectador reencontre no palco os mesmos artistas. Os espetáculos nos teatros de variedades costumam variar entre as 20h e as 23h30, e o preço das entradas varia entre 3 e 6 xelins.

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Curiosidades de Interesse Histórico

1 - Mistérios do Mar

2 - O Mago do Norte

3 - Os Fotografos

4 - Nellie Budd

5 - Uma Consulta Financeira

6 - Lady Mary

7 - Uma Proposta Inusitada

8 - Declaração de Guerra

9 - Alfazema

10 - O Jardim de Inverno

11 - A Armadilha do Demônio

12 - Fantasmas do Mundo dos Vivos

13 - Um Novo e Magnífico Trabalho para o Bem-estar da Humanidade

14 - A Arma a Vapor

15 - Lei Escocesa

16 - A Arte do Ofício

17 - A Carruagem de Mudança

18 - Hyde Park

19 - Sitiados

20 - Insônia

21 - No Interior da Sombra

22 - Poder e Amparo

23 - O Pomar

Dicionário Dickens de Londres 1879